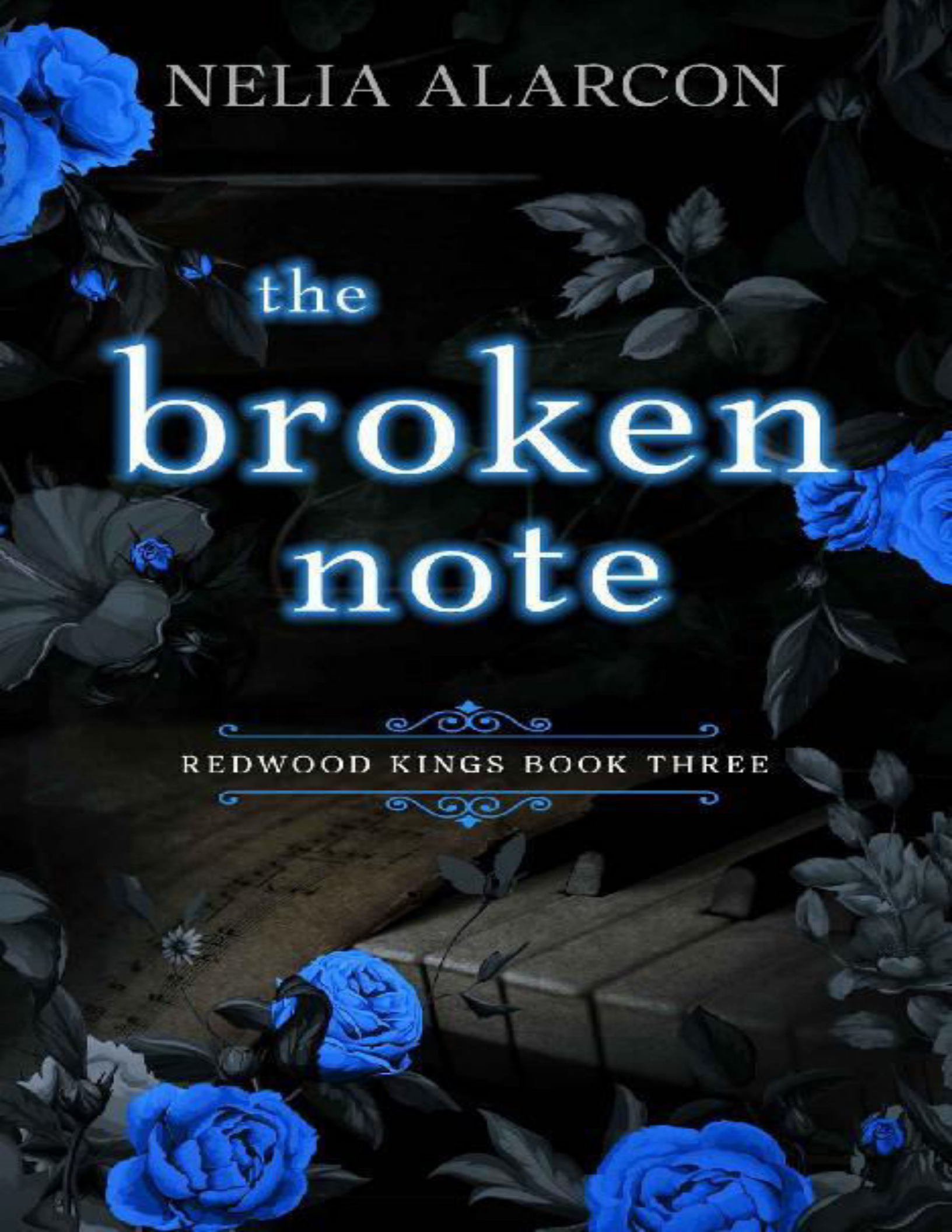




NELIA ALARCON

the  
**broken  
note**

REDWOOD KINGS BOOK THREE

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# ÍNDICE

[Folha de rosto](#)

[Conteúdo](#)

[direito autoral](#)

[Escrito por Nelia Alarcón](#)

[Sobre este livro](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

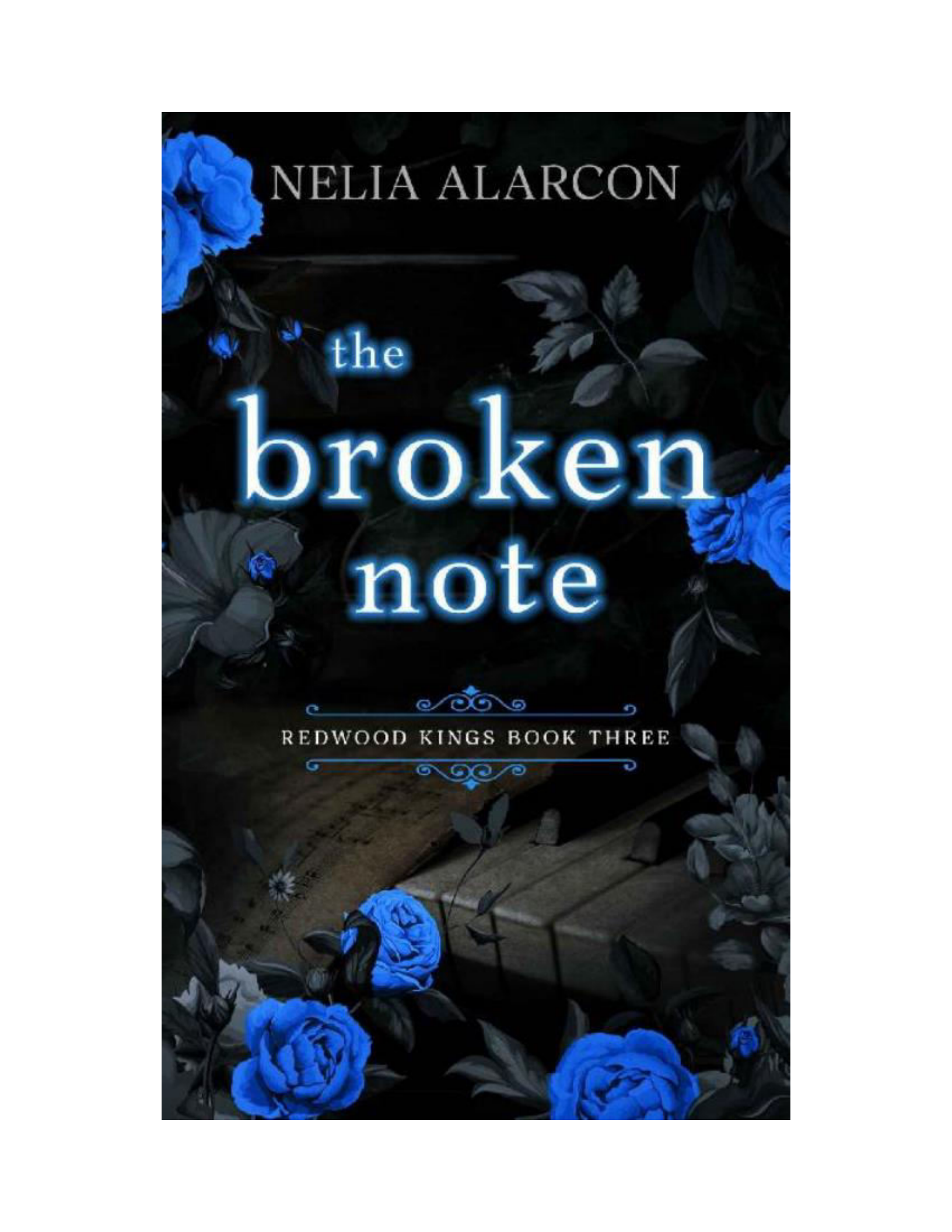
[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Uma palavra do autor](#)

[Também por Nelia Alarcón](#)



NELIA ALARCON

the  
broken  
note

REDWOOD KINGS BOOK THREE

# A NOTA QUEBRADA

REIS REDWOOD LIVRO TRÊS

NÉLIA ALARCON



# CONTEÚDO

Escrito por Nelia Alarcón

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Uma palavra do autor

Também por Nelia Alarcón

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, locais e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo, entre outros, impressão, compartilhamento de arquivos e e-mail, sem a permissão prévia por escrito de Nelia Alarcon.

Copyright © 2022 Nelia Alarcón

Todos os direitos reservados.

## ESCRITO POR NÉLIA ALARCON

série REDWOOD KINGS

*A nota mais sombria*

*A nota implacável*

*A nota quebrada*

A série do guerreiro plutoniano

*A companheira do guerreiro alienígena*

*A Mulher do Guerreiro Alienígena*

*O Coração do Guerreiro Alienígena*

*O voto do guerreiro alienígena*

Companheiros dos Plutonianos

*Feito para o guerreiro alienígena*

## SOBRE ESTE LIVRO

**Este rei cruel não vai parar até me transformar em rainha.**

Dutch Cross é rico, poderoso e possessivo.

Eu dei a ele muito de mim e agora é tarde demais para fugir.

No entanto, é o que eu faço.

Longe, longe do vilão da história.

Mas o problema dos vilões é...

Eles sempre arrastam você de volta para a escuridão.

E quando um segredo que deveria ter ficado enterrado surge da sepultura, não tenho escolha a não ser dar as mãos ao inimigo.

Luxúria.

Desejo.

Decepção.

O mesmo garoto que me destruiu é agora minha única salvação.

Há mais feras em Redwood do que posso contar.

Mas não lutei para entrar neste mundo de elite só para sair sem nada.

Fui arrombado por algo mais forte e tenho o cruel príncipe de Redwood na palma da minha mão.

Eles acham que sou fraco e impotente? Multar.

Dobrarei todos os monstros à minha vontade e mostrarei a Redwood como é uma rainha.

## CAPÍTULO UM

### CADÊNCIA

"Mãe."

O nome passa pelos meus lábios com uma pitada de medo e uma onda de náusea. Meus dedos apertam o batente da porta – aquela que Hunter me ajudou a trocar há alguns fins de semana.

A fechadura fixa. A saída barrada. A mudança que atraiu a mãe para fora das sombras.

Se eu soubesse, provavelmente não teria feito o esforço.

"Filha." Mamãe inclina a cabeça.

A sala fica em um silêncio mais profundo enquanto ela olha para mim. Olhos castanhos. Cabelo castanho. Lábios de um vermelho escuro – a cor de sangue seco. Como as feridas que eu costumava cutucar obsessivamente quando era criança.

Minha pele começa a coçar.

Eu ouço as notas crescentes.

Ré# maior.

A tonalidade mais triste da música.

O cenário perfeito para a assombração da mãe.

Minha mãe se levanta do sofá. Sempre com aquele jeito majestoso, mesmo sendo muito pobres e indigentes.

Ela costumava ser linda. Uma rainha do concurso, mamãe sempre se vangloriava. *Ganhei o concurso Miss Teen*.

Uma de suas muitas histórias.

Os viciados são alérgicos à verdade.

O que ela ganhou foi na loteria genética. Mas, como todos os ganhadores da loteria que tolamente esbanjam seus ganhos e acabam pior do que antes, a beleza da mãe está desesperada. Como uma corda desgastada, amarrando o pouco apelo que seu rosto e seu corpo dolorosamente magro ainda têm para oferecer.

Sob o peso de suas más decisões, as rachaduras sempre aparecem. Maquiagem e um belo sorriso não escondem isso.

"O que você está fazendo aqui?" Eu estalo. Apesar do meu tom acalorado, minha unha arranha a pintura brilhante da maçaneta. O salto dos meus sapatos bate no chão enquanto meu joelho salta incontrolavelmente.

"Encontrei isso debaixo da sua cama." Mamãe levanta dois dedos. Empoleirado entre eles está uma camisinha dourada.

Meu coração bate forte contra minhas costelas.

Uma enxurrada de imagens invade minha mente.

Dutch com olhos âmbar ardendo enquanto rosnava: ' *Tire a roupa e abra as pernas.*'

Dutch embalando meu rosto e me beijando. — *Você está indo muito bem, Cadey. Apenas relaxe, querido. Você se sente tão bem'.*

Dutch empurrando para dentro de mim e me enchendo com uma explosão de dor e prazer. Tanto que pensei que fosse explodir.

Meus músculos se contraem e inconscientemente passo a mão na saia da escola, bem no hematoma mais profundo no meu quadril. A força de suas mãos quando ele me agarrou deixou marcas por todo o meu corpo. Marcas que penetraram na minha alma.

Mamãe arqueia uma sobancelha. "Eu vejo." Um sorriso lento e presunçoso se espalha por seu rosto. "Bom para você, Cadey. Achei que você seria um quadrado a vida toda. Você me deixa orgulhoso.

É instantânea a maneira como suas palavras esmagam as memórias. Torça e transforme-os em algo bruto. Feio. Desprezível.

Tudo que é belo cai em ruínas em suas mãos contaminadas. Eu não deveria ter esperado que isso fosse diferente. No entanto, tudo que quero fazer é tomar banho até minha pele sangrar.

"Foi sua primeira vez?"

Meus olhos se levantam para os dela.

Ela não consegue ver? Ela não pode dizer que estou desconfortável? Que estou com raiva? Que estou sangrando por dentro?

Ou ela vê e não se importa?

Eu sempre me perguntei.

Ela é tão alheia ou é tão má?

Os olhos castanhos da mamãe brilham de excitação. Ela costumava me olhar assim quando chegava o dia do pagamento e ela tinha seu revendedor de prontidão.

"Oh, posso dizer que foi doloroso. Pobre coisa. É sempre horrível a primeira vez. Principalmente se ele não sabe agradar uma mulher. Da próxima vez será melhor. Depois de saber do que você gosta...

"Eu disse para você não voltar aqui", eu sibilo.

O discurso da mamãe tem uma morte violenta.

Ela fica imóvel e um lampejo de algo cruel passa por seus olhos. Em um piscar de olhos, ele desapareceu e ela voltou a ser sorridente.

"Por que eu não viria aqui? Esta é a minha casa.

"Sua casa?" Eu zombei. "Rick e eu é que pagamos o aluguel e mantemos as luzes acesas. O que você fez, mãe?

"Cadey—"

Eu a interrompi com um gesto brusco. "Eu deixei você ficar o fim de semana porque Viola não estava em casa. É segunda-feira. A escola terminará em breve. Eu não quero que ela veja você.

"Ah, relaxe, Cadey." Mamãe, tsk. "Eu deixei você gritar comigo o quanto quisesse neste fim de semana. Você ainda não superou isso?

"Acima dele?" Meus olhos se arregalam.

Eu não deveria deixá-la me alfinetar. Eu deveria ignorá-la e deixá-la ir. Mas ela é especialista em cavar a pele. Ela empurra os cortes escondidos lá no fundo. É instintivo reagir. Para gritar. Clamar por justiça quando alguém pressiona uma ferida aberta.

“O que exatamente devo superar, mãe?” Eu sibilo. “O fato de você ter fingido sua própria morte? O fato de você ter me levado ao seu ridículo 'suicídio'? Me fez mentir para a polícia e queimar o cadáver de alguma pobre mulher?

“Esse cadáver era uma Jane Doe verificada.” Mamãe aponta um ponteiro para mim. “E por que você não grita um pouco mais alto para todo o prédio ouvir?”

Dou um passo ameaçador em direção a ela e ela recua.

“Eu não me importo por que você teve que morrer e também não me importo com as razões pelas quais você está vivo novamente, mas pelo bem da minha irmã você precisa continuar morto. Pelo menos até eu encontrar uma maneira de explicar isso para Viola.”

"Explicar o quê?" Uma voz doce surge atrás de mim e provoca um arrepio na espinha.

Não.

Viola não pode estar aqui.

Não enquanto a mãe estiver na sala como um maldito fantasma ganhando vida.

Pensamentos de pânico bombardeiam minha cabeça.

Procuo desesperadamente uma solução.

Mas não adianta.

Mamãe faz seu movimento primeiro. Quando ela passa por mim para se revelar, sinto cheiro de morte. Sinto cheiro de desastre.

Sinto o cheiro do fim de tudo que considero caro.

"Mãe." Eu coaxo. E então eu reajo.

Desesperadamente.

Sem pensar.

Envolvo meus braços em volta dela e tento puxá-la para trás, para longe da porta, para longe de Viola.

É tarde demais.

O suspiro agudo de Vi e o barulho de seu celular no chão são o que ouço primeiro. Lentamente, quase dolorosamente, meus olhos se movem para o rosto da minha irmã mais nova. Pele pálida. Cabelo escuro. Bonito. Como mãe.

Exceto que a maquiagem dela não é uma ferramenta para esconder o quão difícil a vida tem sido. A maquiagem da minha irmã realça suas bochechas redondas e seus lindos lábios. Seus olhos doces e inocentes.

Olhos que escurecem de horror e dor enquanto ela encara nossa mãe.

“O que... quem é esse? Por que ela se parece com a mãe?

“Vi-”

“Sou eu, querido.” Mamãe murmura. "Voltei."

" *Voltar?* Mas..." O rosto de Vi fica branco como um lençol. “Você estava morto. Você...” Seu olhar se volta para mim. "Você sabia?"

Minha boca se abre, mas nenhum som sai.

Os olhos de Viola se estreitam.

Algo se quebra em meu coração quando vejo seu olhar de traição.

Dou um passo à frente, mas ela se vira e sai correndo em uma velocidade vertiginosa, correndo pelo corredor e arrastando meu coração com ela.



\* \* \*

*Jinx: segredos sujos não ficam enterrados*

*A Redwood Prep é conhecida por divulgar escândalos devastadores, mas posso ter acabado de tropeçar no maior de todos eles.*

*Você sabe o que dizem. Não desenterre o corpo no quintal, ou seu fantasma poderá fazer uma visita a você.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO DOIS

CADÊNCIA

Eu ligo para Holandês.

Não porque eu quero.

Na verdade, ele é a última pessoa com quem desejo falar agora.

Especialmente depois... daquela noite.

Mas não tenho escolha.

Minha irmã está desaparecida.

“Você viu Viola?” Eu choro, tentando manter minha voz firme e falhando.

A noite caiu. As sombras são densas ao redor da minha vizinhança. Nuvens escuras sufocam as estrelas, então tudo que consigo ver quando levanto a cabeça é uma forte fumaça.

“Vi? Não.” Ele parece surpreso.

“Se você a vir, me ligue imediatamente”, imploro. Estou frenético. Desesperado. Isso escapa na minha voz, mas eu nem me importo.

Minha irmã está desaparecida.

Há quatro horas, Viola pensou que a mãe estava morta. Agora, mamãe está andando, conversando e virando nossas vidas de cabeça para baixo como costumava fazer.

Não sei o que um adolescente impulsivo, cambaleando de choque, raiva e frustração, pode fazer.

Gritar?

Raiva?

Fazer birra?

Multar.

Ela pode fazer tudo isso.

*Comigo.*

*Em mim.*

Eu não ligo.

Só não quero que ela se machuque.

Minha irmã é a pessoa mais importante do mundo para mim. Se eu perdê-la, não, não pensarei assim.

Se até o menor fio de cabelo dela for prejudicado, a culpa será minha.

“Por favor”, acrescento. Meus dedos tremem e o celular quase escorrega da minha mão. “Por favor. Se ela ligar para você, me diga.

“Brahms, onde você está?” A voz de Dutch é de aço aveludado.

Meu coração bate forte.

Minha cabeça está girando.

Há um medo implacável e pulsante florescendo em meu estômago. Cada parte de mim está doendo de ansiedade.

*Viola, onde você está?*

"Cadência!" Dutch chama meu nome com mais força.

Eu volto para mim mesmo.

"Eu estou..." Inspiro fundo. "Estou na frente da loja de conveniência do meu bairro."

"Fique lá."

Minhas sobrancelhas se contraem e eu me endireito instantaneamente. "Eu não vou ficar aqui. Preciso encontrar minha irmã."

"Droga, Cadey. Eu quero ajudar."

"Eu não preciso da sua ajuda."

"E eu não dou a mínima. Estou indo te pegar. Não lute comigo sobre isso. Ouço uma porta abrir e fechar. Um momento depois, o murmúrio baixo de Dutch é recebido por outra voz.

Um de seus irmãos?

Meu telefone vibra com uma mensagem.

Desligo e verifico ansiosamente.

Não é Viola.

*Breeze: Nenhum sinal dela no shopping.*

*Cadence: Ela teria voltado para sua casa?*

*Breeze: Acabei de mandar uma mensagem para minha mãe. Vi não está lá.*

Cerro os dentes e fecho os olhos com força, lutando para me manter firme. O mundo está se inclinando nas bordas, estalando como papel preso à chama.

Desintegrando.

Aos poucos.

*Vi, por favor, fique bem.*

Minhas opções estão diminuindo. Vi não está no shopping – possivelmente seu lugar favorito no mundo. Ou o parque. Ou a biblioteca. Se ela não estiver com nenhum de seus amigos, com Breeze ou com seus novos amigos, The Kings, então...

Não sei.

Eu bati em uma parede de tijolos.

Lágrimas de frustração pressionam meus olhos.

Meus pés doem. Estou andando há horas, me perguntando se talvez Vi esteja se escondendo bem na nossa vizinhança.

Ela deixou cair o celular na porta mais cedo e não tem muito dinheiro. Pelo menos, não o suficiente para ir longe demais.

Mas estar perto de casa traz seus próprios problemas.

Agora que a noite está caindo, aqueles que gostam de brincar no escuro estarão rastejando para fora de suas tocas. Tiros. Vítimas. Não há necessidade de ser humano quando o sol se põe e seus pecados ficam escondidos na escuridão.

Se Vi encontrar alguns bandidos procurando por problemas—

Meu estômago está enjoado.

Ignoro meus pés doloridos e corro para frente, afastando-me da luz da loja de conveniência e virando em um beco escuro.

*Por favor, fique bem, Vi. Por favor por favor por favor.*

Saio da boca do beco e noto um grupo de caras na esquina da rua. A fumaça do cigarro sai de seus lábios e eles riem alto.

Sinos de alarme soam na minha cabeça. Olho o grupo com cautela. Posso dizer, só de olhar, que são perigosos. Olhos endurecidos. Sorrisos endurecidos. Criminosos sem sensibilidade.

O medo corre em minhas veias.

Viro para o outro lado, sabendo que não devo cruzar o caminho deles.

*Vi, onde você está? Por favor, me diga que você não encontrou alguém como eles.*

O poste de luz pisca enquanto acelero o passo.

Passos batem atrás de mim.

Caramba.

Meu corpo se enrola.

Os instintos de luta ou fuga voltam à atenção.

Enfio os dedos na saia e aumento a velocidade.

Passos em resposta aceleram logo atrás de mim.

Meu coração açoita minhas costelas e mordo meu lábio inferior para acalmar meu pânico crescente. A autopreservação ruge dentro de mim.

*O que posso usar como arma?*

Engulo em seco enquanto ajeito minha saia.

Nada.

Tudo o que trouxe quando fugi do apartamento aos prantos foi meu celular.

Lanço os olhos para o chão, procurando um tijolo ou uma pedra que possa agarrar e empunhar, mas não há nada. Nem mesmo uma garrafa de cerveja que eu possa quebrar na cabeça deles.

Uma sombra alta se espalha na minha frente, indicando que meu perseguidor está se aproximando.

Meus ombros chegam às orelhas.

Não posso ser arrastado.

Não quando ainda não encontrei Viola.

A sombra se estende. Meu perseguidor está prestes a me agarrar.

Espero até que ele coloque a mão no meu ombro e então empurro meu braço para trás com uma força incrível. A ponta ossuda do meu cotovelo se conecta à barriga dele.

Seu controle sobre mim enfraquece. Ouço seu grunhido suave, mas não espero para avaliar o dano. Meus sapatos batem no chão enquanto eu saio.

Estou concentrado em chegar ao ponto de ônibus à frente, quando sinto uma mão fechar em meu pulso. Sou impelido por uma curva fechada e, um minuto depois, sou jogado contra a lateral de um prédio de tijolos.

A adrenalina corre em minhas veias quando sinto um corpo cobrindo o meu. Luto como um animal, mas algo dentro de mim me faz parar. Estranho. Meu agressor cheira a holandês. E sua estrutura longa e musculosa também parece holandesa.

Meu corpo se ajusta sob ele, encaixando-se nos lugares que encontrei naquela noite. A noite em que Dutch tirou a roupa. A noite em que ele me fez ver estrelas.

É familiar. Essa força. Esses músculos musculosos.

Vejo as tatuagens subindo pela pele bronzeada até a manga de uma camiseta branca. Enervada, levanto a cabeça e me assusto com um par de olhos âmbar brilhantes pairando na frente do meu rosto.

"Holandês?" Eu respiro.

As narinas de Dutch se dilatam. Os lábios carnudos estão ligeiramente abertos, liberando uma respiração aguda e ofegante. Seu cabelo loiro está rasgado pelo vento. Seus olhos assustadoramente lindos.

"Eu disse para você ficar quieta," ele rosna.

Meus olhos esbugalham.

"E se não fosse eu quem estivesse seguindo você? E se fosse alguém com más intenções?"

"Quando você já teve boas intenções comigo?" Eu estalo. À medida que minha mente clareia e o pânico dá lugar ao constrangimento, não consigo evitar atacar.

Ele me distrai.

Desfaz-me.

Estou preocupado com minha irmã, mas com Dutch tão perto, meus pensamentos estão ficando confusos.

Seu hálito quente sopra meu rosto. Apesar da raiva em seu tom, sinto uma preocupação genuína escondida sob sua expressão inflexível.

"Você está me matando, Brahms", ele murmura. Para minha surpresa, ele gentilmente afasta uma mecha de cabelo do meu rosto. "Caramba."

Passos extras trovejam em nossa direção.

Zane e Finn aparecem correndo. Eles não estão sozinhos.

Sol também está com eles. Seus olhos fixam-se nos meus e algo estranho passa por sua expressão. Ele parece pesado. Culpado. Um pouco desequilibrado.

Meu olhar retorna para Dutch. "O que vocês estão fazendo aqui?"

"Não é para ver a paisagem, obviamente," Zane diz, passando a mão pelo cabelo.

"Estamos aqui para ajudar", acrescenta Finn. Sua voz é profunda e calma como sempre.

Dutch dá um passo para trás e permite que eu me solte da parede. Os músculos de sua mandíbula se contraem com determinação quando ele rosna: — Estamos aqui para encontrar sua irmã.

## CAPÍTULO TRÊS

### HOLANDÊS

Eu mantenho minha boca fechada enquanto meus irmãos, Sol e eu reunimos Cadence e a conduzimos pelas perigosas ruas do lado sul.

Fico de boca fechada quando a vejo mancando em lojas de conveniência e cafeterias. Em academias de ensino médio, passando por cercas de arame e rastejando em prédios manchados de pichações.

Fico de boca fechada quando Sol sugere que nos separemos, e até engulo minhas palavras quando ele estupidamente se oferece para ir com Cadence.

Como se eu fosse deixar isso acontecer.

E Cadey, garota esperta, o desliga imediatamente.

Então ela diz que ficará melhor sozinha.

Um pouco menos inteligente da parte dela.

Nós dois sabemos que isso não é uma opção.

“Você não precisa vir comigo,” Cadence murmura, pernas longas comendo a calçada enquanto ela manca pela rua.

Está tarde.

Tarde o suficiente para que todos que nos veem chegando arquem as sobrancelhas - não para nossos rostos - mas para o relógio em meu pulso, os sapatos em meus pés e os cifrões que todos eles representam.

Seguimos pela estrada principal, aquela com um poste funcionando e alguns bares abertos. É fácil imaginar o que aconteceria se estivéssemos perambulando por becos escuros a esta hora da noite.

Becos escuros.

Mais ou menos como aquele em que encontrei Cadence esta noite.

Ao me lembrar dela assustada e correndo, meus dedos apertam e meu corpo fica tenso de frustração.

Eu retiro o que disse.

Ela definitivamente não é uma garota inteligente.

“Eu posso cuidar disso daqui”, insiste Cadence. Suas palavras são lentas. Seus olhos estão meio mastros. Dentes brancos afundam em seu lábio inferior carnudo enquanto ela luta para manter a dor escondida. “Eu sou -”

“Diga 'tudo bem'.” Eu inclino meu queixo para cima. Minha voz está mortalmente fria. Frio. Ameaçador. “Atreva-se.”

Outras pessoas estremeceriam.

Outras garotas recuariam.

Cadey não.

Meu tom traz a centelha de desafio viva nela. Ela para no meio da calçada e gira com uma mecha de cabelo bonito e uma fúria delicada.

“Eu não me importo que você esteja me seguindo, mas não vou deixar você rosar para mim e piorar uma situação já terrível. Se você vai ficar assim, me deixe em paz.”

Fico de pé, com as mãos nos bolsos da calça jeans, enquanto ela arranca o ar dos meus pulmões. Com apenas um flash de seus olhos castanhos, estou de volta ao seu feitiço.

Inferno.

Tanta coisa para dar espaço a ela.

Depois de tirar sua virgindade e deixar minha versão de algemas na mesa da cozinha, imaginei que Cadey precisaria de algum espaço para pensar.

Dei a ela cerca de doze horas.

E é tudo que posso dar a ela.

Essa garota, de cabelos lisos e rasgados pelo vento, blusa abotoada até o pescoço e saia larga da Redwood Prep no meio da coxa vai ser minha obsessão para o resto da vida. Quanto mais cedo ela aceitar isso, mais fácil será a nossa vida.

Eu ando em direção a ela.

Ela recua, com uma pitada de apreensão em seu olhar. "Holandês..."

Eu me abaixo até a metade do chão.

“Nem pense...”

Um braço se fecha em volta de suas costas e o outro afasta suas pernas. Ela grita em meus ouvidos e se debate enquanto perde o equilíbrio.

Eu a coloco em meu peito, apoiando-a contra mim.

“Coloque-me no chão!” ela grita.

Em vez disso, firmo meu aperto.

A maneira como ela se mexe é uma distração. Ela está esfregando o traseiro em mim e fazendo meu sangue quente.

Aperto meus dedos em suas costas para manter meus pensamentos focados. Se eu começar a deixar o animal em minhas calças assumir o controle, não serei capaz de continuar na tarefa.

"Por que sua irmã estava chateada esta noite?" Eu rosno, meu coração batendo rápido.

Eu não posso evitar.

Uma vez que Cadey está perto de mim, meu corpo fica furioso.

Respirando fundo, controlo meus pensamentos e acrescento: — Vocês dois brigaram?

“Não, não fizemos isso”, ela retruca. Então a luz em seus olhos diminui. "É complicado."

Tomo nota de sua expressão. É a primeira vez que vejo Cadence Cooper tão derrotada.

Mesmo naquele primeiro dia, quando ela se esquivou do meu olhar e se escondeu atrás do livro, ainda havia uma faísca. Ainda havia uma coragem imprudente.

Mas agora?

É como se o fogo estivesse se apagando, em seu último suspiro.

Meu coração aperta com mais força do que minhas calças. Ela está espremendo a maldita vida do meu peito. Um sinal de que, seja *o que* for, trata-se de mais do que apenas sexo e vingança.

Vê-la sofrendo é o suficiente para me fazer parar.

Vê-la sofrendo me dá vontade de queimar o mundo.

Passo pelo centro comunitário em ruínas e empurro a porta de uma pequena farmácia com o ombro.

Um homem de pele escura e olhos nervosos se levanta. Ele vê Cadey sendo mantida prisioneira em meus braços, vê o olhar irritado em meu rosto e seu corpo começa a tremer.

"E-eu não quero problemas," ele murmura com um sotaque pesado.

Eu avanço de qualquer maneira.

A porta se fecha atrás de mim.

"O que você está fazendo?" Cadey sibila.

Ignoro sua pergunta e a coloco em cima do balcão.

Os olhos do lojista se arregalam.

Cadence faz uma careta para mim, pressiona um braço para baixo e se move como se fosse pular. "Eu não tenho tempo para isso. Eu preciso encontrar-"

"Coloque um pé no chão e você não vai gostar do que acontece a seguir."

Ela congela, seu peito arfando e seus olhos me queimando até ficarem crocantes.

Eu mantenho seu olhar, deixando-a saber que estou preparado para a ameaça.

Cadey recua, mas ela não está feliz com isso. A raiva deixa suas bochechas vermelhas e enfatiza a linha delicada de sua mandíbula.

O lojista faz um som de aborrecimento. "E aí cara. Isto não é um parque infantil. E você não pode colocá-la no balcão assim..."

Enfio a mão no bolso. Sua boca se fecha e ele automaticamente levanta as duas mãos no ar.

Quando tiro uma carteira em vez de uma arma, ele suspira de alívio.

Folheando as notas lá dentro, bato uma pilha no balcão.

O dinheiro desaparece antes que eu possa piscar e seu tom se torna suave e acolhedor.

"Você também gostaria de se sentar?" Ele aponta para o balcão. "Senhor?"

"Preciso de remédios e band-aids."

"Já estou chegando." O cara voa em volta do balcão.

Eu me agacho na frente de Cadey e agarro sua coxa.

Ela me chuta. "O que você está fazendo?"

Eu aperto firme e cuidadosamente tiro o pé dela dos sapatos gastos com marcas de desgaste por toda parte. Ela sibila e eu me movo ainda mais devagar, tentando o meu melhor para não machucá-la.

O sapato cai no chão.

"Uau." O lojista para atrás de mim com os itens que pedi. Seu nariz torce. Seus olhos estão fixos no pé de Cadey. "Isso deve doer."



A fúria me invade ao ver o sangue manchando suas meias brancas. Sinto a escuridão volátil vibrando em minhas veias, ansiosa para explodir da maneira mais violenta e barulhenta possível.

Outra respiração profunda.

Outro.

Outro.

A voz de Cadey é suave e tímida. “Parece pior do que parece.”

Eu inclino minha cabeça para cima e a fixo com um olhar tão acalorado que ela se enrola para trás.

“Estou muito bem, holandês.” Seus olhos passam por mim. Abaixo. Até o teto. Para os preservativos atrás do balcão. Todo o seu rosto fica vermelho e ela rapidamente desvia o olhar. “Estamos perdendo tempo aqui.”

“Ela vai precisar de chinelos”, dirijo-me ao lojista com uma voz fina. Uma falsa calma. Por dentro, estou tremendo. “E algo para beber.”

"Você entendeu." Ele foge.

Pego o antisséptico e quebro o lacre.

"Holandês."

“Você está procurando por Vi sem um plano e isso obviamente não está funcionando.” *Não se agite, holandês. Concentre-se ou você vai machucá-la.* Mergulho um cotonete no remédio e passo sobre suas feridas.

Cadence faz o possível para não vacilar. Seus dentes ficaram presos no lábio inferior novamente.

Eu limpo o sangue e assopro seus cortes para ajudar com a dor.

“O que mais eu deveria fazer?” Sua voz gorjeia. Seus dedos cravaram-se na borda do balcão. Correr por horas com um ferimento tão grave deve ter doído muito.

Sinto a raiva surgindo novamente e me forço a mantê-la trancada.

"Sobre o que vocês dois estavam discutindo esta noite?"

Ela abre a boca e eu sei que ela vai me repreender, então falo antes dela.

"Pense nisso. Isso pode nos dar uma pista de para onde ela iria.

O plástico farfalha atrás de mim. Um momento depois, o lojista entrega um pacote de chinelos de plástico baratos. Ele entrega a bebida a Cadence também. Ela aceita e toma um gole.

Estou feliz por não ter que brigar com ela por causa disso.

“Estávamos conversando sobre...” Sua garganta balança enquanto ela engole. “Tinha algo a ver com minha mãe.”

Ela desvia o olhar, mas ouço a dor em sua voz.

"Sua mãe? É o aniversário da morte dela?"

"Não."

Eu mudo minha mente em busca de algo para dizer. "Você deve sentir falta dela."

Ela olha para mim, parecendo quase surpresa.

Aliso o curativo sobre seus cortes. "Você. Sua irmã. Você deve sentir falta da sua mãe.

Cadence deu a entender que sua mãe não era nada agradável, mas isso não significa que seja fácil viver sem os pais. Não sei o que faria sem a mãe. Ela e meus irmãos são o que me mantêm são.

"Saudades dela? Eu não acho... Os olhos de Cadence se arregalam e a vida inunda sua expressão. "É isso."

"O que é isso?"

Ela se joga do balcão. "Você trouxe seu carro?"

"Eu fiz."

"Então vamos."

"Brahms."

"O que?" Ela gira.

Arqueio uma sobrancelha e balanço os chinelos nas pontas dos dedos. "Você vai descalço?"

Ela corre de volta para mim e estende a mão para pegar os sapatos.

Eu os tiro, me ajoelho na frente dela e os coloco em seus pés.

Lá.

"Vocês tenham uma boa noite." O lojista sorri de orelha a orelha.

Eu não respondo.

Enquanto caminhamos para o carro, noto Cadey mancando ainda mais do que antes.

"Você está bem?" Eu pergunto, diminuindo meu ritmo para combinar com o dela.

"Eu estava bem antes." Ela arremessa punhais com os olhos. "Assim que você fez um grande alarido com os band-aids e os remédios, começou a doer."

Eu rio e considero carregá-la novamente. Então avisto minha caminhonete. "Você estava sofrendo o tempo todo, mas a adrenalina entorpeceu a dor. Acontece quando eu toco guitarra também." O alarme toca e eu abro a porta do carro para ela. "Fico tão envolvido com a música que meus dedos começam a sangrar. Mas não dói até eu parar de segurar as cordas." Eu empurro meu queixo. "Entrem."

Cadey entra.

Dou a volta no capô, entro e olho por cima. "Onde estamos indo?"

"Parque Gwendolyn."

"O santuário das árvores?" Eu franzir a testa. "Você acha que Vi está aí?"

"Eu tenho uma sensação."

*Vago, mas vamos trabalhar com isso.*

Cadey brinca com a gola da camisa. "Se ela estiver lá..."

Eu sorrio. "Qual será minha recompensa?"

"Nenhuma recompensa." Ela se mexe na cadeira. "Mas eu nunca teria pensado naquele lugar se não fosse por você."

"Há um 'obrigado' em algum lugar aí."

"Talvez", ela admite.

Eu me inclino sobre ela.

Ela fecha os olhos e franze os lábios. Sua boca é da cor de morangos e quero sugar a vida deles.

*Você não será capaz de parar se beijá-la agora.*

Bato em seu nariz com o polegar e pego o cinto de segurança. “Aperte o cinto, Brahms.”

Seus olhos se arregalam e ela cora. "Vou fazer isso sozinho."

"Tarde demais." Coloco o cinto de segurança no lugar, satisfeito.

Ela pensou que eu fosse beijá-la.

Ela *queria* que eu a beijasse.

E eu vou.

Depois de encontrarmos a irmã dela.

Eu jogo meu telefone para ela. “Ligue para Finn e diga a ele para onde estamos indo.”

"Por favor."

“Por favor, para quê?” Ligo o carro e vejo o ponteiro do velocímetro subir.

Ela cruza os braços sobre o peito. “Eu não sou seu servo. Não sou aquele cara que você subornou na farmácia.”

“Eu não o subornei—”

“Você me pediu um favor.” Suas sobrelanceiras se uniram. "Você precisa da minha ajuda. Mesmo se você estiver latindo, diga por favor.

"Por favor."

Ela bufa: "Isso foi tão difícil?"

Forço meus olhos de volta para a estrada porque ela é sexy quando está com raiva.

Ela é sexy quando está feliz.

Ela é simplesmente sexy e isso me dá nos nervos.

Limpo a garganta enquanto ouço a conversa unilateral dela com Finn. A ligação não dura muito. Finn não é muito conversador.

“Eles disseram que nos encontrariam lá.” Cadey me devolve o telefone.

Eu concordo.

Não falamos muito no caminho, mas noto que ela bate a perna e observa cada movimento do lado de fora da janela enquanto nos aproximamos do santuário.

O parque está escuro, com apenas algumas luzes solares plantadas como pedras no solo. Há algo assustador e de outro mundo nas árvores altas e monstruosas que nos atacam com seus galhos.

“Cuidado onde pisa”, digo a Brahms, pegando sua mão enquanto ela tenta manobrar o terreno de chinelos.

Uma coruja pia perto.

Os sapos coxam tão alto que é como se estivessem usando microfones.

“Você sabe para onde estamos indo?” Eu sussurro. Não há ninguém por perto, mas este parece o tipo de lugar onde você não grita.

“Túmulo da mamãe.”

“Isto é um cemitério?”

"Não exatamente." Cadence aperta meus dedos com força enquanto ela se arrasta sobre o musgo. “O corpo da minha mãe foi... uh... cremado. Foi seu último desejo. De qualquer forma, não tínhamos dinheiro para comprar uma lápide, então deu certo.” Ela aponta para um pequeno aglomerado de árvores à frente. “Mas Vi realmente queria um lugar para visitar quando sentisse falta da mãe.”

“E você escolheu aqui?”

“O santuário permite dedicar uma árvore a um ente querido. Amarramos uma fita em volta da mãe. Eu disse a Vi que ela poderia me visitar sempre que sentisse falta dela.

“Você sabe onde está a árvore?”

Ela balança a cabeça. “Eu nunca estive aqui. Esqueci disso até a farmácia.

Eu reflito sobre suas palavras. Ela estava tão ocupada com a vida que esqueceu onde ficava o memorial de sua mãe? Ou ela odiava tanto a mãe que tentou esquecer?

O mistério me atrai. Quero saber tudo sobre ela. Seu passado. A dor dela. Eu quero possuir sua escuridão. Tanto quanto eu quero possuir o prazer dela.

Cadey engasga e aponta. “Acho que a vejo.”

Com a ajuda do luar, consigo distinguir vagamente uma pequena figura sentada em frente a uma árvore.

“Viola!” Cadey vai direto para sua irmã.

Estou bem atrás dela.

“Graças a Deus, você está seguro.” Sua voz falha dolorosamente. Ela joga os braços em volta do garoto.

“Saia de cima de mim”, grita Viola. Ela empurra Cadey para trás e a faz tropeçar. Eu a pego antes que ela caia no chão, mas é só porque estou perto o suficiente para amortecer sua queda.

“O que diabos você está fazendo?” Eu lati.

“Holandês, não.” Cadence toca minha mão. “Parar.”

Com os dentes cerrados, eu a solto e a observo se aproximar de Viola novamente. Não quero machucar a irmã de Cadey, mas também não vou ficar para trás enquanto alguém a joga por aí.

Agora não.

Não. Maldito. Sempre .

Eu não me importo com quem diabos é. Ninguém tem permissão para machucá-la.

Olhando para Viola com severidade, percebo as lágrimas em seu rosto e a dor em seus olhos. Uma parte de mim suaviza.

“Como você pode?” Vi sibila. “Como você pôde esconder a verdade de mim?”

Cadence abaixa a cabeça. “Desculpe.”

“Desculpe? Você mentiu para mim! Bem na minha cara. Você mentiu por *meses!*”

A confusão enruga minha testa. Do que eles estão falando? Mentiu sobre o quê?

Cadey funga. “Sinto muito, Vi. Eu não queria que você se preocupasse.

“É tarde demais para isso agora, não é? Há um maldito cadáver na nossa sala e você estava envolvido nisso.

Um cadáver?

Eu estudo a expressão comprimida de Cadence e um arrepio percorre minha espinha. Tudo o que eu fiz parece mais sério do que duas irmãs briguentas e de luto pela morte da mãe.

Meus irmãos e Sol chegam com olhos preocupados e rostos manchados de suor.

Cadence coloca um dedo nos lábios e gesticula para sua irmã ficar quieta. Viola zomba, joga os cabelos e cruza os braços sobre o peito, mas não pronuncia mais uma palavra.

O ar está tenso, mas Zane, como sempre, conta uma piada para aliviar o clima.

“Eu não achei que reuniões assustadoras no meio da floresta fossem sua praia, Vi.”

Viola cora.

“Estávamos preocupados com você.”

“Você estava preocupado comigo?” Sua voz é esperançosa.

“Claro que estávamos.” Zane arranca outro sorriso dela. Mas esse sorriso desaparece quando ele acrescenta. “Especialmente sua irmã. Ela estava destruindo aquele bairro procurando por você.”

Os olhos de Viola desviam-se para Cadence e escurecem novamente.

Dou um passo à frente, sentindo que Vi poderia lançar mais palavras desagradáveis na direção de Cadence.

“Foi uma longa noite. Vou levar as meninas para casa.”

“Que bom que você está bem,” Finn diz, acenando para Viola.

Ela dá a ele olhos de coração.

Sol avança e estende a mão. “Ei, eu estou—”

“Sol. O quarto membro do The Kings”, jorra Viola. “Eu sei quem você é.”

“Não nos conhecemos, mas ouvi muito sobre você.” Eu enrijeço quando Sol olha para Cadence com um olhar pensativo e murmura: “Espero ver você por aí com mais frequência”.

Coloquei a mão no ombro de Viola e a puxei um passo para trás. “Obrigado por participar da pesquisa.”

“Claro.” Sua mandíbula está rígida. “Cadência também é importante para mim.”

Algo desconfortável se agita em meu estômago.

Seus lábios se arqueiam em um sorriso. “Mais tarde, C.”

“Obrigado novamente, Sol.”

Vejo meu melhor amigo vagando noite adentro e não consigo afastar a sensação de que algo está muito errado.

Agora que Sol sentiu o gosto de atear fogo, ele pode incendiar algo ainda mais precioso do que um prédio.

## CAPÍTULO QUATRO

CADÊNCIA

Estou tremendo no caminho de volta para casa. Dutch tira a jaqueta e a coloca sobre mim, mas isso não afasta o frio.

Viola está no banco de trás.

Olho pelo espelho retrovisor. Passamos por um poste de luz e a luz se espalha por seu rostinho. Olhos duros como bolinhas de gude. Lábios definidos em uma linha firme. Cabelo preso em um rabo de cavalo bagunçado.

Ela está chateada, mas segura.

É melhor que a alternativa.

Meus dentes batem.

Meu coração bate forte.

Tudo deu certo, mas tenho a sensação persistente de que estou caminhando no meio de um terrível furacão. É como se perder Viola fosse eu jogando no modo fácil. Uma missão paralela. Um pequeno obstáculo para me aquecer.

Agora, a verdadeira porcaria está prestes a bater no ventilador.

Posso estar errado, é claro. Este poderia ser o meu pessimismo real entrando em ação e me fazendo sentir como se o céu estivesse caindo. Admito que estou cansado. É um fato da vida que quando algo bom acontece comigo, algo ainda pior acontece.

A proverbial bota que cai sempre me esmaga no chão.

Mas talvez isso não aconteça desta vez.

Talvez encontrar Viola seja a única luta que enfrentarei no futuro próximo.

Talvez tudo fique bem.

Estremeço novamente e me enfiio ainda mais sob a jaqueta de couro quente de Dutch.

Ele diminui a velocidade do carro na frente do nosso apartamento.

A luz da cozinha está acesa.

Uma sombra afasta a cortina. Um movimento quase imperceptível, mas eu vejo.

Mamãe ainda está aqui.

Cerro os dentes e tiro a jaqueta de Dutch. Chega de calma depois da tempestade. Foi estúpido da minha parte pensar que *poderia* fazer uma pausa.

“Fique com ele”, diz Dutch, fechando os dedos sobre os meus.

Por um segundo, há calor.

Por um segundo, parece que posso enfrentar o que está por vir e sobreviver.

Sonhos tolos.

Não adianta ser mimado ou cuidado. Por que diabos eu deveria me acostumar com isso? Especialmente quando o cuidado vem de alguém como ele – Dark. Impiedoso. Uma criatura com olhos dourados e dedos mágicos.

Eu sei holandês.

Ele está a um centímetro de uma fera furiosa.

Senti seu perigo durante toda a noite.

A raiva atacando bem abaixo da superfície, tão perto quanto as tatuagens em sua pele.

Até os bandidos da minha vizinhança sabiam que não deveriam chegar muito perto.

Não é só Dutch, mas tudo o que vem com ele também. Penso na proposta de Jarod Cross e minha cabeça começa a doer.

Holandês é uma complicação na minha vida. Um que eu não preciso. Principalmente com todo o resto que estou equilibrando.

"Estou bem." Empurro a jaqueta sobre seu colo. "Viola, vamos..."

Minha irmã salta do carro e bate a porta com tanta força que todo o veículo balança. Um suspiro sai dos meus lábios. Não tenho como pagar nem um arranhão no passeio chique de Dutch. Que diabos ela está pensando?

Com os dedos cerrados, olho para ela pela janela.

Não que ela perceba.

Seu rabo de cavalo balança de um lado para o outro enquanto ela sobe as escadas com raiva e desaparece de vista.

Subo na calçada para segui-la.

A porta do carro de Dutch se fecha, um baque suave na noite estrelada. Um momento depois, ele está ao meu lado. Seus dedos se fecham em torno dos meus.

Sinto o calor novamente. Sinto algo se encaixando. Como se ele estivesse enterrado dentro de mim. Algum lugar onde não consigo desenterrá-lo e jogá-lo fora.

Ele me puxa para frente e para seu peito. Seus braços me envolvem. Mãos grandes cobrindo minhas costas e cintura.

Ele me abraça tão perto que posso sentir o cheiro almiscarado de sua colônia.

O calor que trabalhei tanto para combater começa a penetrar em cada célula do meu corpo.

"Não sei o que está acontecendo", murmura Dutch. "E você não precisa me dizer, mas estou aqui para ajudá-lo."

Suas palavras são gentis, mas seu controle sobre mim é firme.

Droga. Isto.

Droga droga droga.

Eu não quero sentir nada.

Eu quero ficar entorpecido.

Quero ficar sozinho.

Cuidar de outra pessoa significa tirar mais de mim para dar a outra pessoa. E não tenho mais nenhum pedaço de mim para dar. Não agora. Nunca.

Por um breve segundo, eu me permito ser abraçado.

E então empurro Dutch de volta.

O peso do seu olhar me envolve. Ele está olhando para mim. Tentando me entender. Eu me pergunto o que ele vê quando olha para mim. Uma garota desganhada. Turvar. Machucado. Sangramento.

Qualquer que seja o jogo que ele esteja jogando comigo agora, não tenho energia para descobrir. Silenciosamente, deixo-o na calçada e subo as escadas correndo.

A porta da frente está aberta.

Viola está ali parada, congelada.

Todo o calor que veio de estar na órbita de Dutch foge imediatamente. Corro a distância restante entre mim e minha irmã, me perguntando que visão desprezível a mantém prisioneira.

No momento em que paro ao lado dela e olho para dentro, também fico paralisado.

Mamãe preparou a mesa de jantar.

Três pratos. Três garfos. Três porções de espaguete.

Bebidas geladas. Provavelmente o Kool-Aid com sabor de limonada rosa. Aquele que estávamos guardando para uma celebração.

Ela sorri para nós, um de seus lindos sorrisos que franze os olhos e a faz parecer menos uma viciada em drogas traidora e mais parecida com as mães que vemos na TV. Aqueles com aventais de flores e beijos na testa e zero traumas infligidos à infância.

Sinto uma dor aguda entre as costelas quando a coloco.

"Por que vocês dois estão parados aí?" Mamãe puxa uma cadeira na cabeceira da mesa. "Você deve estar faminto. Sente-se e coma.

Percebo arrepios subindo pelo braço de Viola. É compreensível.

Em sua mente, a mãe estava realmente morta. Por que ela questionaria isso? Nós os vimos queimar seu cadáver. Segurei Viola enquanto ela chorava e chorava durante dias, liberando tanta água de seu corpo que pensei que ela fosse morrer de desidratação.

Nós nos adaptamos à vida de órfãos.

Sem pais.

Sozinho.

Nós sobrevivemos.

E agora, mamãe está aqui na nossa sala fingindo ser normal. Fingindo que está tudo bem. Fingir que tudo isso não está bagunçado.

"Vamos." — digo à minha irmã, cutucando seu cotovelo. Não é como se a mãe fosse embora se ficarmos aqui a noite toda.

"Não me toque." Ela afasta o braço.

A pressão em seu tom me corta até os ossos. O mesmo acontece com o brilho de ódio em seus olhos.

Baixo meu olhar para o chão e a sigo enquanto ela caminha até a mesa.

Mamãe se senta e pega o garfo. "A massa está fria. Vocês, meninas, demoraram tanto para voltar.

Viola está atrás de sua cadeira. Seus dedos se fecham na parte de trás e ela olha para o prato de espaguete.

"O que diabos é isso?" minha irmã sibila.

"O que?" Mamãe fica alheia. Olhos arregalados, mas não inocentes. Esses olhos nunca mais poderão ser inocentes.

Igual ao meu.

Já vimos muita escuridão que este mundo tem a oferecer. Retirou as camadas de civilidade e tocou o ponto fraco infestado de vermes.

Não há como voltar atrás depois que você vê a desesperança. Senti a dor.

É por isso que quero proteger Viola.



É por isso que eu não queria que ela soubesse de nada disso.

Uma vez eliminada essa inocência, ela nunca poderá ser restaurada. É frágil. Facilmente quebrado. É isso que o torna precioso.

"Você acha isso engraçado?" Viola pergunta enquanto os nós dos dedos ficam brancos. "Você estava morta, mãe. *Morto*. E agora você está apenas... — Ela gagueja. "Sentado aqui comendo espaguete?"

"Você tem razão. Não é tão bom." Mamãe cospe macarrão em um guardanapo, amassa a pilha e coloca sobre o macarrão.

Eu me encolho, calculando todos os ingredientes que ela desperdiçou. Macarrão, molho de tomate, cebola, salsichas. Todas as coisas que terei que substituir. Todas as coisas que custam dinheiro para comprar. Ela acha que os mantimentos crescem nas árvores?

Viola bate a mão na mesa e grita: "Que diabos está acontecendo?"

Eu me encolho.

E mãe?

Mamãe ri.

Ao som de suas gargalhadas roucas e travessas, o rosto de Viola se fratura. Posso ver a esperança infantil desmoronando dentro dela. Todos os lindos castelos que ela construiu na cabeça da mãe, da nossa família, todas as memórias desagradáveis que ela apagou para deixar apenas as boas, eu vejo isso mudando.

É engraçado como nossa perspectiva pode estar tão distante da realidade. Se acreditarmos muito que algo é do jeito que queremos, isso pode se tornar a nossa verdade.

Mas a nossa verdade...

Não é a verdade.

E a verdade é que a nossa mãe é uma lunática.

Eu só não queria que Viola percebesse isso.

"Mãe, isso é o suficiente." Eu arrasto Viola para longe da mesa e atrás de mim. "Você precisa sair."

Sua risada morre rapidamente. Com a boca fechada, ela me lança um olhar penetrante. É assustador o modo como ela liga e desliga. Como alguém possuído. Como alguém que não é totalmente humano.

"Eu já te disse, Cadey. Eu não estou indo a lugar nenhum. Esta é a minha casa."

A respiração de Viola está alta e em pânico atrás de mim. Ela está tremendo como uma folha.

Aperto seu braço, apesar de meu coração estar batendo forte dentro do peito.

"Como você está entrando aqui há algum tempo, você já sabe que Vi e eu não temos dinheiro. Tudo o que me resta é meu laptop da escola e meu telefone. Penhorar por dinheiro. Fique fora da nossa vista.

"Espere..." Vi guincha. "Foi a mãe quem pegou meu tablet e o colar do meu pai?"

"Desculpe amor. Eu estava em uma situação difícil. Mas a mamãe vai comprá-lo de volta para você.

Uma risada sem humor sai da boca de Viola.

Ela costumava acreditar nisso. Ela costumava acreditar em tudo que a mãe lhe dizia.

Mais um castelo nas nuvens desmoronando.

"Por que vocês dois estão tão bravos?" A cabeça da mamãe balança entre nós. Sua voz é estridente, como se ela realmente não entendesse qual é o problema. "Você sabe quantas crianças adorariam se seus pais voltassem dos mortos?" Ela bate um dedo na mesa. "Eu fiz isso. Eu fiz esse milagre acontecer para você. E você nem consegue me agradecer?"

O ácido queima meu estômago.

Eu olho para ela. "Vou pedir mais uma vez, gentilmente, para sair."

"E se eu não fizer isso?" Mamãe se recosta, presunçosa.

Mas não sou a mesma garota que limpou toda a sua bagunça e tropeçou atrás dela enquanto me arrastava para suas fossas de vida baixa. Enquanto ela pintava pesadelos sobre meu piano e fazia com que cada toque dos meus dedos nas teclas se transformasse em sombras.

Sou estudante em Redwood agora.

Enfrentei Dutch Cross e seus irmãos.

E eu ganhei.

Farei *qualquer coisa* para proteger Viola e, por extensão, farei qualquer coisa para sobreviver e poder *continuar* protegendo-a.

Cruzando os braços sobre o peito, inclino o queixo para cima. "Se você não fizer isso, tenho certeza de que posso encontrar alguns policiais que ficariam felizes em escoltá-lo para fora."

A presunção desaparece de seu rosto.

Ela me observa com novos olhos, olhos medrosos.

Eu inclino meu queixo para cima e absorvo sua humildade recém-descoberta. Não admira que Dutch, Finn e Zane se comportem com tanta arrogância. Não admira que eles não tenham problemas em incutir medo em todos na escola.

Há algo de hipnótico em ter vantagem.

Algo viciante em conter o medo de outra pessoa. Inalando. Provando.

É delicioso.

Mamãe engole em seco, tentando, sem sucesso, fingir que ainda está no controle.

"Você não faria isso comigo, Cadey," ela ronrona.

Eu olho para ela sem expressão.

O lábio inferior da mamãe treme. Seus olhos ficam afiados. "Eu vejo." As pernas da cadeira raspam o chão. A mesa treme quando ela se levanta.

"*Espera!*"

Eu me viro.

Os olhos da mamãe pousam em Vi também. Um sorriso lento e insidioso se espalha por seu rosto, como se ela sentisse uma nova fraqueza a ser explorada.

Os viciados são tão bons nisso. Olhar para uma multidão, escolher aqueles que não conseguem dizer não, aqueles que podem ser persuadidos a acreditar em mentiras, aqueles que precisam de um amigo e aceitarão qualquer um para o cargo.

Mamãe era a melhor em se adaptar até mesmo às menores brechas, aos convites mais brandos.

"Eu quero saber." Viola levanta a cabeça. "Por que a mamãe está aqui. Por que ela teve que fingir sua morte. Por que *você* concordou com isso? Seus olhos me cortam. "Eu quero saber tudo."

"Viola..." Eu franzo a testa.

"Chega de segredos!" ela grita.

"Exatamente." Mamãe inclina a cabeça e sorri para mim. "Chega de segredos. É isso que eu quero também."

Viola balança a cabeça bruscamente, puxa a cadeira e se senta.

Eu permaneço onde estou.

Tanto Vi quanto minha mãe olham para mim.

A expressão da minha irmã mais nova a faz parecer uma estranha. Seus lábios estão tensos, os olhos semicerrados, os dedos imóveis.

A dor me atinge.

Meu coração sangra pelas costelas.

É nesse momento que percebo... nunca encontrei Viola esta noite. O alegre, inocente e divertido garoto de treze anos que voltou da escola para casa hoje fugiu ao ver nossa mãe morta.

\* \* \*

E aquele alegre e inocente garoto de treze anos nunca mais voltou.

*Jinx: Já faz um tempo que não mandei uma mensagem privada para você, Nova Garota. Eu tenho um acordo para você. Envolve algo que você quer e algo que você não quer.*

*Jinx: Quer compartilhar um segredo?*

## CAPÍTULO CINCO

CADÊNCIA

Meu telefone vibra, mas não olho para ele. Mamãe está sentada na minha frente. Viola está ao meu lado. Está tão quieto que posso ouvir cada respiração áspera ecoando em meus pulmões.

“O que aconteceu no ano passado, mãe?” Viola sussurra. “O que aconteceu naquela noite?”

“Naquela noite... decidi pegar um atalho para casa quando ouvi grunhidos e sons de luta.” Ela inspira profundamente, os dedos movendo-se para o bolso em busca de um cigarro.

Viola se inclina para frente.

Prendo a respiração enquanto minha mãe solta a fumaça.

“Eu deveria ter fugido, mas não o fiz. Estúpido da minha parte. Mas eu fiz a próxima melhor coisa. Eu me escondi atrás de uma lixeira e fiquei fora de vista. Quando ouvi as coisas ficarem calmas, percebi que a luta havia terminado e os caras tinham ido embora.”

“E?” Viola coaxa.

“Eu estava errado.” Os olhos castanhos da mamãe ficam vidrados como se ela estivesse revivendo o momento. “Lá estava *ele*. Coberto com o sangue de alguém. Faca na mão. Parecia que o diabo ganhou vida. E ele estava olhando diretamente para mim.

Viola estremece.

Eu franzir a testa. Não sei se acredito nela.

Não acredito em nada que sai da boca dela.

Mas Viola está paralisada.

“Se você testemunhou um assassinato, por que não contou à polícia? Por que fugir e se fingir de morto? Os olhos da minha irmã são sérios. Um vislumbre de sua inocência surgindo das cinzas.

Eu ficaria aliviado, mas essa inocência beira a ingenuidade. Uma ignorância que permitiria a uma criança brincar com fogo.

Ou com uma cobra.

“Você conhece minha história”, diz a mãe, suspirando de uma forma que a faz parecer lamentável e frágil. “Entrei e saí da reabilitação. Não importa o que eu dissesse, a polícia não teria acreditado em mim. E eu não poderia arriscar. E se aquele cara viesse atrás de vocês dois? Ele não parecia o tipo de pessoa que deixava uma testemunha escapar.”

Eu zombei.

Mamãe finge não ouvir. “Eu fiz a escolha que manteria vocês dois seguros e, felizmente, Cadey concordou em me cobrir.”

“Acho que vocês dois não sentiram necessidade de compartilhar isso comigo.”

Abro a boca, mas mamãe intervém antes que eu possa. “Querida, só queríamos mantê-la segura. Isso é tudo.”

Os olhos de Viola suavizam para a mãe.

“Se a situação era tão terrível, como é que podemos voltar agora? Esse cara ainda não está aí?”

“Já provei que não serei um problema.” Mamãe bate o cigarro na mesa e ele queima. “Eu poderia ter ido à polícia agora, mas não fui. E o caso está encerrado. Não houve testemunhas. Estou livre e limpo.”

“Tem certeza? Parece um pouco fácil demais.”

“Tenho muita certeza.” Os olhos da mãe se voltam para o lado. Suas mãos estão ficando inquietas. Alguns chamariam isso de sinal de nervosismo, mas sei exatamente o que isso significa.

Já faz muito tempo desde que ela foi atingida. Os cigarros não estão mais mantendo seus impulsos sob controle.

“Tudo está bem agora.” Mamãe sorri e coloca as mãos debaixo da mesa. Provavelmente para arranhar. Às vezes, ela se coçava a ponto de sangrar. Foi a coisa mais assustadora de se ver quando criança. Nenhuma criança de seis anos quer que sua mãe se machuque, mas quando é ela quem está causando sua própria dor...

“Vi, é hora de dormir.” Eu verifico meu relógio. “Será difícil acordar para a escola amanhã.”

Mamãe se levanta. “Vou descansar um pouco também.”

“Onde você está indo?” Eu a interrompo com um olhar frio.

“Para a cama.”

“Só temos dois quartos.”

“Mamãe pode ficar no quarto comigo”, diz Viola.

“Absolutamente não.”

“Ela está certa”, a mãe concorda. “Vou ficar no quarto de Cadence. Você e Viola podem dormir juntos como fizeram antes de eu partir.

Minha boca aperta com força. “Você não está-”

“Por favor.” Viola toca meu braço e me lança um olhar suplicante. “Mamãe deveria estar morta. Ela não pode simplesmente conseguir um quarto de motel. E não é como se já não tivéssemos dormido na mesma cama antes.”

Tudo dentro de mim quer discutir, mas posso dizer que isso significa muito para Vi.

“Tudo bem,” eu desisto.

Mamãe sorri.

“Só por uma noite.”

“Claro.” Seus olhos brilham.

Os alarmes na minha cabeça não param de tocar. Deixar a mãe voltar às nossas vidas é a *última* coisa que devo fazer.

Mas que outra escolha eu tenho? Devolvê-la às ruas para que ela tenha mais problemas? O que acontece se a polícia descobrir que ajudei a disfarçar a morte dela? E se eles começarem a investigar mais e perceberem que moramos sozinhos? Ou pior... viver com uma viciada em drogas que fingiu a própria morte? Eles vão tirar Viola de mim?

Não posso arriscar que isso aconteça.

Além disso, não creio que a mãe nos tenha contado a história completa esta noite. Algo não está acertando e a única maneira de garantir que suas decisões estúpidas não voltem a me afetar e a Vi é fazer mais perguntas.

Eu olho para a mãe. “Abstenha-se de roubar qualquer coisa do meu quarto enquanto estou dormindo.”

Mamãe ri. “Boa noite, Cadey.”

Sigo Vi pelo corredor e a levo para o banheiro, insistindo para que ela escove os dentes. Ela está meio dormindo quando a coloco na cama e coloco os edredons sobre ela.

“Eu realmente odeio você por manter isso em segredo, Cadey,” Vi murmura, meio consciente.

Meu coração dói. “Eu sei.”

“Você sempre faz as coisas sozinho”, ela murmura, com os olhos ainda mais fechados. “Você sempre suporta a dor sozinho.”

“Estou bem.” Passo os dedos pelos cabelos dela.

“Eu quero ajudar você”, Vi murmura.

*Droga, Cadey. Eu quero ajudar você.* A voz de Dutch ressoa em minhas memórias.

Ele quis dizer isso? É mesmo possível? Ele passou todos os dias tornando minha vida um inferno. Agora, de repente, ele quer me ajudar?

Mordo meu lábio inferior até que outro pensamento me ocorre.

Holandês.

Caixa do anel.

Anel de noivado super caro com corte de diamante.

A poucos centímetros de um viciado em drogas sem nada a perder.

Enquanto Viola afunda no sono, abro caminho pelo corredor. Felizmente, vejo que a porta do banheiro está fechada, o que significa que minha mãe não está no meu quarto.

Abro a porta e vou até a cômoda. Mexendo sob minha calcinha, eu tateio até que meus dedos atingem uma caixa de veludo.

Sim.

Ainda está lá.

“O que você está procurando?” A voz da mamãe ecoa atrás de mim.

Eu sacudo e rapidamente enfio a caixa do anel no bolso da minha saia escolar. Fingindo mexer nas roupas, murmuro: — Roupa íntima. Quero tomar banho antes de vestir o pijama.

“Eu vejo.” Mamãe me dá um sorriso conhecedor.

Puxando a barra da minha saia, limpo a garganta. “Eu quis dizer isso, mãe. Você só fica um dia sob este teto. Volte para onde quer que você tenha se escondido nos últimos meses.”

“Foi aqui?” Mamãe senta na beira da minha cama e pula no colchão. Ela recua, os braços caindo para trás.

“O que você está falando?” Eu bufo. Ela ao menos ouviu o que eu disse?

“Você fez sexo aqui? Nesta cama? Seu sorriso fica um pouco mais animado. “Bem aqui?”

Minhas narinas se dilatam. Eu não posso fazer isso com ela.

Virando-me, caminho até a porta.

“Ele deveria ter levado você para um bom hotel. Velas. Música. Um pouco de romance. Você merecia o tratamento cinco estrelas, especialmente porque estava segurando sua virgindade com aqueles lindos dedos de piano.

Coloquei minha mão na maçaneta da porta.

Vez.

Abrir.

“Com um carro como esse, ele poderia comprar pelo menos flores.”

Eu paro no meio do caminho.

O pânico toma conta da minha garganta.

Eu me viro enquanto meu peito se agita de medo. "O que? Que carro?"

“Você não gostaria de saber?”

"Mãe!" Eu grito.

Ela se enrola na cama e fecha os olhos. "Estou cansado. Foi um longo dia, Cadey.

Vou até ela e a coloco sentada.

Mamãe grita e agarra minha mão. "Isso machuca!"

Eu não ligo.

Meu rosto encosta no dela e eu sibilo: — Seja lá o que você acha que viu, o que quer que você pense que sabe sobre mim, você está errado. Você fica fora da minha vida, está me ouvindo?

“Forte, corajoso e *perfeito* Cadey.” Seus olhos ficam escuros e calculistas. “Frequentar aquela escola chique fez você pensar que é tão privilegiado quanto eles? Você esqueceu quem você é?”

Ela ri da minha cara. Seu hálito úmido flutua sobre mim e me deixa enjoado.

“Você veio de mim. Você e eu estamos no mesmo barco. E se você tiver alguma esperança de sair deste inferno, você vai me levar com você.

Solto seu ombro e me afasto da cama.

Suas palavras são muito enigmáticas para eu entender, mas sei duas coisas com clareza distinta.

Mamãe não tem intenção de sair deste apartamento.

E ela tem planos... planos que envolvem Dutch.

## CAPÍTULO SEIS

### HOLANDÊS

Zane boceja tanto que posso olhar de sua garganta até os pulmões. Ele passa a mão pelo cabelo escuro e ele cai para trás na testa.

Um bando de líderes de torcida ri. Cada um deles olha para Zane como se sua mera existência fosse motivo suficiente para ficar de joelhos e adorá-lo. Mesmo quando ele não está tentando, meu gêmeo consegue atacar metade da população feminina.

As líderes de torcida também estão enviando sorrisos para mim, mas não estou olhando para trás. Meus olhos estão fixos no horizonte, esperando que um par de pernas longas e claras desça pela calçada.

Eu verifico meu telefone novamente.

Cadey está atrasado.

“Você ainda pode sentir o cheiro do enxofre”, Finn murmura.

Olho para trás e noto meu irmão descansando na escada. Uma perna está apoiada no corrimão e a outra é tão longa que toca três degraus abaixo de nós. Um e-reader está em suas mãos.

“Do fogo.” Seus penetrantes olhos castanhos deslizam em minha direção. “Você ainda pode sentir o cheiro.”

Firmo meus lábios e desvio o olhar.

“Eles reconstruíram o máximo que puderam, mas não é como se pudessem esconder tudo. Alguns danos permanecem para toda a vida.” Zane se espreguiça, braços longos alcançando sua cabeça. “O que diabos estamos fazendo na escola hoje? Deveríamos ter tirado uma página do livro de Sol e dormido, mas não. *Alguém* insistiu em vir.

“Dutch tem seus motivos”, diz Finn com conhecimento de causa.

Pego meu telefone e ligo para Cadence novamente.

Nada.

Caramba.

Por que diabos essa garota não responde? Ela achou que eu estava brincando quando disse a ela para atender minhas ligações?

Tenho coisas importantes para perguntar a ela. Tipo... ela está bem? Ela e Vi acalmaram as coisas depois que saí ontem à noite?

E que diabos foi aquela conversa sobre um cadáver?

“Talvez ela não queira ver você”, diz Finn, sem tirar os olhos do tablet.

“Por que ela não iria querer vê-lo?” Zane zomba. “Ele foi até aquela lixeira do bairro procurar a irmã dela e nos convenceu a nos juntar a ele.” Ele gesticula entre ele e Finn. “Ela deveria estar beijando os pés dele em gratidão.”

“Tenho certeza de que Dutch tem outras ideias sobre onde ela pode beijá-lo.” Finn clica em um botão para virar sua 'página'.

“Totalmente.” Zane sorri.



Viro-me e envio aos meus irmãos um olhar gélido. "Pode."

Finn encolhe os ombros, imperturbável.

Zane me estuda. "Destorça sua calcinha de vovó. Estamos apenas brincando."

Eu resmungo e ando pelos degraus da frente.

"Fin? Tradução do homem das cavernas, por favor?"

"Ele dormiu com ela e agora está viciado," Finn murmura, os olhos ainda no tablet.

Eu congelo.

Zane também. "Irmão."

Eu dou ao meu irmão um olhar atordoado. *Como diabos ele sabia disso?*

"Jinx contou para você?" Eu rosno.

"Não me importo o suficiente para pagar Jinx por essa informação." Finn revira os olhos. "Estava na sua cara quando você voltou para casa... na manhã seguinte."

Eu estremeço. Oh, certo.

Zane cobre a boca, os olhos arregalados. "Naquela noite, depois que ela destruiu nossa sala de prática... você e Brahms estavam... droga! Não é à toa que você disse que não precisávamos recuperá-la. Você já havia cobrado o preço.

Eu faço uma careta.

Zane me dá um tapa nas costas. "Estava na hora."

Eu derrubo a mão dele.

"Espere", ele torce o nariz, "por que você está tão ansioso para vê-la? Geralmente são as meninas que agem de maneira pegajosa depois de... ah!

Agarro o colarinho da camisa dele. "Se você continuar batendo a boca, vou enfiar o punho nela."

Zane ri. "Experimente e veja o que acontece."

Eu giro minha mão para trás.

"Chega, Zane. Vá com calma com ele.

"Por que eu deveria?"

"Você não vê que ele foi rejeitado?" Finn se desdobra nos degraus e inclina o pescoço de um lado para o outro, massageando as dobras. Seus olhos encontram os meus quando ele se endireita. "Pela primeira vez na vida, Dutch se preocupa genuinamente com alguém e essa pessoa prefere morrer a se envolver com ele."

Minha raiva aumenta.

Minhas bochechas queimam.

Eu solto Zane e golpeio Finn.

Ele me bloqueia com uma mão e me olha com olhos entediados. "Componha-se. Sua mulher está vindo em nossa direção.

Imediatamente, eu me viro.

Finn está certo.

Cadence está caminhando em direção à Redwood Prep. Ela está usando um de seus antigos uniformes – uma saia bem curta com blusa branca. Paro por um momento e olho para ela, notando seus grandes olhos castanhos cercados por círculos roxos escuros de exaustão.

O que diabos aconteceu?

Como faço para consertar isso para ela?

Quem eu tenho que matar para fazê-la sorrir?

Atrás de mim, ouço Finn suspirar.

“Papai está tentando assumir o controle de Redwood e Sol tentou incendiar tudo, mas um cara não consegue tirar os olhos da nova garota, e o outro está apaixonado por nossa meia-irmã. Estamos ferrados.”

Imediatamente, o sorriso de Zane desmorona.

O ar fica tenso.

Posso sentir uma luta se formando.

Voltando-me para meus irmãos, falo com confiança. “Nós cuidaremos do pai. E senhorita Jamieson, ela...” Meus olhos vão para Zane e voltam. “Não é como se ela fosse uma irmã biológica—”

"Esqueça." Zane bate em meu ombro enquanto desce as escadas.

“A aula é assim”, diz Finn.

Zane nos afasta. "Eu vou voltar pra casa. E eu vou de carro.”

Cadence acena para ele quando ele passa.

Meu gêmeo acena de volta e desaparece na curva.

Finn coloca o tablet debaixo dos braços. “Estarei na biblioteca. Também não estou com vontade de ter aulas hoje.”

Finn cumprimenta Cadence, assim como Zane fez.

É uma grande honra ser reconhecido por qualquer um deles, mas especialmente por Finn. Brahms não frequenta nossos círculos e todos nós tendemos a ignorar outras pessoas - especialmente garotas com quem já dormimos - é mais fácil mantê-las afastadas. Mas Cadence é diferente. Ela é importante para mim e isso significa que ela é importante para meus irmãos também.

Mesmo que Zane, Finn e eu lutemos como lutadores de sumô, sabemos o que é importante.

Família.

*É por isso que me sinto tão intensamente protetor com Cadence? Ela é minha família agora?*

É um pensamento substancial, mas não tenho tempo para pensar nisso porque o *maldito* Cooper da Cadence passa direto por mim.

Como se eu não estivesse aqui esperando por ela a manhã toda.

Como se eu não tivesse explodido o telefone dela.

Como se ela não tivesse ideia de que ela tem sido a única coisa em minha mente desde que coloquei os olhos nela pela primeira vez.

Como se eu pudesse respirar sem tê-la perto de mim.

O.

Inferno.

É.

Que?

“Dê mais um passo e veja o que acontece”, digo lentamente. Minha voz é calma, fácil. Mas por baixo há uma camada de aço que a impede de seguir em frente.

Ela se vira, seu rabo de cavalo escuro é longo o suficiente para me acertar no rosto. Os olhos castanhos transbordam de fúria. A visão disso me lembra dos dias em que

cada resposta tagarela dela me fazia querer jogá-la em um armário próximo e deixar cair sua saia até os tornozelos.

Esse desafio dela sempre fez alguma coisa comigo.

Fez meu sangue pulsar de frustração. Com necessidade.

Agora, isso só me preocupa.

Algo está errado.

E transar com ela não vai chegar ao fundo da questão.

Não importa o quão alto minhas calças apertadas estejam gritando o contrário.

Eu só tive casos superficiais com garotas antes. Não sei muito sobre namoro, mas sei que trepar como coelhos não é suficiente para manter um relacionamento vivo.

Ou então o pai não seria uma decepção tão grande como marido e pai.

Se alguém tem dificuldade em manter o controle nas calças, é ele.

Sinos musicais percorrem Redwood Prep.

Nosso último aviso.

“A aula está prestes a começar”, diz Cadence. Ela desvia o olhar e olha para frente.

*Eu chamei você. Por que você não respondeu? Você dormiu bem? Você tomou café? Você e Vi resolveram as coisas?*

Cerro a mandíbula e engulo as palavras de volta.

Zane estava certo. Estou *agindo* como uma daquelas garotas que me imploram para ligar de novo depois de terminar de pegar o que quero.

Este não sou eu.

Eu não me apego.

Eu não imploro.

Faço exigências e tomo o que me pertence.

E essa garota, ela é minha.

É apenas uma questão de tempo até que ela aceite.

Inclinando meu queixo para cima, ando até estar ao lado dela e então ando na frente dela. Quando ela não me segue, eu me viro.

Cadence me olha com cautela.

Eu aceno para ela com meus dedos. “Achei que você não queria se atrasar para a aula.”

Ela zomba e passa por mim, a saia alargando-se em torno da parte superior das coxas e quase exibindo uma nádega. Meus dedos formigam, ansiosos para espalmar aquele pedaço de pele, mas coloco a mão no bolso e a sigo até a sala de aula.

Ela lança olhos irritados por cima do ombro. “O que você está fazendo?”

“Indo para a escola.”

“Você nem está *nesta* aula.”

“Claro que estou nesta aula.” Eu faço uma careta para ela e abro a porta para que ela possa entrar. “Eu simplesmente não participo.”

Ela faz um som incrédulo com a garganta.

Quando entramos, o professor de álgebra para no meio da frase.

Faço um gesto para que ele continue sua palestra.

Ele fica vermelho e gagueja o resto da lição.

Cadence desce pela fileira de carteiras, mas, quando vê que sua cadeira habitual já está ocupada, aperta os dedos em volta da mochila e se vira para o outro lado.

Observo o punk em seu assento sorrir como se tivesse ganhado alguma coisa e meu sangue bombeia mais rápido. Como ousa esse bastardo pegar a cadeira da minha mulher e se gabar disso?

Agarro o cotovelo de Brahm para mantê-la no lugar.

Ela olha para mim, com as sobrancelhas franzidas.

Sem palavras, eu a conduzo até a cadeira que ela normalmente ocupa. Por que diabos ela deveria ir embora? Por que diabos ela não está exigindo o que quer? Ela sempre senta aqui. Desde aquele primeiro dia de álgebra, ela sempre se sentou no fundo.

De jeito nenhum isso vai mudar.

Não enquanto eu estiver por perto.

Cadence percebe o que estou fazendo e seus olhos se arregalam. Ela empurra minha mão. "Holandês, estou bem. Vou sentar em outro lugar."

"Você." Aponto para o punk.

Ele treme como um idiota. Agora não é hora de ficar com medo. Ele deveria ter pensado duas vezes antes de agir presunçosamente.

"Holandês," Cadence sibila.

No fundo, o professor de matemática fala monotonamente sobre cálculo.

Eu desligo os dois.

Apontando um dedo, traço uma linha imaginária da primeira cadeira da fila até a dele. "Tudo isso pertence a ela." Apontei meu polegar para Cadence. "Ninguém fica sentado aqui até que ela decida que cadeira deseja ocupar naquele dia. Entendido?"

"Holandês!" Cadence está sussurrando, mas ela poderia muito bem gritar suas objeções.

O garoto fica de pé, agarrando a bolsa contra o peito. Na pressa de fugir, seus livros voam da mochila aberta e caem no chão.

O silêncio cai.

Todos na classe nos encaram.

O rosto do garoto fica vermelho e ele se esforça para guardar os livros.

Cadence cai de joelhos para ajudá-lo.

Minhas sobrancelhas se juntam. Eu me abaixo para pegar a mão dela e puxá-la para cima.

"Sair!" Ela rosna.

Meus olhos se arregalam.

Cadence devolve os livros ao garoto, murmura um pedido de desculpas (pelo quê, não tenho ideia) e me lança um olhar tão frio que faria a Sibéria parecer um cruzeiro no Caribe.

Aponto para o assento que ela normalmente gosta, indicando que ela deveria ocupá-lo.

Cadence puxa os lábios em sua boca como se estivesse tentando não me amaldiçoar até o fim. Ela se vira bruscamente e ocupa o único lugar desocupado na frente da classe.

O inferno?

Ela nunca se senta na frente.

Alguém ri da rejeição óbvia, mas essa risada termina rapidamente quando envio um olhar gélido em sua direção. Ninguém se atreve a respirar depois disso.

Buscando paciência, aponto para a cadeira logo atrás dela. Está ocupado, mas eu *não me importo exatamente*.

Observo enquanto o garoto foge em um piscar de olhos e deslizo calmamente para a cadeira atrás de Cadence. Ela sabe que estou atrás dela. Posso dizer pela maneira como ela cerra os punhos pequenos. A propósito, o pescoço dela fica tenso. Mas ela se recusa a se virar.

Por mim tudo bem.

Eu não me importo de qualquer maneira.

Recostado na cadeira, concentro-me no que é realmente importante. Cadência. Desse ponto, tudo que consigo ver é seu cabelo castanho brilhante saindo do rabo de cavalo alto. Pequenas gavinhas estão ao redor de suas bochechas.

Lembro-me de como foi deslizar pelos meus dedos. Longo e sedoso. Carregando a fragrância do shampoo frutado. Se eu me aproximar, posso sentir o cheiro agora.

Droga.

Ela é sexy como o inferno por trás também.

Contento-me em observá-la e não sinto o tempo voar.

\* \* \*

Só quando os sinos musicais cantam pela sala é que percebo que a aula acabou.

*Jinx: Príncipe Encantado ou Príncipe Lobisomem?*

*Todos os olhos estavam voltados para o nosso Royal Bad Boy durante o primeiro período de hoje, mas seu os olhos estavam em uma pessoa.*

*Para todas aquelas meio-irmãs de coração partido, não desanimem. O príncipe de Redwood podia estar abanando o rabo, mas a garota que colocou a coleira em seu pescoço nem olhou para ele.*

*Sua devoção é um desafio que deu errado? Ou nosso Príncipe Encantado está compensando seus erros passados?*

*Uma coisa é certa. Quer ele tenha a forma de um homem ou de um animal de estimação, espero que Cinderela saiba que a coleira em sua mão está amarrada a uma fera poderosa.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO SETE

### CADÊNCIA

Morar com minha mãe é um pesadelo. Um do qual quero desesperadamente acordar.

Esta manhã, ela estava dançando nua na sala e tocando música tão alto que alguém do apartamento abaixo do nosso teve que bater no teto com uma vassoura.

Ela encheu o banheiro com maconha barata – onde ela conseguiu dinheiro para comprar, eu nem sei.

Quando a fome a atingiu, a mãe bagunçou a cozinha. Cascas de ovo pegajosas. Pegadas salpicadas de farinha. Panelas e frigideiras sujas. Teria sido um pouco aceitável se o café da manhã fosse comestível, mas não era.

Esta é a segunda vez que tenho que jogar fora uma refeição.

O que significa que tive que jogar fora mantimentos muito bons.

O que significa que basicamente joguei dinheiro fora.

E adivinha quem teve que limpar a cozinha depois de tudo isso?

Mamãe não só conseguiu estragar minha manhã inteira no *primeiro* dia em que voltou, mas também virou meu quarto de cabeça para baixo.

Entrei na ponta dos pés para pegar meus uniformes e encontrei todas as minhas roupas no chão, sujas e amassadas. Meus lençóis foram arrancados do colchão. Tudo debaixo da minha cama foi desenterrado. Mamãe alegou que estava procurando sua aliança de casamento — como se eu não soubesse que ela havia penhorado a aliança do papai há muito tempo.

Como todas as minhas roupas foram jogadas fora, o único uniforme limpo que consegui encontrar foi o velho que havia dobrado no fundo da gaveta.

Aperto mais a alça da minha mochila e cerro os dentes.

*Por que a mãe teve que voltar? Por que?*

“Cuidado”, diz uma voz profunda.

Momentos depois, bato na palma da mão de alguém.

Acordo do meu estupor e volto ao ambiente. O corredor lotado. Os alunos sussurrando e nos observando. Os cartazes na parede. O armário aberto a cinco centímetros do meu rosto. *O que? Por que estou tão perto do armário?*

Pisco, mas o armário ainda está lá. Abrir. Gilete afiada. Foi apenas a mão de Dutch em minha testa que me impediu de bater no metal e quebrar minha cabeça.

Atordoado, eu me viro.

Dutch está atrás de mim, rosto impassível. Ele cruza os braços tatuados sobre o suéter da Redwood Prep e me encara com seus olhos de predador. Âmbar, querido. Como um leão. Não muito dourado, mas perto o suficiente. Especialmente quando ele fica exposto à luz do sol, como está fazendo agora.

Esses uniformes da escola preparatória não combinam com ele. Ele é uma fera maldita. Um monstro, com mais de um metro e oitenta de altura, duas sobrancelhas

escuras e uma boca de pura ameaça na parte inferior de seu rosto assustadoramente atraente. Com uma estrutura óssea tão esculpida e uma aura tão escura, seu cabelo loiro e brilhante como trigo fiado não pertence. E ainda assim isso o torna ainda mais cativante.

Luz e sombras.

Besta e homem.

Ambos ao mesmo tempo.

“O que diabos você está pensando que não consegue nem andar direito?” Dutch rosna, aproximando-se para que seu hálito mentolado tome meu rosto.

Meu corpo estremece, dolorido de necessidade por ele.

E isso me deixa com raiva.

Minha vida é um show de merda agora, lidar com a mãe acima de tudo. Não tenho espaço na cabeça para outra complicação.

E Dutch Cross, com sua presença violenta e suas mãos que me fazem ver estrelas, é a *definição* de complicado.

Eu olho para ele, caindo em olhos tão dourados que podem muito bem ser piscinas intermináveis de mel. “Por que você está me seguindo?”

“Seguindo você?” Ele ri sombriamente. “Parece que não tenho nada melhor para fazer, Brahms?”

“*Parece* que você está me perseguindo.”

Suas sobrancelhas se contraem. De repente, ele bate com o punho no armário aberto e bate no meu ouvido. Eu pulo, mas, antes de repreendê-lo, seus dedos se fecham em volta do meu pulso e ele me empurra para trás, me jogando contra o armário. Ele não usa muita força, mas ainda sinto a falta de ar dos meus pulmões quando ele pisa em mim.

Espero que ele grite ou dê um soco no armário perto da minha orelha.

Algo.

Mas ele não faz isso.

“O que está errado?” Sua voz é baixa, persuasiva. Inesperadamente gentil. “Parece que você não dormiu bem ontem à noite e está totalmente fora de si esta manhã.”

Eu pisco em estado de choque.

“Você e Vi brigaram de novo?”

Observo sua boca madura se transformar em uma carranca e minha mente fica em branco.

*Pare de bater tão rápido, seu coração estúpido. Isso não é grande coisa.*

“Cadéy.” Há algo na maneira como ele diz esse nome que é diferente de quando ele me chama de 'Brahms'. Algo mais suave. Algo mais urgente.

Meu coração acelera apesar da minha instrução.

Quero passar meus braços em volta de seu pescoço, me enrolar em seu peito e contar tudo a ele. Não necessariamente porque quero que ele conserte, mas porque quero que alguém me garanta que não estou sozinho. Que tudo vai melhorar. Essa mãe não vai fazer da minha vida um inferno de novo.

Mas não vou.

Dei a Dutch a única coisa que ninguém mais teve: minha virgindade.

E isso me fez sentir mais próxima dele.

Mas ele também se sente mais distante.

Meu mundo está tão distante do dele.

Minha mãe louca. Um assassinato à meia-noite. Um assassino que conhece o rosto dela, que conhece a nossa família.

Tenho tanta coisa para resolver e não poderei fazer isso se Dutch me despedaçar e assumir tudo.

Seus dedos traçam meu rosto e ele empurra meu cabelo atrás da orelha do jeito que fez naquela noite no beco. Ele é tão terno que as lágrimas pressionam o fundo dos meus olhos.

“Diga-me o que há de errado”, sussurra Dutch.

Eu quero.

Mas não posso.

A única coisa que este mundo me ensinou é que confiar em alguém além de você mesmo é um erro. E não faz muito tempo que Dutch estava tentando desesperadamente me expulsar de Redwood. Quem pode dizer que ele mudou? Quem pode garantir que ele não vai colocar o alvo de volta em mim? Quem pode dizer que ainda não está lá?

Eu firmo minha posição e o empurro.

Ele não se mexe.

“Tenho luz em dez minutos e preciso usar o banheiro”, murmuro.

Não é tecnicamente uma mentira.

Seus olhos examinam meu rosto como se quisesse ler cada um dos meus pensamentos. Eventualmente, ele dá um passo para trás.

Corro pelo corredor, notando a multidão que se abre para mim. Não importa que Dutch não esteja mais atrás de mim. Do jeito que ele está agindo, todo mundo pensa que estamos namorando. Assim que me veem, eles veem Dutch – o governante da Redwood Prep, um cara que é louco o suficiente para chutar alguém da cadeira em que já estava sentado.

*Bastardo louco.*

Desesperadamente, entro no banheiro mais próximo, coloco a mão na água fria da pia e lavo o rosto.

Estou muito hiperconsciente dele. Muito preso em seu feitiço.

— Controle-se, Cadey. Eu bato na minha bochecha. O som das palmas das mãos molhadas batendo na pele é alto no banheiro. “Recomponha-se.”

A porta se abre.

Cuido da minha vida e agarro-me à borda da pia, com a cabeça apoiada no queixo. A água escorre pelo meu nariz e cai na pia.

“Bem, se não é *a prostituta de Dutch Cross*,” uma voz estridente arranha meus ouvidos.

No reflexo do espelho, Paris e suas líderes de torcida desfilam ao meu redor. Pele bronzeada. Cabelo saltitante. Destaques caros. Endurecido em maquiagem. A ideia de perfeição de Redwood.



O avião viaja com perigo e eu me endireito, meus olhos fixos em Paris. Ela sorri para o espelho, revelando dentes brancos e brilhantes. Folheados. Eles são perfeitos demais para pertencer a ela naturalmente.

Eu olho para ela.

Paris avança, os quadris balançando em sua saia minúscula. Ela para na pia, pega um kit de maquiagem sofisticado e vasculha dentro dele em busca de um tubo de brilho labial.

Não quero ficar ali olhando para ela, mas dois de seus seios se pressionam ao meu lado e atrás de mim, prendendo-me no lugar.

Paris passa gloss nos lábios e dá um tapa desagradável. “Sabe”, ela murmura, admirando-se no espelho, “Jinx escreveu um post sobre você hoje.”

À menção de Jinx, minha mente se volta para aquela mensagem vaga que ela me enviou ontem à noite.

*Eu tenho um acordo para você. Envolve algo que você quer e algo que você não quer.*

Por que Jinx iria querer fazer um acordo comigo agora?

Afasto a curiosidade.

Jinx é a última coisa que me preocupa agora.

“Ela disse que você estava segurando a coleira de Dutch.” Risadas incrédulas saem da boca de Paris. O som carece de calor ou alegria. “Mas nós dois sabemos que quem está segurando a coleira é ele, não é, *Brahms*?”

Ela coloca o brilho labial no kit de maquiagem aberto e se vira para mim. Seus olhos estão escuros. Frígido. Cheio de rancor enquanto arrastam meu uniforme de segunda mão.

“Não importa o que aconteça, você não pode perseguir o *fedor* da pobreza em sua pele e não pode mudar o fato de ser um caso de caridade. Você nunca será bom o suficiente para ele.

Eu balanço minha cabeça. “Você tem razão.”

O choque ricocheteia em seus olhos.

Faço um gesto para ela. “Já que estou tão abaixo dele, por que você não o tira de mim?”

Seus olhos se arregalam.

“Seriamente. Eu estou te implorando. Eu agarro a mão dela. “Mostre um pouco de pele. Prometa sua devoção eterna. Têm-no.”

Seus cílios tremulam e ela puxa o braço para trás. “Você acha que estou brincando?”

“Há meses que tento fugir de Dutch Cross. Eu ficaria muito grato se você pudesse fazer o que eu não pude.” Meus olhos deslizam pela roupa dela. Eu levanto uma sobrancelha. “Mas... um conselho, alivie o desespero. Posso ser pobre, mas você, Christa 2.0”, dou um passo em direção a ela, “você é simplesmente mesquinha”.

Os olhos de Paris se estreitam. Com a boca torcendo cruelmente, ela levanta a mão para me dar um tapa.

Agarro seu pulso antes que ela possa e a empurro contra a parede perto do espelho. Ela grita e tenta agarrar meu cabelo. Eu me esforço para evitar que ela me arranhe os olhos.

Ela é surpreendentemente forte, mas eu sou mais forte.

E chateado.

Eu luto com ambos os braços para baixo, respirando pesadamente.

“Lixo do lado sul!” Paris cospe na minha cara.

Minha paciência quebra como um galho e toda a frustração que açoitava meu peito explode para fora de mim.

“Escute, seu pedaço de merda”, minha voz estala, “minha vida é um desastre tão grande que esse drama mesquinho do ensino médio não significa literalmente nada para mim. Seu cérebro é do tamanho de uma uva, então falarei devagar. Tenho coisas *maiores* com que me preocupar do que se você ficou magoado porque Dutch não a escolheu como rainha do baile.

A boca de Paris fica frouxa.

“Eu sugiro que você tire sua cara insegura e faladora de lixo da minha vista antes que eu lhe mostre como lutamos no lado sul.”

Paris grita com seus asseclas: “Gente, ela acabou de me ameaçar! O que você está fazendo? Pegue ela!

“Tente.” Eu me viro e fixo os dois com um olhar penetrante. “Posso prometer que já estive em mais brigas do que qualquer um de vocês juntos e deixarei *cicatrices*.”

As meninas hesitam e olham uma para a outra com medo. Eles devem decidir que Paris não vale o dano permanente porque saem correndo do banheiro.

“Boa conversa.” Afasto-me, mas volto para dizer: — Ah, e não se esqueça de me avisar quando encontrar um plano para afastar Dutch de mim. Posso lhe dar algumas dicas.”

Paris bate o pé, com o rosto mais vermelho que chamusca, e solta um grito de frustração.

Sorrindo levemente, saio do banheiro e corro até a esquina. Vou me atrasar para Lit, mas pelo menos tenho que colocar Paris no lugar dela.

Foi bom, mesmo que meus braços estejam ardendo.

Droga. Ela deve ter pago caro por aquela manicure chique porque suas unhas pareciam garras na minha pele.

Enquanto os sinos musicais tocam, eu congelo. Há um guitarrista esfarrapado encostado na parede do lado de fora da aula da Srta. Jamieson. Dutch tem um pé apoiado atrás dele e os dois braços cruzados sobre o peito.

“Pensei que você estava matando aula sem mim, Brahms.” Ele se endireita.

Paro e escondo meus braços atrás das costas. “Holandês.”

Ele percebe e, imediatamente, sua expressão escurece. Ele me agarra pelo braço e o arrasta para frente. Eu sibilo de dor quando seu polegar aperta uma das linhas do arranhão.

“O que diabos é isso?” ele late para mim, levantando meu braço para a luz do sol e olhando para os arranhões que sangram em alguns lugares.

Desvio o olhar. “Nada.”

“Nada?” Sua voz é baixa e firme como uma corda de violão.

*Você não é bom o suficiente para ele.* Eu me afasto. “Eu simplesmente... briguei com um gato nojento. Nada com que você precise se preocupar.

“Onde está o gato?”

“Já se foi.” Puxo meu braço para trás. “Eu cuidei disso.”

“Holandês, Cadence.” Senhorita Jamieson nos chama. “Existe algum motivo para você não estar sentado e pronto para a aula?”

Holandês enrijece. De todos os professores da Redwood Prep, os irmãos Cross são os que mais respeitam a senhorita Jamieson. Pode ser porque ela é a professora mais atraente de Redwood – magra e curvilínea, com pele morena e cabelos cacheados. Ou pode ser por outros motivos. Quem sabe o que os irmãos Cross estão pensando.

“Já estaremos aí.”

“Não, não somos.” Um músculo na mandíbula de Dutch se contrai. “Cadência se machucou.”

“Você fez?” Senhorita Jamieson abandona sua sala de aula e corre.

Eu coro, notando a forma como os estudantes lá dentro estão olhando para nós. “Realmente não é grande coisa.”

Os olhos âmbar de Dutch encontram os meus e eu juro, um raio sai de seu olhar. “Você está sangrando.”

“Você deveria ter visto o gato”, brinco com voz rouca.

Dutch vira meu pulso e examina a pele da parte inferior do meu braço. Ele não parece divertido.

“Dutch, leve-a para a enfermaria. E Cadência. A senhorita Jamieson me interrompe com um olhar preocupado. “Depois da aula, preciso falar com você por alguns minutos.”

Murmuro um acordo e permito que Dutch me leve embora.

Ele anda de um lado para o outro como um futuro pai na enfermaria e não para mesmo quando a médica lhe diz que precisa de espaço.

“Ele também ficou assim depois daquela época”, murmura a enfermeira, lançando-lhe um olhar furioso. “Ele trouxe você da piscina e estava respirando por cima do meu ombro. Delirante de preocupação. Tornando difícil o trabalho.”

Meu coração bate contra minhas costelas. *Ele era?*

É difícil imaginar Dutch preocupado comigo. No dia em que Christa me empurrou na piscina, estávamos em uma guerra profunda um contra o outro.

A enfermeira lança outro olhar de repreensão por cima do ombro. “Sua namorada está bem, meu jovem.”

“Eu não sou namorada dele”, eu digo.

Tanto a enfermeira quanto Dutch me ignoram.

“Olá?” Eu aceno com a mão.

“Você usou antisséptico nos cortes? Ela não pode ser infectada”, diz Dutch.

“Você está me dizendo como fazer meu trabalho?”

“Eu disse que não sou namorada dele”, repito.

“Se você fizesse seu trabalho direito, não estaria tão na defensiva agora”, diz Dutch.

A enfermeira estreita os olhos.

Já que fazer com que qualquer um deles ouça é uma causa perdida, eu me mantenho.

Dutch vem até mim. “Cadey, vá com calma.”

“Eu disse que ela está bem”, insiste a enfermeira.

Dutch abre a boca.

Eu falo antes que ele possa dizer algo estúpido. “Vou voltar para a aula. Não quero perder o teste.”

A enfermeira me dá instruções sobre como manter os arranhões limpos. Depois, Dutch me acompanha até Lit. Ele está muito ocupado pensando para me incomodar durante a aula e eu faço meu teste em paz.

Os sinos tocam e a senhorita Jamieson faz um gesto para que eu a encontre na frente.

“Vou esperar por você lá fora”, diz Dutch.

“Você não precisa...”

Seu olhar de resposta é tão sombrio que simplesmente fechei a boca.

A senhorita Jamieson me lança um olhar divertido quando me aproximo de sua mesa. Ela não parece tão cansada como há alguns dias, mas ainda há algo pesado nela. Algo que não existia antes.

Eu me pergunto se está tudo bem.

“Você e Dutch estão namorando?” Ela cruza os braços sobre o peito e se inclina contra a mesa, os lábios escuros subindo nos cantos.

“Não, não estamos”, digo veementemente. “Eu não sou namorada dele. Não estamos juntos. Isso não está acontecendo.”

Seus lábios tremem, mas ela não ri abertamente de mim. “Eu vejo.”

“Sobre o que você queria falar comigo?” Eu mudo de uma perna para a outra. Meus arranhões estão começando a queimar por causa do antisséptico e é difícil não coçar.

“É sobre Serena.”

Imediatamente, meu corpo se contrai de culpa e baixo meu olhar para o chão. Quando suspeitei que Dutch e seus irmãos eram os responsáveis pelo incêndio que fez com que meu amigo fosse expulso da escola, destruí completamente a sala de treino deles.

E então Dutch veio até minha casa para me confrontar.

E então a mãe apareceu para provar que não estava morta.

E não tive tempo para pensar ou visitar Serena.

Chame-me de o pior amigo de todos os tempos.

“Falei com mais alguns seguranças. Eu estava tentando encontrar mais informações sobre a pessoa que deixou a sala de treino dos Kings perto do início do incêndio.” A senhorita Jamieson bate uma unha bem cuidada na mesa. “Acontece que essa pessoa era sua faxineira particular, Martina.”

Eu franzir a testa. “Eles a mandaram para limpar de manhã cedo?”

“Ela escolheu ir naquela época. Ela disse que era mais conveniente.

Como alguém que faz seu trabalho de manhã cedo para evitar as pessoas também, não posso contestar isso.

“E ela não viu nada?”

Senhorita Jamieson balança a cabeça. “Cheguei a um beco sem saída.”

“Sem provas, não conseguiremos trazer Serena de volta à escola.” Mordo meu lábio inferior, meu estômago revirando. “Eu disse a ela para não contar à mãe sobre a expulsão. Eu prometi a ela que a traria de volta.”

E se eu tivesse esperanças nela apenas para decepcioná-la? Como faço para enfrentar Serena agora?

"E nós vamos. Não se preocupe." Senhorita Jamieson aperta meu ombro. "Ainda estou defendendo que o Diretor Harris dê a ela outra chance."

"Ele não fará isso se não conseguirmos encontrar o verdadeiro culpado por trás do incêndio."

"Há outra coisa." Senhorita Jamieson muda.

Eu me preparo.

"Serena tinha uma bolsa provisória. Embora a escola não vá cobrar pelos danos causados pelo incêndio, a diretoria decidiu processá-la pelo dinheiro que investiu nela."

Meu coração cai até os dedos dos pés. "Quanto?"

Senhorita Jamieson sacode uma figura que faz minha cabeça explodir.

"Eles não podem pagar por isso! A mãe de Serena está em tratamento contra o câncer e eles mal conseguem pagar as contas do hospital. Um processo judicial irá arruiná-los."

"Está acontecendo."

"Quando?"

"Temos cerca de uma semana", diz a Srta. Jamieson. "Se não conseguirmos encontrar o culpado..."

"Serena ficará arruinada."

"Não acredito que este seja o fim. Eu sei que encontraremos uma saída. Nós apenas temos que olhar com bastante atenção."

Suas palavras pretendem me dar esperança, mas tudo que sinto é escuridão. Mal consigo manter a cabeça acima da água e agora Serena também conta comigo.

Entre mãe, Viola, Serena – tudo parece opressor.

Eu me arrasto pelo corredor, minha visão embaçada.

O silêncio cai quando entro em outro corredor.

Todo mundo está observando, espiando, examinando cada movimento meu. Sou uma exposição ambulante. Um show para seu próprio prazer distorcido.

É surreal.

Chato.

Sozinho.

Sempre tive um respeito sombrio pela Redwood Prep, só porque sei que este lugar é cruel.

Mas agora?

Agora, eu odeio isso com paixão.

O fingimento. A ganância cega. A competição tácita.

Eu sei por que eles estão assistindo. Não porque eles se importam comigo. É porque eles não querem perder o momento que eu falho. Eles querem estar lá para rir. Para apontar para mim. Para me despedaçar até que não reste mais nada.

Por um longo momento, caminho sozinho.

E então, uma mão quente se fecha sobre a minha.

Quando levanto a cabeça, vejo o rosto de Dutch. Linhas nítidas. Ângulos devastadores. Poesia pura na forma e na simetria.

E então os olhos.

Quando Dutch fixa aqueles olhos âmbar em mim, sinto uma sensação estranha de formigamento por todo o corpo. Isso me lembra daquela vez que experimentei a montanha-russa de cabeça para baixo e senti todo o sangue subindo para o topo da minha cabeça. Assim como o meu mundo, tudo que eu era e conhecia se tornou algo novo, diferente e incontrolável.

"Com fome?" Holandês pergunta. Seu tom é calmo. Isso é normal para ele. Estar em exposição. Ser cutucado e cutucado pelos olhos deles, mesmo nos momentos mais vulneráveis.

Eu quase sinto pena dele. Que lições difíceis ele teve que aprender para se tornar tão insensível? Quanto de seu coração ele teve que espancar até não se importar mais?

Ele me leva até o refeitório. Há uma longa fila, mas não ficamos atrás dela. Em vez disso, Dutch me leva direto para a frente. Todos abrem espaço, abandonando suas bandejas e voltando rapidamente como se houvesse uma órbita ao seu redor que eles não pudessem tocar.

As senhoras do refeitório sorriem. Eles colocam tigelas fumegantes em nossas bandejas. Olho para a comida espalhada atrás das cúpulas de vidro, percebendo que não há sopa no cardápio de hoje.

Olho para Dutch com desconfiança. "Você pediu a eles para fazerem isso?"

Ele não diz nada.

Mas minhas suspeitas se confirmam quando a merendeira agarra meu pulso e aperta. "Espero que você se sinta melhor, querido."

"Ah, obrigado."

"Por aqui." Grunhidos holandeses.

Sigo sem discussão.

Ele me leva até a mesa onde costumo sentar com Serena.

Meu coração dói dolorosamente.

Dutch presta muita atenção no meu rosto e diz: "Podemos sentar em outro lugar".

"Não. Eu quero ficar aqui."

Não quero esquecer Serena só porque ela não está mais na escola. Eu quero sentir essa picada. Essa culpa. Quero o lembrete porque não quero nunca esquecê-la.

Dutch coloca as duas bandejas na bancada e pega uma colher.

Espero que ele coma, mas em vez disso ele me empurra uma colher de sopa.

Meus olhos se arregalam. "O que você está fazendo?"

"Suas mãos estão feridas."

"É só um arranhão. Não é como se estivesse quebrado."

"Eu vi você estremecer."

"Não, eu não fiz."

"Quando você move o braço para frente e para trás, ele esfrega na lateral da camisa e irrita a pele. Eu vi, Cadey."

O que ele é? Um CSI?

Dutch teimosamente cutuca a colher para mim. Eu me contorço, notando os celulares que estão sendo sacados para nos espionar. Pelo que Paris disse no banheiro,

Dutch e eu ainda somos assuntos quentes no aplicativo de Jinx. Ele agir assim não vai ajudar nos rumores de que estamos juntos.

“Abra a boca, Cadence”, ele late.

Eu abro.

Dutch me dá a sopa e, embora eu pretendesse cuspi-la de volta só para lhe ensinar uma lição, não o faço.

Uma explosão de sabor dança na minha língua.

Eu seguro minha boca e engulo. “Essa sopa é incrível. Oh, meu Deus, como isso é tão delicioso?”

Dutch não sorri. Ele nem pisca.

Desajeitadamente, pego minha garrafa de suco de laranja. “O que?”

“Quando você vai confiar em mim?” ele sussurra pensativo.

“Confiar em você?” Meus músculos das costas se contraem.

Ele deixa cair a colher e ela cai de volta na sopa. “Você realmente foi atacado por um gato hoje?”

“Claro que sim. Por que eu mentiria sobre isso? Meus olhos se desviam dos dele.

Ele se inclina para trás e olha para mim com seu olhar frio e escuro. Ele é simplesmente assustador. Sem esforço. Sem qualquer esforço da parte dele.

Volto minha atenção para a sopa para aliviar a tensão no ar.

“Você é meu. Eu deixei isso claro. Se alguém machuca você, eles me machucam.”

“Eu pertenço a mim mesmo. Você não. Posso cuidar do meu próprio negócio.

Ele me lança um olhar longo e estudioso. A imagem da realeza com seu cabelo loiro de príncipe da Disney, olhos âmbar e corpo tatuado. Paris estava certa, mesmo sendo irritante. Dutch Cross definitivamente não parece pertencer a alguém como eu e não posso levá-lo a sério. Não posso me permitir acreditar que nada disso seja real.

“Cadência-”

“Quem diabos é você?” Eu sibilo.

Ele me observa, a expressão ficando vazia novamente.

Enfio meus dedos na bandeja. “Você passou semanas me deixando infeliz. Você fez tudo ao seu alcance para me tirar da escola. Você arruinou a vida do meu professor. Você me empurrou, me incitou e zombou de mim. E agora você quer que eu confie em você? Você acha que eu sou *estúpido*? A palavra estala com a veemência de um elástico voando de um estilingue. “Você não pode decidir que um dia vai me odiar e aleatoriamente passar a gostar de mim. Não é assim que funciona.”

“Você acha que eu queria isso?” Ele sibila. “Você acha que eu acordei um dia e pensei que queria que alguma garota tivesse meu coração pela maldita garganta?”

Minha respiração fica presa.

“Eu também não tive escolha nisso, Cadence. No minuto em que você entrou na minha vida, todo o meu universo encolheu até o tamanho de um único ponto e não consegui ver mais nada.” Ele se levanta e olha para mim. “Então, sim, continue extremamente desconfortável. Porque diabos eu também sou.

“Holandês!” Eu grito. A raiva me faz tremer e se eu tivesse a colher em minhas mãos, provavelmente a jogaria em sua cabeça desagradável.

Ele sai do banco com sua bandeja, olhando para uma tempestade furiosa. “Quer você confie em mim ou não, isso não mudará o fato de que você pertence a mim.” Ele inclina o queixo para cima. “E eu sempre cuido da minha propriedade.”

Enfurecido, pego a colher e jogo nele, mas Dutch já está indo embora.

\* \* \*

*Jinx: Redwood Prep pode ter um novo proprietário*

*Acontece que nosso príncipe não é o único com dentes afiados. A cabeça dos Pompons teve o traseiro dado a ela por uma Cinderela com presas. Acontece que você não mexe com a rainha em seu próprio reino. Uma lição que a Srta. Pompons teve que aprender da maneira mais difícil. Por que outro motivo ela sairia furiosa do banheiro com lágrimas nos olhos e o cabelo desganhado?*

*E a recompensa pela valente batalha da Cinderela? Príncipe Encantado alimentando-a manualmente no pátio.*

*Esses dois pombinhos são doces como xarope, mas o dia ainda é jovem e há mais algumas feras que Cinderela e o Príncipe Encantado devem matar antes que possam saltar para o pôr do sol.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*



## CAPÍTULO OITO

### HOLANDÊS

Despejo minha comida na lixeira mais próxima e sigo pelo corredor. As pessoas se pressionam contra seus armários. Provavelmente porque eles veem a raiva em meu rosto e sabem que eu pisaria em suas cabeças se não saíssem rápido o suficiente.

Meu sangue está rugindo em meus ouvidos.

A fúria me faz ranger os dentes.

Passei minha vida aprendendo a controlar essa raiva, despejando tudo na minha guitarra em vez de ser o tipo de bastardo que soca por esporte em vez de por necessidade. A música ajuda nisso. Ele concentra toda a minha energia. Canaliza isso em uma confusão de acordes e notas emaranhadas que não fazem sentido para ninguém além de mim.

É muito mais gratificante controlar as emoções do que deixá-las me dominar.

Mas com Cadence?

Dane-se isso.

Qualquer controle que eu pensei que tinha escorregava por entre meus dedos como areia. É irritante perder meu próprio equilíbrio.

Sempre estive no topo do mundo. Ninguém acima de mim. Ninguém me governa.

Mas tudo que aquela garota precisa fazer é piscar os olhos e eu travarei uma guerra.

Não que ela queira que eu vá para a guerra por ela.

A maneira como ela olhou para mim, como se eu fosse um aborrecimento, isso me irritou. Mais do que isso, suas palavras me atingiram, desenterrando uma verdade que morde como um milhão de mosquitos descendo ao mesmo tempo.

Eu fiz da minha missão arruiná-la.

E eu falhei.

No final, foi ela quem me arruinou.

Alguma parte do meu cérebro está ciente de que preciso dar tempo a ela. É hora de ver que somos certos um para o outro. Hora de provar que nunca mais vou machucá-la.

Mas por que me sinto tão mal por dentro? Por que eu quero arrancar a cabeça de alguém do pescoço?

Viro por outro corredor e paro. Lucien e Ron – os guarda-costas pessoais do meu pai – estão do lado de fora da sala de aula de música.

Ron, o da direita, é o idiota favorito do pai. Ele não passa de um grande pedaço de músculos e uma lata vazia no lugar da cabeça. Qualquer coisa que o pai diz, Ron faz sem questionar.

Lucien é um pouco mais magro que Ron, mas o que não tem em massa compensa em astúcia. Há algo nos olhos de Lucien, na maneira como eles cortam você como uma faca, que sempre me deixa nervoso. Eu preferiria brigar com o tubarão sem cérebro Ron, do que desafiar o destino com Lucien.

Uma multidão de estudantes está na frente da sala de aula, olhando ansiosamente para dentro. Alguns deles têm sinais.

*'Nós amamos você, Jarod Cross'*

*'Case comigo'*

*'O fã número um de Jarod Cross!'*

Zumbis sem cérebro. Todos eles. Clamando por alguém que não se importa com eles. Sem fôlego e esperando cada movimento seu.

Idiotas.

Eu saio correndo em direção à sala de aula. A multidão fica em silêncio e, como fizeram no corredor, sai do meu caminho.

Ron me dá um aceno sombrio.

Lucien não se incomoda em me reconhecer. Não até eu chegar perto.

De repente, ele me barra com o braço estendido. A cobra.

— Desculpe, Sr. Cross — Lucien murmura. “Você não pode entrar.”

“Tente me impedir,” eu sibilo. Batendo o braço para baixo, passo por ele. Papai levanta um dedo, um gesto rápido, mas poderoso para seus subordinados. Lucien ajeita o paletó e volta sua atenção para a multidão.

Sigo em direção ao meu pai, minha raiva fervendo em minhas veias. Não falo com ele desde aquele desastre do jantar de “apresentação familiar”. Aquele em que ele anunciou a Srta. Jamieson como nossa meia-irmã e esmagou o coração da minha irmã gêmea com uma maldita pedra. Zane parou com suas bebedeiras destrutivas, mas ainda não se recuperou disso.

Talvez ele nunca o faça.

“Que surpresa agradável, filho. Disseram-me que você e os outros não assistiam frequentemente a esta palestra.” A voz do papai é suave. Oleoso. Ele ganhou uma quantia inacreditável de dinheiro vendendo essa voz para mulheres famintas pela fantasia. O sonho de que um homem com tudo – dinheiro, aparência e talento – pudesse cantar para eles e somente para eles.

Se eles soubessem o que sua fantasia suja faz no escuro, ainda o adorariam?

Algo me diz que sim.

Eu olho furioso para o pai. “O que você está fazendo em Redwood?”

“Eu disse que daria uma aula.” Papai inclina a cabeça, mostrando a tatuagem atrás da orelha. “Ontem foi minha primeira palestra. Eu estava um pouco enferrujado, mas me disseram que me saí bem no primeiro...”

“Eu quis dizer”, aproximo-me, “o que você *realmente* está fazendo aqui?”

Meus olhos examinam seu rosto, em busca de algum sinal. Ambos sabemos que nada que o pai faz é coincidência.

Lentamente, a fachada do pai caloroso desaparece. Os olhos de papai brilham com a crueldade que sei que está escondida em seus ossos.

“Ouvi dizer que você está conversando com Miller,” ele rosna.

Meus lábios se curvam. “Existe algum motivo pelo qual não posso falar com o presidente do conselho?”

“O que você está planejando, holandês?”

“Nada que você precise saber.”

“Você está me irritando.”

“Isso foi intencional.”

Seus olhos ficam escuros. “Não force minha mão, filho.”

“Você já forçou o meu.” Eu cerro minha mandíbula. “Não vamos mais nos conter, pai. Eu gostaria de dar um soco adequado em você.

Sinos musicais inundam os alto-falantes.

A aula está prestes a começar, mas nenhum de nós move um músculo.

Pela janela, noto a multidão se multiplicando. Alguns são fãs que estão aqui para assistir Jarod Cross à distância, mas outros são estudantes.

A cadência está entre eles.

Ainda não posso vê-la, mas sei que ela tem essa palestra e sei que ela estará aqui em breve.

"Deixar." Papai dá um passo para trás. Tirando do bolso um par de óculos finos e circulares, ele o veste como uma fantasia. "Tenho trabalho a fazer."

"Eu não estou indo a lugar nenhum."

Ele olha para mim, seu tom seco e zombeteiro. “De repente você está interessado na escola?”

“Tenho certeza de que posso aprender muito se mantiver meus olhos em você.”

Sua boca se contorce em um sorriso maior, mas seu olhar é tão frio e gélido quanto o inverno. “Minha boa vontade termina aqui, Dutch. Estou me contendo por causa da sua reputação, mas se você insistir em ficar, terei que expulsá-lo na frente de todos.”

Minhas costas ficam retas como uma vareta. Eu dou a ele um olhar que é puro inferno.

“Os professores aqui em Redwood têm medo de você, não é? Mas não estou, garotinho. Vou te mostrar o que é poder”, a voz do pai é rouca e ameaçadora. “E quando eu envergonhar você, quando eu mostrar a eles o quão fraco você realmente é, você perderá todo o respeito que esses cabeças-duras têm por você. Você quer isso, holandês? Papai estende a mão e conserta meu colarinho. Seus dedos grossos, calejados por anos tocando violão, arranham minha pele. “Você quer que seu reino desmorone?”

“Senhor”, Lucien torce o pescoço e olha para a sala de aula, “nós os deixamos entrar agora?”

Os olhos de papai permanecem fixos em mim. "Em um minuto. Dutch estava de saída.

A fúria interior estala e estala. Mas ele é bom para a ameaça.

Nós dois sabemos disso.

Minha visão fica vermelha.

Meu corpo aperta como uma mola.

Pego uma mesa ao sair e a jogo balançando para o lado.

Batidas e lascas de madeira.

Franja metálica.

A risada do meu pai flui estranhamente para as minhas costas, seguindo o barulho da mesa derrubada. Tropeço lá fora, cerrando os dentes com tanta força que tenho certeza de que eles vão quebrar.

A multidão abre espaço, mas uma pessoa não consegue ficar em segundo plano mesmo que tente. E inferno, ela *está* tentando.

Paro na frente de Cadence, que está escondida atrás de um cara alto com uma mochila gigante.

“Saia,” eu rosno.

Ela avança lentamente, com passos lentos e arrastados, os olhos arregalados.

Olho para frente, não confiando em mim mesmo para olhá-la no rosto. Não há como papai ter algo de bom planejado para Redwood ou para nós, agora que ele está aqui. Prefiro levá-la embora do que deixá-la chegar perto dele.

Mas eu sei que isso seria forçar.

Não posso deixar meu pai ver o quanto ela significa para mim ou ele colocará um alvo nas costas dela.

“Encontre-me na sala de prática depois da aula,” eu digo.

Ela franze a testa e, por um segundo, acho que vai protestar.

Felizmente, ela acena com compreensão.

Saio como uma tempestade, passos ecoando pelos corredores até chegar à sala de treino.

Envio uma mensagem aos meus irmãos.

*Holandês: Miller está a bordo. Só precisamos apontar e atirar.*

*Finn: Concordo. Já encomendei Jinx. Precisamos de um segredo do qual o pai não consiga escapar.*

*Zane: Estou dentro. Estou ansioso para ver aquele velho queimar em chamas.*

Meu queixo funciona e eu pego meu violão com força, colocando-o no colo e passando as mãos pelas cordas. Uma nota discordante toca, um reflexo perfeito do meu coração.

Papai precisa ir.

A Redwood Prep é pequena demais para nós dois.

Além disso, ele não merece ter controle total sobre a vida e o futuro dos estudantes daqui.

E ninguém sabe disso melhor do que eu.

## CAPÍTULO NOVE

### CADÊNCIA

“Você já pensou na minha oferta?” Jarod Cross me pergunta, levantando-se de trás da mesa do professor e me olhando através de um par de óculos de armação circular. Com seu cabelo escuro e rosto aristocrático, ele se encaixaria perfeitamente nos clubes de campo onde os clubes de golfe são praticados e onde são feitos negócios milionários.

Exceto por suas tatuagens.

A tinta na pele de Jarod Cross é um lembrete físico de que toda a sua vida é arte. Sua música vive na carne de seus braços e pernas. Eles saem de seu pescoço. Uma tela ambulante. Uma pintura em forma humana.

"Cadência?"

“Uh...” Não posso deixar de me contorcer com seu olhar direto. Olhos tão azuis quanto os de Zane. O oceano preso em seu crânio.

Seus lábios se curvam, mas por mais charmoso que ele seja, há algo afiado em seu sorriso. Peguei-o no dia em que ele me pediu para espionar Dutch e agora está ainda mais nítido. Uma nuvem negra. Ele não consegue esconder isso. Ou talvez seja o fato de eu ter visto muitas sombras com esses meus olhos e agora estou encontrando escuridão por toda parte.

De qualquer forma, sei que não devo deixar escapar uma resposta.

Preciso me mover com cuidado.

Jarod Cross enfia a mão esbelta no bolso da calça. Ele está vestindo uma camisa de colarinho e calças justas que combinam perfeitamente com seu corpo atleticamente magro.

“Eu pensei”, ele se inclina contra a mesa e cruza os tornozelos, “que você não aceitou minha oferta porque talvez não estivesse interessado em estudar música. Talvez você queira algum outro tipo de recompensa.” Ele arqueia uma sobrancelha. “Talvez um presente mais monetário.”

Minha garganta balança enquanto engulo. Escolho minhas palavras com cuidado. “Não tenho certeza do quanto você sabe sobre mim e Dutch, Sr. Cross, mas não somos amigos.”

Ele ri. “Sim, ouvi falar de suas... aventuras selvagens.”

Estou alarmado com o pensamento. De quanto ele está ciente? “Vou precisar de algum tempo para pensar sobre isso.”

“Se é porque você tem medo de holandês...”

"Não é isso."

Ele levanta uma sobrancelha.

“Quando me comprometo com algo, vou até o fim. Preciso ter certeza de que este... trabalho é algo que posso fazer corretamente.”

Ele esfrega o queixo e olha para mim, satisfeito. “Você é uma jovem inteligente, senhorita Cooper. Acho que você irá longe... se as portas certas estiverem abertas para você.”

“Obrigada,” eu suspiro.

Jarod Cross me examina, examinando-me com seus olhos azuis sobrenaturais. Minha respiração fica presa na garganta até que ele finalmente concorda.

“Tudo bem. Vou te dar mais um dia para pensar sobre isso. Precisarei de uma resposta em breve. Seus olhos brilham e o tom frio em sua voz me faz estremecer. “Já que estou esperando tanto tempo, é melhor que a resposta seja aquela que eu quero ouvir.”

*Ele está me ameaçando agora?*

O medo me faz apertar os dedos na saia.

Ele se endireita na mesa e sai da sala de aula. Seus guarda-costas – dois homens grandes e de aparência feroz – ficam em posição de sentido. Jarod Cross sai sem olhar para trás, mas um dos caras se vira e olha para mim.

Um arrepio percorre minha espinha.

Algo não está certo em nada disso. Assim como eu soube na primeira vez que minha mãe me arrastou para aquele antro de opioides e me forçou a brincar, posso sentir isso em meus ossos. Como se eu estivesse perto da morte. Para o próprio diabo.

Depois que eles vão embora, meu telefone vibra.

É holandês.

*A aula acabou agora. Onde você está?*

Cerro os dentes e penso em jogar meu telefone do outro lado da sala. *Aquele bastardo irritante e desagradável.* O que ele quer agora?

Não tenho tempo para atender a sua chamada. Eu estava planejando visitar Serena esta tarde antes de ir para casa para ver o desastre que a mãe fez em nosso apartamento.

Além disso, preciso avisar ao Rick que a mãe está de volta.

De alguma forma.

*Não* estou ansioso por essa conversa.

“Respire fundo, Cadence.” Eu me treino da maneira que o terapeuta da clínica gratuita me ensinou. “Basta dar um passo de cada vez.”

Torcendo o pescoço, abro o zíper da mochila e a abro. A caixa do anel está aninhada dentro, perfeitamente segura.

Felizmente, fui inteligente o suficiente para remover o anel de Dutch antes que minha mãe pudesse colocar as mãos sujas nele.

É melhor devolvê-lo para ele agora.

Não é só porque a mãe pode roubar se eu levar para casa.

Preciso acabar com o Dutch de uma vez por todas.

A caminhada até a sala de prática parece mais longa que o normal. A cada passo, lembro-me da noite em que entrei furtivamente em Redwood com um taco de beisebol nas mãos e vingança no coração.

A amargura que senti quando pensei que Dutch tinha ateado o fogo quase me partiu em dois. Acabei me enganando, mas isso não muda o fato de Dutch não ser uma boa pessoa.

Não posso me dar ao luxo de me apaixonar mais profundamente por ele do que já estou.

Se eu fizer...

Nunca encontrarei uma saída.

Meus dedos tremem quando eu os cerro e bato na porta.

A fechadura clica.

O botão gira.

Ele abre imediatamente.

Dutch se inclina contra a porta, seu grande corpo preenchendo a porta, as mãos nos bolsos e os olhos em mim. Quando nossos olhares colidem, meu mundo balança um pouco.

Estremeço como se estivesse na chuva.

Dutch Cross não é apenas um menino mau.

Ele é um desastre natural – uma força da natureza que pode destruir cidades.

E ele estava esperando por mim.

Eu congelo, mas meu coração não segue o exemplo. Está batendo como um tambor de guerra.

“Entre”, diz Dutch, dando um passo para o lado.

Entro na sala de prática, surpresa ao ver que tudo está limpo e colocado de volta em seu lugar. Seu violão tem cordas novas. Eu sei que não devo apontar isso.

Em vez disso, pergunto: “Onde estão seus irmãos e Sol?”

“Eles estavam cansados de toda a agitação da noite passada”, diz Dutch claramente.

A culpa aperta meus pulmões. Eu olho para o chão. “A noite passada foi... diga a eles que sinto muito. Eu não deveria tê-los incomodado.

Dedos ásperos seguram meu queixo e levantam minha cabeça. Encontro o olhar feroz de Dutch. “Fazemos nossas próprias escolhas e assumimos as consequências. Não é um fardo de mais ninguém, mas nosso. Então largue esse olhar. Você não fez nada de errado e eu não vou ficar aqui e deixar você fingir que fez.

Suas palavras são doces, mas seu tom é tão duro.

Eu tiro meu queixo de suas mãos.

Ele me deixa recuar, mas seus olhos permanecem fixos em mim, estudando cada movimento meu.

Se fôssemos amigos próximos, se ele não fosse um lunático possessivo, eu aproveitaria esta última oportunidade para lhe fazer algumas perguntas. Sobre sua amizade com Sol e como eles se aproximaram o suficiente para que Dutch me torturasse só para salvá-lo. Sobre o pai dele e a tensão que vi entre eles na sala de aula. Sobre música e se ele se sente mais próximo de uma resposta do que antes.

Em vez disso, não digo nada.

O único som na sala de prática é o do zíper rasgando quando abro minha bolsa. Mergulho minha mão dentro e saio com a caixa do anel.

Os olhos de Dutch vão para a caixa e voltam para meu rosto. Há um brilho esperançoso em seu olhar, quase como se ele pensasse que estou aqui para aceitar.

O mais louco é... eu provavelmente faria isso.

Em outra vida.

Em outro mundo.

A ligação entre nós é inegável, mas não é suficiente para sobreviver nesta vida.

E não posso me distrair agora.

Mamãe é um trabalho de tempo integral. Pior ainda, ela trouxe um assassino com ela.

Embora eu não acredite em toda a sua história, sei que uma mulher tão egocêntrica como a mãe nunca abandonaria a sua vida por nada. Ela viu ou descobriu algo grande o suficiente para fazê-la correr.

Mas por que voltar?

Essa pergunta me incomoda. Se o assunto estivesse realmente encerrado, a mãe teria aparecido sozinha e deixado as coisas claras. Ela estava se esgueirando em vez disso. A única razão pela qual ela se preocupou em mostrar o rosto foi porque eu troquei as fechaduras e ela não podia entrar em casa para roubar.

Meus instintos estão gritando que o que quer que ela esteja envolvido ainda não acabou.

Viola ainda está em perigo.

E ao aceitarmos a mãe de volta nas nossas vidas, poderíamos ter convidado o assassino para vir à nossa casa.

Os ombros de Dutch ficam tensos e ele toca minha bochecha. "O que está errado? Meu pai disse alguma coisa para você?"

Eu balanço minha cabeça.

A gravidade do momento pesa sobre mim.

Abro a boca, mas nenhum som escapa. Droga. Por que isso é tão difícil?

Eu odeio holandês.

Eu o odeio... certo?

Sim.

Eu faço.

Mas eu não. Não tanto quanto eu deveria.

E tem sido assim desde o início.

O empurrar e puxar.

Odeio e quero.

Luxúria e ódio.

Nada com ele é simples. Eu pensei que afastá-lo também seria simples?

Como não tenho palavras, simplesmente estendo a caixa do anel para ele.

Seus olhos caem para o item que estou oferecendo. Ele não diz uma palavra, mas posso dizer que prefere destruir a caixa com um martelo do que recuperá-la de mim.

"Isso foi ridículo, holandês. Nós dois sabemos disso. Coloquei a caixinha do anel no braço do sofá, pois ele não aceita de minhas mãos. As palavras queimam como cigarros quentes, marcando meu esôfago. Minhas mãos estão tremendo e eu as cerro em punhos. "Eu não quero me casar com você. Eu não suporto nem ver você.

O silêncio ressoa enquanto as palavras pairam no ar, nuvens escuras cheias de chuva tóxica e granizo.

"Nunca esquecerei o que você fez comigo e não quero nada com você", sussurro calorosamente.



Ele inclina a cabeça para o teto e não consigo ver sua expressão, mas, quando ele olha para baixo novamente, parece contemplativo. “Prove.”

"O que?"

Seu rosto permanece estóico. Seu cabelo loiro capta a luz do sol e queima como ouro. Eu o vejo afundar no sofá, os olhos nunca deixando os meus. Ele faz um gesto para mim. “Venha sentar no meu colo.”

Eu engasgo. "Porque eu faria isso?"

“Você disse que não suporta me ver. Você não quer nada comigo. Ele inclina a cabeça. “Então não importará.”

"O que há de errado com você?"

Ele parece sereno. Totalmente no controle. “Você está com tanto medo de como eu faço você se sentir, Brahms?”

Minha boca franze. “Vá se ferrar, holandês.”

“Nós dois sabemos que você entrar aqui e fazer exigências não vai me impedir. Você quer que eu te deixe em paz? Ele arqueia uma sobrancelha. “Prove que você não me quer.”

Meus lábios formam uma linha firme.

Este é um jogo arriscado, mas a única coisa que odeio mais do que Dutch Cross é perder a chance de calá-lo.

*Não vá até lá. Não vá.*

Ignoro aquela vozinha na minha cabeça.

Devo estar louco, mas quero que ele engula suas próprias palavras. Quero que ele saiba que não me controla e se eu tiver que pensar em gatinhos recém-nascidos e cesarianas e melecas para vencer esse desafio, eu o farei.

A Dutch Cross *não* terá a satisfação de estar certa.

\* \* \*

*Jinx: Essa luta pelo trono tirará sangue?*

*No momento em que nosso OG Bad Boy anunciou que cumpriria um mandato real em Redwood, as ruas foram inundadas de sussurros. Numa batalha entre a realeza, quem estará no topo: o governante com experiência ou seu filho jovem e impulsivo?*

*O primeiro turno de hoje foi disputado diante de uma multidão e os votos estão garantidos. O Príncipe Encantado foi obrigado a se curvar diante de seu pai mais poderoso. Mas ele fez questão de deixar uma bagunça depois de ir embora.*

*Ainda mais intrigante? O Governante OG chamou Cinderela de lado novamente hoje. O Príncipe sabe o que seu pai e sua princesa estão tramando? Algo me diz que há um caos se formando no reino.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

- Azar

## CAPÍTULO DEZ

### CADÊNCIA

Avançando, deixei minha mochila escorregar dos meus ombros e cair no chão.

O olhar âmbar de Dutch me atinge enquanto eu me aproximo e me acomodo em seu colo. Seu sorrisinho presunçoso quando eu monto nele é um tiro no coração. Sinto que estou fazendo o jogo dele, mas meu temperamento descontrolado não me deixa recuar.

Enfio meus dedos em seu ombro, meus olhos como pedra. "Ver? Nada."

Isso não é verdade.

Na verdade, é a coisa mais distante da verdade.

Meu corpo fica instantaneamente quente e a forma como sua forma dura e musculosa parece abaixo de mim me faz pensar se estou me preparando para o fracasso. Talvez eu tenha aceitado esse desafio, não para provar nada a Dutch, mas para arranjar uma desculpa — qualquer desculpa — para ficar perto dele.

Percebo meu erro, mas não posso voltar atrás. Dutch agarra meus quadris com duas mãos ásperas, me prendendo no lugar.

Minha respiração fica presa quando ele começa a fazer um círculo sobre o osso do meu quadril. De vez em quando, a ponta do polegar atinge a pele da parte superior da minha coxa, que fica exposta graças à saia ridiculamente curta.

Eu não deveria ter usado essa roupa estúpida hoje. Nesta posição, eu poderia muito bem ter tirado a saia. A saia está amassada na minha cintura. Estou praticamente sentado em Dutch de cueca. Apenas uma fina tira de tecido entre mim e a grosseria de suas calças.

"É tarde demais para arrependimentos, Cadey." Seus olhos são penetrantes, me estudando com cálculo. Como se cada passo fosse determinado. Como se ele soubesse, antes de eu entrar nesta sala, exatamente como ele iria me prender e exatamente como eu cairia nessa.

"A única coisa que lamento é ter conhecido você", sussurro arrogantemente.

Ele estala meu pulso e puxa meu braço esquerdo para descansar no encosto do sofá. Nesta posição, estou me inclinando ainda mais em seu quadril. Com o calor do corpo de Dutch preso entre minhas coxas, parece que minha pele está prestes a derreter.

"Não sei quando isso começou para mim", ronrona Dutch. Uma pitada de sua colônia gira no ar entre nós e faz meus sentidos já aguçados ficarem delirantes. Ele cheira *tão bem*. "Não sei o momento exato em que me apaixonei por você, mas sei que sim e sei que não foi aleatório." Seus olhos brilham, mel sem fim. Piscinas douradas nítidas. "Isso é real."

"Você nunca se apaixonou por mim. Você se apaixonou por uma fantasia. Para alguém que você pensou que poderia controlar.

"Ao controle?" Sua voz é uma casca violentamente bela, como a de um predador atraindo sua presa para matá-la.

Tremo, embora o sol esteja cobrindo minhas costas e a tensão no ar seja espessa o suficiente para iniciar um incêndio.

Ele ri. “Você desobedece a cada uma das minhas ordens.”

“Quem diabos lhe deu o direito de emitir ordens?”

Nossos olhos se travam. Eu estreito o meu com raiva.

Ele fica onde está, esperando, sustentando meu olhar. “Eu não quero domar você. Não mais. Mas também quero ser claro. Se você fica com o anel ou não, não importa para mim. Você era meu, mesmo antes das algemas.

“Desgraçado.” Eu uso minha mão livre para ele.

Ele captura e sorri. “Continue assim e começarei a confiscar suas roupas como punição.” Dutch se aproxima e sussurra: — Começando pela calcinha.

Uma onda de calor percorre meu corpo, mas eu faço uma careta para ele, recusando-me a deixá-lo ver. “Você acha que eu não vou lutar?”

“Isso não me assusta.” Seus olhos percorrem todo o meu corpo antes de retornar ao meu rosto. “Se você não fosse um lutador, não teria durado tanto tempo na Redwood Prep. E você não teria chamado minha atenção.

Meus lábios e língua começam a formigar enquanto seu olhar acaricia minha boca. Dutch solta minhas mãos e coloca as suas em meus quadris. Seu comportamento arrogante, sua certeza de que não vou dar um tapa nele ou afastá-lo, faz meu corpo se contrair de fúria. Ele é tão seguro de si e isso me irrita.

“Você ainda não provou seu ponto de vista, Cadey.” Ele zomba. “Não estou convencido.”

Fogo e raiva queimam em minhas veias. Eu não posso recuar. Se eu fizer isso, provarei que ele tem controle sobre mim.

Agarro sua coleira com meus dedos apertados, desesperada para mostrar a ele que não sou seu pônei. Eu não sou propriedade dele. Eu não sou dele.

Eu sou eu mesmo.

E eu posso pegar o que eu quiser também.

Eu o arrasto em minha direção. “Suas palavras não significam nada, holandês. Não para mim. Não mais.” Eu me inclino para frente, mas Dutch me impede, segurando meu queixo com seus dedos apertados.

Seus olhos me cortaram até a alma. Mais preto que âmbar. Mais fera do que homem.

Toda a extensão da sua brutalidade está vindo à tona, contida apenas com um tênue fio de contenção. Se eu pressioná-lo, se eu der o próximo passo, ele não será gentil.

E isso me excita em vez de me aterrorizar.

Eu realmente devo ter perdido a cabeça.

“Por que você está arrastando isso?” Eu estalo. “Cale a boca e deixe-me provar o quanto eu te odeio.” Eu moo meus quadris para baixo. “A menos que seja você quem não consegue lidar com isso.”

Seus dedos cavam com mais força em meu rosto. “Eu não tenho proteção.”

É assustador que eu nem estivesse pensando nisso. Realmente não me afetou tanto quanto a minha necessidade de sentir seu corpo preenchendo o meu.

“Quem disse que eu ia tirar a roupa?” Eu me inclino para pressionar minha boca na dele.

Seus lábios carnudos franzem a testa. Ele me puxa de volta. “Beije-me agora e não vou parar, Cadence. Beije-me agora e você nunca escapará de mim. Nem nesta vida nem na próxima.” Sua voz é baixa, cantarolando com uma promessa sombria que faz minha garganta ficar apertada.

Estou pendurado sobre um vulcão ativo. A qualquer momento a corda pode quebrar, me fazendo cair no abismo. Mas não me importo se me queimar. Eu não me importo se meu corpo virar cinzas.

Eu me senti assim naquela noite também.

A noite em que abri minhas pernas para Dutch Cross e deixei que ele tomasse tudo de mim.

Desequilibrado.

Delirante.

Doendo de necessidade.

Esta é a última vez.

A última, *última* vez, me permitirei chegar tão perto do fogo novamente.

Meus dedos envolvem seu pescoço e desligo meu cérebro enquanto o puxo para mais perto.

Um beijo.

Apenas um beijo e eu vou dar um tapa nele, empurrá-lo, deixá-lo querendo mais.

Vou mostrar a ele quem está no controle.

Mas quando bato meus lábios nos de Dutch e aquela boca madura dele roça a minha, todas as linhas que desenhei viram pó. O calor me abre e me queima até ficar crocante.

Dutch me aperta contra seu peito, mãos grandes pressionando minhas costas e me segurando ali, sua língua deslizando em minha boca e me saqueando.

Posso ter iniciado esse beijo, mas não é mais meu.

É dele.

E é uma exigência de tudo que tenho, de tudo que não tenho. Tudo o que não existia antes e agora não existirá para ninguém além dele.

Esse beijo é sombrio. Nada como os contos de fadas. Cinderela e Príncipe Encantado – codinomes de Jinx. Tudo errado. Tudo virou de cabeça para baixo. Este é o beijo entre o indigente e o vilão. Duas almas perdidas se alcançando. Arrastando uns aos outros para a destruição.

Não deveria ser tão satisfatório, tão inebriante. Isso... perfeito.

Mas isso é.

Dutch me beija tão profundamente que posso senti-lo nos dedos dos pés. Seu corpo endurece sob o meu e passo meus dedos por seu cabelo, amando o jeito que posso ser áspera, quebrada e implacável em seus braços. Ele pode lidar com isso. Ele pode lidar com essa escuridão em mim.

"Roupas. Desligado." Ele grunhe as palavras. Não se preocupando com frases completas. Todo homem das cavernas. Toda besta primitiva.

Eu sibilo quando ele desliza para a posição deitada, suas mãos desaparecendo sob minha camisa e me queimando com calor. Seus dedos provocam meu peito antes de ele agarrar um dos meus botões e rasgá-lo.

Com a respiração impaciente e pesada, estendo a mão e puxo sua camisa. Ele grunhe seu descontentamento, mas mal posso esperar para que ele desfaça cada um dos meus botões antes de senti-lo.

Preciso de sua carne quente sob minhas mãos.

Minhas palmas raspando seu abdômen.

Minhas unhas cravando em sua calça jeans.

Eu *preciso* disso.

Dutch olha para meu rosto. Não sei o que ele vê, mas permite que eu levante sua camiseta sem protestar. É ele quem a puxa pela cabeça e, quando seus braços se esticam na beirada do sofá, ele derruba a caixa do anel no chão.

A princípio não percebo.

Dutch está sem camisa e sentado novamente. Ele está beijando meu pescoço com força suficiente para deixar um hematoma.

Deslizo minhas mãos por suas costas musculosas, meu cabelo no rosto, a boca aberta de prazer quente e os olhos cegos.

Até que algo entre em foco.

A caixa do anel.

Está no chão, aberto... mas não tem nenhum anel dentro.

## CAPÍTULO ONZE

### CADÊNCIA

Desço freneticamente do colo de Dutch e caio de joelhos na frente do sofá. Ele se senta, com a testa franzida e os olhos fixos em mim. Há um rubor em sua pele. Seu cabelo está despenteado por meus dedos e ele está respirando pesadamente.

“Brahms.”

“Tem que estar aqui.” Coloco a mão embaixo do sofá e tateio no escuro. “Deve ter sido lançado. Não há outra maneira.”

“Cadência.” Dutch chama meu nome com mais força.

Eu congelo e olho para ele em puro pânico.

Sua expressão muda de beligerante para preocupada. “O que está errado? O que você está procurando?”

“A caixa tinha um gancho para evitar que o anel caísse. Estava apertado. Ontem à noite fiz questão de trancá-lo bem, para o caso de ele cair da minha mochila na escola.” Eu me levanto e mantenho os olhos no chão. “Mas essas coisas quebram, né? Poderia ter caído.”

“O que você está falando? O anel?” Ele passa a mão pelo cabelo. Sua mente ainda está claramente focada em onde as coisas estavam acontecendo no sofá. Posso vê-lo lutando para mudar de marcha. “Você está dizendo que o anel caiu debaixo da cadeira?”

“Não vejo isso, holandês.”

“Está bem. Vou pegar outro para você. Minha avó tinha bastante. Ela nunca conseguiu encontrar o homem certo. Ele se levanta e desliza os braços em volta da minha cintura.

Eu o empurro para trás, meu coração batendo forte. “Você não entende.”

“O que eu não entendo?” Ele parece frustrado.

“Você pode mover a cadeira para mim?”

Suas sobranceiras se juntam.

Eu não espero por ele. Eu mesmo empurro a cadeira.

Não se mexe.

Dutch suspira e empurra o sofá para o lado. Ligo a lanterna do meu celular e acendo a luz atrás do sofá.

Nada.

Eu caço em volta das pernas da mesa. Verifique a caixa de troféus restaurada.

Nada.

Olho ao redor da bateria de Zane, embora não estivéssemos nem perto dela.

Verifico atrás da guitarra de Finn.

E então o holandês.

Nada.

“Cadência, pare.” Dutch envolve dedos fortes em volta do meu braço. Ele me mantém no lugar. “Explicar. Por quê isso é tão importante?”

Meu peito parece vazio.

Eu olho para a parede, o terror me dominando.

Estou pensando nesta manhã. O fedor no banheiro. O rosto sorridente da mamãe.

Ela não estava mais se coçando.

“Ah, meu Deus, foi assim que ela conseguiu dinheiro para comprar maconha.” Eu suspiro.

“O que?”

“Ela roubou.” Minha garganta aperta até que não consigo nem engolir. “Ela roubou o anel ontem à noite.”

“Quem roubou o anel?”

“Eu preciso ir.” Eu me afasto dele, correndo para a porta.

O anel de Dutch não parecia barato, mas isso não importa. Mamãe não estaria preocupada em conseguir um preço justo. Ela o teria vendido por qualquer quantia em dinheiro que pudesse encontrar.

*Oh não. Oh não. Oh não.*

Quanto custou esse anel? E se eu tiver que pagar isso de volta? Não posso pagar outra conta agora. Não posso nem comprar mantimentos até o próximo dia de pagamento.

Dutch me alcança facilmente. Ele agarra minha mão, me fazendo parar abruptamente.

“Me deixar ir!” Eu respondo a ele, liberando meu pânico, minha raiva de minha mãe e meu desamparo, tudo de uma vez.

“Droga, Cadey.” Há um toque áspero em suas palavras, mas sinto que é mais por impaciência do que por raiva. “Eu não vou deixar você ir. Eu *nunca* vou deixar você ir. Eu te avisei quando você me beijou e eu quis dizer isso. O que quer que esteja acontecendo, ou você me conta ou não. Eu não ligo. Mas estou nisso.”

Lágrimas inundam meus olhos. Não tenho certeza se são lágrimas de raiva ou de alívio.

Só sei que está começando de novo – o ciclo de limpar a bagunça da mãe e assumir a responsabilidade por todas as maneiras como ela estraga tudo.

Por alguns meses felizes, esqueci como era esse peso.

Por alguns meses felizes, eu estava livre.

Mas agora acabou.

“Onde você está indo?” Dutch pergunta sobriamente.

“Lar.”

Ele gesticula para mim. “Prepare-se primeiro e depois eu levo você.”

Com o coração batendo forte, enfio minha blusa de volta na bainha da saia e Dutch puxa a camisa de volta. Depois de nos vestirmos, ele me leva pelo corredor.

Entro em seu carro, mal notando as árvores e os prédios borrados do lado de fora da minha janela. Meus dedos estão batendo nas minhas calças. Meu coração está batendo na minha garganta.

Mamãe não atende o celular.

Não é uma surpresa. Ela parou de responder logo depois de 'morrer'. Acho que uma das primeiras coisas que ela penhorou enquanto estava escondida foi o telefone.

*Como diabos ela conseguiu o anel?*

Eu o tirei do meu quarto ontem à noite. Verifiquei antes de dormir e verifiquei se ainda estava lá.

“Droga!” Eu explodo de repente.

Dutch olha para cima, com os lábios torcidos.

Eu o ignoro e esfrego meu queixo. Mamãe deve ter visto o anel quando tentei escondê-lo no bolso. Posso praticamente vê-la planejando seu roubo, agachada do lado de fora do quarto de Vi, esperando a hora certa, esperando até que eu adormeça antes de entrar furtivamente e tirá-lo da minha mochila.

Que tolice da minha parte.

Eu pensei que tinha conseguido uma vitória sobre ela, mas ela acabou sendo a vencedora.

“Estou indo para uma briga?” Dutch olha para frente.

“O que?” Eu pergunto distraidamente.

“Quantos deles vou precisar tirar? Se forem mais de cinco, terei que ligar para meus irmãos.” Seus olhos se voltam para mim. “Eu não sou um ninja.”

Suas palavras são tão ridículas que um pequeno sorriso faz meus lábios tremerem. “Você acha que vou lutar com alguém?”

“Você está com aquela expressão nos olhos”, diz ele, voltando a atenção para a estrada. “É aquela cara que você faz quando vai destruir o mundo de alguém.”

Minhas sobrancelhas sobem. “Eu faço?”

Ele concorda. “Está quente como o inferno.”

Olho para o lado de seu rosto e posso sentir isso. Atração. Desejo selvagem. Destruição. A tensão entre nós é quente e pegajosa, espessa o suficiente para segurar em minhas mãos e acariciar. E estou desesperado para tocá-lo, mas não é o momento certo.

Desviando os olhos, murmuro: — É melhor você não fazer perguntas.

“Multar. Mas não quero que você dê o primeiro soco. Você já está com uma cicatriz no calcanhar daqueles sapatos que usou e agora seus braços estão arranhados. A próxima pessoa que machucar seu corpo não sobreviverá.”

Meus olhos se estreitam. Realmente parece que ele mataria alguém por mim.

Bastardo possessivo.

“Isso não é engraçado.”

Olhos âmbar encontram os meus. Ainda. Determinado.

Os olhos de um predador.

“Quem disse que estou brincando?”

Naquele momento, percebo o quão sério é o Dutch Cross.

Digo a mim mesmo que isso deveria me assustar.

Mas isso não acontece.

E essa falta de medo, essa imprudência brutal, é a coisa mais assustadora de todas.



## CAPÍTULO DOZE

### HOLANDÊS

Eu odeio ser interrompido.

Não quando estou falando.

Não durante o treino.

E com certeza não quando estou prestes a saquear Cadence Cooper até quase matá-la.

Qualquer outra garota me deixava com calor assim só para terminar, eu não teria pestanejado antes de mandá-los embora e ignorá-los friamente.

Mas Cadência?

Um puxão da minha corrente e não tenho escolha a não ser vir correndo.

Essa garota me tem enrolado em seu dedo mindinho e estou invadindo seu apartamento de baixa qualidade neste lado de baixa qualidade da cidade, o sol batendo em mim e me fazendo suar enquanto meu corpo duro como pedra protesta a cada maldito passo.

*Droga. Droga. Isso é tortura.*

Eu deveria estar colando-a na parede e mergulhando dentro dela como um maníaco.

*Mantenha a calma, holandês.*

Entro no apartamento, passando pela mesa onde fiz um sanduíche e esperei Cadence chegar naquela noite. Ela passa por ele tropeçando, indo para seu quarto.

Uma olhada naquela cama e acabou. Minha mente fica mais densa com mais lembranças de abraçá-la. Mordendo a orelha dela. Mergulhando em sua boca. Tomando-a forte e rápido.

*Acalmar.*

Mas neste ponto, nem mesmo um banho frio adiantará muito.

“Você precisa de mim aqui para esta parte?” Eu pergunto.

“O que?” Cadence diz como se metade de seu cérebro já estivesse além deste momento.

“Bom”, murmuro. Correndo para o banheiro, me ajusto e mergulho a cabeça sob a pequena torneira. Não é muito, mas terá que servir por enquanto.

Não posso estar com a cabeça ferrada. Se Cadey precisa que eu lute, preciso que meu cérebro funcione a todo vapor.

Quando sinto que estou no controle novamente, olho ao redor do banheiro. Toalhas pequenas estão cuidadosamente dobradas. A cortina do chuveiro é empurrada para trás e me forço a não imaginar Cadey se despindo e entrando na água.

Tudo é pequeno e enferrujado, mas está limpo.

Eu fungo. Estranho. O leve cheiro de maconha está no ar.

Com certeza não é de Cadey. Ela está tão tensa que eu poderia dedilha-la como uma corda de violão e ela tocaria uma nota.

É Viola? Foram as drogas que causaram a briga da outra noite?

Isso também não parece provável. Viola é inteligente, muito mais esperta do que sua irmã acredita. Posso vê-la transformando aquele canal de maquiagem em um negócio real, conseguindo patrocinadores e construindo um império para si mesma. Ela não é tão frágil quanto parece.

A irmã dela também.

Abro a porta, curiosa, mas limpando cada resquício de emoção do meu rosto.

Um farfalhar vem do quarto de Cadence. Vou até lá e a encontro de joelhos, soltando um grito de choque enquanto ela olha atentamente para algo em uma mochila. Meus olhos também se voltam para a bolsa e paro.

Uma pilha de notas preenche a caixa.

Os olhos castanhos de Cadence deslizam da bolsa para mim e vice-versa. “Quanto custou esse anel?”

“Cerca de vinte mil.” Foi da minha avó. Vintage. Eu não queria ver isso nos dedos de mais ninguém além dos dela.

Cadence faz aquele choro impotente novamente. Seu lábio inferior treme. “Por que você me daria uma joia tão valiosa?”

“Porque eu queria que você ficasse com ele.” Meu tom é prático.

O olhar que ela me lança teria me feito estremecer se eu fosse um cara menor.

Eu pisco como se nada disso importasse.

Provavelmente o movimento errado.

Maldições passando por seus lindos lábios, ela se levanta e passa por mim como uma tempestade. Eu a impeço batendo minha mão contra a porta.

Ela para e levanta o queixo, encontrando meus olhos com um olhar desafiador.

“Não estou chateado, Cadey. Se você precisasse do dinheiro...”

“Eu *vou* dar um soco em você”, ela retruca.

Meus lábios se curvam, mas eu não rio. Em vez disso, esfrego seus ombros. “Quem pegou o anel, Cadey? E por que isso te deixa tão chateado?”

“É...” Ela suspira. “É realmente complicado.”

“Deixe-me descomplicar. Eu sou bom nisso.” Continuo tocando-a e percebo que a tensão em seus ombros começa a desaparecer.

Ela fecha os olhos. “Na verdade, minha mãe...”

Meu telefone toca.

Cadence enrijece e dá um passo para trás.

Eu verifico quem ligou.

Finlandês.

Droga.

“Eu preciso...” Aponto para o telefone.

Ela se afasta de mim.

Irritada, bato o telefone no ouvido. “É melhor que isso seja bom, Finn.”

“Você acha que eu teria ligado para você para discutir o maldito tempo?”

Eu me encolho. Isso não é bom. Finn parece estar no limite da paciência. Meu irmão estóico raramente perde a calma.

“O que está acontecendo?” Eu pergunto com urgência.

“Zane acabou de me ligar. Papai está em casa. Ele está dizendo que está se mudando. Finn faz uma pausa. “E ele convidou a Srta. Jamieson para morar com ele e a mãe dela.”

*Santo maldito...*

Acabamos *de* fazer o Zane se recuperar daquela bomba que o pai jogou em nossas cabeças no restaurante. Uma coisa é ver a mulher que ele ama, mas não pode dançar valsa na escola. Outra coisa totalmente diferente é tê-la na mesma casa, usando nossos chuveiros, andando de camisola na cozinha.

Inferno, eu nem moro com Cadence e já acho difícil manter minhas mãos longe dela.

“Papai vai discutir isso hoje à noite durante o jantar. Ele já está lá com Marion.”

Belisco a ponta do meu nariz. “Tudo bem. Tudo bem, papai quer deixar isso desconfortável? Jogamos o mesmo jogo. Estou ligando para a mãe.

“Isso fará alguma diferença?”

“Ela é melhor em controlá-lo do que nós.”

Finn fica quieto. “Por que papai está sendo tão duro com Zane?”

“*Você quer que seu reino desmorone?*” Penso em nossa troca na sala de aula e estremeço. “Eu disse a ele para vir até nós.”

“Então ele fez outra jogada barata,” Finn sibila.

“Ele não pode ir muito longe. Sabemos muito do que ele fez. Ouço alguém se aproximando de mim e me viro. Cadence está se aproximando da sala, a sacola de dinheiro no ombro e uma carranca nos lábios. “Estarei aí em breve, Finn.”

“Pressa. Encontro você em casa.

Eu desligo. “Eu tenho que ir.”

“Aqui.” Ela mostra a bolsa para mim.

“Por que você está dando isso para mim?”

“Parte do dinheiro ainda está lá. Vou encontrar uma maneira de pagar o resto.

“Você não precisa...”

“Pegue.” Ela empurra a bolsa com mais força.

Meu telefone vibra novamente.

Zane.

Ele provavelmente vai me dizer a mesma coisa que Finn disse.

A vontade de ajudar meus irmãos é forte, mas não me sinto bem em deixar Cadence sozinha.

Envolvendo meus dedos em torno de seu pulso, empurro seu braço em sua barriga para que ela não possa forçar a bolsa em mim. Com voz baixa e severa, digo a ela: “Chame sua amiga. A loirinha.

“Brisa?”

Eu concordo.

“Eu estava planejando fazer isso de qualquer maneira”, ela resmunga. E então ela tenta empurrar o saco para mim. “Holandês, pegue.”

Dou um passo para trás e continuo andando. “Não vou pedir que você me diga quem penhorou o anel. E também não vou pedir que você admita que sente algo por mim. Paro na porta. “A única coisa que vou exigir é que você me ligue se estiver em perigo.”

“Não estou em perigo.”

"Me ligue se quiser lutar então."

"Você não é engraçado."

“Se alguma coisa acontecer, você pega seu telefone e disca meu número.”

"Holandês..."

" *Liga* para mim." Abro a porta e memorizo seu rosto por um segundo antes de deixá-la bater atrás de mim.

## CAPÍTULO TREZE

CADÊNCIA

“Já estava na hora.” Breeze afasta as batatas fritas com uma das mãos e olha para mim com seus grandes olhos azuis. “Você sabe há quanto tempo estamos sentados aqui, esperando pelo seu intervalo de quinze minutos?”

“Eu disse para você vir quando eu terminasse o trabalho. Foi você quem insistiu em aparecer antes.” Eu faço uma careta para minha melhor amiga.

Breeze costuma ser alegre e alegre, mas hoje ela parece um general de guerra em missão. Até a maquiagem dela recebeu o memorando. Batom escuro. Sombra escura. Suas unhas estão pintadas de verde floresta e ela está vestindo calças camufladas largas junto com um top curto e tênis.

A roupa não deveria funcionar, mas Breeze tem um jeito de fazer as roupas da Goodwill parecerem um milhão de dólares.

“Estou acompanhando o pequeno aplicativo de fofoca da sua escola.” Ela aponta o canudo para mim e o refrigerante cai na mesa.

Suspiro, tiro meu pano do bolso do uniforme e o enxugo imediatamente. Mais tarde, vai secar e ficar pegajoso. Nesse ponto, será uma dor de cabeça limpar.

Breeze vê que ela está fazendo uma bagunça. Seus olhos se arregalam em desculpas e ela balança o canudo de volta sobre a xícara.

Mas ela não para de me repreender.

“Todo mundo está falando sobre você e Dutch. Quando você ia me dizer, seu *melhor amigo*, que está namorando o cara que literalmente fez da sua vida um inferno em Redwood?”

Meus olhos estalam de culpa. “Eu não estou namorando ele.”

“Explique por que existem várias – não apenas uma, Cadey, mas *várias* fotos da língua dele a cinco metros de profundidade na sua garganta.”

Eu coro.

“De acordo com Jinx,” Breeze continua, “ele está até seguindo você na escola.”

“Ele não é.”

“Ele é. E cito: 'Cinderela', que é você,” Breeze gesticula para mim, “‘tem um cachorrinho poderoso na coleira.’”

“Acho que o termo era 'lobisomem'”, diz Serena, sorrindo cansada.

Meus olhos mudam para os dela. Mais cedo, mandei uma mensagem para Serena perguntando se eu poderia passar no hospital. Ela me implorou para encontrá-la em outro lugar. *'Estou cansado de sentir cheiro de Clorox e de doença o tempo todo.'*

“Não, ela disse cachorrinho”, argumenta Breeze.

“Jinx o chamou de lobisomem. *Lobisomem*. Dutch Cross não chega nem perto de um cachorrinho.”

Eu gemo. “Você também não, Serena.”

"O que? Eu gosto de Jinx."

"Ela é assustadora." Me jogo no assento ao lado de Breeze e roubo uma batata frita do prato dela. Minha melhor amiga está furiosa, mas ainda assim empurra o prato para mim e até salpica mais sal, do jeito que eu gosto.

"Ela é divertida. Não tenho nada melhor para fazer enquanto a mãe dorme, então leio tudo o que ela posta."

"Tudo?" A brisa suspira.

Serena puxa sua jaqueta de couro. Suas unhas estão pintadas de preto escuro. Como sempre, seu delineador é extra pesado e seus lábios são vermelho-sangue.

"Parece que ainda estou na Redwood Prep quando ouço o drama."

Meu coração bate no meu peito. Apesar da maquiagem e da armadura de jaqueta de couro grossa, camisa preta e calça jeans preta, ela parece desgastada. Posso dizer pela queda de seus ombros que os acontecimentos recentes foram difíceis para ela.

Ser expulsa é uma coisa, mas ela foi falsamente acusada. Ela não apenas terá essa mancha em seu histórico para sempre, mas a Redwood Prep está prestes a devastar ela e sua mãe com uma conta gigante.

Tudo o que aconteceu com Serena é injusto. E embora não haja problema em *levar* uma surra com a ponta curta do bastão, odeio ver pessoas tão doces quanto Serena sendo chutadas também.

"Como está sua mãe?" Eu pergunto baixinho. "Ela vai fazer quimioterapia?"

"Ela é boa. E não, ainda não arrecadamos fundos suficientes." Serena endireita os ombros e força um sorriso. "Não tente mudar de assunto. Estávamos conversando sobre você e Dutch, lembra?"

"Exatamente!" Brisa grita.

Eu torço o nariz. "Não podemos?"

"Cadence, abra os olhos e sinta o cheiro do maldito café!"

Eu cheiro a bebida dela. "Tem cheiro de chá gelado."

"Nós conversamos sobre isso!" Breeze grita, batendo a mão na mesa e fazendo todas as xícaras e talheres dançarem. "Nós não namoramos idiotas, lembra? Não namoramos pessoas que nos tratam mal. Isso não é chique. Não é romântico. É apenas uma dor de cabeça esperando para acontecer."

"Eu disse que não estou namorando com ele", murmuro.

"Então você apenas dança com garotos maus gostosos em escadas escuras para se divertir? É isso? Porque essa não é a Cadence que eu conheço."

Eu pego outra batata frita. Meu estômago está começando a roncar. "Você vai passar meu intervalo inteiro gritando comigo por causa de fofoca?"

"Não é fofoca se houver fotos."

"Como se as fotos não pudessem ser tiradas fora do contexto?"

"De que outra forma você pode explicar uma foto em que Dutch Cross, o líder reconhecível dos Reis, tem as mãos enterradas sob sua saia?"

Eu limpo minha garganta. O rubor está se espalhando do meu rosto até o peito. "Photoshop."

Serena mergulha batatas fritas em seu milkshake. O riso sacode seus ombros. "Muito plausível."

"Obrigado."

Brisa bufa. "Você está preso, Cadey. Você está de ponta-cabeça e agora está totalmente cego para todas as bandeiras vermelhas."

"Eu não sou cego para eles, Breeze. Eu só estou... lidando com muita coisa. E Dutch é teimoso. Mesmo que eu diga para ele ir embora, ele sempre aparece."

"E assedia você?" Ela olha para mim. "Ele ainda assedia você?"

Fico calado, mas a verdade é que não sei responder a isso. Dutch me ajudou a encontrar minha irmã. Ele me comprou sapatos quando viu que eu estava mancando. Ele cuidou de mim durante o almoço. Hoje, ele poderia ter virado o ringue, mas não o fez. Ele nem queria o dinheiro de volta.

O Velho Holandês – a besta que estava tentando me expulsar da Redwood Prep, nunca teria sido tão calmo e compreensivo.

"Por que você não está respondendo?" Breeze faz uma careta.

"Porque eu já te disse que não estou namorando ele. Qualquer coisa que eu disser não mudará sua opinião."

Breeze estreita os olhos para mim.

Eu estreito o meu de volta para ela.

"Ehem," Serena levanta a mão, "não que eu seja do Team Dutch ou algo assim, mas ele nem *sempre* foi um valentão para Cadence. Houve momentos em que ele foi quase doce."

"Cite um."

Serena torce o nariz, um sinal de que está pensando profundamente. "Ele atualizou o cartão de refeição dela. Ela recebe tratamento VIP no almoço agora. Primeiro da fila. Primeira escolha. Toda a melhor comida."

"Comida? Ele é um cara legal porque dá comida para ela?"

Eu cutuco Breeze na lateral. "A comida é a linguagem do amor de Serena."

"Qualquer que seja." Breeze esfrega a testa. "Estou com dor de cabeça." Seus olhos brilham em mim. "Só saiba que se Dutch Cross aparecer na minha frente, eu vou dar um golpe de caratê no pescoço dele. Eu não me importo que ele e seus irmãos sejam gostosos como o inferno. Ou que seus olhos são bonitos. Ou que ele é talentoso com um violão. Ou que ele é rico e..."

"Você está criticando Dutch ou elogiando-o?" — pergunto, com a boca cheia de batatas fritas.

Breeze me lança um olhar sombrio.

Eu verifico meu relógio. "Faltam cinco minutos. Se vocês acabaram com as fofocas, tenho algo que quero contar a vocês dois."

"O que?" Breeze se inclina.

Serena também.

Faço uma pausa por um minuto. A vontade de contar a Breeze que minha mãe está de volta se enrola na ponta da minha língua. Mas isso é muito complicado para explicar em cinco minutos.

Então passo para o segundo assunto, igualmente urgente.

"Jinx me ofereceu um acordo." Mostro-lhes o texto.

Os olhos de Breeze dobram de tamanho. “Jinx mandou uma mensagem para você? Pessoalmente?”

Eu concordo.

“Eu não sabia que ela fazia isso. Achei que ela estava apenas no aplicativo.

“Antes de ter um aplicativo, Jinx trocava segredos com a elite de Redwood”, informa Serena. “Ela costumava enviar mensagens de texto para as pessoas pessoalmente.”

“Ela alguma vez mandou uma mensagem para você?”

Serena congela e gagueja: “Não, eu não era importante ou rica o suficiente para Jinx me notar”.

Eu a estudo e ela evita meu olhar.

“De qualquer forma”, Serena aponta o queixo para mim, “você fez o acordo?”

“Ainda não, mas estou pensando nisso.”

“Sem chance!” Brisa sussurra e grita. “Uma pessoa anônima que revela os segredos dos ricos não é alguém com quem você queira se envolver. Tenho um péssimo pressentimento sobre isso, Cadence.

“Ela disse que tem algo que eu quero.”

“E?”

Meus olhos se fixam em Serena. “Quero pedir-lhe provas... provas de que não foi você quem provocou o incêndio.”

O queixo de Serena cai. “O que?”

Breeze fica quieto. Seu olhar desliza de mim para Serena.

Piscando rapidamente, Serena gagueja. “N-não, Cadence. Você nem sabe o que Jinx quer de você ainda. Você não pode concordar cegamente em trabalhar para ela por minha causa.”

“Você pode perguntar a ela o que ela quer antes de concordar?” Breeze mastiga nervosamente a lateral do polegar. “E se ela quiser que você venda sua virgindade ou algo assim?”

Eu estremeço. Se algum dia eu contar a Breeze que perdi minha virgindade com Dutch Cross, ela provavelmente explodiria.

“Eu não acho que ela faria algo assim.”

Os olhos de Breeze examinam meu rosto. Lentamente, ela recua e assente. “OK. Eu protejo você. Seja qual for a sua missão, se eu puder ajudar, eu o farei.”

“Espere? Você está deixando ela considerar isso? Serena hesita.

“Cadence é minha melhor amiga desde a escola primária. Eu a conheço melhor do que ninguém. Depois que ela decide algo, não há como voltar atrás.” Uma carranca inclina seus lábios. “E ela decidiu fazer isso.”

“É por isso que eu queria ver você hoje. Para falar sobre o que significa trabalhar com Jinx”, admito para Serena.

“Você quer minha permissão?”

“Quero ter certeza de que você concorda em ser o alvo dela.”

Serena fica pálida.

“Quando eu pedir o que quero, você estará no radar de Jinx. Todos os seus segredos. Talvez até os segredos da sua mãe. Não sei até onde ela irá.”



“Mas é só como prova, certo? É só para aquela noite do incêndio.”

“Você sabe o quão poderoso Jinx é. Você só estará seguro se não estiver na linha de visão dela. Se eu pedir provas, ela vai conhecer você. Ela vai saber que você é importante para mim. Ela pode não se limitar apenas às evidências do incêndio.

Serena engole em seco. Seus dedos tremem tanto que ela os enfia embaixo da mesa.

Baixo meu olhar para as batatas fritas e admito o verdadeiro motivo pelo qual estou considerando isso. “Em uma semana, a Redwood Prep irá processá-lo pelo valor da bolsa.”

“O que?” Os olhos de Serena desviam de sua calça jeans e encontram os meus. O medo nada em suas profundezas.

O desespero em seu olhar é palpável e me vejo lutando contra as minhas próprias lágrimas. “Sinto muito, Serena.”

“Como eles puderam... como eles puderam fazer isso? Não fui eu quem ateou o fogo. Eu não fiz nada de errado.”

“Eu sei.”

“Minha mãe... se ela descobrir, vai pegar todo o dinheiro que economizamos para a quimioterapia e vai pagá-los.” Lágrimas escorrem pelo seu rosto. “Cadence, se minha mãe não receber tratamento, ela vai...”

Mordo com força meu lábio inferior, meu coração batendo forte. Esta é a primeira vez que vejo Serena desmoronar.

“Ir.” Breeze acena para mim.

Eu dou a ela um olhar desamparado.

“Vá abraçá-la.”

Desajeitadamente, vou até o lado de Serena na mesa e lhe dou um abraço. Eu não cresci com PDA. A forma como demonstro cuidado não é através do toque. Serena também não parece ser do tipo que aprecia muitos abraços. Mas, para minha surpresa, ela se vira e me abraça de volta, como se isso a estivesse realmente confortando.

Dou um tapinha nas costas dela, sentindo sua dor como se fosse minha. “Eu prometo. Se Jinx realmente tiver provas, farei o que for preciso para colocar as mãos nelas.”

Serena recua e enxuga os olhos. “Desculpe. Eu não queria perdê-lo assim.

“Está tudo bem,” Breeze diz gentilmente.

Serena inspira. “Não me importo que Jinx esteja me investigando.”

Arqueio uma sobrancelha. “Tem certeza?”

“Sim.” Serena engole em seco. “Ela pode destruir toda a minha vida. Se isso significa que vou conseguir manter minha mãe viva por mais um dia, eu farei isso.” Ela estremece. “Só sinto muito que seja você quem tenha que pagar o preço. Existe alguma maneira de mudarmos? Não acho que seja certo você sofrer quando sou eu quem vai se beneficiar.”

Breeze balança a cabeça. “Jinx não parece ser o tipo que aceitaria um substituto.”

“Brisa está certa.” Entrego um guardanapo para Serena e ela me agradece com um sorriso trêmulo. “E eu realmente não me importo. Eu odeio me sentir impotente. Dessa forma, tenho a chance de consertar as coisas.”

“Muito obrigado, Cadence.” Serena aperta minha mão.

"Tanoeiro!" Uma das garçonetes gesticula para mim e depois aponta para Frankie.

Olho pela janela da cozinha e vejo meu chefe me encarando por trás da churrasqueira.

"Seus quinze minutos devem ter acabado", reflete Breeze.

"Tenho que voltar ao trabalho, pessoal." Verifico meu telefone e confirmo que estou cinco minutos acima dos quinze que Frankie me deu. Ele mostrou um pouco de graça desta vez. Provavelmente porque viu Serena chorando.

"Eu também tenho que sair", diz Serena. "Eu preciso verificar a mãe."

"Vou levar você ao hospital. Minha mãe me deixou usar a caminhonete dela hoje." Breeze balança a chave no dedo médio e mexe as sobrancelhas.

Dou tchau para as meninas e termino meu turno na lanchonete.

No ônibus de volta para casa, verifico meu telefone.

Tenho várias mensagens.

*Serena: Não sei o que fiz para merecer uma amiga como você. Muito obrigado, Cadence. Mesmo que não dê certo, nunca esquecerei o que você fez por mim.*

*Holandês: Você já começou alguma briga, Brahms?*

Apesar de mim mesmo, eu rio. Quem ele pensa que é?

Tem mais um texto.

É da Vi.

*Viola: Você sabe onde a mamãe está?*

Meus ombros enrijecem e eu deslizo meu telefone.

Nada.

Mamãe não entrou em contato comigo e, como não sei se ela tem telefone — muito menos um *número de telefone* — também não consigo entrar em contato com ela.

A frustração ferve em minhas entranhas.

Envio uma mensagem para Vi.

*Eu estarei em casa em breve. Podemos conversar então.*

Quinze minutos depois, abro a porta do meu apartamento e Viola salta sobre mim.

"Você não acha que aquele cara assassino a pegou, acha?" Minha irmã mais nova morde o lábio inferior. Ela está usando maquiagem novamente hoje. Parece de bom gosto, em vez de exagerado. Ela está realmente começando a descobrir o que funciona para ela.

"Não, eu não." A exaustão me arrasta para baixo, mas eu me afasto dela. "Você comeu?"

Com longos cílios batendo sobre seus grandes olhos castanhos, Viola me segue até a cozinha. "Como você sabe? E se a mãe estiver em uma vala em algum lugar? E se eles cortassem o corpo dela em pedaços, colocassem-no em um saco de lixo e a jogassem no rio?"

Estou com frio por dentro. Uma parte de mim acha que o desaparecimento da mãe de verdade tornaria nossas vidas mais fáceis. Tive uma ideia de como seria a vida se ela não estivesse nela. Foi difícil, mas não foi horrível.

Vi e eu sobrevivemos.

Continuaremos sobrevivendo – com ou sem mãe.

Vi dá um tapa no meu braço. "Cadey, você está me ouvindo?"

“Sim, estou”, digo, cansada, puxando o pão. Pelo menos a mãe não terminou este pão durante sua tentativa ridícula de tomar café da manhã. Dá apenas o suficiente para Vi comer um sanduíche completo. Posso comer a última fatia de pão junto com alguns pedaços de salsicha.

"Você ao menos se importa?" Ela acusa.

“Claro que me importo.” Ou pelo menos eu quero. Mas meu coração está calejado. Eu tenho que estar entorpecido. Do contrário, vou desabar e chorar toda vez que a vida me der um soco na cara. O que acontece. Muitas vezes. Se eu me permitir sentir o tempo todo, isso realmente acabará. Não terei forças para ir outro dia.

Viola ainda está me observando com olhos irritados.

"O que?" — pergunto, espalhando mostarda no pão.

"Você não está escondendo mais segredos de mim, está?"

"Não."

“Eu não posso nem confiar em você quando você diz isso.” Ela zomba. “Você mentiu sobre a morte da mãe. Você me deixou acreditar no que queria que eu acreditasse. Eu estava completamente no escuro.”

Vi está de mau humor, mas estou cansado demais para manter minha frustração sob controle. “O que você queria que eu fizesse, Vi? Você queria que eu te arrastasse para o quarto enquanto a mãe traçava esse plano estúpido e me convencia de que era o melhor? Você queria que eu te levasse enquanto ela me mostrava o cadáver que eu deveria denunciar à polícia? Você queria mentir para as autoridades comigo? Você queria queimar a mãe de outra pessoa? Irmã de outra pessoa? Amigo de outra pessoa? Você queria viver com a culpa que isso traz? Você queria deixar aquela parte de você que ainda acredita que há algo de bom no mundo morrer completamente?”

Seus cílios tremulam. Seus olhos se enchem de lágrimas. “Eu queria que você confiasse em mim! Eu queria que você compartilhasse seus malditos fardos e parasse de agir como se fosse o único que pode se sacrificar!”

“Eu não queria que você se preocupasse...”

"Eu não sou uma criança!" Ela joga as palavras para mim. Quente o suficiente para escaldar. “E você não é minha mãe.”

Normalmente, sou indestrutível.

Mas minhas defesas emocionais estão baixas. As palavras atingiram o alvo.

“Vou para a cama.” Empurro o prato para ela. “Comer. Não vá para a cama com fome.”

“Cadey...”

Vou até meu quarto e fecho a porta.

Mamãe pode voltar aqui hoje à noite e eu quero que ela me veja. Quero olhar nos olhos dela e perguntar por que ela fez isso. Quero perguntar por que ela simplesmente não nos abandonou em um orfanato para cuidarmos de nós mesmos, em vez de nos arrastar para este mundo infernal com ela. Quero perguntar por que ela se preocupou em ter filhos, em primeiro lugar.

Meu colchão range quando afundo meu peso nele. Enrolo meu corpo para frente, literalmente incapaz de levantar a cabeça. Há um grande peso no meu peito. É muito doloroso. Demais.

Meus olhos deslizam para o teclado no canto. É tão inútil que a mãe nem se preocupou em penhorá-lo. Saindo da cama, tropeço no chão, conecto meus fones de ouvido e deixo meus dedos acariciarem as teclas.

O silêncio estremece e morre.

A música enche meus ouvidos.

Minha própria criação. Minha própria besta distorcida. Eu o formo a partir de nada além de minha própria dor e tortura. Notas escuras e pulsantes. Acordes de amarração. Uma música que fala sobre sangramento e destruição. Isso se entrelaça com meu coração e me dá energia quando eu não tinha nenhuma antes.

Toco até meus dedos começarem a latejar.

Então eu paro.

Gasto.

Mole como um pano seco.

Minhas pernas estão dormentes, então não consigo nem ficar de pé. Implacável, rastejo para a cama e tiro meu telefone da cômoda.

Está na hora.

Eu mando uma mensagem para Jinx.

*Estou dentro. Diga-me o que você quer que eu faça.*

\* \* \*

*Jinx: Troque um segredo por um segredo. Nas cavernas mais profundas de Redwood Prep, a realeza revela seus segredos. O que Jarod Cross está escondendo no escuro? Mentes questionadoras querem saber. Mas cuidado onde pisa, Cadence. Aqueles que cavam buracos para enterrar os seus segredos não vão gostar que essas sepulturas sejam perturbadas.*

## CAPÍTULO QUATORZE

### HOLANDÊS

Papai me lembra uma cobra. Escamas brilhantes. Presas escondidas antes de ele morder. Suave quando ele se move. Tão suave que é quase oleoso.

Somos os únicos que podem ver isso.

A família dele.

As pessoas que *deveriam* importar, mas não importam.

Para o mundo ele brilha, não por causa de suas escamas, mas porque é feito de ouro. Para o mundo, suas presas não são venenosas. Para o mundo, ele é encantador, brilhante. Perfeito.

Uma cobra em pele de cordeiro.

Eu me ajusto na cadeira e um rangido alto atravessa o silêncio.

Marion, a nova esposa sem noção do pai, levanta a cabeça e sorri para mim. Pele escura. Cabelo curto. Vestido chique. E um anel de diamante gigante no dedo. Ela parece tão orgulhosa disso. Dele.

Eu me pergunto se ela é tão inocente. Não lhe darei o benefício da dúvida só porque ela é a mãe da senhorita Jamieson.

Eles sempre querem alguma coisa – as mulheres do pai.

Seja pelo dinheiro, pela fama, pelo prestígio de dormir com uma lenda musical. É sempre sobre eles.

Acho que Marion gosta do papai.

Mas o ama?

Não sei.

“Há algo errado, holandês?” Marion diz.

Eu balanço minha cabeça.

Ela sorri.

Eu não.

Seu sorriso vacila e eventualmente desaparece.

Por um momento, o único som na sala de jantar é o do corte de facas em um bife tão cru que posso ouvir o mugido das vacas.

Papai gosta de ver o sangue escorrer. Ele fica feliz em saber que sua refeição havia sido abatida, momentos antes.

Eu não como a carne.

Nem Zane.

Embora meu irmão possa estar morrendo de fome por outros motivos.

Ele está sentado à minha direita, com os olhos fixos na Srta. Jamieson, que parece prestes a engasgar com a salada.

Não tenho certeza de como ela se sente sobre tudo isso. Desde o anúncio do pai, ela manteve distância na escola e permaneceu estoicamente profissional. Pode ser porque

ela está envergonhada ou porque ela realmente odeia isso tanto quanto nós. Ninguém sabe.

Finn está à minha esquerda. Ele também não está comendo. Seus olhos estão colados em um livro debaixo da mesa, como se tudo isso estivesse abaixo dele.

Mas eu sei a verdade.

Finn está se distraindo para ficar quieto. Ver Zane perder o controle e quebrar sua bateria em pedaços na garagem nos deixou inquietos.

Papai está destruindo um dos nossos.

Finn quer ação. Ele quer a dor do pai *agora* e não mais tarde.

É difícil ser paciente. Para jogar o jogo longo.

Nenhum dos meus irmãos gosta desta farsa.

Eu também não.

Mas se nos emocionarmos, o pai vence.

Ele sabe que pode nos controlar. Ele sabe quais botões apertar. Em quais feridas enterrar os dedos e fazer com que doa ainda mais.

Precisamos de uma vitória agora.

Meus olhos deslizam para a mulher comendo delicadamente ao pé da mesa. Ela está usando brincos longos e brilhantes. Seu cabelo está preso em um coque chique. O vestido dela é parecido com o de Marion, mas fica diferente nela. Como se ela tivesse nascido para usá-lo, em vez de simplesmente tirá-lo da prateleira porque era o mais caro.

“A refeição está boa”, observa a mãe, mastigando delicadamente.

Marion sorri largamente. “Obrigado—”

“É a empresa que está faltando.”

Marion engasga.

Os olhos do papai se arregalam.

Senhorita Jamieson franze a testa.

Mamãe não recua. Sua expressão está vazia. O completo oposto do pai. Não há nenhuma pretensão com ela. Sem mentiras. Ela só sabe ser direta e honesta. É uma vantagem crescer como uma herdeira. Mamãe fazia o que queria, dizia o que queria e não suportava nenhuma das consequências disso.

Isso a deixou destemida.

Finn sorri pela primeira vez.

Zane ri baixinho.

Eu dou à mamãe um olhar orgulhoso.

Estou feliz que ela chegou a tempo.

Papai limpa a boca com um guardanapo de pano e se mexe na cadeira. "Jacqueline, como você conseguiu vir esta noite?"

“Eu peguei meu jato particular e vim, Jarod. Você está fazendo essa pergunta porque não sabe ou porque está desapontado por eu estar aqui?”

Marion tosse.

Papai bufa e desvia o olhar.

“Bem, eu acho isso *maravilhoso*. Sempre quis ter uma grande refeição em família.”

"Ah, somos uma família?" Mamãe parece divertida.

Marion luta para salvar a face. "Claro que estamos. Jarod disse tantas coisas boas sobre você, Jacqueline. E seus meninos são tão... uh... preciosos... Marion olha para mim como se estivesse com medo de que eu saltasse por cima da mesa e a esfaqueasse, "do jeito deles".

Finn bufa.

A senhorita Jamieson levanta a cabeça e encara a mãe com um olhar nervoso. "Mãe."  
"O que?"

Ela coloca a mão sobre a da mãe, uma instrução silenciosa para ficar quieta.

Apesar do aviso da filha, Marion tira a mão e continua latindo. "Como nova esposa de Jarod, quero criar um ambiente harmonioso. Não vejo por que nem todos se dão bem."

"Normalmente não conhecemos as esposas", diz a mãe calmamente. Ela enfia uma fatia de cenoura na boca. "Eles não duram muito e é um incômodo ficar lembrando dos nomes."

Marion fica rígida.

Papai faz uma careta. "Você tem que ir tão longe?"

Mamãe gira seu vinho. Seus olhos encontram os meus, um tom castanho brilhante. Como a única chama que tremeluz sobre uma vela. "Estou afirmando o óbvio, Jarod."

"Se você fosse apenas reclamar, deveria ter ficado longe." Papai enrola o guardanapo e o joga no prato.

"Acredite em mim, eu queria. Mas quando recebi meu convite, não pude dizer não."

Papai fecha os dedos em punhos, sem dizer mais nada. Os equilíbrios de poder estão escorregando. Eles sempre fazem isso quando a mãe entra na sala. Papai pode ter sido o jovem e rebelde astro do rock que chamou a atenção da mãe, mas foi ela quem o fez bater nas portas certas e conhecer as pessoas certas.

Ela fez Jarod Cross.

Parte de mim espera que ela consiga acabar com ele também.

A nova esposa do papai levanta-se repentinamente da mesa. Seu sorriso está tremendo. A qualquer minuto, vai desabar. "Estou me sentindo um pouco fraco. Vou deitar até a hora de voltar para casa."

"Eu irei com você", diz a Srta. Jamieson.

Zane se inclina para frente como se planejasse acompanhá-la. No último minuto, ele se recompõe e permanece sentado.

Nossa professora de literatura passa o braço em volta do cotovelo da mãe e sobe as escadas com ela.

Os olhos de Zane estão focados neles, cheios de um desejo que conheço bem.

Porque eu sinto isso toda vez que olho para Cadence.

Meus dedos se fecham em volta de seu ombro em um aperto reconfortante.

Ele me afasta e puxa a cadeira para trás. "Eu também terminei."

Olho para Finn. Meu irmão e eu compartilhamos uma comunicação tácita antes de Finn se levantar e ir atrás de Zane.

Mamãe aponta os dedos para o papai. "Jarod, vamos conversar."

Martina, nossa governanta, espera até que mamãe e papai saiam do quarto para se aproximar de mim. “Señor Dutch”, ela diz com seu sotaque pesado, “gostaria que eu trouxesse um prato de comida de verdade para você?” Ela pisca.

Eu sorrio e balanço minha cabeça. “Talvez mais tarde.”

Ela me dá um sinal de 'ok' e gesticula para os garçons que esperam em cada lado da mesa. Eles correm para retirar nossos pratos, empilhando pilhas de comida desperdiçada em bandejas e empurrando-as para fora da sala de jantar.

Finalmente, o jantar acabou.

Preciso verificar Zane, mas primeiro ligo para Cadence.

Ela atende no quinto toque. “O que?”

“Você estava dormindo?”

“Nenhum de seus negócios.” Sua voz parece áspera. Posso imaginá-la na cama, com os cabelos despenteados e os olhos semicerrados. Droga. Apenas a memória não é suficiente. Se eu não tivesse esse jantar horrível, eu teria corrido até lá e me deitado na cama dela.

Não precisaríamos nem mexer. Eu ficaria bem apenas segurando-a.

E isso aí me diz que estou profundamente envolvido.

“Você comeu?” Eu pergunto.

“Por quê você se importa?”

Eu sorrio com seu tom aquecido. “Tenho algo importante para lhe perguntar.”

“O que?” Ela grunhe.

Baixo minha voz. “O que você está vestindo?”

Cadence faz um som de pura frustração e preciso de tudo para não rir.

“Me ligue para fazer perguntas estúpidas como essa de novo e eu tirarei o ar de todos os seus pneus. Me teste.”

Eu rio abertamente desta vez. Depois de encher meu carro de lixo e roubar minhas roupas da piscina, sei que isso não é uma ameaça inútil. Ela é boa nisso.

“Boa noite, Cadey.”

“Coma terra, holandês.”

Sorrio quando ouço o tom de discagem.

Ela é sexy como o inferno. Eu não vou mentir. Irritá-la é divertido. Além disso, estou feliz em ouvi-la brigando comigo. Isso significa que tudo o que ela está passando com sua família não a está deprimindo.

Uma parte de mim quer enviar uma mensagem de texto para Jinx e obter informações sobre isso, mas há outro lado meu que quer que Cadence compartilhe.

Por enquanto, vou esperar que ela me diga o que há de errado.

Se ela demorar muito, eu resolverei o problema com minhas próprias mãos.

Depois de guardar o telefone no bolso, desço o corredor para pegar as chaves do carro do Lambo. Quase não o tiramos, preferindo caminhões robustos a algo tão delicado como o conversível. Mas Zane precisa de um pouco de ar e dar um passeio de carro ajudará.

No caminho, passo pela sala onde mamãe e papai estão conversando.

*“Tenho feito vista grossa porque o que você faz da sua vida não significa nada para mim, mas continue me irritando, Jarod e eu contaremos tudo aos meninos.”*



Eu congelo, meus ouvidos se animando.

*“Vá em frente e diga a ele. Você acha que estou com medo?”*

*“Eu acho que você está sendo uma criança. Por que você está em constante competição com os meninos? E daí se eles quiserem jogar para Bex Dane e não para você? É a vida deles. Deixe-os viver isso!”*

*“Você os mima, Jacqueline. É por isso que eles são indisciplinados e incontroláveis.”*

*“Controlar adultos não está em meu conjunto de habilidades, Jarod. Se fosse, você não teria sido uma decepção tão grande em nosso casamento.”*

*“Cansei de conversar com você. Da próxima vez que decidir nos agradecer com sua presença, deixe-me fora disso.”*

*“Lembre-se de minhas palavras, Jarod. Não se atreva a sufocar esses meninos e ameaçá-los de se mudar ou não tenho ideia do que farei.”*

Ouçoo passos agitados.

Papai está saindo furioso da sala.

Rapidamente, me escondo atrás de um poste e o observo, com o rosto franzido e as orelhas vermelhas, caminhando até a porta da frente. Ela se fecha um momento depois.

Os passos delicados de mamãe se aproximam de mim.

Eu saio das sombras. "O que você quer dizer? O que o papai não quer nos contar?"

Mamãe grita. "Holandês, o que você está fazendo aqui?"

"Há algo que eu deveria saber?"

Ela estuda meu rosto. Depois de alguns momentos, ela me acena. "Entre, holandês. Vamos conversar em particular."

## CAPÍTULO QUINZE

### HOLANDÊS

Mamãe senta-se afetadamente na beirada da poltrona. Uma perna cruzada sobre a outra, ela cruza as mãos sobre os joelhos.

Eu me inclino para frente ansiosamente, já imaginando a sujeira que ela tem sobre nosso pai.

Poderia ser um caderno documentando todos os seus assuntos?

Negócios sujos?

Outro atropelamento enterrado debaixo do tapete?

Mamãe abre a boca e diz com sua expressão estóica de sempre: “O conteúdo do testamento de sua avó foi revelado recentemente. Todos os seus bens, dinheiro e propriedades irão para um de seus netos.”

“Um de nós?”

“Aquele que dá à luz o primeiro bisneto.”

Uma risada tensa me sufoca. “O que?”

“Você pode não saber, já que eu intencionalmente mantive vocês longe dela, mas sua avó era uma mulher muito dura. Muito desagradável de conviver.” Mamãe franze os lábios como se tivesse uma história que não vai contar a ninguém. “Mas na velhice ela começou a se arrepender. Isso a levou a mudar seu testamento pouco antes de morrer.”

“Vovó morreu há dois anos.”

“E o testamento foi revelado apenas recentemente. Recebi uma carta de seu advogado imobiliário descrevendo seus últimos desejos.”

Eu me inclino para frente, intrigado. “O que disse?”

“Que sua avó queria começar do zero. Seu sonho era doar sua riqueza à geração mais distante da sua.”

“O neto que dá à luz o primeiro neto”, murmuro. “É desnecessariamente competitivo.”

“Ela sempre foi exigente. Não estou surpreso.”

Mamãe faz um gesto para mim. “Tem mais. Se nenhum de vocês tiver filhos, a herança ficará com seu pai.”

“Isso é besteira. *Você é filha dela.*”

Mamãe balança a mão como se não pudesse ser incomodada. “Não preciso dos bens da minha mãe para sobreviver. Além disso, sempre soube que o dinheiro não cairia sobre mim. Mamãe e eu não tínhamos um bom relacionamento e piorou quando me casei com Jarod.”

Ela ri suavemente. “Fiquei honestamente surpreso quando soube que ela queria deixar tudo para alguém da minha família. Acreditei que ela iria doá-lo para a caridade, não por boa vontade, mas por despeito.”

“Papai não merece isso.” Olho para a mãe. “O único qualificado é ter um filho? Porque um de nós pode fazer isso em nove meses.”

Mamãe me dá um tapa na nuca. “É exatamente por isso que eu não queria contar para vocês três. Você ou Zane seriam tolos o suficiente para engravidar uma pobre garota só para irritar seu pai. Finn é o único que ficaria longe de problemas.”

“Isso não é verdade,” murmuro, esfregando a parte de trás da minha cabeça. “Finn encontraria uma brecha e adotaria uma criança para que ele pudesse se qualificar em dois meses, em vez de um ano.”

Mamãe me lança um olhar mortal. “Mesmo se você quisesse fazer uma coisa tão absurda, não é tão simples assim. Sua avó tinha uma qualificação. Quem herdar a propriedade deverá se casar primeiro.”

*Casado.*

Uma revelação repentina percorre meu corpo.

“Essa condição também se aplica ao pai?” Eu pergunto.

“Sim.”

Meus olhos se fixam nos dela. A gravidade está puxando meu corpo até que ele pareça pesado o suficiente para romper o chão.

“Mãe, quando o papai descobriu sobre o testamento?”

“O advogado ligou para ele depois que ele me ligou.”

“Quero datas exatas”, pressiono.

Ela inclina a cabeça para o lado, sua boca se curvando em um sorriso conhecedor. Quase como se ela estivesse orgulhosa de mim. “Acredito que foi na época em que ele se casou com Marion.”

“Que coincidência.”

“Uma coincidência, de fato.”

“E acho que é uma coincidência ele ter decidido lecionar na Redwood Prep bem na época em que o testamento da avó entrou em vigor.”

“Milímetros.” Mamãe desliza um dedo preguiçoso sobre o colar de pérolas. “Que coincidência.”

Agarro o braço da minha cadeira, abrindo um buraco no chão. Eu deveria saber que havia algo maior do que o assento do presidente motivando o pai. Sua decisão de lecionar na Redwood Prep e desafiar o poder de Miller foi muito aleatória. Muito repentino. Papai deixou Miller administrar o lugar por anos enquanto ele se sentava e controlava tudo silenciosamente. Por que ameaçar o trono agora?

Tudo se encaixa no lugar.

O poder se move.

O repentino interesse em nossas vidas.

A herança.

Papai nos quer à sua vista para ter certeza de que não nos qualificaremos.

Mamãe se vira para mim. “Zane está apaixonado por aquele professor, não está?”

“Você percebeu?”

“Ele não consegue tirar os olhos dela.”

“Achei que ele estava ficando melhor em esconder isso.”

"Por favor." Mamãe revira os olhos. "Houve um momento durante o jantar em que aquela mulher queimou a língua enquanto comia. Achei que Zane subiria na mesa para ajudá-la. Ele estava tão fascinado. Mamãe faz uma pausa. "Seu pai também deve ter notado isso."

Respiro fundo e aperto minhas mãos. "Você está dizendo... até mesmo a escolha de uma esposa pelo pai foi por causa da herança?"

"Estou dizendo, Dutch, que seu pai quer muito esse dinheiro. Por que? Não sei. Só sei que ele está tomando medidas para impedir que vocês sequer pensem em colocar as mãos nele. E embora eu inicialmente acreditasse em mantê-lo no escuro para que você pudesse se casar e ter filhos quando fosse mais velho e mais estável, estou preocupado com o quão longe ele iria. Isso me faz pensar se há algo que ele está escondendo. Algo que ele quer ter certeza de que não sabemos.

Os segredos do papai não significam nada para mim. Tudo o que importa é frustrar seu plano e garantir que ele *nunca* receba esse dinheiro.

"Quanto tempo nós temos?" Eu exijo.

"Você não está pensando em fazer nada tolo, está?"

"Quanto, mãe?"

"Para ter um filho você precisa..."

"Eu sei. Nove meses."

"O prazo final é em doze."

Doze meses.

Um ano para casar e ter um filho.

Ela coloca as mãos em meus ombros. "Eu não quero que vocês entrem no ringue com Jarod. Não quero que nenhum de vocês se machuque."

"Já estamos machucados, mãe. Veja o que ele fez! Ele tirou Zane da mesa, transformando a mulher que ele gosta em sua meia-irmã.

Ela estremece. "Sim, talvez isso tenha sido desnecessário."

"Finn não é do tipo que se casa rapidamente. Essa é a única razão pela qual o pai não está mexendo com ele. Então isso me deixa."

"O que é esse olhar nos seus olhos?" Ela engasga. "Você tem alguém em quem está interessado?"

"Eu faço." Penso em Cadey e meu coração bate forte nas costelas.

"Holandês."

"Fazer bebês não é um problema." Cadey nem estava pensando em preservativos quando ela estava apertando os quadris no meu colo hoje. "Mas eu teria que arrastá-la pelo corredor. Ela lutaria comigo com unhas e dentes a cada passo também."

"Se for uma briga, significa que ela não está pronta."

"Vou prepará-la."

Mamãe balança a cabeça. "Dutch, gostar verdadeiramente de alguém significa não forçá-lo."

"Então a resposta é deixar o pai vencer?"

Ela aperta os lábios. Silenciosamente, ela diz: "Pode ser outra pessoa. Alguém mais disposto..."

“Se eu me casar ou não, depende dela.” Eu lancei minha mãe com um olhar determinado. “É ela ou não é ninguém.”

## CAPÍTULO DEZESSEIS

### CADÊNCIA

Mamãe não voltou para casa a noite toda.

Ela deve ter levado dinheiro suficiente para ficar louca por alguns dias. Ou talvez ela esteja tentando me evitar.

A casa fica estranhamente silenciosa quando tomo banho e me preparo para a escola. Estou nervoso por deixar Vi aqui sozinha. Já faz um tempo que não tenho experiência com mãe drogada.

Num dia bom, a mãe é... imprevisível.

Em um momento ruim...

Esconder a bolsa de dinheiro da mãe com certeza vai irritá-la. Se a mãe voltar e descobrir que o dinheiro desapareceu, não há como dizer o que ela fará consigo mesma.

Para a casa.

Para minha irmã.

Ela nunca machucou Vi antes, mas agora que minha irmã tem treze anos e quase trinta, as coisas podem ser diferentes. Mamãe fica extremamente sensível quando está usando. Se Vi ficar tagarela enquanto a mãe está em mau estado...

Eu estremeço.

Na esperança de acalmar minha mente, vou até a porta do quarto da minha irmã e espio lá dentro. Viola está esparramada na cama, um pé pendurado na beirada e um braço jogado sobre a cabeceira.

Eu deveria acordá-la, mas foram alguns dias difíceis. Além disso, é sexta-feira. Ninguém quer acordar tão cedo antes do fim de semana.

Saindo na ponta dos pés, pego minha bolsa e pego o ônibus para o lado norte.

A Redwood Prep está diante de mim em toda a sua glória implacável. Tijolo exposto. Hera à direita. Postagens valentes. O prédio é tão elitista quanto as crianças que passam por suas portas.

Mas, ao contrário dos estudantes insípidos, tão facilmente abalados por escândalos e traições, a Redwood Prep permanece firme. Há poucos dias, um fogo ardia em seu ventre, mas você não saberia olhando para ele.

Este lugar não é conquistado facilmente. Como encontro os segredos enterrados lá dentro? Por onde eu começo a procurar?

Meu coração está martelando.

Minhas palmas estão suadas.

Com dedos trêmulos, pego meus fones de ouvido e coloco-os nos ouvidos. *Wiegenlied* de Brahms faz cócegas em meus tímpanos e acalma meus nervos.

*Eu posso fazer isso. Posso ser um agente duplo. Ninguém vai descobrir.*

Fecho os olhos, respirando fundo.

Dez horas.

Faltam apenas dez horas.

Assim que o último sinal tocar esta noite, terei o fim de semana inteiro longe da Redwood Prep. Para limpar minha cabeça. Para formar um plano. Para me lembrar que dar as mãos a Jarod Cross é o que eu deveria — não, o que tenho *que* fazer. Essa é a única maneira de cumprir o comando de Jinx.

Não importa que eu tenha duas pessoas me segurando pela garganta.

Não importa que a mãe ainda esteja por aí, fazendo sabe-se lá o quê.

Eu vou resolver tudo isso.

Contanto que eu não pense muito sobre a bagunça emaranhada que é minha vida, posso seguir em frente.

Certo?

Depois de alguns momentos, me forço a entrar no prédio escuro. Meus sapatos trovejam no silêncio. As sombras aparecem e desaparecem. Os armários brilham como dentes afiados.

Ouçoo um barulho e me viro, com o coração na garganta.

Não há ninguém lá.

Serena fez seu serviço comigo de manhã cedo. Eu me acostumei a tê-la por perto. Desde que ela foi embora, fiquei um pouco assustado.

*Nas profundezas das cavernas da Redwood Prep, segredos estão enterrados.*

A quais segredos Jinx estava se referindo? Por que diabos ela tem que ser tão vaga?

Ao longe, uma porta se abre e fecha.

Arranco um dos meus fones de ouvido, todos os nervos em alerta máximo. Meus olhos saltam pelo corredor escuro. *O que está acontecendo aqui?*

De repente, uma suave luz amarela acende.

Viro-me e encontro Dutch encostado em um dos armários. Meu batimento cardíaco aumenta. Se eu estivesse tocando uma peça para piano, teria que tocar *presto*. Cada vez mais rápido.

Ele está parado no brilho como se estivesse prestes a subir no palco e se apresentar na frente de fãs gritando. A luz dourada incide sobre seu queixo quadrado. Afiado o suficiente para matar. O vilão virou herói. O menino que as meninas sabem, no fundo, deveriam ficar longe, mas por quem se sentem indefesamente atraídas.

Sua camisa branca de botões e calças bege são elementos básicos do uniforme da Redwood Prep, mas ficam elevados nele. Como se ele tivesse acabado de arrancá-los de uma modelo em Paris e agora os esteja usando sem pressa.

Dutch se move em minha direção. Cada passo me faz tremer profundamente. Uma pantera em movimento. A imagem da destruição com seus cabelos loiros, olhos âmbar e corpo tatuado.

"O que você está fazendo aqui?" Eu murmuro.

"Estou aqui para supervisionar seu serviço de trabalho." Ele se abaixa para que seu rosto fique bem em cima do meu. "Eu estou no comando de você, lembra?"

Seu tom divertido me deixa arrepiado. Claro que ele está aqui para me torturar. Por que senti um lampejo de excitação ao vê-lo? Por que pensei que isso era outra coisa senão uma estratégia para me deixar infeliz?

*Porcaria estúpida. Espero que você caia do palco e quebre a perna!*

“Comece por aí, Brahms.” Dutch aponta o queixo em direção a uma sala de aula no final do corredor.

“Vou começar por onde eu quiser”, respondo.

Furiosa, eu me afasto. Mas quando avanço pela porta à minha direita, Dutch agarra minha mão e me arrasta até ele. Em um segundo, ele está puxando minha cintura para seu corpo e abaixando seu rosto até o meu.

Nossos narizes roçam.

Sua voz sussurra sobre mim como uma carícia. “Por que tudo tem que ser uma briga com você, Cadey?”

“Achei que você gostasse da minha luta?” Eu rosno.

“Sim”, ele ronrona, olhando para mim com olhos que dizem que ele me prenderia contra um armário e me mostraria o quanto. “Eu realmente quero.”

A boca de Dutch se aproxima, uma chama ardente que queima através de mim, me fazendo tremer com uma necessidade desesperada e pulsante.

É uma agonia o quanto eu o quero.

Agonia o quanto eu gostaria de não ter feito isso.

Isso me faz pensar se mereço todas as coisas ruins que aconteceram comigo. Se me sinto atraído por alguém tão cruel, malvado e sombrio como Dutch, isso não significa que também sou um monstro?

Ele me torturou durante semanas e ainda assim não consigo tirar as mãos dele.

Eu *anseio por* ele.

Estou perturbado.

Um masoquista. Alguém que gosta da própria dor. Quem consome seu próprio veneno.

Dutch para a alguns centímetros da minha boca. Nossas respirações pesadas se misturam, entrelaçando-se entre nossos lábios ainda abertos. Abro ainda mais minha boca. Inalar. Inalar. Inalar. É como se ele estivesse respirando mais da sua escuridão em mim. E estou absorvendo tudo. Não deixando migalhas.

“Seja uma boa menina, Cadey. Existem câmeras. Seus olhos percorrem minha blusa. “A menos que você não se importe com os seguranças observando...”

Meus sentidos retornam bem a tempo.

Eu o empurro e ele me solta.

Com o rosto em chamas, vou até a sala de aula que ele indicou e a abro, apenas para parar quando vejo o que há dentro.

Meu queixo cai.

Há flores espalhadas por toda parte. Uma mesa posta com uma toalha branca. Velas acesas. Café da manhã preparado.

Uma festa.

Uma respiração silenciosa fica presa na minha garganta.

Pisco e pisco, mas a cena diante de mim não muda.

“Por aqui”, diz Dutch, colocando as mãos na minha cintura e me empurrando para frente.

Um fogo ardente me rasga quando seus dedos pousam ao meu lado. É incrível quando ele me toca. Assustadoramente. Eu golpeei sua mão para esconder minha



reação. Ele sorri como se soubesse que me deixa nervosa. Como se todo esse fogo e tensão não o assustasse tanto quanto me assusta.

Engolindo em seco, continuo de pé depois que Dutch puxa uma cadeira para mim.

"O que é isso?"

"Café da manhã", ele diz. Como se fosse óbvio. Como se eu fosse o estranho por me perguntar por que uma sala de aula de repente parece um encontro.

Pego de surpresa, luto para manter minha raiva em primeiro plano. Mas é difícil. Meu coração está derretendo e meus joelhos estão ficando fracos.

*Não caia nessa, Cadence. É apenas mais uma estratégia.*

"Não tenho tempo para brincar com você, Dutch. Tenho trabalho a fazer." Eu me viro e ele agarra minha mão.

Trazendo-me de volta à mesa, Dutch diz simplesmente: "Martina".

A porta range. Uma mulher atarracada, ladeada por outras duas senhoras de meia-idade, entra na minha linha de visão.

"Vou resolver o serviço de trabalho de Cadey com o Princípio Harris mais tarde", diz ele calmamente. "Por hoje, você pode..."

"Claro." Martina sorri e pisca para mim. "Aproveite seu café da manhã."

Agarro o encosto da minha cadeira, me sentindo péssima. "Não, eu não posso deixar você – é *o meu* trabalho. Eu vou limpar.

"Você está bem, senhorita."

"Deixe-me pelo menos ajudar."

"Se você nos ajudar, não seremos pagos", ela explica franzindo a testa.

"Mas-"

"Sente-se, Cadey," Dutch rosna.

Minhas narinas se dilatam. Eu me viro para ele. "O que há *de errado* com você?"

A porta se fecha enquanto Martina e suas amigas desaparecem.

"Você tomou café da manhã?" Dutch pergunta calmamente, servindo-me um copo de suco de laranja.

Meu peito parece abafado. É como se uma bola de agulhas afiadas tivesse se soltado dentro de mim. Cada vez que bate nas minhas costelas, no meu coração, perfura algo importante.

"Pedi ao meu amigo, Chef Kraus, para atender. Ele não costuma preparar o café da manhã, mas minha mãe trabalhou com ele antes de ele começar seu programa de televisão e..."

"Eu não quero suas panquecas estúpidas." Joguei a massa plana e redonda no chão.

Os olhos de Dutch acompanham a descida, parando onde a panqueca gruda no chão.

Meu peito está pesado.

Lágrimas estão ardendo em meus olhos.

Lentamente, seu olhar retorna para mim. É afiado. Aquecido.

"Dane-se!" Eu grito. "Vá se ferrar, holandês!"

Seus olhos se estreitam.

"Você tem alguma ideia do que estou passando agora!" Eu grito. "Você tem alguma..." A raiva me faz gaguejar e arranhar minha garganta só para cuspir as

palavras. “Já tenho o suficiente para fazer sem você arrastar sua governanta até aqui e desperdiçar o tempo dela e o meu! Por que ela deveria sofrer por minha causa? É meu trabalho limpar as salas de aula. Eu vou limpar. Quem se importa se eu morrer de fome pela manhã? Eu vou cuidar de mim mesmo. Não preciso que você me alimente. Não preciso que você jogue sua riqueza na minha cara. Eu não me importo com suas panquecas ou com seu estúpido chef particular!”

Holandês sobe. A cadeira é arrastada para trás, fazendo um som alto.

Ele me encara com olhos escuros. Olhos de víbora. Escuro e sem piscar.

Mas estou muito cansado para me importar.

“Você já ganhou!” Eu grito, jogando meus braços. “Você me expulsou de Redwood. Eu *mal* voltei. Você exigiu minha virgindade como preço. Eu te dei isso também, embora tenha dito que não daria! Eu sou o tolo. Eu sou o perdedor! O que mais você quer de mim! O que mais você vai tirar de...”

Ele se move rápido. Seus braços se fecham em volta dos meus ombros e ele me puxa para um abraço.

"Me deixar ir!" Eu luto.

Ele me puxa mais profundamente em seu abraço. Seu peito está quente. Seu coração está batendo, forte e seguro, contra meus ouvidos.

Perco minha batalha contra as lágrimas quando sua grande mão segura minha nuca e alisa meu cabelo. Quando foi a última vez que alguém me confortou? Por que estou tão quebrado que até mesmo esse príncipe besta pode me acalmar?

Dutch não diz nada, e fico feliz porque já estou inacreditavelmente envergonhado. As lágrimas não param. Por que eles não param?

Eu sou forte.

Praticamente criei minha irmã mais nova e eu mesmo.

Eu mantive comida na mesa. Paguei as contas de luz. Depois que Rick deixou claro que éramos um fardo para ele, não implorei nem um centavo a mais.

Derrotei Christa e a bani de Redwood.

Eu me mantive firme quando minha mãe voltou dos mortos.

Pessoas como eu não desmoronam. Não temos o privilégio de nos preocupar com lágrimas, sentimentos e emoções.

Então por que estou chorando? Por que meu peito dói? Por que parece que meu coração está despedaçado quando estou bem? Estou perfeitamente, totalmente bem.

Eu me sinto sendo levantada e abro meus olhos inchados para ver Dutch me levantando. Ele me embala contra seu peito do jeito que fez naquela noite quando estávamos procurando por minha irmã.

Rapidamente passo meus braços em volta de seu pescoço para não cair.

Sem dizer uma palavra, Dutch me leva para a sala de treino.

A luz emite um sinal sonoro quando ele tira o cartão com uma das mãos e o bate no scanner.

"O que você está fazendo?" Minha voz está áspera. Parece que estou resfriado, mas é que meu nariz está entupido. "Holandês..."

Seus dedos me apertam, mas ele não responde à minha pergunta.

Dutch fecha a porta com o pé e marcha até o sofá onde nos beijamos ontem. Eu fico rígida, me perguntando se ele vai tentar me beijar.

Mas ele não faz isso.

Ele se senta comigo no colo.

Quando luto para me livrar de seu aperto, ele franze a testa. "Cinco minutos."

"O que?"

"Feche seus olhos. Não pense em nada. Você está seguro aqui. Nada vai tocar em você. Ninguém vai te machucar. Você não tem nenhuma responsabilidade com ninguém. Não nos próximos cinco minutos.

As lágrimas brotam dos meus olhos novamente. Que tipo de utopia maluca é essa? Sem responsabilidades? Sem pressão? Sem medo?

Dutch passa a mão pelo meu rosto. Com o polegar e o indicador, ele fecha suavemente minhas pálpebras.

"Cinco minutos, Cadey." Sua voz suave agita meu cabelo. Eu o sinto dar um beijo na minha têmpora. Seus lábios roçam minha orelha em seguida. "Começando agora."

## CAPÍTULO DEZESSETE

CADÊNCIA

*“Nossa sala de prática é um hotel agora?”*

*“Cale a boca, Zane.”*

*“Estou apenas dizendo. Quem disse que não trazemos meninas aqui?”*

*“Ela não é apenas uma garota para ele. Obviamente.”*

*“Finn tem razão.”*

*“Mantenha a voz baixa. Se você acordá-la, vou reorganizar seus dentes.”*

Groque, abro os olhos. No início, há uma explosão de luz solar. E então três rostos lindos demais para esta terra se aglomeram sobre mim.

Por um segundo, me pergunto se estou olhando para anjos.

Mas isso não está certo.

Anjos não teriam tatuagens. Ou músculos. Ou lampejos de escuridão sombreando seus olhos.

Pisco e as jaquetas da Redwood Prep entram em foco.

Pisque novamente.

Observe as guitarras, a bateria e os painéis de parede com isolamento acústico.

Eu enrijeço.

Estou na sala de treino dos Kings.

Estou *com* os Reis.

Eu estava dormindo, mole e indefeso, enquanto quatro garotos gigantes — três dos quais fizeram sua parte em me torturar durante semanas — tinham acesso total a mim. A autopreservação entra em ação e eu me sento, meus olhos caindo para minhas roupas.

Ainda estou usando minha camisa azul com laço na gola. Minha saia ainda está vestida. Minha calcinha também.

Apesar de saber que estou completamente vestida, meu coração dispara.

Não é como se algum desses garotos fosse santo.

Nem mesmo holandês.

Especialmente holandês.

Zane me oferece uma garrafa de água e eu franzo a testa. Ele arqueia uma sobrancelha. “Você gostaria de uma cerveja em vez disso?”

Pego a garrafa que ele oferece, meus dedos tremendo.

Os gêmeos de Dutch apontam para o sofá. “Você ronca.”

“Eu não”, respondo, meu rosto corando.

“Ele está brincando”, diz Sol, cruzando os braços sobre o peito. “Você não roncava, mas parecia muito cansado. E preocupado. Mesmo durante o sono.”

Finn assente. “Isso é verdade.”

Dutch é o único que não diz nada. Ele se inclina contra a parede, me observando atentamente. Ele não está explicando minha presença. Provavelmente porque ele quer ver como vou me comportar. Um rei jogando um gladiador no ringue e esperando para ser entretido.

Eu faço uma careta para ele e vou até a beira do sofá.

Todos me observam como se eu fosse um animal curioso que apareceu durante uma tempestade. Não posso deixar de estremecer sob seus olhares pesados.

Predadores.

É disso que eles me lembram. Uma matilha de leões, todos fortes, gloriosos e capazes de matar por uma refeição.

O problema é que não sou o maldito jantar de ninguém.

“Vocês gostaram de como eu redecorei o lugar?” Aponto para a estante de troféus e para o espaço vazio onde deveria estar a mesa de centro.

Finn sorri.

Zane balança a cabeça. “Você realmente é destemido, não é?”

Dutch me observa com aqueles olhos cor de mel. Desta distância é difícil ver as manchas douradas que nadam em suas profundezas. Mas eu sei que eles estão lá.

Desvio o olhar e giro a tampa da minha água. Estou com sede.

“*Foi ela* quem destruiu o lugar?” Sol pergunta, sua voz aumentando de surpresa.

“Eles não te contaram?” Coloco a garrafa na mesa e inclino o queixo para cima. “Eu cortei as cordas do violão do Dutch.”

Sol não responde, mas seus olhos se voltam imediatamente para Dutch.

Zane ri. “Droga, Cadence. Você realmente quer lutar.”

“Neste ponto, você não me assusta.” Olho para ele e depois para Finn. “O que mais vocês, meninos, podem fazer comigo que ainda não tenham feito?”

“Muito”, diz Dutch finalmente, afastando-se da parede. “Há muita coisa que não fizemos com você, Cadey.”

Um arrepio percorre minha espinha quando ele lança um olhar penetrante em minha direção. Será que imaginei o holandês que me abraçou com ternura e sussurrou que eu poderia descansar com ele? Eu sonhei com isso? Aquelas panquecas estavam drogadas?

Espere, mas eu não comi nada.

Então o que aconteceu? Por que o holandês parece tão intenso agora?

Ele arrasta uma cadeira para longe da mesa, coloca-a na frente do sofá e senta-se como um rei em seu trono. Ele se inclina para frente, cheio de confiança.

Eu faço uma careta para sua expressão elevada. Ainda mais irritante é o fato de sua arrogância ser conquistada. Ele é um cara que pode convocar uma equipe de limpeza particular à vontade e dobrar o braço do diretor para me tirar do serviço de trabalho. Poder. Poder quase ilimitado. Ele pode ter o que quiser — então por que insiste em me torturar?

Minhas unhas cravam na minha saia.

“Começar falando.” Dutch coloca os pés no chão e apoia os cotovelos nos joelhos. Tudo o que ele precisa é de um charuto pendurado nos lábios e ele se passará por um gangster. Facilmente.

Eu olho para ele. Abra minha boca. “Quem diabos você acha—”

“Você disse que não sei com o que você está lidando. Então me dê uma lista. Ele gesticula para seus irmãos. “Vamos enfrentá-los um de cada vez.”

Zane acena para mim.

Finn apenas cruza os braços sobre o peito.

Minhas sobrancelhas se apertam em confusão. Qual é o truque? Ele realmente espera que eu acredite que eles vão me ajudar?

Dutch franze a testa com impaciência.

Eu olho para ele. "O primeiro da lista... é fazer com que você me deixe em paz."

“Não está acontecendo. Próximo." Ele estala os dedos.

Eu faço uma careta.

Ele espera, seu rosto é uma máscara enigmática.

Percebo que ele não vai me deixar sair até que eu diga alguma coisa. O que deveria dizer? Não posso dizer ao Dutch que pretendo trabalhar com o pai dele para obter informações sobre Jinx. Se eu comprometer o meu acordo com ela, Serena nunca sobreviverá.

“Estamos esperando, Brahms”, diz Dutch, inclinando a cabeça para o lado. A luz do sol cai sobre seus cabelos dourados. Sua língua desliza pelo lábio inferior. “Não nos faça esperar muito.”

Tenho certeza que ele já usou esse tom comigo antes. Pouco antes de ele mandar meu professor favorito, o Sr. Mulliez, fazer as malas.

Meu coração troveja.

“Serena,” eu deixo escapar, odiando estar presa. Odiando que uma parte de mim esteja disposta a colocar esperança nesses garotos perigosos e imprudentes. Se eu pudesse, eu colocaria fogo neles. Todos eles. Exceto Sol.

Ou talvez eu o jogasse nas chamas também.

Pelo pecado de ser amigo de Dutch Cross.

“Eu quero o nome dela limpo. Quero-a de volta em Redwood.

"OK-"

“E eu quero que o verdadeiro culpado seja pego. Eu quero que ele sangre. Quero que ele seja queimado na maldita fogueira.

Sol fica pálido.

Finn faz uma careta para mim.

Zane desvia o olhar.

Os olhos de Dutch piscam para os meus, menos âmbar, mais pretos. Dois poços intermináveis de sombras.

Quando ele fala, suas palavras são corajosas. "Vamos encontrar uma maneira."

Sol lança um olhar penetrante para Dutch.

Eu aceno e me levanto.

Dutch me para com a mão levantada. "É isso?"

“Faça isso primeiro.” Coloco minha bolsa no ombro. “Então eu vou te contar o resto.”

Sua boca se torce em uma linha dura.

Eu não ligo. Não estou dependendo dele para consertar nada para mim, mas se desta vez ele quiser usar seu mal para o bem, não vou impedi-lo.

Os sinos musicais soam fracamente.

Quanto tempo eu dormi? Já é hora da aula.

Meus olhos deslizam sobre Dutch e pousam no Sol. "Você vem?"

"Onde?"

"Álgebra." Eu aceno para Os Reis. "Não espero que *eles* realmente se importem com sua educação."

Zane ri e cai no sofá, bem no lugar onde eu estava dormindo. "Você realmente não a domesticou bem o suficiente, Dutch."

Meus dedos se enrolam em punhos. Eu daria um soco nele se não fosse o sino tocando novamente.

"Estou livre para ir ou você quer que eu me deite para que possa me observar assustadoramente enquanto durmo?" Arqueio uma sobrancelha em desafio.

Finn parece divertido. Ele se afasta de nós e se acomoda no canto com um tablet equilibrado no joelho.

"Você pode ir", diz Dutch.

Eu passo em um turbilhão de cabelo e xadrez desgrenhados pelo sono, apenas para ser agarrada pelo braço por Dutch. Ele me empurra contra a parede perto da estante de troféus e coloca a mão perto do meu rosto, inclinando-se.

"Sente-se conosco na hora do almoço."

"Tire suas mãos de mim," eu rosno.

Ele não recua. — Se você me fizer procurar por você em toda a escola, Cadey, você não vai gostar do que acontecerá quando eu te encontrar. Ele me cobre com sua forma, seu peito duro roçando os botões da minha camisa. "Vejo você no almoço."

Meu corpo se arqueia em direção a ele, procurando-o como se ele fosse minha droga pessoal.

Sinto repulsa pela dor instantânea e desesperada que se forma entre minhas pernas.

Dutch segura meu queixo. "Entendi?"

Arranco meu rosto de seu alcance.

Ele deve interpretar isso como uma confirmação, porque dá um passo para trás e gesticula para Sol abrir a porta.

Eu bufo e saio, ouvindo a risada distorcida de Zane fluindo atrás de mim.

"Como você é amigo deles?" Eu ando rápido, meus passos são rápidos – não porque estou com pressa para chegar à aula, mas porque estou muito chateado. "Eles são animais."

Sol se junta a mim. Seu tom é contemplativo. "Você parece diferente."

"O que você quer dizer?" Ainda estou chateado, então as palavras são lançadas como uma acusação.

Ele me observa com olhos mais tristes e sombrios do que antes.

Irritado, viro a esquina.

Talvez eu seja diferente.

Muita coisa aconteceu desde que Sol voltou para Redwood. A vida me martelou por todos os lados e me quebrou. Tornou as arestas mais nítidas. Fez a suavidade interior se

dissolver. Estou com mais frio agora. Mais forte. O último resquício da minha inocência foi arrancado pelo meu pior inimigo e agora não há nada que me ligue à minha versão infantil e esperançosa.

Além disso, os riscos são muito maiores agora do que eram antes.

Quatro garotos do ensino médio com poder e crueldade não me assustam tanto quanto o que minha mãe poderia fazer comigo e com Vi.

Sol enfia a mão no bolso e para no meio do corredor.

Eu paro também e olho para ele. Ele está olhando para mim, nuvens de tempestade se formando atrás de suas íris escuras.

Meus dedos apertam a alça da bolsa, mas não me encolho.

Sol nasceu na zona sul.

Ele conhece essa vida, mesmo que agora ande com idiotas como os Kings.

Ele é mais parecido comigo do que com eles.

Aproximo-me dele, não mais preocupado com as aulas. Os corredores estão completamente vazios e o barulho dos meus tênis no chão é alto.

“Está tudo bem com você, Sol?” Eu franzo a testa para ele. “Você disse que tinha algo para me contar.”

"Eu fiz."

Eu procuro seus olhos.

Ele permanece quieto.

“Você pode dizer isso. Seja o que for, não vou julgar você”, sussurro suavemente. “Somos amigos, certo? Pessoas como nós... ficamos juntos.”

Seus lábios se arqueiam, mas não é um sorriso. Está muito vazio. Muito quebrado. "Nós ficamos juntos."

"Vamos." Eu agarro seu braço e puxo. “Vamos para a aula antes que nosso 'atraso' se transforme em 'ausente'.”

“Na verdade, acho que não irei para a aula hoje.”

Meus olhos se arregalam. "Por que não?"

“Te vejo mais tarde, Cadence.”

Enquanto Sol se afasta, um pressentimento arranha meu peito. O que ele iria me dizer? E por que parece que seus segredos são tão obscuros quanto todos os outros aqui em Redwood?

\* \* \*

*Jinx: O Príncipe Encantado está disposto a compartilhar?*

*Velas, flores e um café da manhã gourmet foram encontrados jogados no lixo depois que o Príncipe Encantado não conseguiu cortejar sua furiosa Cinderela. Acho que jantares privados não são suficientes para convencer a Cinderela a pegar na mão do nosso Príncipe.*

*Mas enxugue suas lágrimas, Príncipe Encantado. Você precisará manter os olhos bem abertos. Você não é o único interessado em estourar a abóbora da Cinderela. Existem muitos contendores no reino. E assim como os ratos podem se transformar em lacaios, os amigos podem se transformar em inimigos.*



*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*  
- Azar

## CAPÍTULO DEZOITO

### HOLANDÊS

No momento em que a porta se fecha, Finn larga o tablet e me bate com seu olhar sombrio.

Coloco a mão no bolso e evito a pergunta em seus olhos.

Entre Zane e Finn, quem me deixa desconfiado é meu irmão adotivo.

Zane é pura emoção. É por isso que ele é tão bom na bateria. Ele explode em uma confusão de energia, sentimentos e impulsos incontroláveis. O bom, o mau, o feio, eventualmente sai rugindo dele até não sobrar nada.

Eu sei onde meu gêmeo está com apenas um olhar.

Mas Finn está controlado. Contido.

A única maneira de saber o que ele está pensando é se ele lhe contar diretamente.

“O que você quis dizer quando prometeu que encontraria o culpado por ela?” Finn pergunta.

Vou até a geladeira, abro e pego uma cerveja. “Eu quis dizer que encontraríamos *um* culpado para ela.” Eu abro a conta e bebo a bebida. “Eu não quis dizer Sol.”

“Você não deveria ter concordado com isso em primeiro lugar. É muito arriscado,” Zane me repreende. Seus olhos são claros. Uma surpresa dada a quantidade de cervejas que ele bebeu antes de subir na moto e partir na noite passada.

Finn e eu temíamos que ele não conseguisse voltar inteiro, mas por volta das duas da manhã ele entrou, cheirando a sexo, perfume e raiva. Não perguntamos como ele resolveu suas frustrações, mas a verdade veio à tona bem cedo.

Sua líder de torcida preferida postou vertiginosamente uma foto dele por trás.

Pelado.

O maldito cabeça-dura tinha as bochechas do meu irmão estampadas no aplicativo da Jinx pela manhã.

Zane não se importa.

Mas pretendo expulsar aquele cabeça-dura da torcida. Se ela não entende que a discricção é uma obrigação quando ela passa a noite com um de nós, então assumirei como missão ensinar-lhe essa lição.

“Você poderia ter perdoado Cadence por atacar tudo nesta sala,” Finn diz calmamente. “Mas isso não significa *que temos*.”

“Você tem um problema?” Eu rosno.

Ele levanta um ombro em um encolher de ombros descuidado.

“Finn está certo. Você pegou seu pedaço de carne dela. Concordamos que ela pagou sua dívida depois de desistir dos bens.” Zane lambe os lábios. “Estamos quadrados. Mas ela não pertence aqui depois de desrespeitar nosso espaço.”

“Suficiente.” Eu levanto a mão.

Finn levanta um joelho e apoia o braço longo em cima dele.

"Por que diabos você é tão sensível a respeito dela?" Zane acusa. "Ela tem algo sobre você?"

Meus olhos deslizam sobre os do meu gêmeo.

"Ou há algum tipo de magia entre as pernas dela porque se for assim—"

"Cadence é minha noiva," digo bruscamente.

Ambos os meus irmãos ficam em silêncio.

O queixo de Zane está no chão.

Os olhos de Finn se estreitam em fendas afiadas.

Eu sorrio. Mesmo que meu cérebro esteja funcionando a todo vapor e haja uma parede gigante entre mim e Cadence em um vestido de noiva, ainda é uma ocasião alucinante.

A minha noiva.

Droga.

Está certo. Está perfeito.

"Você caiu e bateu a cabeça?" Zane gagueja. "Quantos dedos estou segurando?"

"Não é uma lesão cerebral. É a maldita verdade honesta.

"Você propôs naquela noite?" Os olhos de Finn brilham à luz do sol. "Na noite em que você foi até a casa dela?"

Eu concordo.

"Huh." Ele parece divertido.

"Como você está tão calmo sobre isso?" Zane grita. "Esse idiota está falando sobre *casamento*. Casado! Mal temos dezoito anos.

"É legal."

"E ela não é." Os olhos de Zane se estreitam para mim. "Você já pensou nisso? Ela tem dezessete anos.

"Em dezembro-"

"Ainda não é dezembro," Zane bufa.

Não me importo que ele me interrompa. Sua reação é esperada.

Finn me estuda. "Tem mais, não tem?"

"Mais? O que mais?" Zane aperta os dedos sobre a têmpora e cai de bruços no sofá. "Não aguento mais."

"Sente-se. Preciso que você preste atenção nisso. Eu o cutuco.

Ele se levanta, os olhos estreitados. "Por que você não verificou comigo? Eu poderia ter ligado para você.

"Me conectou com o quê?"

"Você queria um desafio? Você queria inexperiente e de olhos arregalados? Fácil. Eu poderia ter uma fila de virgens batendo na sua porta. Nenhuma proposta de casamento é necessária."

"Se as virgens estão derrubando a porta dele, então não é necessariamente um desafio", ressalta Finn.

"Você está contando piadas? Agora mesmo? Sericamente?"

"Não é uma brincadeira. Apenas uma observação."

"Quando um de nós faz algo estúpido, nós criticamos um ao outro. Foi isso que você fez por mim. Por que diabos ele consegue um passe?"

“Ele disse que há mais,” Finn diz simplesmente.

Zane respira fundo, fecha os olhos e se senta novamente. “É melhor que isso seja bom, holandês.”

Sento-me rigidamente e passo as palavras pela minha mente, imaginando como vou pronunciá-las. Não há como embelezar isso.

É melhor arrancar o band-aid.

“Vovó deixou sua fortuna para um de nós”, admito.

“Eu ouvi isso certo? Você disse 'um'?” Zane arqueia uma sobrancelha.

“Apenas um.”

“Biológico?” Finn pergunta baixinho.

Eu olho para cima. Há um toque de incerteza em seus olhos. A primeira rachadura em sua armadura que vi.

“Acho que não. Os requisitos são que o neto seja casado e tenha um filho antes de completar um ano. É isso.”

“Uma criança?” As sobrancelhas de Zane se arquearam. “Como uma criança humana?”

Finn parece perturbado. “Um ano?”

“Tem mais.”

Ambos parecem estar se preparando.

“Se um de nós não conseguir cumprir o requisito... papai fica com tudo.”

“Absolutamente *não*.” Zane explode de seu assento.

Finn olha para longe, repassando minhas palavras em sua mente brilhante. Finalmente, ele olha para mim. “O casamento com a mãe da senhorita Jamieson. Papai a escolheu por um motivo, não foi?”

“Para cumprir a exigência do testamento e manter Zane longe de... *recriar* com sua filha.”

Zane para de repente.

Eu dou a ele um olhar simpático. “Dois pássaros. Uma pedra.

“A senhorita Jamieson não teria se casado comigo mesmo se eu pagasse a ela.”

“Você gostaria *de* se casar com ela?”

Ele olha para o chão, sem dizer nada.

“É por isso que papai está em Redwood. Ele está de olho em nós para que nem sonhemos em tocar na herança.”

Há um momento de silêncio enquanto meus irmãos absorvem o que isso significa.

Nosso pai é um maldito psicopata.

O olhar escuro de Finn encontra o meu. “Diga-me que não há mais.”

“É isso.” Levanto as duas mãos para mostrar que estou vazio.

“E vocês dois?” Zane aponta um dedo trêmulo. “Por que ir atrás de mim?”

“O que você quer dizer?”

“Vocês dois têm as ferramentas para fazer um bebê em um ano. Você poderia fazer *três malditos* só por segurança .”

“Isso é porque...”

“Papai acha que não me qualifico como filho.” As palavras de Finn são moderadas. Parece que ele acabou de ser atropelado por um caminhão.

“Nós não sabemos disso,” murmuro.

Finn balança a cabeça, claramente sem vontade de falar sobre isso. “E quanto a Cadence? Fotos suas e dela estão por todo o aplicativo da Jinx. Mesmo que o pai não esteja inscrito, basta conversar com algumas pessoas para que elas indiquem vocês dois como casal.

Eu fico rígido, já desconfiando de Cadence estar no radar do meu pai. O fato de Finn pensar da mesma forma é uma confirmação.

Meu irmão me estuda. “Jinx mencionou que Cadence e meu pai estão tendo conversas secretas depois da aula. Você acha que foi sobre isso?

“Como diabos o papai vai trazer isso à tona?” Zane murmura. “Olá, estudante de dezessete anos. Pagarei a você um milhão de dólares se você *não* se casar com meu filho?”

“Não está abaixo dele”, diz Finn.

“Nada está abaixo dele porque ele é mais baixo que terra. Mas papai é inteligente. Ele não se exporia assim. Zane pressiona os lábios. “Além disso, papai não precisaria pagar um centavo. Ela *não* se casaria com você de graça.

“Ela *vai* se casar comigo,” eu digo bruscamente.

“Você vai sequestrar a irmã dela e ameaçá-la?”

“Claro que não.” Se eu tocasse a irmã dela, Cadence provavelmente cortaria meu pescoço enquanto eu dormisse.

“Você vai falsificar a assinatura dela nos registros do tribunal?”

“Não.”

“Então isso não está acontecendo.”

“Está acontecendo,” eu digo uniformemente. “Ela é da família agora.” Olho entre eles. “E preciso que vocês dois me ajudem a convencê-la disso.”

“Você precisará de um milagre para convencer aquela garota,” Zane murmura.

Finn parece pensativo. “Cadência é teimosa. Fizemos tudo o que podíamos para tirá-la de Redwood, mas ela resistiu a tudo. E quando conseguimos expulsá-la, ela voltou. Fazer com que ela se case com você será dez vezes mais difícil do que qualquer coisa que fizemos no passado.”

“Não temos escolha”, rosno. “Não vou me casar com mais ninguém. A menos que vocês dois queiram se casar?

Meus irmãos calaram a boca.

“Como não há outros compradores, meu casamento com Cadence é garantido.”

“Por que você não a engravida primeiro e se preocupa com o casamento depois?” Finn sugere.

Meus ouvidos se animam.

Até Zane parece intrigado.

“Mamãe não especificou em que ordem isso deveria acontecer, não é?”

“Não.”

“Se alguém como o pai pode se qualificar para a herança,” Zane murmura, “então não vejo por que Dutch não pode começar com a parte do bebê antes de assinar os papéis. Poderia funcionar.

“Ter um filho pode ser o que convence Cadence a se casar com você também”, diz Finn.

“É uma opção.” Eu esfrego meu queixo. A ideia de encher Cadence com meus filhos deixa meu sangue quente. Já posso imaginá-la, com as pernas abertas, a boca aberta, os olhos vendo estrelas enquanto a engravido com nosso filho.

“Mas ela vai odiar você,” Finn diz calmamente.

Suas palavras quebram minha visão. Olho para meu irmão.

Ele está me encarando com aqueles olhos que veem mais do que dizem. “Mentir para ela sobre Sol é uma coisa. Mas se você mentir para ela sobre isso...”

“Não importa. Ela não pode escapar de mim.

“E se ela fizer isso?”

“Vou arrastá-la de volta,” rosno, olhando para ele.

“Isso é amor?” Finn se pergunta.

Parece que ele está pensando em voz alta em vez de me acusar, mas ainda fico na defensiva.

“Quem se importa com o amor? Estamos falando de *casamento*. Você não está com medo? Os olhos de Zane se arregalam. “Isso não é um desafio. Isso não é ficar. Isto é casamento. Isso é ser pai. Você está pronto para tudo isso?”

“Não sei.”

“O que você sabe então?” Finn pergunta, seus olhos passando por mim.

“Eu sei que quero que meu pai perca algo depois do que ele fez conosco.”

Zane se vira, com uma veia saliente em seu pescoço.

“Eu sei que no momento em que me casar com Cadence, será o fim para mim. Sou casado para o resto da vida.”

Zane parece surpreso com isso.

Finn não.

“Eu sei que ela é importante o suficiente para mim que eu morreria por ela. E sei que quando estou com ela sinto... — Inspiro profundamente. “Me sinto como se fosse a primeira vez que subi no palco com meu violão. Tonto. Ansioso. Vivo.”

Finn se vira para mim. Seus olhos ardem. “Estou dentro.”

Minhas sobrancelhas se levantam.

“Vamos fazer de Cadence sua esposa.”

Zane se aproxima relutantemente. “E esperemos que desta vez tenhamos mais sucesso do que quando tentamos expulsá-la de Redwood.”

## CAPÍTULO DEZENOVE

### CADÊNCIA

Sentar com os Kings no almoço é como dar um passeio nu pela rua principal. Todo mundo está olhando para nós. Tenho certeza de que eles também ficaram olhando o dia todo. Outras coisas que notei esta manhã: toda a última fila durante a álgebra estava livre. Os professores evitavam meus olhos no corredor. Alguém acidentalmente me deu um tapa no ombro com a mochila quando eu estava chegando ao refeitório e eles fugiram chorando antes que eu pudesse dizer que estava bem.

Eu tinha esquecido que os Kings são mais do que apenas os deuses do rock da Redwood Prep.

Eles são governantes implacáveis.

Cheguei muito perto deles, tão perto que perdi o contato com a realidade. Não consegui ver o que a maioria dos estudantes de Redwood vê quando olha para eles.

Ameaças envoltas em tatuagens e vingança.

É por isso que segui as ordens e me arrastei até o refeitório. Estou travando muitas batalhas atualmente e não me importo de acrescentar mais uma.

Não hoje, pelo menos.

Dutch Cross pode vencer esta rodada enquanto eu recupero as forças.

“Você quer outra coisa?” Holandês pergunta. Sua voz é um sussurro baixo em meu ouvido. Um arrepio percorre minha espinha quando ele acrescenta em um sussurro áspero: — Ou você precisa que eu te alimente de novo?

Eu olho para ele. “Experimente e eu arranco sua mão com uma mordida.”

Finn libera um de seus sorrisos fantasmagóricos sexy.

Sol apenas balança a cabeça, parecendo irritado.

Zane bufa. “Droga, holandês. Dê algum espaço à minha cunhada. Como ela vai comer com você respirando no pescoço dela desse jeito?

Dutch parece satisfeito enquanto se afasta de mim.

Mas meus olhos se arregalam de horror. “Do que você acabou de me ligar?”

Dutch interrompe seu irmão antes que ele possa responder. “Recebi outra ligação de Bex Dane esta manhã. Como o Halloween Bash foi um sucesso, o pessoal dele quer que toquemos na turnê de Natal.”

Meus olhos se arregalam com a queda do nome. Bex Dane é um dos artistas solo de punk rock mais quentes do momento. Se Jarod Cross é uma lenda, Bex Dane é o azarão que busca seu lugar no número um.

“Ele ligou *de novo*?” Sol sorri.

“Bex é mais carente do que todos os meus ex-namorados juntos,” Zane murmura.

Finn faz uma careta. “E o Natal não é minha praia.”

"Eca." Zane cai para trás em sua cadeira, seus braços longos e tatuados pendurados quase no chão. "Você não vai aceitar, vai? Você sempre se transforma em sargento instrutor antes de um show."

Dutch balança a cabeça. "Eu disse não."

Zane suspira de alívio.

"Bex não para de perguntar," Finn diz com uma voz profunda. Houve um boato na escola de que uma vez Finn fez uma garota andar um quilômetro no frio congelante apenas falando ao telefone com ela. Não acho que esse boato tenha sido exagerado. Há uma qualidade de chocolate em seu tom que é perfeito para rádios noturnos... ou para lançar feitiços.

Sol apoia um braço nas costas da cadeira de Zane. "Por que você não aceita o show? Isso irritaria seu pai."

"Temos outros planos", diz Dutch, olhando para mim.

Eu me contorço e desvio o olhar. A comida do refeitório parece saborosa, mas não consigo comer.

"Aqui." Sol desliza sua bandeja para mim. Tem um sanduíche nele. "Pegue isso."

"Obrigado." Eu dou a ele um sorriso agradecido. Comer um sanduíche durante o almoço em vez da tarifa de um hotel cinco estrelas é muito mais confortável para mim.

Dutch encara nossa conversa, mas não me importo. Ele não gosta que eu seja amigável com Sol? E daí? Sol e eu somos próximos e sou eu mesmo.

"Olha, ali está Paris", diz Finn, apontando para o outro lado do refeitório.

Todos os meninos param e assistem, então eu também.

Paris está entrando no refeitório, de cabeça baixa.

Zane ri. "O que você disse a ela?"

Dutch não responde, mas o olhar que ele lança para a capitã das líderes de torcida é puro fogo do inferno. Paris para bem em frente à mesa dos Reis e usa a bandeja para cobrir a barriga como uma armadura. Seus olhos ainda não saíram do chão.

"Você cuidou disso?" Rosnados holandeses.

"A garota que tirou a foto de Zane está fora do esquadrão. Se alguém da equipe falar com ela, eles também vão embora."

Zane tira uma uva do caule e a come como se não se importasse com o mundo.

Finn está lendo um livro – como ele está se concentrando nas palavras nesta situação? Eu não faço ideia.

Sol já parece entediado com toda a cena.

"E-isso é tudo?" Paris treme.

"Mais uma coisa."

Para minha surpresa, Dutch agarra meu pulso e levanta meu braço. Meu sanduíche cai no banco, respingando alface e maionese.

Eu me viro para acertá-lo com um olhar furioso, mas ele não está olhando para mim. Ele está olhando para Paris com aquela cara assustadora.

A líder de torcida estremece em resposta.

"Um gato selvagem cometeu o erro de colocar as garras na minha garota."

"Sua garota?" Eu sibilo.



Dutch segura minhas mãos com força, os olhos ardendo. “Se aquele gato colocar as mãos em Cadence *novamente*, vou caçá-lo e cortar cada uma de suas garras. Você me escuta?”

Paris pisca rapidamente. “S-sim.”

Dutch tira os olhos dela e ela sai correndo tão rápido que deixa marcas de derrapagem no chão.

Zane arqueia uma sobrancelha. “Quando Paris veio para Cadence?”

Holandês não responde.

Zane arqueia uma sobrancelha para mim. “Brahms? Cuidado em compartilhar?”

“Eu não.” Minhas narinas se dilatam. Eu me volto para o holandês. “O que diabos você pensa que está fazendo?”

Ele pega seus pauzinhos e come seu sushi com calma.

Com o peito quente e a raiva aumentando, fico de pé.

“Onde você está indo?” Dutch rosna, mastigando sem olhar na minha direção.

“O banheiro. Ou preciso da sua permissão para fazer xixi?”

Zane se inclina para Finn e sussurra: “Mamãe e papai estão brigando de novo”.

Eu o prendo com um olhar fervilhante.

A sobrancelha de Sol sobe. “Paris machucou você, Cadence? Onde? Você está bem agora?”

“Não é da sua conta”, Dutch responde.

Os olhos de Sol ficam escuros.

Incapaz de aguentar mais um momento diante da presença esmagadora de Dutch, saio do banco. Quanto mais ele tenta me controlar, mais ódio sinto por ele.

Paris é *meu* problema.

Sol é *meu* amigo.

E posso muito bem almoçar com ou sem ele, se quiser.

Eu não vou deixar ele tomar conta de mim.

Nunca.

Não enquanto eu estiver respirando.

Eu saio furioso do refeitório. Em vez de ir para os banheiros, onde as meninas provavelmente sairão correndo de medo, viro à direita e bato em uma das escadas privadas.

Sentando-me no degrau, cerro a mão, enfio-a na boca e solto gritos abafados de frustração. Tento ficar quieto, mas o som rebate nas paredes, ricocheteando no espaço vazio.

À medida que o último eco desaparece, a porta um andar abaixo se abre e Dutch vem em minha direção, movendo-se pela escuridão como se fosse dono de cada sombra.

“Este não é o banheiro.”

“Eu me perdi no caminho”, cuspi.

“Levante-se, Cadey.”

“Me deixe em paz.”

Os olhos de Dutch se estreitam. Ele se senta na escada ao meu lado.

“Você quer que eu a castigue mais?”

"O que? Não!" Eu me arrasto até onde posso ir. "Eu não te contei sobre Paris porque não precisava da sua ajuda."

"Quem disse que eu estava ajudando?"

"Eu poderia ter lidado com ela."

"Eu sei. Mas preciso dar o exemplo. Todos deveriam entender as consequências se tocarem no que é meu."

Neste ponto, estou absolutamente *pronto*.

"Vá para o inferno," eu rosno.

De repente, Dutch rola sobre mim e enfia seu corpo enorme entre minhas pernas. Minhas costas batem na escada quando seu peso pressiona sobre mim. Ele sorri e roça meus lábios com os dele, passando pelo meu rosto até chegar ao meu ouvido. "Eu já te disse, Cadey. Se vou para o inferno, vou arrastar você para lá comigo."

Ele balança os quadris para frente, me fazendo gemer. É tão bom, mesmo que eu o odeie com cada fibra do meu ser. Meu coração bate rápido o suficiente para explodir.

Sinos musicais ecoam pelos corredores.

Salvo pelo gongo.

"Preciso ir para a aula", gaguejo, embora tudo em meu corpo queira prender minhas pernas em volta de sua cintura e puxá-lo profundamente para mim.

Dutch levanta meu queixo e caio em seus olhos castanhos escuros. "Sem aula."

"Sem aula?" Repito depois dele como um bufão.

"Você tem duas escolhas, Cadey. Um... — Ele levanta um dedo áspero e calejado. "Eu faço você gritar meu nome alto o suficiente para que as salas de aula em ambas as extremidades do corredor possam ouvir. Ou -"

"Dois. Eu vou com dois," eu deixo escapar.

Ele sorri. "Volte para o refeitório e coma alguma coisa."

Meus olhos se arregalam.

"Você não tomou café da manhã esta manhã." Ele faz uma careta para mim. "Se você perder o almoço também, isso vai me irritar muito."

Suas palavras são geladas.

Olho para seu rosto, cheio de linhas duras e sombras escuras.

Um arrepio percorre minha espinha. Se algum dia eu cometer o erro de me apaixonar por Dutch Cross, estarei me apaixonando por um louco.

\* \* \*

*Jinx: Quando um rei fala, não é um pedido. É uma ordem.*

*No início desta manhã, o Rei da Armadilha agradeceu seus cidadãos com a vista de seus... aposentos firmes e tonificados. Ninguém estava reclamando. Bem, ninguém, exceto o Príncipe Encantado.*

*Nosso grupo real de irmãos manifestou sua raiva e não perdeu tempo arrancando o coração de seus inimigos. Por que outro motivo a concubina de uma noite de Snare King seria destituída de sua posição na corte e desprezada por todos que ela amava? Espero que aquela brincadeira na cama do Snare King e os cinco segundos de fama tenham valido a pena.*

*Infelizmente, ela não foi a única a sofrer. Miss PomPoms quase perdeu a cabeça aos pés do trono real do Príncipe Encantado. Sua ofensa? Um erro cometido no início da semana que o Príncipe Encantado não havia esquecido.*

*É uma guerra lá fora, pessoal. Tenha cuidado como você pisa. Quando se trata de sua princesa mimada, esta gangue real não oferece piedade.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO VINTE

CADÊNCIA

O guarda-costas de Jarod Cross está me esperando no estacionamento depois da escola. Sinto-me arrepiada quando olho em seus olhos sombrios. Estive no lado viscoso da escuridão toda a minha vida e posso sentir o cheiro de algo nesse cara. Algo que me deixa desconfortável.

Meu telefone toca.

É um número desconhecido.

Eu me pergunto se é a mãe.

"Olá?"

"Cadence", a voz esfumada e de um milhão de dólares de Jarod Cross, enche meus ouvidos. "Lucien está esperando por você no estacionamento. Você o vê?"

"Sim."

"Receio que estou me preparando para um show, então preciso que você venha até mim. Tudo bem?"

Há algo em seu tom que me diz que só há uma resposta certa para essa pergunta.

Eu coloco meu lábio inferior na boca. "Sim."

"Vejo você em alguns minutos", diz Jarod Cross. "Estou entusiasmado com a nossa parceria."

"Ainda não lhe contei minha resposta."

"Você é uma garota inteligente. Eu sei que você não vai me decepcionar."

Minha pele se arrepia com aviso. Desligo o telefone e vou até o homem vestido com um terno preto completo, apesar das temperaturas terrivelmente altas.

Não estou fazendo isso por mim. Não estou fazendo isso por dinheiro.

Estou fazendo isso pela Serena.

Ela merece ser devolvida ao seu devido lugar e a pessoa que mentiu sobre ela e arruinou sua vida precisa ser punida. Não vou parar até conseguir ambos. O que quer que eu tenha que fazer para conseguir as evidências de Jinx, estou disposto a fazer.

Lucien me observa com olhos duros. Ele abre a porta dos fundos.

Entro e ele fecha a porta.

Meu coração vai até a garganta. Cravo minhas unhas no cinto de segurança enquanto ele sai.

*Devo dizer ao Dutch onde estou?*

O pensamento me abala profundamente. Por que estou pensando nele? Em vez de ser uma donzela em perigo, eu deveria encontrar minha própria saída.

*Ainda. É melhor do que sair com um estranho que te dá arrepios.*

Mas se eu ligar para Dutch, o que direi a ele?

*"Acho que seu pai é perigoso, então quero desistir desse acordo que fiz com ele. Você pode vir e me salvar?"*

Não há realidade onde isso vai acabar bem.

Eu estou por conta própria.

Pensando rápido, gravei meu celular e o coloquei embaixo da coxa.

“Seu nome é Lucien?” Eu inicio uma conversa casual.

Olhos negros e redondos brilham no espelho retrovisor.

Forço um sorriso. “Há quanto tempo você trabalha para o Sr. Cross?”

Há um longo período de silêncio.

Acho que ele não vai responder, mas finalmente diz: “Cerca de cinco anos”.

“Realmente? Pela maneira como vocês dois interagem, pensei que você estivesse trabalhando com ele desde o início da carreira dele.”

A boca de Lucien forma uma linha fina.

Eu limpo minha garganta. “Para onde você está me levando?”

Nada ainda.

“O que o Sr. Cross quer que eu faça?”

Nada ainda.

Meu coração bate contra minhas costelas. Cravo minhas unhas no telefone, me perguntando o que devo fazer a seguir.

Algo não parece certo.

Este homem. Este passeio. O pedido da estrela do rock.

“Você não precisa gravar isso”, diz Lucien, com a voz nítida e seca. “Senhor. Cross não faria mal a você. Seus olhos brilham em mim novamente. “Não, contanto que você coopere.”

Minhas narinas se dilatam. Ele percebe como soa? Talvez na cabeça de Lucien isso fosse para me confortar, mas tudo que ouvi foi ' *O Sr. Cross vai te machucar se você NÃO cooperar* ' .

Lambo meus lábios e desligo a gravação. Ele deixou claro seu ponto de vista. Não há como escapar dessas circunstâncias. Tudo o que posso fazer é confiar que não estou cometendo o maior erro da minha vida.

Lucien volta seus olhos frios para a rua.

O resto da viagem acontece em um silêncio sufocante.

Finalmente, ele estaciona o carro em uma arena gigante. Há paparazzi na frente, mas nenhum deles está aqui.

O motor do carro morre.

Lucien abre a porta para mim como se eu fosse alguém importante.

Olho para o rosto dele.

Ele olha para mim, um brilho cruel em seus olhos. Isso me lembra daquele garoto do jardim de infância que costumava colocar formigas em poças só para vê-las se afogarem.

“Dessa maneira.” Ele aponta, mostrando uma abotoadura com o símbolo de um tigre. “Ele está esperando lá em cima.”

Passo por ele, feliz por estar longe de sua presença estranhamente perturbadora.

As escadas que levam ao palco são grandes e de madeira. Meus tênis batem alto neles, mas o som é engolido pela enorme cacofonia acima. Guindastes gigantescos

voam pelo palco. Homens com camisetas com a etiqueta “CREW” nas costas se agitam em desespero.

No círculo do caos, calmo e sinistramente belo, está Jarod Cross. Ele tem um violão pendurado em seu corpo longo e magro. Tatuagens enfeitam seu peito e a maior parte de seus braços, que ficam à mostra graças ao seu batedor preto. Todas as luzes apontam para ele, banhando seu rosto de branco e mistério.

Ele vira a cabeça para o lado e posso ver Dutch. A maneira como eles seguram suas guitarras com uma graça descuidada, a maneira como ambos ficam no centro dos holofotes sem medo, é sedutor de uma forma estranha e pecaminosa.

Os olhos azuis de Jarod Cross se abrem e ele olha pelo palco como se sentisse minha presença. Ele me vê e um sorriso lento e confiante se estende por seu rosto. Como um gato que tem o rato exatamente onde quer.

"Cadência." Ele balança o violão sobre a cabeça em um movimento suave. Alguém se aproxima e aceita o violão dele.

Tenho certeza de que pareço tão deslumbrado quanto me sinto, mas não consigo encontrar forças para esconder minha expressão. É a primeira vez que subo num palco profissional. Embora a Redwood Prep leve a música a sério, esta não é uma apresentação escolar. Isto está em outro nível completamente.

"Você está aqui." Jarod estala os dedos.

Magicamente, uma garrafa de água aparece na sua frente.

Ele gira a tampa, toma um gole e estende os braços.

A garrafa é imediatamente removida.

Ele coloca um braço em volta do meu ombro. "Vir. Caminhe comigo."

Tropeço ao lado dele, me perguntando quando diabos fui dormir e comecei a sonhar com estrelas do rock me dando turnês.

"Pessoal", Jarod Cross gesticula para sua banda, "este é o melhor aluno de Mulliez - Cadence Cooper".

Os músicos levantam o queixo em um sinal legal de saudação.

Meu estômago se aperta nervosamente. "Oi."

"Mulliez a escolheu?" O baixista desliza os olhos sobre mim.

"Como você conhece o Sr. Mulliez?" Eu pergunto.

"Ele tocou com a nossa banda. Resumidamente", diz Jarod. "Ele pode não estar conosco agora, mas você nunca esquece seu colega de banda."

"O que você toca?" o baterista pergunta. Ele é um cara alto e magro coberto de tatuagens. Seu cabelo é tão desgrenhado que esconde a maior parte do rosto.

"Piano", murmuro.

"Chaves?" Ele balança a cabeça. "Nada mal."

"Somos guitarristas aqui, mas respeitamos o piano. Sem ódio. O baixista dá um soco no peito.

"Você deveria tocar alguma coisa."

"Sim, definitivamente. Deixe-me ouvir em que Mulliez apostou sua vida."

Jarod ri. "Cadência?"

"Não posso." As palavras escapam com um guincho. Calmo e com medo.

Coloque-me contra um monstro furioso como Dutch Cross e lutarei com unhas e dentes.

Peça-me para tocar na frente de uma multidão e perco todo o meu entusiasmo.

"Por que não?" Jarod arqueia uma sobrancelha.

"Tenho medo do palco", admito, juntando as mãos.

A banda inteira fica em silêncio.

Jarod me estuda com um olhar demorado, seu olhar deslizando do meu cabelo na altura da bunda para meus tênis empoeirados. "Que tipo de relacionamento você teve com Mulliez?"

Imediatamente, todos na banda enrijecem.

Eu também. O que diabos ele está insinuando?

"Os rumores eram verdadeiros?" Estranhamente, Jarod Cross parece mais divertido do que escandalizado.

Estou imediatamente nervoso.

Mexa comigo? Multar. Mas não venha atrás das pessoas de quem gosto.

"Senhor. Mulliez me escolheu por causa do meu talento." Eu perfuro a banda com meu olhar. "Não por qualquer outro motivo."

"Como você se classificou para Redwood se tem medo do palco?"

Eu inspiro profundamente. "Vocês têm peruca por aqui?"

Eles são estrelas do rock. Eles *devem* manter algum tipo de fantasia no prédio.

"Não."

Meu coração bate mais rápido.

Não consigo fazer isso sem peruca. Eu não posso fazer isso.

A mão de Jarod cai no meu ombro. "Cadence, não há problema em admitir a verdade. Se Mulliez..."

"Ele não fez isso," eu rosno.

O sorriso divertido de Jarod fica maior.

Eu aperto meus olhos fechados. *Vamos, Cadence. Você consegue fazer isso. Você até tocou para as moças do refeitório, lembra?*

Dutch me tirou da minha zona de conforto mais vezes do que posso contar. É hora de ver se funcionou.

"Você tem uma capa de bateria?"

Jarod estala os dedos. "Dê algo para essa garota se cobrir."

Aceito o cobertor grosso e me aproximo do piano à esquerda do palco.

A essa altura, a maioria dos membros da tripulação está nos observando com curiosidade, tentando ver o que deixou Jarod Cross tão envolvido. Ignoro todo mundo e jogo o cobertor sobre a cabeça, cobrindo meu cabelo como um véu.

Tenho certeza de que pareço ridículo, mas neste momento estou investido demais para me importar.

Não há luzes sob o piano. Está escuro e difícil ver as chaves. Não que eu precise. Cada nota está gravada em meus ossos e enterrada profundamente sob minhas costelas.

Fecho os olhos e brinco. *Blind Love* se espalha e se espalha pela arena. É uma versão angustiada e rebelde do primeiro hit de Jarod Cross.

Meus dedos brincam com as teclas pretas, subindo oitavas para sobrepor a batida já insidiosa com uma dose extra de caos. Mais alto. Mais alto. Até que a única coisa que consigo ouvir é meu coração explodindo nos ouvidos.

E então suave. Como o vento. Fluindo. Leve. Nenhuma gravidade.

Clico com o pé no pedal de sustentação e deixo a última nota tocar, arrastando seus corações sobre as brasas o máximo possível antes de liberá-los do meu transe.

Quando termino, levanto as mãos.

Estou muito envergonhado.

Eu simplesmente sangrei nas teclas do piano. E se eles virem a bagunça e rirem da minha covardia? E se eles não entenderem?

Meu medo do palco melhorou um pouco, mas não tanto. Não confio no que acontecerá se eu tirar esse cobertor da cabeça e encarar a multidão.

Lentamente, o som de aplausos irrompe atrás de mim.

É seguido por outro.

Os aplausos trovejam pela sala, crescendo até combinarem com o crescendo da música.

“Eu preciso do quarto!” Jarod Cross late.

Passos tamborilam.

Os sussurros correm.

*“Ela foi incrível.”*

*“Nunca ouvi ninguém tocar assim na minha vida.”*

*“Cara, por que diabos estou chorando?”*

Finalmente, tudo desaparece em silêncio.

Sinto a tampa da bateria se movendo e, lentamente, ela cai da minha cabeça até o ombro e cai no meu colo. Encontro os olhos azuis de Jarod Cross e o encontro inclinado sobre o piano, os lábios curvados para cima.

“Enterrar esse talento seria um crime”, diz ele em voz baixa. “Você já pensou em fazer uma turnê?”

“Meu? Percorrer? Não.” Balanço a cabeça e escovo o cabelo para baixo. O cobertor fez com que o frizz subisse por toda parte.

“Você obviamente sabe jogar. E você tinha que ter tocado em público para que Mulliez descobrisse você.”

“Eu costumo usar peruca e maquiagem.”

“Uma peruca e maquiagem?” Ele ri, baixo e profundo.

Eu me contorço. Expire. Mude o assunto. “Senhor. Cross, você realmente quer que eu espione Dutch? Por que?”

“Suspeito que meu filho esteja traficando drogas”, diz ele sem rodeios.

Meus olhos se arregalam. Todo o ar é sugado da sala e não consigo respirar.

“Já tinha minhas suspeitas há muito tempo, mas quando vi bem todo o dinheiro na conta de Dutch... comecei a investigar.”

“Ele não faria isso... Dutch não usa drogas. Eu nem o vi fumar.

“Dutch é rebelde por natureza.” Jarod Cross cruza os braços sobre o peito. “Ele faria qualquer coisa para se vingar de mim pelos erros que considera que cometi.”

Minha boca abre e fecha.



“Eu fiz minha pesquisa e você, Srta. Cooper, é a única que parece não ter medo de meu filho. É por isso que escolhi você. É por isso que sei que você não vai me decepcionar.”

Minha pele começa a arrepiar. A única coisa que odeio, mais do que tudo neste mundo, é a substância que transformou a minha mãe numa viciada e as pessoas que beneficiam do comércio.

Se Dutch está negociando...

"Não. Ele não é do tipo que se esconderia se estivesse fazendo isso", insisto. Por que dói pensar que Dutch poderia estar negociando? Por que eu quero que isso seja uma mentira tão desesperadamente?

"Algumas pessoas se disfarçam melhor do que outras." Jarod Cross pega a capa da bateria. "Você deveria saber algo sobre como esconder seu verdadeiro eu."

Meu peito queima. Vejo através de seu sorriso a verdade por baixo. Ele está me provocando. Desafiando-me.

O perigo do momento atravessa meu peito como uma tempestade, profunda e agourenta. Não sei o que está acontecendo, mas sei que entrei em correntes violentas e perigosas. A qualquer minuto posso afundar como uma pedra.

"Se você está me dizendo isso para tentar me manter longe de Dutch, não precisa se preocupar. Não estou interessado em seu filho.

Ele ri. É um som distorcido. "Eu não me importo com o seu romance no ensino médio, Srta. Cooper. Tudo o que peço é que você fique de olho nele e me informe se o vir fazendo algo suspeito."

"Então você pode denunciá-lo?"

"Não." Ele pisca inocentemente. "Para que eu possa salvá-lo de si mesmo." A tristeza toma conta de seu rosto. "É difícil ser filho de uma celebridade. Pior ainda quando todos os seus erros são exibidos ao mundo. Eu sou o pai dele. Meu maior desejo é protegê-lo."

Concordo com a cabeça, desejando que minha mãe fosse tão atenciosa conosco.

Jarod Cross anda ao redor do piano. Sua mão cobre o topo. "Como você se sentiria se abrisse para fanmeetings em Londres?"

Meus joelhos enfraquecem. "O-aberto? Para você? Não, eu não poderia."

"Pense nisso." Ele verifica o relógio. "Isso é o suficiente por hoje. Você pode sair."

"Espere." Eu me levanto.

Ele se vira, os olhos azuis escuros e avaliadores. "Tem mais alguma coisa que você quer?"

"Sim." Eu engulo em seco. "Você mencionou me conseguir uma bolsa de estudos ou dinheiro."

"Sim..."

"Eu não quero nenhum desses."

"O que você quer?"

"Meu amigo foi falsamente acusado e expulso da escola. Você pode trazê-la de volta?"

"Seu amigo? Por acaso, foi quem iniciou o incêndio?" Ele esfrega o queixo.

Prendo a respiração. Meu acordo com Jinx é o Plano A, mas não pretendo deixar Jarod Cross fazer o que quer, a menos que eu consiga realizar meus três desejos dele.

Ele considera isso e acena com a cabeça. “Eu posso trazê-la de volta.”

Meu coração infla de esperança.

“Mas ela não poderá se formar este ano.”

Meus ombros afundam. “Não.”

“E ela sempre será lembrada como aquela que ateou o fogo.” Ele arqueia uma sobrancelha. “É isso mesmo que você quer?”

“Não. Quero que ela volte para a escola e...”

“Eu quis dizer que você quer desperdiçar seu pagamento com outra pessoa?”

“Sim.” Não há um segundo de hesitação.

“Que doce.” Sua voz é profunda com diversão e algo mais. Algo que não consigo decifrar. Tudo que sei é que realmente não é um elogio. “Dê-me o que eu quero, senhorita Cooper, e farei tudo que puder para ajudar sua amiga.”

Eu engulo em seco. Apesar de ouvir essas palavras, ainda sinto que estou indo para a cama com o diabo.

Jarod Cross acena com a mão. “Agora vá. Lucien lhe dará as coisas que você precisa.”

“As coisas que eu preciso?”

“Para espionar meu filho.” Ele se vira e me lança um olhar duro. “Espero grandes coisas de você, Srta. Cooper. Não me decepcione.”

## CAPÍTULO VINTE E UM

### HOLANDÊS

Eu sei como fazer uma mulher ver estrelas. Eu sei como tocá-la, brincar com ela, provocá-la até que ela implore por mais. Sei como sussurrar minhas ordens em seu ouvido, como comandar seu corpo, como possuí-la de todas as maneiras possíveis.

Mas não sei como planejar um encontro.

Pelo menos, não aquele em que a garota realmente se senta para comer e se diverte.

Estremeço com a lembrança de Cadence gritando comigo e depois caindo em lágrimas no jantar à luz de velas que preparei para ela. Eu odiei vê-la chorar e nunca mais quero ser o motivo pelo qual ela chora novamente.

“Ela não gosta de flores,” murmuro, franzindo a testa enquanto Zane empurra o buquê para mim. Estamos sentados no meu quarto, pensando no maior desafio da minha vida: conseguir que Cadence saia comigo.

“Ela também não gosta de refeições sofisticadas”, acrescento. A única vez que Cadence não está mordendo minha orelha é quando estou machucando seus lábios com meus beijos ou marcando seu corpo com minha língua.

“Cale a boca e dê a ela as malditas flores, Dutch. É uma vitória garantida.”

“Não,” eu faço uma careta. “Eu tentei isso. O dia do incêndio. E novamente naquele dia na sala de aula. Ela surtou.”

“Provavelmente porque você continua tentando seduzi-la na escola,” Finn diz roboticamente. Seus olhos estão em um livro. Ele vira a página e faz um som nítido ao passar para o próximo capítulo.

Eu estremeço. “Não é como se ela me visse lá fora se eu a convidasse para sair.”

“Por que não ir para a casa dela então?” Zane sugere. “Faça algo de bom para ela lá.”

“Ela não me deixa entrar.”

“Entre.”

“Claro. Arrombar e invadir é muito romântico”, Finn murmura.

“Ele invadiu aquela noite e ela ainda se aborreceu.”

Eu endureço e lanço um olhar sombrio para Zane.

Finn arqueia uma sobrancelha. “O objetivo é fazê-la dormir com você ou fazê-la gostar de você? Porque, quando se trata de você e Cadence, essas são duas coisas bem diferentes.”

“O objetivo é fazer com que ela se case comigo.”

“Então ela tem que pelo menos gostar de você.”

Zane bufa. “Se isso é um requisito, por que cinquenta por cento dos casamentos terminam em divórcio?”

“Cadence e eu não vamos nos divorciar.” Só de pensar em perdê-la me dá vontade de quebrar alguma coisa.

“Não estou dizendo que você vai se divorciar. Estou realmente perguntando.” Ele olha entre mim e Finn. “As esposas e os maridos ainda gostam um do outro?”

“Eles sempre fazem isso no início”, diz Finn.

Zane revira os olhos. “Acho que Dutch deveria crescer. Planeje uma viagem para França. Leve-a até um daqueles passeios românticos na roda gigante e peça-a em casamento lá em cima. As meninas adoram essa porcaria.

“Em cima de uma roda gigante, onde ela não pode fugir?” Eu esfrego meu queixo. “Eu gosto disso.”

“Primeiro, você precisa levá-la de avião para Paris”, aponta Finn.

Zane e eu trocamos olhares.

Nós dois abrimos a boca ao mesmo tempo, mas, antes que possamos deixar escapar o que estamos pensando, Finn diz: — Se você disser que vai 'sequestrá-la', *vou* cortar as cordas do seu violão.

“Experimente,” eu rosno.

“Cadence é o único que pode matar sua guitarra e sobreviver”, Zane provoca rindo.

“Ela vai te odiar para sempre se você continuar empurrando-a para os cantos”, Finn avisa.

“Como Zane disse, eu não preciso que ela goste de mim para fazê-la se casar comigo.”

“Então você decidiu ameaçá-la?”

“Decidi fazer com que ela admitisse o que nós dois estamos sentindo.” Eu faço uma careta. “É ela quem está complicando tudo.”

“E é você quem quer que a garota que o vê como uma ameaça se case com você. Cadence não é estúpida. E ela não está desesperada. Você quer forçá-la a se apaixonar por você? Você não pode entrar com muito calor. Você já tentou isso. E não funcionou até agora.”

“O que você sugere então?” Eu rosno, frustrado. Não estou pedindo a ajuda deles para criar um filho. É bastante simples levá-la para a cama. Cada vez que eu a toco, Cadence está pronta para mim. Não importa o que ela diga, ela não pode negar a química entre nós.

Mas estou totalmente perdido em como fazê-la admitir que ainda sente algo por mim.

“Seja esperto sobre isso. Você tem uma arma secreta.

Zane salta da minha cama. “O que é isso?”

“Sua irmã.”

Eu congelo onde estou, pensando sobre isso.

“Cara.” Zane franze a testa. “A irmã dela tem treze anos.”

“Isso não foi o que eu quis dizer.”

“Entendi o que você quis dizer”, murmuro.

As sobrancelhas de Zane sobem. “Oh. *Oh*. Na verdade, isso não é ruim.

“Você está bem, Finn.”

Ele dá de ombros como se fosse óbvio. Bastardo arrogante.

Pego o telefone e mando uma mensagem para Viola.

Ela responde imediatamente como se estivesse esperando.

"O que ela disse?" Zane espia por cima do meu ombro.

"Me dê um minuto." Minha testa se enrugou em concentração. "Eu pedi o número dela."

Clicando na aba, disco o número que Viola me dá e ouço o telefone tocar.

Zane se aproxima de mim, enfiando a orelha na parte de trás da minha cela.

Finn se senta com seu livro, mas posso dizer que ele está sintonizado porque não virou uma única página.

Há um longo anel.

Finalmente, ele clica.

Uma voz tímida diz: "Isso é... Dutch Cross?"

"Ei, Viola."

"Ei!" Ela solta um grito infantil. "Não acredito que Dutch Cross está me ligando!"

"Como você está, Vi?"

"Bom." Ela parece tonta.

Zane faz um gesto circular, indicando que eu deveria me apressar.

Eu limpo minha garganta. "Vi, lembra daquele favor que você nos prometeu?"

"Mm-hm," ela diz ansiosamente.

Depois que a ajudamos com seu tutorial de maquiagem, Viola jurou que não esqueceria nossa gentileza.

Olho para Finn e depois para Zane. Com o coração batendo forte, digo à irmã de Cadence. "Vou precisar lucrar com esse favor."

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

CADÊNCIA

"Acordar. Cadey, acorde.

Alguém está pulando na minha cama e se não parar nos próximos cinco segundos, vou chutá-lo de caratê para o próximo quarto.

"Cadey!"

"Urg, vá embora," murmuro ininteligivelmente.

O fim de semana é o único momento em que tenho que dormir e estou exausto. Não ajudou o fato de eu não conseguir dormir até as duas da manhã.

As acusações de Jarod Cross continuavam circulando pela minha cabeça.

Holandês? Um traficante de drogas?

É tão fora do comum que eu poderia rir, mas quanto mais penso nisso, menos ridículo parece.

Ele é assustador o suficiente para conseguir isso. Nenhum dos professores lhe diria nada, mesmo que o pegassem em flagrante. Ele é frio e descuidado. Ele não se importa com as pessoas que está machucando no processo.

Mas, apesar de toda a sua brutalidade, pensei que ele tinha limites que não ultrapassaria.

Eu estava errado? Será que baixei a guarda, deixei minha *irmã* ficar perto do tipo de homem que mais odeio?

"Cadey!"

Gemo e jogo um braço sobre o rosto para evitar que a luz do sol passe pelas minhas pálpebras. A luz dourada está invadindo de qualquer maneira, fazendo minha cabeça doer.

Viola balança meus ombros. "Se você não se levantar agora, vou começar a cantar."

"Não!" Eu atiro para a posição sentada.

Viola ri, lindos olhos castanhos brilhando. É a primeira vez que a vejo com um sorriso tão largo desde que minha mãe voltou. Imediatamente, a exaustão desaparece do meu corpo.

Eu sorrio de volta. "Por que você está de tão bom humor?"

*finalmente* é sábado. O fim de semana demorou *uma eternidade* para chegar aqui. Ela se senta na beira da minha cama e o colchão balança com seu peso.

"Sábado é dia de limpeza." Esfrego os olhos.

"Vamos, Cadey." Ela empurra o lábio inferior e pega minha mão. Balançando-o para frente e para trás, ela insiste: "Não podemos sair e fazer algo divertido hoje?"

Um bocejo estala meu queixo e faz minhas palavras se misturarem. "Com que dinheiro?"

"Eu tenho um pouco de dinheiro."

Minhas sobrancelhas saltam.

“Natasha Bombarch deu uma festa, então consegui mais alguns shows de maquiagem do que o normal.” Viola levanta ambas as mãos em um movimento apaziguador. “Economizei um terço do dinheiro como você me disse, mas sobrou o suficiente para fazer algo divertido.”

“Por que você não vai fazer algo divertido com seus próprios amigos?”

“Porque eu quero fazer algo com você.” Ela fica imóvel e puxa os joelhos até o peito. “Desde que minha mãe voltou, parece que estou vivendo em um mundo diferente.”

Meu coração bate com culpa. “Eu sei. Desculpe.”

“Não se desculpe.” Ela suspira. “Sou eu quem está arrependido. Você estava certo sobre tudo. Eu não acho que poderia ter vivido com aqueles segredos que minha mãe forçou você a guardar.” Viola parece contemplativa. “Acho que esqueci como ela era. Ou talvez eu quisesse que ela fosse diferente desta vez? Mas nada mudou. Ela voltou para nós por um dia, provavelmente para roubar alguma coisa, e não a vimos novamente. Já se passaram quase três dias e ela nem ligou.”

Meus olhos caem para o colchão. Puxo um dos fios que se desfez.

“Eu estava errado sobre a mãe, mas ainda não acho que você deveria fazer tudo sozinha. Eu realmente quero ajudar.” Viola vem em minha direção. “Não só hoje. Com tudo.”

“Por que você não ajuda me deixando dormir, senhorita?” Eu bato em seu nariz.

“Estou falando sério, Cadey. Posso fazer mais para contribuir. Aquele vídeo que postei com The Kings está se tornando viral. Eu me qualifico para monetização agora. Isso significa que serei pago pelas visualizações no futuro.”

“Isso é ótimo, Vi.” Me sinto péssimo por não perceber que o canal dela estava melhorando. Minha vida tem sido um tornado de contratemplos tão grande que, no caos, minha irmã ficou para trás.

Eu levanto meu queixo. “Você sabe o que? Você tem razão. Só porque mamãe desapareceu e nossas vidas estão neste limbo estranho, não significa que devemos parar de viver.”

Viola ilumina. “Você vem comigo?”

“Claro. Apenas deixe-me me vestir.”

Viola levanta o punho, parecendo muito animada para o que provavelmente será uma viagem de uma hora até a pista de boliche e talvez alguns anéis de cebola fritos. Mas se ela está feliz, eu também estou.

Depois do banho, me sinto um pouco mais alegre.

“Estou pronta”, digo, deslizando minha bolsa sobre a cabeça e entrando na sala de estar.

Minha irmã faz uma cara de nojo. “Cadey, o que você está vestindo?”

“Minha roupa de boliche”, digo, apontando para minha camiseta enorme, jeans e tênis surrados. “É confortável.”

Os olhos de Viola parecem em pânico. “Eu não quero confortável! Eu disse 'chique aconchegante!'”

“Isso é aconchegante.” Puxo a grande manga cinza. Com sua resposta horrorizada, fico um pouco envergonhado. “Não é?”

“Venha comigo.” Viola agarra minha mão e entra em seu quarto.

Depois de jogar quase vinte vestidos na cama, ela finalmente decide por um vestido curto e esvoaçante com estampas florais. "Aqui. Combine com esta jaqueta. Ela dá um tapa em mim com uma jaqueta jeans creme. "Vai ser super fofo."

"Isso não é um pouco demais para—"

"Vestir. Isto!"

"OK. OK. Acalmar." Eu torço o nariz para ela. Sua intensidade está começando a me lembrar de Dutch. Talvez eu não devesse deixá-la ficar mais com os Kings. Ela está ficando agressiva.

"Por aqui." Viola faz um gesto para mim.

Eu franzo a testa para ela. "O que você está fazendo?"

"Sua maquiagem?"

"Vi, não se preocupe. Eu não sou como você. Colocar maquiagem não é divertido para mim."

"Você se maquia para tocar piano."

"É apenas uma maneira de lidar com meu medo do palco. Nós vamos sair hoje. Não há necessidade de se vestir bem.

"Você deveria se vestir bem de vez em quando. Só para você", diz ela com um aceno resolutivo.

"Eu não-"

"Blá blá blá. Você é chato. Entendo. Agora sente-se.

Quero resistir, mas digo a mim mesmo que este é o dia dela. Se maquiar o rosto só para jogar boliche a encanta, não vou reclamar.

Depois que Vi termina comigo, pego um espelho e verifico meu reflexo. "Uau. Parece comigo, mas... brilhante."

"Claro. É a sua cara." Ela levanta o queixo. "Mantive tudo leve e natural hoje. Eu chamo isso de clássico 'orvalhado'. Isso faz você parecer um anjo.

"Eu realmente gosto. Vi, estou tão impressionado. Você realmente melhorou."

"Obrigado." Ela faz uma reverência.

Há uma batida na porta.

Vi grita e sorri. "Ele chegou cedo."

"Quem chegou cedo?" Meu estômago se aperta. Embora não o tenha visto, já tenho uma ideia de quem está do lado de fora daquela porta. "Viola." Seu nome escapa como um aviso.

Minha irmã pisca para mim, sai dançando da sala e abre a porta da frente.

Dutch aparece, alinhado em luz. Apesar de todo o sol, as sombras ainda o cercam. Deslizo meus olhos sobre seu cabelo loiro bagunçado, a jaqueta de couro escondendo as tatuagens logo abaixo, os jeans de grife e os tênis.

"Vamos." Vi agarra meu braço e tenta me puxar.

Minhas pernas permanecem enraizadas no chão. Eu me revirei a noite toda, revivendo nossos momentos juntos indefinidamente. Me perguntando se os restos de humanidade que vi sob a monstruosidade de Dutch foram todos inventados na minha cabeça. Me perguntando se eu tinha me aberto para o tipo de pessoa que desprezo com todo o meu fôlego.



Dinheiro. Poder. Agora drogas? Uma teia emaranhada na qual não quero me envolver.

"O que você está fazendo aqui?" Minha voz é afiada. Frio.

A expressão de Dutch permanece a mesma, exceto por um movimento quase imperceptível de sobrancelhas. Ele não esperava esse nível de animosidade. O que diabos ele *esperava*? Que eu o aceitaria de braços abertos se ele manipulasse minha irmã para que cumprisse suas ordens?

"Cadey", Vi puxa meu braço, "eu já prometi a Dutch que sairíamos com ele hoje."

"Por que você prometeu isso a ele?"

"Eu pedi um favor." Dutch olha para mim, parte de seu cabelo loiro caindo em seus olhos. Ele empurra de volta com dedos fortes.

*Ele é traficante de drogas.*

"Por favor?" Vi faz beicinho.

*Um traficante de drogas.*

Meu coração bate forte. Um pai mentiria sobre seu próprio filho? Não há *alguma* verdade na acusação?

"Você não tem algo melhor para fazer no seu sábado do que sair com a gente?" Eu pergunto, e Dutch me lança esse olhar com aqueles olhos âmbar dele.

Eu nunca vi isso antes.

Sinceramente não sei como interpretar isso.

"Não há nada neste mundo que eu preferiria fazer do que passar o dia de hoje com você", diz ele. E então ele se endireita e parece lembrar que não estamos sozinhos. "E Vi."

Viola bufa. "Boa defesa."

Permaneço congelado, hesitante. Rasgado. Se fosse só eu, eu poderia aproveitar a chance. Mas envolve Vi. Se minha irmã se envolver mais com esses caras...

"Vamos!" — Viola pula atrás de mim e me empurra para frente, me arrastando até a porta. "Você vai se divertir hoje mesmo que isso me mate, Cadey!"

Estremeço com a declaração.

Se acreditarmos em Jarod Cross, andar por aí com Dutch pode matar a nós dois.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

### CADÊNCIA

Olho para o parque de diversões vazio. A luz do sol brilha sobre os brinquedos coloridos, as luzes piscando em boas-vindas para uma multidão de exatamente três pessoas.

Meu. Vi. Holandês.

"Onde está todo mundo?" Vi se pergunta, dedos pálidos enrolando-se na alça de sua bolsa. "Está fechado?"

"Para o público, sim."

Minha irmã e eu viramos a cabeça para olhar para Dutch.

Ele parece casual quando diz: "Eu aluguei".

"Você *alugou*?" Eu grito.

"Quanto isso custa?" Viola tosse.

"Não tanto como se alugássemos para passar a tarde", diz Dutch, parecendo irritado. "Mas não consegui convencer o proprietário. Nem mesmo depois de ter comprado dois ingressos VIP para um show do Jarod Cross."

Ele está irritado com o fato de não ter pago o prêmio...

Quando ainda estou tentando entender o fato de que ele poderia alugar este lugar a *qualquer* hora do dia.

"Então não há ninguém aqui? Nenhuma pessoa?"

"Os operadores estão aqui", diz Dutch.

"Mas fora isso?" Vi está saltando na ponta dos pés.

"Além disso, somos só nós."

"Só nós?" Vi parece que ela deu uma tragada profunda no hélio.

"Não espere muito. Sem multidões. Tu podes fazer o que quiseres."

Vi levanta os punhos. "Este é o melhor dia da minha vida!"

"Dutch, por que você—"

Ele coloca um dedo em meus lábios.

Meu corpo vibra com o toque.

"Hoje, seu único trabalho é se divertir. É isso. Faça-me perguntas. Repreenda-me. Me odeie. Qualquer que seja. Você pode fazer isso quando terminarmos."

"Quando terminaremos?" — pergunto, odiando meu tom severo de professor, mas sem vontade de ceder a ele.

Jarod Cross me deu um aviso, e não quero descartá-lo só porque Dutch deixa meu corpo quente.

Desde que Breeze me acusou de ser cego aos sinais de alerta, venho tentando fazer melhor. Eu não me importo se isso é bom no momento. Nunca, jamais tolerarei um traficante de drogas em minha vida. Nunca.

Dutch se inclina, as manchas douradas brilhando ainda mais em seus olhos.  
“Quando você se divertiu o suficiente.”

Minhas sobrancelhas caem.

“Vamos experimentar aquela montanha-russa!” Vi grita, pulando como um sapo tomando esteróides.

Dutch me lança um sorriso arrogante e aponta a cabeça na direção dela.

Eu afasto minhas dúvidas e as sigo.

Pelo bem de Vi, não vou parar com isso, mas não vou deixar Dutch Cross se aproximar de mim até ter certeza de quem ele é.

Por ela.

\* \* \*

E para o meu.

Depois de termos feito todos os passeios, Vi está exausta demais para fazer qualquer coisa além de se sentar em uma das cadeiras de plástico na praça de alimentação.

Dutch ri e estende uma casquinha de sorvete para ela. “Pronto para lançar?”

“Me dê um minuto. Não consigo sentir minhas pernas.” Minha irmã exala alto.

Eu sorrio para ela. Quaisquer que sejam as suas intenções hoje, tenho que dar isso ao Dutch. Vi está se divertindo muito. Já faz muito tempo que não a ouço rir tanto. Meu coração está tão cheio que pode explodir.

Ouçó um rangido e sinto a presença de Dutch ao meu lado. Ele tirou a jaqueta, ficando com calor de tanto andar de um lado para o outro. Noto seus músculos magros cobertos de tinta. Seus jeans abraçam pernas incrivelmente longas. Embora sua personalidade seja uma droga, seu corpo... não é tão ruim.

Memórias de segurar seu pescoço enquanto ele me mostrava o que aquele corpo pode fazer preenchem minha mente.

Outro golpe quente pulsa entre minhas pernas.

Aperto minhas coxas.

“Você está derretendo”, diz Dutch.

“O que?” Eu resmungo, minha voz rouca.

Dutch sorri como se soubesse o que faz comigo. “Seu sorvete.”

“Oh.” Pisco e percebo que o sorvete está caindo em meus dedos. “Vi, você pode me trazer um guardanapo?”

“Só um segundo.” Ela se levanta e se afasta.

“Deixe-me”, Dutch resmunga. Ele se inclina para frente, me dando um olhar malicioso antes de passar a língua quente sobre meu dedo.

Minha boca se abre em um silvo enquanto ele suga avidamente e depois raspa suavemente os dentes sobre minha pele.

O calor na parte inferior da minha barriga se torna um inferno.

Meu coração bate tão rápido que me sinto tonto.

“Peguei”, diz Vi, voltando correndo.

Eu me afasto, meu rosto em chamas.

Vi para no meio do caminho. "Cadey, por que você está tão vermelho?"

"Está quente aqui", diz Dutch. Ele esfrega minhas costas. Suas mãos são puro calor enquanto ele passa pela minha jaqueta.

"Sim," eu ofego. "É realmente quente."

Vi dá de ombros e me dá um guardanapo.

Eu o pego e fixo Dutch com um olhar furioso.

Ele parece estar no controle total de si mesmo, mas eu sou totalmente o oposto. Quero que ele me toque novamente. Eu quero tocá-lo. Quero vê-lo tão desfeito, tão sem fôlego, tão carente quanto eu.

*O que aconteceu com não ignorar as bandeiras vermelhas? O que aconteceu com não se aproximar dele até saber quem ele é.*

Eu tenho que fazer melhor.

Eu farei melhor.

Mas à medida que o dia passa, sou arrastado cada vez mais para dentro da fantasia.

*E se todos os dias pudessem ser tão bons? E se eu pudesse ouvir Vi rir assim o tempo todo?*

Eu me pego me sentindo esperançoso e me livro disso.

Esta não é a nossa realidade. Esta não é a vida que levamos, talvez nem mesmo a vida que merecemos.

Há uma preocupação leve e incômoda na minha cabeça. Está tudo bem? Ser feliz? Para se divertir de uma forma tão generosa?

E se isso preparar Vi para um desgosto no futuro? E se fosse melhor não ter visto, provado e experimentado do que ter uma vez e perceber que não lhe pertence? Que talvez *nunca* pertença a você.

Tudo que eu quero é que minha irmã nunca se preocupe com dinheiro ou compras ou com a mãe entrando furtivamente em seu quarto e roubando suas coisas.

E aqui está o holandês, dando-nos um vislumbre de uma vida melhor.

...Mas se eu me deixar cair nessa, isso só vai levar à decepção.

Sonhos, desejos – eles são muito frágeis. Quebrado com um único toque.

Quando o sol começa a descer, puxo Vi para mim e fico na frente de Dutch. "Obrigado por hoje, mas acho que devemos ir para casa agora."

"Não posso ir para casa", diz Vi.

"O que? Por que?"

"Eu tenho um projeto em grupo."

Meus olhos esbugalham. "O que você quer dizer? Você não disse que tinha lição de casa esta manhã.

"Porque eu sabia que você não me deixaria ir com vocês hoje."

"Viola," eu respondo.

Ela sorri inocentemente e enfia a cabeça em volta de mim para olhar para Dutch. "Você pode me levar para a casa do meu amigo?"

Dutch balança as chaves do carro no dedo. "Entre."

Levamos Viola até a mãe de Shanae, uma das poucas mães em quem confio para cuidar de minha irmã quando nem Breeze nem eu estamos disponíveis. Assim que estacionamos, saio e agarro minha irmã pelos ombros.

“Vi,” falo em voz baixa, “você não está inventando isso porque ele pediu, certo?”

“Você está brincando? Dutch disse que nos levaria para acampar esta noite. Ela franze a testa. “Quero muito ir, mas esse projeto vence na segunda-feira. Shanae e eu teremos que trabalhar a noite toda porque esperamos até o último minuto.”

É totalmente verossímil que Vi adiasse o dever de casa para o último minuto. E é crível que ela também não me contasse sobre isso.

Ainda assim, eu me agarro a qualquer coisa. “Talvez você possa trabalhar nisso amanhã.”

“Shanae tem igreja amanhã.”

“Mas...”

“Você está com tanto medo de ficar sozinho com Dutch?” Viola mexe as sobrancelhas. “Porque se você não o quer...”

“Você tem treze anos. Não se atreva a terminar essa piada.

Minha irmã ri. “Você realmente não se divertiu hoje.”

“Eu fiz,” eu argumento.

“Não, você sempre me perguntava o que eu queria fazer. O que eu quero andar. O que eu quero comer. Pela primeira vez, por que você simplesmente não se diverte? Vi acena com a cabeça para onde Dutch saiu do carro e está encostado nele, esperando por mim. “Aposto que ele pode ajudar.”

Meu coração martela.

“Vou mandar uma mensagem para você, Cadey.” Minha irmã me dá um sorriso conhecedor. “Tenho a sensação de que nós dois passaremos a noite fora.”

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

### HOLANDÊS

“Isso é acampar?” Cadey diz, sem desviar os olhos da vista à sua frente. Luzes de corda perfuram a folhagem, enviando jatos de luz dourada no chão da floresta. Ripas de madeira se equilibram em cima de galhos pesados. Tons quentes. Uma rede preguiçosa. É uma arquitetura incrivelmente brilhante.

"Esse?" A cadência aponta para ênfase.

Tento manter o sorriso satisfeito longe dos meus lábios. Cadey vai pensar que eu orquestrei tudo só para deixá-la sozinha se ela me pegar sorrindo como um maníaco.

Segui o conselho do meu irmão e fiz este dia para ela e Vi.

Principalmente Vi.

O que, esperançosamente, a tocou também.

*'Mostre a ela que você pode cuidar deles. Seja um cavalheiro'*, foi o conselho de Finn.

Não é de admirar que as meninas saiam de nossas camas nos odiando e a si mesmas, mas deixam Finn disposta a morrer por ele.

Decidi seguir o conselho dele. Não havia nenhuma expectativa de ficar nu com Cadey esta noite. Sonhos? Fantasias? Isso aí. Mas imaginei que a expectativa iria ferver até que eu pudesse ficar a sós com ela e saboreá-la do jeito que eu queria desesperadamente.

Não esperava que a recompensa pela minha paciência chegasse tão cedo.

“Quanto você gastou conosco hoje?” Cadey murmura, aproximando-se de mim. Seu rosto está virado para cima. Lábios carnudos cheios de veneno. Olhos que me seguram pela garganta. Cabelo ficando emaranhado com a brisa.

Ela é incrivelmente deslumbrante. Uma obra de arte que quero gravar na minha pele.

"Holandês."

“Você faz muitas perguntas sobre dinheiro”, digo, cruzando os braços sobre o peito.

“Estou tentando calcular quanto preciso pagar.”

Eu dou a ela um longo olhar. “Posso pensar em algumas maneiras de você me pagar.”

Ela fica vermelha. Estou começando a notar que ela está corando muito mais. Ela fez isso antes, mas não tanto. Mesmo quando eu a tinha apoiada contra mesas, cantos escuros, espaços silenciosos, ela não corava.

Mas parece que perder a virgindade a deixou mais tímida do que ousada.

Eu gosto disso.

Garotas que constantemente se jogam em mim são chatas.

E é bom ver a ousada e destemida Cadence Cooper amolecer.

Ela desvia o olhar, adotando aquela expressão dura e desconfiada que usou o dia todo. Tenho a sensação de que minha presença a deixa profundamente desconfortável.

Entre o ódio e o desconforto, não tenho certeza do que é pior.

Só sei que tenho uma oportunidade aqui e não vou desperdiçá-la.

“Eu só concordei com isso porque Vi me pediu para tirar fotos”, diz Cadey, falando como se precisasse se convencer. “Vamos entrar. Vou tirar mais algumas fotos e ir para casa.”

De jeito nenhum vou deixar essa garota ir esta noite.

Não até eu terminar com ela.

“Por aqui.” Faço um gesto com o braço.

Cadence guarda a bolsa e se aproxima do tronco grosso da árvore. Há uma escada martelada na madeira.

“Você entendeu?” Eu pergunto, sentindo sua hesitação.

“Claro.” Ela zomba, mas seus olhos caem para as sandálias de cunha que ela está usando. Eles parecem muito sexy, mas não são exatamente equipamentos de escalada.

Antes que eu possa oferecer ajuda, Cadence acena com determinação e pega a primeira ripa. Eu a sigo, mantendo meus olhos fixos nela enquanto ela sobe. O tecido da saia balança e posso ver a meia-calça.

Minhas calças ficam tensas.

Não é nem uma visão da calcinha dela, mas é o suficiente para me fazer perder a cabeça.

Nunca fui racional quando se trata dela.

“Ah!” Cadence grita. Um de seus sapatos escorrega da ripa.

Eu me movo instantaneamente e apalpo seu traseiro, mantendo-a firme para que ela não caia.

“Você está bem?”

“S-sim”, ela murmura.

Incapaz de me conter, dou um tapinha nela. “Você está bem. Apenas continue.”

Cadence olha para mim. “Tire as mãos, holandês.”

Levanto ambas as mãos em sinal de rendição, mas desta vez o sorriso não pode ser apagado.

Ela estreita os olhos em resposta e sobe com sucesso o resto do caminho. Eu me junto a ela logo depois, subindo facilmente a escada.

Quando chego lá, espero que Cadence esteja esperando por mim com palavras ferozes, mas ela está muito ocupada ofegando com a vista.

“Isso é incrível”, ela sussurra. O luar se derrama sobre as copas das árvores, com pinceladas prateadas cobrindo o verde majestoso. Estrelas próximas o suficiente para tocar, para beijar. Brilhante o suficiente para cegar os olhos.

Eu levanto meu telefone e tiro uma foto dela, com uma expressão fascinada e impressionada.

Cadence percebe e sai de seu transe. “Você acabou de tirar uma foto minha?”

Guardo o telefone no bolso. “Não.”

Seus olhos se estreitam. Ela não acredita em mim.

Eu me aproximo. Meu rosto está cuidadosamente neutro, mas, por dentro, me sinto vivo de uma forma que não sentia há algum tempo.

Ela gritaria se soubesse o quanto estou obcecado por ela? Ela tremeria de medo se ouvisse que toda vez que eu acaricio meu violão, prefiro acariciá-la? Que eu prendo a respiração quando ela suspira de exaustão? Que eu quebrei quando ela chorou daquela vez?

Ela age como se o mundo estivesse sobre seus ombros. Eu quero tirar esse fardo dela. Mesmo que seja apenas por uma noite.

“Tenho salgadinhos na geladeira. Aquele tapete gigante e fofo é novo. Comprei porque parecia mais confortável do que sacos de dormir. O projetor está conectado a um computador cheio de todos os filmes idiotas e femininos que consegui encontrar.

“Filmes femininos?” Seus lábios se contraem.

“Comprei todos. Achei que Vi estaria aqui e não sabia que filmes ela gostava de assistir.”

Seu olhar está fixo em mim. “Você realmente fez tudo isso pela Vi?”

Deslizo meus dedos sobre seu rosto. “Você também.”

A confusão dá um nó em sua testa.

“Vi é importante para você. Isso significa que ela é importante para mim.”

Sua língua sai para molhar o lábio inferior. “O que isso tem a ver com você?”

“Você é meu. Tudo o que envolve você me envolve.”

Seus ombros enrijecem, mas não a deixa ir.

“Eu protegerei quem você protege. Eu vou amar quem você ama. Eu odiarei quem você odeia.” As palavras são cruas. Honesto. Não sei se ela me ouve. Se ela conseguir. Eu apenas deixei que eles saíssem. “Você e Vi são um pacote. Isso não me assusta.”

“Nada te assusta”, ela murmura.

Eu dou de ombros. Acenar. “Não.”

Ela me estuda novamente, com aquele olhar astuto e desconfiado que parece mais sombrio e frustrante esta noite.

“Desde que você planejou esse acampamento para Vi, você não trouxe bebida, trouxe?”

Meus olhos se arregalam.

Ela morde o lábio inferior profundamente pensativa. Então seu olhar se eleva para o meu. Marrom puro e atraente. Ela dá um passo à frente. Pés deslizando. Vestido balançando nas coxas.

Meu coração aperta quando ela para bem na minha frente.

E a última coisa que eu esperaria que ela dissesse saiu de sua boca sensual...

“Verdade ou strip-tease.” Suas palavras sussurram em meu rosto. “Vamos jogar, holandês.”



## CAPÍTULO VINTE E CINCO

CADÊNCIA

Estou de costas para ele, mas posso sentir Dutch me observando enquanto entro no meio da linda casa na árvore. Este lugar parece um resort cinco estrelas içado no ar. Levei tudo de mim para não ficar boquiaberto e acho que falhei nessa missão.

Mas como eu poderia não me maravilhar?

Toda a minha vida morei no meu bairro horrível, vendo paisagens horríveis. Minha cabeça estava inclinada para o chão, o nariz no arado enquanto eu tentava ganhar a vida. Não tive tempo de olhar para cima, muito menos de apontar o olhar para alturas tão extravagantes.

Se não fosse pela Redwood Prep, eu não teria a chance de cheirar o ar daqui.

Todas as experiências luxuosas que tive nos últimos três meses — tocando piano em festas caras, fazendo um concerto particular para Jarod Cross e hoje minha irmã recebendo tratamento de primeira classe — tudo aconteceu porque tive a oportunidade de estudar lá.

Mas Redwood não me deu essas coisas sem levar seu pedaço de carne.

Eu tive que sofrer.

Eu tive que clamar pela sobrevivência.

E ele estava no centro da tortura.

Cruz Holandesa.

O garoto perigoso, rondante e cruel que se tornou o centro do meu universo. Ele ocupou aquele lugar sem perguntar e exigiu sem desculpas. A última coisa que quero estar é presa nele. Especialmente quando eu realmente não sei quem ele é.

Mas pretendo descobrir esta noite.

“As regras são simples”, digo, deslizando a bolsa pela cabeça e jogando-a na rede. Há uma cesta de M&Ms e risadinhas entre os travesseiros. Um país das maravilhas dos doces.

Vi teria adorado.

“Eu te faço uma pergunta. Você responde. Honestamente. Se não, você tira a roupa.”

“Como você saberá se estou sendo honesto?” Eu o sinto atrás de mim. O calor do seu peito. A frieza de sua respiração. O ar muda. Uma escuridão que me consome e que tanto desprezo como desejo desesperadamente ao mesmo tempo.

Fica difícil de engolir, mas finjo que não estou afetado. “Eu não vou.”

Ele está em silêncio.

Eu me viro e o encontro olhando para mim com aquele olhar sombrio e animalesco dele.

“Mas se eu sentir que você está mentindo, você receberá uma penalidade”, acrescento.

“E você?” Sua voz é baixa e sedutora.

“Mesmo jogo. Mesmas regras.

“Eu decido a penalidade?”

Desvio os olhos. “Sim.”

Por que continuo aqui, jogando jogos perigosos com Dutch Cross? Por que isso me excita em vez de me aterrorizar?

*Não há outra opção.*

Eu teria preferido a verdade ou a bebida. Dessa forma, nenhuma roupa precisaria ser tirada, mas estou disposto a dançar perto do fogo para obter respostas.

“Negócio.” Dutch estende a mão.

Eu fico olhando para ele. Lentamente, eu estendo a mão. Ele aperta, seus dedos engolindo os meus inteiros. Minha respiração fica presa quando ele me puxa para frente. Posso sentir o cheiro dele, o cheiro caro de menta. Todos homens. Todos holandeses.

Seus olhos se estreitam ligeiramente. Seu olhar é marcado pela violência, mas, quando ele fala, sua voz é gentil. “Você começou isso, Cadey. Nem pense em desistir mais tarde.”

Eu sei que esta é a sua extensão de misericórdia. Seu último ato de bondade. A tensão entre nós é grande e nós dois ainda estamos totalmente vestidos.

Ele está me dizendo para recuar agora se eu achar que não consigo lidar com isso.

Mas isso só desperta ainda mais meu espírito competitivo.

“Preocupe-se com você mesmo,” eu sibilo. “Se eu pegar você mentindo para mim, minha penalidade não será uma piada.”

Seus olhos deslizam pelo meu vestido até retornarem ao meu rosto. “Estou ansioso por isso, Brahms.”

O calor se espalha do topo da minha cabeça até a ponta dos dedos dos pés, que estão enrolados nas sandálias de cunha emprestadas de Vi.

Viro-me e entro no meio da sala, bem na frente da tela do projetor pendurada em uma viga de madeira.

Dutch tira o paletó.

Eu franzir a testa. “O que você está fazendo? Ainda não fiz nenhuma pergunta.”

“Eu sou gata.”

“E?”

“Pretendo contar tudo o que você quiser saber.” Ele levanta um canto da boca em um sorriso malicioso. “Vai demorar muito até eu conseguir tirar a roupa.”

Minhas narinas se dilatam. Pedaco arrogante de—

“Você quer ir primeiro ou eu devo?”

“Vou começar.” Eu o encaro, os braços frouxos ao lado do corpo, os olhos traçando cada músculo de seu rosto. “Você já usou drogas?”

Seu salto de sobrelance é revelador. Ele fica surpreso com a pergunta. “Não.”

Minha língua sai para molhar meus lábios. “Você já vendeu drogas?”

Ele inclina a cabeça, tentando me entender. “Foram duas perguntas.”

Percebo que estava ansioso demais. Concordo com a cabeça e gesticulo para ele ir.

“Mas a resposta é não.”

Eu exalo bruscamente.

Dutch olha direto nos meus olhos. “Eu não faço nem vendo drogas. Quem te contou isso?

“Ninguém.” Isso é mentira, mas ele não me denuncia.

Minha mente está zumbindo rápido. Dutch pareceu genuinamente intrigado com a minha pergunta. Ele poderia ter mentido sobre as drogas, mas não creio que pudesse fingir aquela expressão perplexa.

Os nós no meu estômago diminuem um pouco.

Mas isso levanta outras questões.

Por exemplo, por que Jarod Cross me contou que Dutch vendia drogas? Ele estava realmente enganado ou há algo maior que estou perdendo?

Irritado com o mistério, faço um gesto para ele. “Dei duas voltas. Você tem outra pergunta.

“Como foi aquela noite? Ser tocado dessa forma pela primeira vez?”

Eu congelo.

Dutch me encara com um desafio nos olhos. Esperando.

Penso em seus dedos deslizando pelas minhas costas. Seus lábios no meu pescoço. Suas carícias contundentes.

Este calor pesado e penetrante toma conta de mim. Está pegajoso na minha pele. Como chuva. Do tipo que aperta a roupa contra o corpo e dá vontade de abrir a boca e beber.

O olhar de Dutch me tenta a fazer coisas ruins. Coisas muito ruins.

Tiro a jaqueta, feliz por me livrar da capa.

Estou ficando com calor também.

Ele estuda cada movimento meu, procurando por algo em particular.

Eu não vou dar isso a ele. O que ele quiser. Seja o que for que ele esteja procurando. Ele nunca terá isso de mim.

“Sua governanta, Martina, estava em Redwood no dia do incêndio. Ela realmente não viu nada?

Os lábios de Dutch formam uma linha fina. Ele desliza a camisa pela cabeça e a joga de lado.

Estou surpreso. Ele sabe alguma coisa sobre o incêndio?

O pensamento fica embaçado quando deslizo meus olhos sobre sua pele tatuada e seu abdômen. *Droga, ele está rasgado.* Dutch percebe que estou babando e ergue um sorriso irritante que me dá vontade de dar um soco nele.

Eu rapidamente arrasto meus olhos.

“Por que Vi fugiu naquela noite? O verdadeiro motivo. Não a besteira que você me deu.

Meu coração bate forte. Não vou contar a ele sobre a mãe. Ele não precisa ver esse lado da minha fragilidade. Não vou deixá-lo tocar nesses cacos.

Abaixando-me, tento tirar os sapatos.

“Você vai tirar isso por último”, ele ordena.

Meus olhos ardem enquanto olho para ele.

Ele olha para mim, desafiando-me a desafiá-lo.

Estou tremendo, mas não é de raiva.

É uma necessidade.

Desejo puro e incandescente.

Eu quero me despir.

Quero ver os olhos dele, o modo como brilham, o modo como escurecem.

Deixando-o olhar, mas não tocar.

Deixá-lo querer, mas não ter.

É o suficiente para me transformar em fumaça.

Lentamente, pego o zíper na parte de trás do meu vestido e deslizo-o para baixo. Os dentes metálicos se abrindo centímetro por centímetro fazem um barulho que se espalha pela sala.

O rosto de Dutch está tenso. Ele se mantém tenso, os dedos cerrados ao lado do corpo, a necessidade quente e evidente em sua pele corada. O suor escorre pela minha nuca e vejo suor escorrendo por sua testa também.

O vestido fica em volta dos meus tornozelos. Eu saio disso. Jogue fora com meus sapatos.

Sutiã. Meias. Calcinhas. Sapato.

É isso.

Tudo isso se interpõe entre mim e seus olhos gananciosos e brutais.

“Há algo que você não está me contando sobre o incêndio?” Eu exijo calmamente.

Um músculo em sua mandíbula flexiona. O som de seu zíper descendo transforma meu interior em mingau e mordo com força meu lábio inferior. Ele desabotoa as calças e tira-as, os olhos nunca deixando os meus.

Eu me recuso a olhar além de sua linha V. Recuse-se a permitir que a tentação tome conta de mim. Recuso-me a admitir que o calor em meu âmago tem algo a ver com o fato de que ele está a um passo de ficar nu.

“Cuidado, Cadey. Uma vez desligado, o jogo acaba”, provoca Dutch.

“O jogo acaba quando eu digo que acabou”, respondo.

Ele ri, uma risada sombria e distorcida que promete dor e prazer em medidas iguais. É um som que me assusta. Envia um arrepio de corpo inteiro pela minha pele.

“Minha vez.” Todo o seu rosto está escurecendo, os olhos me queimando até ficarem crocantes. “Você encontrou a pessoa que penhorou o anel e deixou dinheiro debaixo da sua cama?”

Outra pergunta sobre a mãe.

Estendo a mão para trás para desabotoar meu sutiã, meu corpo se contrai em antecipação.

Dutch dá um passo gigante à frente, prendendo meu pulso sob sua mão enorme e calejada. O cheiro dele me envolve como uma corda. Olhos âmbar olham para dentro dos meus, enviando correntes traiçoeiras em minhas veias.

Ele virou meu próprio corpo contra mim. Para onde foram dezessete anos de autocontrole?

“Vou tirar isso de você”, ele respira. Quietamente. Calma. No entanto, ele está reivindicando sua reivindicação. Exigindo propriedade.

Quando falo, minha voz é áspera e quebrada. “Essa não é a regra—”

“Você tem mais uma pergunta, Cadey. Mais uma pergunta antes que meu autocontrole acabe e eu marque cada centímetro desse corpo até que sentar, levantar, tomar um maldito banho faça você pensar em mim.

Eu tremo, sentindo meu pulso acelerar e meus pulmões se contraírem.

Seus olhos são dois poços de promessas sombrias, sua boca é um corte áspero de ameaças e calor.

"Por que você está fazendo isto comigo?" Eu coaxo. "Por que eu e não alguma garota do seu mundo?"

O sorriso que ele me dá é arrogante e absoluto – Dutch sabe que estou à sua disposição e ele não precisa responder isso honestamente para que eu possa antecipar o que ele fará a seguir.

Mas ele ainda leva um segundo para pensar em sua resposta.

“Você tem algo para proteger e eu tenho algo para destruir. Você foge para a música e eu fico preso lá. Você se escondeu de mim e eu ainda te encontrei. Onde você termina, eu começo.” Ele envolve dedos longos em volta do meu pescoço. “Podemos não ser do mesmo mundo, Cadence, mas somos feitos da mesma maldita alma.”

"Holandês." É tudo o que posso dizer antes que ele deslize a boca sobre a minha e tome um gole dos meus lábios. Lento e luxuoso. Como se ele estivesse provando um vinho caro. Algo para ser saboreado, sem pressa.

Minhas mãos se enroscam em seus cabelos e todo o sangue do meu corpo corre entre as minhas pernas, fazendo minha cabeça girar.

O beijo de Dutch é pura tortura, uma promessa arrancada das páginas de um conto de fadas. Bem ali no capítulo do vilão, onde ele jura que vai incendiar o mundo.

Príncipe errado.

História errada.

Deveria doer. Isso deveria me assustar, mas parece tão certo.

É tão bom.

E se esta fosse uma história diferente, uma noite diferente, uma vida diferente, eu entraria na eternidade preso neste momento e chamaria isso de algo em que nunca acreditei de verdade.

Amor.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

CADÊNCIA

Meu sutiã faz um som sedoso ao flutuar até a beira do tapete. Eu não ouço isso. Meus gemidos são muito altos, saindo de mim como um estrondo de notas enquanto Dutch desliza o polegar sobre minha pele recém-exposta.

AD#G

Dedos batendo nas notas, criando música. Criando o caos.

O atrito é demais.

Também.

Muito.

Passo as unhas em seu cabelo enquanto ele me coloca em cima do tapete. “Não deveríamos...” Eu suspiro quando seus lábios se conectam com a pulsação em meu pescoço. “Proteção. Nós precisamos...”

“Eu não tenho proteção,” ele murmura em meu ouvido.

Em algum lugar no fundo da minha mente, ouço um sinal de alerta.

E ainda assim, Dutch continua me beijando, machucando meus lábios, chupando meu pescoço até meu peito. Me mostrando que ele tem tudo que eu quero. Prazer quente e ardente. Uma tempestade de satisfação. Uma tortura cruel.

“Você quer que eu pare?” ele sussurra, deslizando um dedo áspero pela minha barriga. Um monte de fogos de artifício sibila em minhas veias. Ele desliza o comprimento do dedo sobre minha meia-calça, mantendo meu prazer fora de alcance, então não tenho escolha a não ser me render a ele.

Todos os meus protestos se desintegram quando ele me beija novamente, me provocando por causa das minhas roupas.

Seus dentes roçam meu ombro nu e então ele morde.

A tensão toma conta de mim enquanto cada nervo sensível do meu corpo chama a atenção.

Eu gemo mais alto. Tenso. Hiperconsciente de sua respiração irregular em meu ouvido, sua necessidade pressionando minha perna.

“Doce Cadey.” Sua língua desliza sobre meu ombro, acariciando a marca da mordida, me deixando dolorida, querendo mais. “Há tantas coisas que quero fazer com você.” Ele dá um beijo na minha pele latejante. Minha dor. Meu remédio. “Peço desculpas antecipadamente por não ser gentil.”

Sua ameaça lança uma nova corda invisível no ar.

Notas sombrias e decadentes.

BC# Eb

Já estou à beira de um prazer ofuscante. Já sem fôlego de necessidade.

Eu não consigo parar.

Não agora, quando tudo que preciso para saciar essa sede imensurável está ao meu alcance.

Ele me tem na palma da sua mão.

Esta fera.

Este monstro.

Ele é meu esta noite.

Eu anseio por mais.

“Eu não tenho medo de você”, eu o provoco. Incite-o.

Seus lábios se curvam como se ele soubesse o que estou fazendo. Ele vê através de mim. Através de tudo isso.

Apesar do leve sorriso, seus olhos se transformam em dois poços pretos. Um abismo de promessas sombrias.

“Não, não tenho medo. Você nunca teve medo de mim, Cadey. Nem mesmo quando teria sido melhor para você se estivesse. Enquanto ele fala, suas mãos se movem. Em um piscar de olhos, o resto das minhas roupas sumiu e as dele também.

As notas mudam. *Pianíssimo*. Quietos. O mais silencioso que uma peça musical pode ser. Baixo e assustador. O som do silêncio logo antes do crescendo. Pouco antes da explosão do som atingir o ar.

À medida que Dutch se aproxima, minha mente se inclina. Achei que meu corpo seria calor líquido. Eu já fiz isso antes. Ele é o único garoto que esteve tão perto de mim, mais perto do que a minha próxima respiração. Passei minhas unhas nas costas dele. Eu deixei ele me consumir. Queime-me até ficar crocante. E voltei à vida.

Mas arrastar meus olhos para Dutch me lembra da dor que senti.

O ajuste. A sensação de que isso iria me quebrar antes de atingir o meu fim.

Meu corpo trava, antecipando, tenso.

Dutch levanta minha cabeça com uma mão, então estou olhando em seus intermináveis olhos âmbar. Dedos ásperos agarram minhas coxas. Ele guia minhas pernas largamente.

“Com medo, Cadey?”

“Cale a boca,” eu sibilo, os dedos curvando-se no tapete enquanto ele puxa os quadris para trás em preparação.

“Olhe para mim.”

Eu levanto meu queixo, meu desafio queimando tão brilhante quanto minha luxúria. Estou doendo de desejo, cada nervo do meu corpo disparado e tremendo.

Mesmo assim, me recuso a deixá-lo ver o quanto sou impotente diante dele.

Ele segura meu queixo com força, luxúria e fúria apertam sua pele. O suor brilha em seus músculos tensos. Uma gota escorrega de seu braço tatuado e cai em cima do meu peito, seguindo uma trilha pela linha do meu estômago em direção às minhas coxas que estão abertas para ele.

“Você me odiava, não é? Você me odiou por tanto tempo que ainda acha que ódio é isso.

A música na minha cabeça fica mais alta.

Gradualmente.

Devagar.

Prédio.

“Vá se ferrar”, rosno, sibilando baixinho enquanto o corpo de Dutch se alinha com o meu.

Sinto meu coração batendo tão forte que está prestes a explodir.

“Você odeia o jeito que eu faço você se sentir, o jeito que eu faço você tremer, o jeito que eu possuo você”, ele respira. “A maneira como você perde o controle.”

Eu estou tremendo. Em todos os lugares está pulsando com um calor escorregadio e decadente.

Na minha cabeça – um acorde completo.

GBD

“Minha doce Cadey.” Sua voz é como uma droga, fumaça enrolando no ar, tomando conta de mim. Perfeição suntuosa, viciante e ressonante. “Não importa o quanto você lute, você é meu. Você nunca vai escapar de mim.

Cerro os dentes, com a boca aberta para falar, mas é tarde demais.

Ele desce sem aviso e tudo que posso fazer é suspirar.

O crescendo é rápido e áspero, passando pela minha mente como o estrondo de um trovão e se expandindo além disso. Um grito escapa dos meus lábios e não consigo conter, não importa o quanto eu tente. Um milhão de notas sendo tocadas ao mesmo tempo, dedos esticando, esticando, esticando até que eles estalem.

Os gemidos holandeses e as chicotadas da música.

Ele se move e a terra se estilhaça, levando meu corpo junto, me rasgando em um milhão de pedacinhos.

Seus lábios esmagam os meus, arrancando o que ele quer de mim, possuindo minha boca do jeito que ele possui cada parte de mim – corpo e alma. O beijo é cruel, quase selvagem, um lembrete brutal de quem pertencço e por que isso nunca mudará.

Eu deveria revidar, encontrar alguma maneira de lutar por igualdade de condições, mas estou sendo total e totalmente devorado por um ritmo frenético, igualado apenas pelas batidas fortes e selvagens do meu coração.

Não consigo mais ouvir a música. Estamos fazendo o nosso próprio. Parece que não consigo parar. Sons que eu nem sabia que poderia fazer. Suspiros, gemidos e gemidos inebriantes que saem de dentro de mim e atacam como um chicote.

Meu corpo balança para frente. Nossas línguas se chocam como espadas.

É imparável – o prazer. Ela corre através de mim, uma torrente de chamas que me faz gritar. Ele murmura alguma coisa, provavelmente outra frase sobre eu pertencer a ele. E talvez eu saiba. Talvez ele esteja certo. Eu não consigo me controlar. Não consigo esconder o quão bem ele me faz sentir.

Ele me reivindicou de todas as maneiras e mesmo que eu diga que odeio isso, acho que não.

Eu... posso até adorar.

Dutch me vira, e o tapete mal consegue ficar preso ao chão enquanto ele agarra meu cabelo e desencadeia uma tempestade selvagem e forte. A música que criamos muda novamente. A bofetada crua e animalesca de nossos corpos é uma canção proibida.

Sua respiração fica entrecortada. Eu ouço e algo dentro de mim responde instintivamente a isso. O implacável rei de Redwood voltou à sua forma básica.



Colocado de joelhos por mim. Abaixo da raiva, abaixo da obsessão, mesmo abaixo do ódio – uma rendição.

Arqueio meus quadris e ele geme, uma nota sombria e emocionante que está repleta de necessidade. Seus dedos me apertam. Selvagem. Enlouquecido. Forte. Tão forte e rápido que me pergunto se ele está tentando me quebrar em dois.

E então ele grita meu nome.

Não consigo ver seu rosto, mas o sinto. A tensão. O prazer.

Ele sai de cima de mim e eu inclino minha cabeça para olhar para ele. Olhos âmbar. Lábios ameaçadores. Uma criação de trevas e sombras, e ainda assim ele me fez ver a luz.

Dutch passa os dedos pelos cabelos, seu olhar quente o suficiente para me tirar o fôlego. A luz da lua entra pelo teto solar acima da casa na árvore. Seus dedos prateados acariciam as linhas de seu rosto e eu sei, sem que ele precise me dizer, que a noite está longe de terminar.

“Essa trégua é só por esta noite”, ofego, porque provavelmente levarei a semana toda para recuperar o fôlego novamente. Além disso, posso ver em seu olhar sombrio que ele pensa que isso significa que eu o aceitei. O anel. O futuro que ele quer para nós. Tudo.

“Trégua ou não, esta noite é o começo de uma eternidade.”

“Para sempre?” Eu recuo. Feche minhas pernas. Meus sapatos sumiram. Eu nem me lembro dele tirá-los. Tremendo um pouco, inalo e sou atingida pelo cheiro dele misturado com o cheiro almiscarado de nós. “Ainda somos jovens, Dutch. E a vida é imprevisível. Você realmente acha que quer para sempre comigo?”

Tento recuar novamente, mas ele não me deixa ir muito longe.

Suas mãos batem no tapete como suportes em cada lado das minhas coxas. Músculos e tinta. Uma combinação perfeita. Pelo menos em seu corpo longo e magro. Ele avança, seu rosto a um passo do meu.

Meus olhos brilham nos pequenos arranhões em seu ombro, onde passei minhas unhas em suas costas.

“Cadence”, diz Dutch, voltando meus olhos para seus lábios. Minha boca lateja, lembrando de todas as maneiras como ele a machucou. Meus lábios não são a única parte de mim que está doendo. Já posso dizer que meu couro cabeludo ficará dolorido pela manhã.

“O que?”

“Case comigo.”

Mantenho seu olhar, meu coração trovejando como um tambor de guerra em meu peito. “Você está realmente tentando me irritar, não é?”

A boca de Dutch se curva em um sorriso afiado, os dentes brilhando brancos contra um rosto jogado nas sombras.

“Você ficará bem de branco”, ele diz e então me empurra para trás, agarrando meus joelhos e afastando minhas pernas.

Uma onda de adrenalina corre em minhas veias. Achei que uma vez fosse o suficiente. Achei que a noite não poderia ficar mais quente, mas o fogo que ruge através de mim quando ele volta sua atenção para o meu prazer não pode ser apagado.

Sinto aquela necessidade caótica novamente.

A energia se desenrola através de mim enquanto seus olhos brilham com promessas sujas.

“Não vou parar até que o mundo inteiro reconheça que você é minha, Cadey.”

Minha cabeça cai para trás no tapete enquanto Dutch sela sua promessa com a língua e depois com os dedos. Imundo. Sanguinário. Obsceno. Ele não se importa com o quão confuso isso fica, me atacando com um abandono que toma conta do meu cérebro. Em um segundo, eu ultrapasso o limite.

Toda a minha vida está passando diante dos meus olhos. Luzes brilhantes. Estrelas.

Ninguém nunca me fez sentir assim.

Enfio meus dedos em seu cabelo loiro, mal recuperando o fôlego antes que ele suba em mim novamente.

“Dutch,” eu choro, mas ele agarra meu queixo e me beija. Eu gosto de mim mesmo. Sinto o gosto do desastre e da destruição. E ainda assim eu caio mais fundo. Mesmo que seja uma tolice. Mesmo que isso definitivamente vá me destruir. Mesmo ele sendo a fera que fazia de cada dia em Redwood um inferno.

Estou puxando-o antes que meus melhores sentidos possam assumir o controle. Envolver minhas pernas e então meu corpo ao redor dele, seu coração batendo contra o meu enquanto nós dois entramos em chamas. Todo movimento, calor e fricção. Todos gemidos, lábios no pescoço, dentes nos ombros.

E quando penso que terminei, quando meu corpo pulsa e estou prestes a rolar e descobrir quais pedaços de mim ele não quebrou, ele me puxa para cima dele. Dedos trabalhando. Quadris empurrando apesar de sua instrução para assumir.

Acho que não vou sobreviver à noite.

Dutch Cross está fazendo o possível para me matar.

Mas eu não morro.

Depois do último estalo de um crescendo, depois do último grito de prazer gritar pela sala e ecoar no silêncio, encontro-me de volta à terra. Meu corpo está mole. Deito em cima dele, subindo e descendo enquanto seu peito incha a cada respiração.

Meu rosto afunda na curva de seu pescoço, sentindo o gosto do suor, provando a minha essência. Dutch vira a cabeça para o lado e me beija como se o mundo estivesse acabando. Como se nunca fosse suficiente.

E talvez não.

Assim como parece haver uma fonte eterna de ódio entre nós, sempre haverá um desejo persistente e inconfundível encharcando nós dois. Atraindo-nos de volta um para o outro quando nada sobre nós dois faz sentido.

Dutch me rola de costas, dando beijos suaves em meu rosto e pelo meu corpo nu e suado. Seus dedos deslizam entre minhas coxas com uma intenção inconfundível.

Meu corpo vibra e eu arqueio as costas para fora do tapete.

“Dutch”, gemo, já hipersensível. “Não posso me casar com você se estiver morto.”

Ele ri e continua. “Isso é um sim?”

Percebo o que disse, como soou, e pisco rapidamente. “N-não.”

Sou punido por meu desafio de uma forma que incendeia todas as sombras.

“Você quer lutar, Cadey?” provocações holandesas, olhando para mim encharcado de suor e a evidência da minha satisfação.

Meus olhos brilham para ele.

Ele sorri. Rei cruel. Governante depravado. Besta desprezível.

Colocando os lábios no meu ouvido, ele me avisa: “Você é minha garota. A minha noiva. Minha esposa. Você achou que eu deixaria você sair daqui antes de convencê-lo?

Olho para seu rosto ameaçador e a música começa na minha cabeça novamente.

Batendo tambores. Crescendos insistentes.

A canção de um louco.

E eu me juntei ao seu delírio.

Porque só na manhã seguinte me ocorreu que, durante toda a noite, nunca usamos proteção.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

### HOLANDÊS

Acordo com os braços bem apertados em volta da cintura de Cadey. Seu corpo está enrolado no meu. *Como ela é tão linda?* A luz irradia de sua pele. Sem maquiagem. Cabelo despenteado. Lábios inchados por causa dos meus beijos ásperos.

Passo meu polegar sobre sua boca.

Seu rosto está quente ao toque.

Ela se mexe e eu retiro minha mão, olhando para as copas das árvores além da porta da frente. A luz do sol entra pela clarabóia, caindo sobre nós enquanto ficamos emaranhados nos braços um do outro.

Esta é a segunda vez que adormeço abraçando Cadey.

Sou como um lobo domesticado, só disposto a me aconchegar se for ela.

"Milímetros." Cadey faz um som enquanto dorme e se aconchega em meu peito. Eu a emalo mais perto, descansando minha testa contra a dela e apenas... respirando.

Com ela em meus braços assim, parece que todas as peças estão se encaixando. A fúria interior, a raiva, a incerteza, estão sendo eliminadas a cada doce suspiro que sai de seus lábios.

Eu posso lidar com meu pai.

Moleiro.

O futuro.

Um filho.

A excitação explode em meu peito.

Eu a bombeeí tantas vezes que há uma possibilidade real de que uma delas tenha levado.

Neste momento, nosso filho pode estar ganhando vida.

Um telefone vibra. Olho ao redor, meus olhos passando pelas roupas descartadas até localizar a bolsa dela espalhada sobre uma das redes.

Provavelmente é Vi se perguntando onde ela está.

Em algum momento durante a noite, permiti que Cadence verificasse sua irmã, mas agora é de manhã. Tenho que deixá-la ir, mesmo que não queira.

"Cadey, você precisa acordar."

"Hum-mm." Ela protesta. Sua boca se estica em um beicinho. Suas sobrancelhas se franzem.

Ela é fofa como o inferno.

Passo meus lábios em sua têmpora. "Vamos. Vestir-se. Precisamos pegar Viola.

"Mff." Suas pálpebras se abrem.

Dou um beijo em seu pescoço. "Cadey."

"Estou de pé. Estou acordada", ela resmunga.

Eu sei que trabalhei com ela ontem à noite, mas ela parece extremamente cansada. Como ela consegue acordar tão cedo para o serviço de trabalho todos os dias se ela é uma péssima pessoa matinal?

Cadey desliza para uma posição sentada. Seu cabelo cai sobre suas costas como uma mortalha. Ela pega minha jaqueta da ponta do tapete e a veste.

"Você está bem?" Eu pergunto.

"Eu preciso fazer xixi", ela murmura. No começo, acho que ela está com raiva. Mas então vejo o rubor na ponta das orelhas dela e percebo que ela está apenas envergonhada.

Eu sorrio de satisfação enquanto ela sai correndo.

"Tem camisetas e toalhas no banheiro, se você quiser tomar banho", grito para ela. Fizemos uma bagunça no tapete. Ela também deve estar desconfortável.

"Sim," ela grunhe.

"Se você precisar que eu mostre onde eles estão—"

"Eu posso encontrar sozinho!" Um momento depois, ouço a batida de uma porta e o clique de uma fechadura. Cadence aperta a maçaneta, provavelmente para ter certeza de que não consigo entrar.

Eu sorrio e me levanto, esticando os braços sobre a cabeça. Ainda bem que ela fugiu. Estou com fome dela de novo e acho que não teria resistido se ela ainda estivesse deitada ao meu lado.

Outro telefone vibra.

É meu desta vez.

Perplexa, visto minha camisa, boxer e jeans e vou até o telefone. Quem está ligando tão incessantemente? Não podem ser meus irmãos. Eles esperavam que eu ficasse fora a noite toda.

Duvido que seja a mãe ou o pai.

Levanto meu telefone e vejo o número desconhecido rastreando na tela.

Moleiro?

Curioso, coloquei o telefone no ouvido. "Olá?"

"Esta é a Cruz Holandesa?"

A voz é feminina, rouca e desconhecida.

"Quem é?" Eu rosno. "E como você conseguiu meu número?"

Eu não dou essa informação. Na verdade, além da minha família, Martina e algumas pessoas da indústria, as únicas pessoas que têm meu número de telefone são Sol, Cadence e Vi.

"Meu nome é Tina Cooper." Ela faz uma pausa. "Eu sou a mãe de Cadence."

Eu congelo, incapaz de acreditar no que estou ouvindo.

"Holandês... você ainda está aí?"

"Você está brincando comigo?" Eu rosno. "Quem diabos é você? Quem mandou você fazer isso?"

"Isto não é uma piada."

"A mãe de Cadence está morta." Morte por suicídio de acordo com seus arquivos. Aconteceu alguns meses antes de Cadence ser transferida para Redwood.

"Estou muito vivo."

Algo clica na minha cabeça. Na noite em que Vi fugiu, Cadence disse que a briga deles “teve algo a ver com a mãe”. Cadence e eu encontramos Vi escondida na árvore memorial de sua mãe mais tarde.

“Por que eu deveria acreditar em você?” Eu rosno.

“Você deu a Cadence um anel de platina vintage, não foi? Um solitário de diamante brilhante.”

Minhas costas ficam em posição de sentido. “Foi você quem roubou?”

Há silêncio do outro lado da linha.

Soltei um suspiro atordoado. Ontem à noite, durante nosso jogo de verdade ou strip-tease, Cadence se recusou a me dizer quem penhorou o anel. Ela também manteve silêncio sobre sua briga com Vi. A acreditar nesta mulher, os dois incidentes foram causados pela mesma pessoa.

“Podemos nos encontrar? Tenho algo importante para lhe contar”, diz ela. “É sobre Cadence.”

“Então e ela?” Eu pergunto com urgência.

“Não podemos conversar por telefone. Vou te mandar uma mensagem com a localização. Encontre-me lá em trinta minutos.

A porta do banheiro se abre.

Eu me viro e olho para Cadence no momento em que sua mãe avisa: — E venha sozinha.

“Espere-”

A linha emite um sinal sonoro.

Ela se foi.

Cadence deve ver algo em meu rosto porque ela para no meio do caminho.

“Algo está errado?” ela pergunta com cuidado, passando os dedos pela gola da camiseta. Comprei três camisetas cafonas do tipo 'PASSEI A NOITE EM UMA CASA NA ÁRVORE' para ela, Vi e eu. O tecido a engole inteira.

“Não.” Balanço a cabeça depois de um momento de contemplação. “Você está pronto para ir?”

Ela assente.

Desço a escada primeiro e ela me segue. Desta vez, envolvo um braço em volta de sua cintura e a ajudo a descer, nem mesmo dando a ela a chance de escorregar e cair.

Enquanto a seguro, noto os chupões vermelhos e as marcas de mordida em seu pescoço e ombros. Marquei Cadence Cooper completamente e, embora não tenha me olhado no espelho, tenho certeza de que também há sinais dela em mim.

Em vez de me sentir satisfeito, sinto-me frustrado.

Eu pensei que tinha arrancado tudo o que havia entre nós na noite passada, mas ela estava escondendo um grande segredo de mim.

A mãe dela está viva.

Não é à toa que ela desabou naquela manhã quando levei o café da manhã para ela. Não é à toa que ela gritou que eu não entendi.

“O que você está fazendo? Coloque-me no chão. Cadence bate no meu peito.

Percebo que estou parado aqui, segurando-a e rapidamente a coloco no chão.

Caminhamos até o carro e reflito sobre cada encontro que tivemos desde a semana passada.

*A mãe dela está viva.*

É uma loucura pensar, mas as peças se alinham tão perfeitamente que é quase cômico. Por que ela não confiou em mim a verdade? Por que ela guardou um segredo tão grande para si mesma quando eu estava ali, pronto para fazer tudo desaparecer?

E o mais importante, o que a mãe dela quer me dizer que Cadence não consegue ouvir?

\* \* \*

*Jinx: Cavalgando nas caudas reais.*

*Eles dizem que não é o que você sabe. É quem você conhece. E ganhar o favor da realeza é o caminho mais rápido para a liberdade.*

*Royal networking 101: os poderosos podem abrir portas, não apenas para você, mas para todas as pessoas importantes em sua vida.*

*Uma lição que a New Girl descobriu hoje.*

*Alguém que trabalhava no turno da manhã no maior parque de diversões da cidade enviou fotos de um Príncipe Encantado incomumente sorridente e das mulheres que ele estava tentando impressionar.*

*Será isso finalmente suficiente para ganhar a mão da Cinderela? Ou será que o Príncipe Encantado terá que abrir mão de mais de seu coração e de até metade de seu reino?*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO VINTE E OITO

CADÊNCIA

Dutch está tenso e quieto no caminho de volta para minha vizinhança. Ele não menciona o que aconteceu ontem à noite. Sinto a distância, mas não a quebro. Uma parte de mim está grata por ele parecer estar recuando. Não sei como eu teria lidado com isso se ele estivesse em cima de mim.

Ontem à noite já quebrou alguma coisa.

Algum limite.

Alguma parede.

Alguma defesa entre a minha vida e a dele.

Preciso avaliar os danos e reconstruir o que estava lá antes para não cair ainda mais fundo do que já estou. Porque o que acontece quando eu realmente desisto de lutar?

Casado. Graduação.

E então o que?

Como será meu futuro com Dutch Cross nele?

O pensamento me assusta.

Não posso abrir mão do controle. Eu simplesmente não posso.

Vi entra no carro. Ela está cheia de perguntas e sorrisos até ver nossos rostos. Sua boca se fecha e ela desaparece no banco de trás, sem dizer uma palavra.

“Vi, vamos,” murmuro quando Dutch diminui a velocidade do carro na frente do meu prédio.

Em vez disso, Vi se mexe no espaço entre os bancos dianteiros. “Eu contei a Shanae sobre o parque de diversões. Ela não acreditou em mim quando eu disse que você alugou o lugar inteiro.

Suas palavras inocentes parecem tirá-lo de seu torpor.

Dutch olha por cima do ombro. “Faremos isso de novo em breve. Você pode trazer seus amigos da próxima vez.

“Sem chance!” Os olhos de Vi brilham.

Eu enrijeço. “Você não deveria fazer promessas que não pode cumprir.”

“Quem disse que não posso ficar com isso?” Os olhos de Dutch me observam, me destruindo, me despedaçando sem nenhum esforço. *Eu já estou me apaixonando por você. Não posso deixar minha irmã seguir o mesmo caminho.*

O ar fica tenso.

Vi sai do carro, sem esperar pelas consequências.

Eu agarro a maçaneta do carro também. O último lugar onde quero estar agora é aqui neste carro com ele, presa nas memórias do que ele fez ao meu corpo. O que eu fiz com ele.

Espaço. É a única maneira de me recuperar do Dutch Cross.

“Cadey,” ele diz daquele jeito dele.



Eu paro.

"Eu não vou deixar você correr desta vez."

"Eu não estou correndo. Eu estou indo para casa."

Seus olhos âmbar encontram os meus e ele abre um sorriso que não chega a cair.

"Lar. Certo."

Eu não entendo esse olhar. Não entendo a preocupação que surge em sua expressão.

"Algo está errado?"

Ele evita a questão. "Vou mandar alguém com café da manhã." Ele sorri. "Não se preocupe. Não serão panquecas."

"Eu não preciso que você faça isso."

"Você queimou muitas calorias ontem à noite."

"Idiota."

"Eu quero." Sua voz é suave e baixa. "Não quero nada mais do que cuidar de você e de Vi."

Meu coração bate contra minhas costelas.

Eu me afasto dele, abro a porta e saio.

O carro parte e eu fico olhando para ele enquanto ele vira a esquina. Não consigo decidir se acabei de ganhar aquela discussão ou se perdi tragicamente.

Meu telefone vibra.

*Jarod Cross: Estou esperando uma atualização, Srta. Cooper.*

Fecho os olhos com força e solto um suspiro trêmulo. Estou começando a pensar que

\* \* \*

me envolver com esses homens Cross foi meu maior erro.

## HOLANDÊS

A cafeteria onde Tina me pediu para me encontrar fica em um lado ainda pior da cidade do que o apartamento de Cadey.

Posso ver os buracos de bala e as janelas quebradas cobertas com sacos de lixo e fita adesiva muito antes de estacionar em frente ao prédio mal conservado. Grafites cobrem as paredes externas e é difícil acreditar que esta seja uma loja em funcionamento.

Avanço, empurrando a porta para o lado e me curvando ligeiramente para passar. Fico surpreso quando entro em um bar de mergulho em pleno funcionamento. Existem decorações de caveira. Luzes de bolinho incompatíveis, provavelmente ganhas em uma venda de garagem ou pescadas em um lixão. Pessoas com olhos esquivos, tatuagens e couro de motociclista.

Sou claramente mais jovem que eles, mas ninguém pisca quando passo pelas mesas. Acho que minhas tatuagens e minha jaqueta me ajudam a me misturar perfeitamente.

Procuro pela sala, meus olhos pousando na única mulher que me lembra Cadence. Ela está sentada bem atrás, com cabelos escuros abaixo dos ombros, uma regata e jeans.

A semelhança familiar é inconfundível.

Ela sorri quando me sento à sua frente. De perto, a maquiagem começa a rachar e as linhas gravadas em sua pele ficam mais claras. Ela provavelmente tem a idade da mãe, mas algo na maneira como ela se comporta a faz parecer muito mais velha. Ou talvez seja porque ela parece mais cansada. Traumatizado.

Ela estende a mão para mim e cobre minha mão. Seu sorriso fica mais amplo. "Holandês."

"Sra. Tanoeiro."

"Me chame de Tina. Por favor." Ela ri. É um som rouco e cacarejante.

Olho para baixo e vejo as marcas de agulha em sua pele. Já vi essas marcas antes. Você não levanta a cortina da fama tantas vezes quanto eu sem identificar pessoas como ela. As pessoas que usam cocaína, bebida alcoólica, qualquer droga que encontrem para anestesiar a dor.

*Não admira que você ache tão difícil confiar, Cadey.*

Eu mantenho minha expressão vazia. "Você disse que isso era sobre Cadence."

"Isso é." Tina cruza os braços sobre o peito e me estuda.

Eu franzir a testa.

Finalmente ela fala. "Eu não entendo. O que faria um garoto como você colocar um anel no dedo?"

Meus ombros enrijecem.

"Ela não é tão bonita." Tina encolhe os ombros e pega um cigarro na mesa. "Ela é incrivelmente tensa. E tenho certeza de que demorou muito para ela desistir, se bem conheço minha filha.

"Vá direto ao seu ponto." Minha voz é um clipe áspero. Ela está insultando Cadence na minha cara e a única razão pela qual não estou agindo com raiva é porque ela é a mãe de Cadence.

Um canto de seus lábios se curva. "Você deveria ter cuidado com isso, garoto. Quando você ama tanto alguém, quando isso é óbvio, as pessoas podem usar isso para te machucar."

Deslizo meus olhos sobre ela, sem me impressionar. "Achei que as pessoas que ressuscitaram dos mortos teriam conselhos melhores."

Ela ri de novo, mas desta vez seus olhos são penetrantes.

Coloco as duas mãos na mesa, pronta para me levantar e sair. Esta mulher roubou o anel de Cadey. Ela fez Cadey chorar.

Não preciso entreter alguém que tenha um claro desdém pela mulher que me pertence.

"Talvez você queira se sentar."

"Por que eu deveria?"

"Tenho evidências sobre seu pai", diz ela.

Eu congelo, já meio fora da cadeira. Minha cabeça se vira para observá-la.

"Jarod Cross tem se envolvido no bom e velho comércio de drogas."

Com os olhos em chamas, olho para Tina. "O que você está falando?"

“Você quer saber o que faria uma mulher morrer quando ela está viva e saudável? Vendo coisas que ela não deveria ver.

"Papai está negociando?" Eu me inclino para frente.

A fumaça sai de seus lábios finos. “Eu vi Jarod Cross tocando uma noite, antes de ele explodir. Quase fez meus joelhos fraquejarem no momento em que ele abriu a boca. Jurei que teria os filhos dele. Ela ri de novo e olha para mim com uma pitada de arrependimento. “Acontece que outra mulher teve seus filhos em vez disso.”

Ela está falando em círculos, mas não tenho tempo nem paciência.

"O que você viu?" Eu rosno.

Infelizmente, minhas ameaças não a assustam. Ela está confiante. Imperturbável. Ela sabe que eu não a machucaria porque não machucaria ninguém associado a Cadey.

Isso a deixa arrogante.

Tina dá uma tragada no cigarro novamente. “Talvez seja por isso que estou com raiva.” Seus olhos sobem para o teto. “Não consegui falar com Jarod Cross, mas minha filha está transando com o filho dele. Isso é ironia, se é que já ouvi isso. Minha filha...” Seus olhos queimam nos meus, “tornando-se uma *prostituta* para os meninos Cross.”

Bato a mão na mesa, minha expressão plácida se transforma em ameaçadora.

“Eu não me importo se você é a mãe dela. Nunca *fale* assim sobre ela. Você me escuta? Eu vou acabar com você e não será difícil. Agarro as bordas da mesa e me inclino. “Porque basta uma ligação, uma foto sua cuidando de seus negócios e muitas pessoas terão dúvidas.” Meus olhos se estreitam. “E não estou falando sobre a polícia.”

Ela olha para mim, franzindo as sobrancelhas. Pelo tremor de seus lábios, posso dizer que a ameaça caiu onde deveria.

“Ela herdou isso de você”, Tina sussurra como se tivesse descoberto um segredo.

Eu olho para ela.

“Você é a espinha dorsal de Cadey.” Ela sorri novamente e esmaga a ponta do cigarro no cinzeiro perto de sua mão esquerda. “Quarenta e seis com a terceira, Hamshire Street. Onze horas.”

Eu fico em pé, sem pestanejar.

“As evidências contra seu pai. Você encontrará lá.”

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

CADÊNCIA

Alguém bate na porta e o café da manhã chega nas mãos de um rosto familiar.

“Martina!” Eu pisco em estado de choque.

“Señorita.” Martina entra apressada, carregando malas pesadas.

“Deixe-me ajudá-lo.” Pego uma das sacolas de lona dela e coloco sobre a mesa.

Vi enfia a cabeça para fora do quarto, vê nosso convidado e sai correndo. “Quem é?”

“Este é... uh... Dutch's—”

“Empregada doméstica.” Martina dá um largo sorriso e tira recipientes de comida em nosso minúsculo balcão forrado de linóleo. “Embora Finn sempre me repreenda por dizer isso. Aparentemente, tal palavra é “problemática”. É difícil acompanhar o que é problemático hoje em dia. Apenas me chame de Martina.

Viola pisca.

Eu também.

“Dutch disse que você precisa de vitaminas, alimentos ricos em proteínas e cálcio.” Martina gesticula para a propagação. Confiante, ela abre nossos armários, encontra a gaveta de colheres e garfos e tira os talheres. “Então eu fiz ovos com queijo e salmão...”

Os olhos de Vi encontram os meus. Suas sobrancelhas tocam a linha do cabelo enquanto ela murmura: “*Salmão?*”

“... e torrada francesa com manteiga de amendoim. Bacon de peru. É muito mais saudável para você.” Ela aponta para outra tigela cheia de morangos recém-cortados, kiwi, frutas vermelhas, mamão e manga. “Coma as frutas primeiro. É melhor para a digestão.” Ela limpa as palmas das mãos na saia. “Ah, o que estou esquecendo?”

“Tem mais?” Vi engasga.

“Suco! Sim.” Ela destampa uma caneca alta de aço inoxidável. A marca ao lado faz meus olhos lacrimejarem. Este é um copo de designer. Igual a qualquer outro copo... exceto que custa duzentos e cinquenta dólares.

Pisco rapidamente. “Martina, sinto muito.”

“Desculpe por quê?”

“Incomodando-te. Pedirei a Dutch que não faça coisas assim novamente.”

“Sem problema. Não se preocupe, senhorita. Estou bem.”

“Mas-”

“Dutch, ele é um bom menino. Ele nunca gostou tanto de uma garota. Estou feliz que ele esteja sorrindo e se preocupando com você. Isso deixa esse coração muito cheio.” Ela aperta o peito.

Eu tossi. “Acho que você está enganado. Dutch e eu não estamos juntos.”

“Claro.” Seu sorriso congela em seu rosto. Ela me encara como se eu estivesse falando outro idioma. “Claro. As crianças não namoram mais, né? Não é legal admitir que você ama alguém. Sim Sim. Eu entendo.”

Não, acho que ela não sabe. “Nós realmente não estamos juntos.”

Martina pega sua bolsa e corre em direção à porta. “Você não precisa se preocupar em lavar os pratos. Coloque-os de volta na bolsa e coloque-os do lado de fora da sua porta. Alguém virá buscá-lo.

“Espere.” Não sei por que estou tão desesperado para convencê-la, mas me vejo perseguindo-a até a sala de estar. “O Dutch disse que estávamos juntos?”

“Não não não.” Ela me dá um sorriso nervoso.

Eu me forço a mudar de marcha. “Martina, antes de você ir, há algo que eu queria te perguntar.”

“O que foi, senhorita?”

“Ouvi dizer que você estava na Redwood Prep na manhã do incêndio.”

Imediatamente, seu rosto fica pálido. Ela afasta uma mecha de seu cabelo ondulado. “Eu preciso ir.”

“Ir? De repente?” Eu a sigo até a porta.

Martina acelera os passos como se eu fosse um psicopata assustador com uma serra. “Aproveitar!”

É a última coisa que ela diz antes de sair do apartamento e bater a porta. Fico em silêncio, minha mente agitada.

De acordo com Miss Jamieson, Martina foi quem saiu da sala de treino dos Kings. Por que ela parecia tão culpada quando perguntei agora há pouco?

Foi porque ela desempenhou um papel no incêndio...

Ou ela estava encobrindo a pessoa que fez isso?

“Oh, meu Deus, *Cadence!*”

Viro-me, alarmada, apenas para encontrar minha irmã recostada na cadeira, com a boca cheia de comida e os olhos brilhantes.

“Podemos comer salmão todas as manhãs?”

“Mal podemos comprar cereais e você está falando de salmão.” Vou até a área da cozinha/ sala de jantar.

Meu estômago ronca. Não comi nada desde o jantar de ontem.

Depois de pegar um garfo, me junto à minha irmã em volta da mesa e me vejo — no espaço de doze horas — gemendo por causa da Dutch Cross.

De novo.

“Por que isso é tão bom?” Eu choramingo enquanto o peixe derrete na minha boca.

“Achei a comida do refeitório em Redwood incrível”, admite Vi.

Eu encontro seus olhos e aceno. Desde que Dutch atualizou meu cartão de refeição, tenho feito metade das minhas refeições, guardando secretamente o resto em sacos de cachorro e levando comida para casa para minha irmã desfrutar.

“Mas *isto*”, Vi enxuga uma lágrima, “isto é o paraíso”.

“Não se acostume com isso.”

Ela mostra a língua.

Continuo comendo, mas a comida vira cinzas quando penso na mensagem de Jarod.

Ele exigiu provas. Que evidências? Como posso trazer provas de algo que Dutch *não* está fazendo?

Um suspiro passa pelos meus lábios. Não creio que Dutch seja a pessoa que Jarod acredita que seja, mas duvido seriamente que ele aceite a desculpa de ' *depois de jogar um jogo de verdade ou strip-tease, verifiquei que seu filho não é traficante de drogas* ' .

Faz diferença o que eu trago para ele? De qualquer forma, não estou muito interessado em ser o espião de Jarod. Só estou fazendo tudo isso para descobrir os segredos dele para Jinx.

Viola começa a rir do outro lado da mesa.

Eu olho para ela. "O que é tão engraçado?"

"Isto é tão estranho. Martina disse que preparava alimentos "ricos em vitaminas, proteínas e cálcio".

"Sim, então?" Eu espeto um morango com meu garfo.

"Estamos aprendendo sobre reprodução em biologia agora", diz ela, de boca cheia. Usando o garfo, ela aponta para a comida. "Peixe, peru, ovos, feijão, aveia..."

"E daí?"

"Todos são alimentos que ajudam no desenvolvimento do cérebro e do coração do bebê."

"Um bebê?" Traços de choque como relâmpagos contra minha pele.

"Este café da manhã seria perfeito se você estivesse grávida."

Meu garfo cai da minha mão e cai no prato.

Vi franze a testa. "Você está bem?"

"Sim, estou bem", murmuro.

Mas um medo doentio e distorcido ganha vida em meu estômago. Cometi um erro ao não usar proteção ontem à noite, mas, enquanto meus olhos examinam o banquete que Martina trouxe, me pergunto se tudo que fiz naquela casa na árvore foi cair nas

\* \* \*

mãos do monstro.

*Jinx: Não se preocupe em ligar para esse número, novata. Sem vozes. Somente texto.*

*Cadence: Vou acabar com isso. Amanhã. É melhor você ser mais específico sobre a sujeira que deseja sobre Jarod Cross, porque depois de amanhã não terei mais nada a ver com nenhum de vocês.*

*Jinx: Vou mandar algo para você deixar no escritório dele.*

*Cadence: Como você vai enviar para mim?*

*Jinx: É um segredo.*

## CAPÍTULO TRINTA

CADÊNCIA

A bicicleta que Jarod Cross me fez ronronar entre as pernas. Com meu capacete e jaqueta de couro, me misturo à noite, passando pelos postes de luz como uma sombra.

Achei que não teria utilidade para esta máquina. Embora eu tenha garantido a Lucien que aprendi a andar durante meu breve período como mensageiro em uma empresa de tecnologia, já faz muito tempo que não ando de motocicleta. Eu estava nervoso por entrar em uma máquina tão poderosa.

Mas esta noite, tenho um motivo para vencer meus medos e correr pelas ruas, de olho na caminhonete de Dutch Cross.

Decidi segui-lo até obter respostas.

Não por causa de Jinx.

Não por causa de Jarod Cross.

Porque quero saber com que tipo de maníaco estou lidando.

*'Essa comida é para gestantes'.*

Quando Viola apontou isso, minha mente se despedaçou. Talvez no passado, eu teria descartado tudo por coincidência, mas não sou a mesma garota ingênua que entrou na Redwood Prep presumindo que as pessoas me deixariam em paz se eu cuidasse da minha vida.

Dutch e seus irmãos fizeram a sua parte para arrancar as escamas dos meus olhos.

Este mundo é um lugar implacável e distorcido, repleto de injustiças. As mentiras abundam, e se eu caísse em mais uma mentira de Dutch...

*'Eu não tenho proteção.'*

“Idiota,” rosno por trás do meu capacete. O motor da motocicleta faz um som gutural, respondendo à minha raiva.

Isso foi apenas uma desculpa?

Não estou transferindo a responsabilidade para ele. Assumo a maior parte da culpa, já que terei que arcar com a maior parte das consequências.

A gravidez na adolescência é tão comum quanto a gripe na minha vizinhança. Eu sei exatamente o que acontece quando as meninas não se protegem, mas fui estúpido. Fui pego pelo calor do momento e não conseguia nem *imaginar* apertar o pause.

Mas por que diabos Dutch me mandou café da manhã na manhã seguinte como se eu estivesse grávida? Como se ele *quisesse* que eu estivesse grávida.

Cheira a um motivo oculto.

Um que deixa meus dentes no limite.

Há uma diferença entre nós dois sermos tão famintos um pelo outro que não estávamos pensando direito e ele intencionalmente armando para mim apenas para me controlar...

As motivações são importantes.

*A verdade importa.*

Meu coração martela.

Eu preciso saber.

Quem diabos é a verdadeira Cruz Holandesa?

Seu indicador gira para a esquerda, movendo-se para uma área que conheço bem e é assustadora. Minha respiração fica presa na garganta. Continuo seguindo e vejo para onde ele está indo antes que ele pare.

Apago as luzes da minha bicicleta e me protejo atrás de uma grande caçamba de lixo. Colocando minha proteção facial para que eu possa ver melhor, aperto os olhos para os três garotos que saem da caminhonete de Dutch.

O que os Kings estão fazendo em Sinner's Den?

Minha respiração fica mais espessa enquanto luto contra as memórias. A escuridão. Os corpos se contorcendo. As mãos finas e marcadas por agulhas se estendendo para mim enquanto eu tocava piano, como fantasmas tentando me arrastar para o inferno.

Minha garganta se fecha e sinto os primeiros estágios de um ataque de pânico passando por mim.

Dutch de repente olha para trás como se sentisse o cheiro do meu medo. Forço minha cabeça para baixo, me escondendo. Fiz questão de manter uma distância adequada do carro dele para afastar suspeitas, mas ainda estou nervoso.

*Ele não pode ver você, Cadence.*

Eu olho para cima e solto um suspiro de alívio quando vejo que sua atenção está em seus irmãos.

Procurando minha bolsa, pego meu celular e começo a gravar. No início, os meninos estão imersos na escuridão e é difícil entender o que estão fazendo, mesmo que eu aumente o zoom.

Eventualmente, eles pisam sob um poste de luz. Zane e Finn ficam olhando por cima dos ombros, parecendo culpados e desconfiados. Faço um close no rosto de Dutch. Queixo afiado. Nariz reto. Lábios que são cortes duros em seu rosto. Lembro-me de quando aqueles lábios ficaram macios. Relaxado. Separaram-se enquanto ele gemia por mim.

Foi há apenas vinte e quatro horas? Parece uma vida inteira.

A porta se abre e um homem vestindo um moletom sai. Não o reconheço, mas Dutch parece estar esperando por ele porque acena para o cara.

Minha mão está tremendo muito. A câmera fica fora de foco. Ajusto o ângulo e respiro fundo enquanto meu olhar alterna entre o que está sendo mostrado na tela e o que está acontecendo na vida real.

Dutch se aproxima do cara. É difícil ver o que eles estão trocando, mas algo definitivamente está movendo as mãos. O cara embolsa uma pilha de dinheiro e Dutch enfia um saco plástico transparente no bolso da jaqueta.

Todos se dispersam rapidamente. Como baratas.

Os Kings saem correndo, entrando em seu veículo e saindo do estacionamento. O cara de moletom volta para a sala.

Termino o vídeo e me levanto lentamente, com o coração na garganta.

Aí está.



A evidência que eu não queria.

Dutch é ainda mais monstro do que eu pensava.

Mas o que me faria se me abrisse para carregar o bebê do monstro?

## CAPÍTULO TRINTA E UM

### CADÊNCIA

Estou vigilante quando entro na escola na manhã seguinte. Não sei o que farei, o que direi, se voltar a ver Dutch.

Tudo o que sei é que estou transbordando de violência.

Eu preciso conter isso.

Seja esperto.

Embora eu tenha passado a noite toda arranhando seu rosto e espancando-o até virar polpa em meus sonhos, a realidade é... ele é muito maior do que eu. Duvido que consiga dar um soco.

A vingança será minha.

Vou machucá-lo de outras maneiras. Maneiras mais profundas.

É apenas uma questão de ganhar tempo.

O sol está forte, mas sinto como se estivesse arrastando uma nuvem escura atrás de mim. As conversas param quando coloco os pés no corredor. Os sussurros diminuem até uma calmaria e depois silêncio.

Todo mundo está olhando para mim.

Eu toco meu rosto conscientemente. O pânico se instala, cravando suas garras em meu ombro. Jinx nos apresentou novamente? Foi um post sobre aquela noite na casa da árvore?

Eles sabem todas as coisas depravadas que Dutch fez comigo naquele tapete fofo e inofensivo? Eles sabem onde estava sua língua, onde estavam seus dedos, o que ele me disse quando fez aquelas coisas? Eles sabem como eu estremeci e chorei e implorei por misericórdia e depois por mais?

Meu coração martela atrás das costelas.

Exposta, abaixo a cabeça e corro para o meu armário.

Assim que abro, meu telefone vibra.

*Jinx: Verifique seu estojo verde.*

Meus olhos se arregalam.

Eu levanto minha cabeça e me viro. Jinx está aqui no corredor agora. Ela está me observando?

Inquieta, entro no meu armário, abro o zíper do estojo e encontro um pequeno alfinete preto aninhado entre minhas canetas, lápis e borrachas.

Meus dedos cavam na porta de metal. Como Jinx entrou no meu armário?

“Ei, Cadence.”

“Ah!” Eu grito e bato o armário.

Sol me lança um olhar estranho. “Você está bem?”

“Sim. Ótimo.” Eu solto uma respiração lenta. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu queria ver você.”

"OK." Eu rio de seu rosto intensamente concentrado. "Você está me vendo."

Ele apenas fica olhando para mim com essa expressão torturada.

Ouçõ mais sussurros enquanto o corredor fica lotado. A aula começará em breve.

"Você sabe por que todo mundo está olhando mais do que o normal?" pergunto a Sol.

Ele levanta o ombro e encolhe os ombros, os lábios tensos. "Jinx escreveu um post sobre você e Dutch."

Eu empurro para frente. "O que disse?"

"Não sei. Algo sobre ele fechar um parque de diversões para você." Ele passa a mão pelos cabelos, parecendo agitado. "Tento não ler essas coisas."

A lembrança do parque de diversões me faz estremecer. Dutch sabia que eu seria gentil com ele depois que ele fizesse o dia de Vi. Ele intencionalmente usou minha irmã para me fazer abrir com ele.

Sol avança. "Cadência."

"O que?" Minha voz está irritada.

"Há algo que eu queria dizer."

Eu pisco, esperando.

"Não me sinto bem em esconder a verdade de você e..."

Meu telefone vibra novamente.

Não é Jinx desta vez.

É Jarod Cross.

Eu enrijeço. "Só um minuto, Sol."

Ele morde o lábio inferior, uma sombra cruzando seus olhos castanhos.

Eu me afasto dele e abaixo minha voz. "Olá?"

"Você encontrou alguma coisa?" A voz suave da estrela do rock enche meus ouvidos.

"Você estava certo. Sobre aquela *coisa*. Eu tenho provas.

Sua risada parece satisfeita. "Eu sabia que você não me decepcionaria, Cadence. Vou mandar Lucien buscá-lo."

"Não," eu deixo escapar. Enfiando a mão esquerda no bolso, toco o dispositivo que Jinx me deu. "Prefiro ir até você."

"Você não tem escola?"

"Posso perder o primeiro período." Os professores não vão mais me penalizar por faltar às aulas. Todo mundo sabe que me tocar significa tocar em Dutch e ninguém na Redwood Prep é tolo o suficiente para tentar isso.

Fiquei ressentido com Dutch por sua presença cruel me ofuscando onde quer que eu fosse, mas agora é útil.

"Encontre-me no meu estúdio particular em uma hora."

Desligo e me viro para encarar Sol. "Eu tenho que ir."

"Eu irei com você."

"É meio privado." Eu recuo. "Mas eu prometo, vou reservar um tempo para você quando voltar, ok?"

A expressão fraturada de Sol é a última coisa que vejo antes de patinar lá fora.

Eu não trouxe a moto – uma saia Redwood curta não é exatamente propícia para andar naquela máquina – então tenho que pegar o ônibus.

Estou quase me atrasando para meu encontro com Jarod Cross, mas atravesso a porta bem a tempo.

O estúdio de gravação é bem iluminado e repleto de painéis amortecedores de som. A placa misturadora externa parece custar vários milhões. Estou nervoso até mesmo para respirar na direção dos botões e alavancas sensíveis.

“Senhorita Cooper.” Jarod Cross deixa seu violão no pedestal, abre a porta da cabine de gravação e se junta a mim do lado de fora.

"Podemos falar?" Olho para o engenheiro de som e para os membros da banda atrás do vidro. "Em particular?"

"Claro. Vem por aqui." Jarod Cross me leva por um corredor mal iluminado. Cartazes dele ocupam ambas as paredes. Ele em vários prêmios musicais. Ele conhecendo presidentes e a realeza. Ele nas capas de revistas famosas.

Vivo a vida tão longe na sujeira e na escuridão que é difícil ver tanto ouro. Este corredor é um lembrete brilhante de que Jarod Cross não é um mero humano. Ele é o mais próximo do sobrenatural que um mero mortal pode chegar.

“Aqui”, diz Jarod, mantendo a porta aberta.

“Este é o seu escritório?” Olho ao redor da sala ricamente decorada. Há tantos troféus aqui que parece que estou olhando diretamente para o sol.

“Sim, conduzo negócios importantes aqui.” Ele me lança um olhar aguçado, como se eu devesse me sentir honrada por ter o privilégio de pisar no piso de madeira. “Sempre que estou na cidade, passo mais tempo neste quarto do que em casa.”

Coloco meus dedos no bolso da saia e giro o pequeno dispositivo. No momento, sou um peão em três tabuleiros de xadrez diferentes: Jarod Cross, Dutch e Jinx.

Mas não sou fantoche de ninguém.

Posso escolher quais cordas quero manter e quais quero cortar. Eu os uso, assim como eles me usam.

Jarod Cross estende a mão. “Deixe-me ver.”

"Veja o que?" Meu coração pula até a garganta e agarro o dispositivo de Jinx de forma protetora.

"A evidência." Ele arqueia as duas sobrancelhas.

"Oh." Abro o zíper da minha bolsa, cavo dentro dela e retiro o pen drive. Salvei o vídeo no cartão de memória ontem à noite.

Jarod Cross aceita o dispositivo de mim e o coloca sobre a mesa. "Bom trabalho."

“Você não vai verificar?”

Seus olhos disparam para o lado. Um movimento imperceptível, mas que percebo.

“Sim”, ele diz. Acho que deveria verificar.

Algo em sua escolha de palavras me incomoda. Por que ele não parece tão preocupado com o tráfico do filho? Ele não me contratou porque estava preocupado? Ele não deveria estar mais frenético? Mais chateado? Apenas mais?

Neste momento, ele parece calmo.

Muito calmo.

Como se tudo que estou fazendo, todas as formas que estou atuando fossem antecipadas.

*Não pense demais, Cadence. Basta encontrar um local para o dispositivo e seguir em frente.*

“Você tem muitos livros”, murmuro, deslizando pela sala enquanto Jarod se acomoda atrás de sua mesa.

“Apenas para decoração.” Ele acena com a mão, olhando distraidamente para o computador. “Nunca abri um por dia na minha vida.”

*Bingo.*

Deslizo minha unha contra as lombadas, finalmente parando em uma prateleira mais próxima da mesa de Jarod, mas fora de sua linha de visão. Virando levemente a cabeça, percebo que ele está focado no computador.

O suor escorre pelo meu lábio superior e minhas mãos tremem quando tiro o dispositivo de Jinx.

*Estou muito ansioso para ser um espião.*

Com o coração na garganta, coloco o aparelho na prateleira e o escondo debaixo de um livro.

De repente, a porta se abre.

Eu me endireito e giro com um olhar culpado.

Lucien desliza seus olhos sombrios sobre mim.

Meu coração bate contra o peito, mas me forço a manter a calma. Inclinando meu queixo para cima, deixei meus olhos deslizarem dele até Jarod.

“Eu disse para você sempre bater”, rosna Jarod.

Um olhar sombrio passa pelo olhar de Lucien. Ele franze a testa. “Sua reunião com o entrevistador de TV é em quinze minutos. Precisamos nos mover.

“Oh, certo. Eu esqueci.”

Lucien permanece na porta.

Jarod o enxota com um gesto. “Preciso de um momento com a senhorita Cooper.”

Os olhos de Lucien me atravessam. Ele faz uma careta e fecha a porta.

“Ignore-o. Ele é mais amigável do que parece.”

*Sim, duvido disso.*

O importante é que Jarod Cross não percebeu que eu havia colocado uma escuta no quarto dele. Só posso esperar loucamente que não haja câmeras de segurança aqui e, se houver, que ninguém esteja olhando. Especialmente Lucien.

Esse cara me dá arrepios e não sei o que ele fará comigo se descobrir que traí o chefe dele.

“Obrigado por me ajudar a provar a verdadeira identidade de Dutch”, diz Jarod Cross, com a voz carregada de quase... preocupação parental. “Agora que você viu quem ele realmente é, o que você acha dele?”

Acho a pergunta estranha. Por que um rockstar se importa com o que penso de seu filho?

A resposta é fácil.

Quero que Dutch Cross queime no inferno.

Mas não estou compartilhando esse sentimento com seu pai.

Em vez disso, levanto o queixo. “Nunca me importei e nunca me importarei com Dutch. Não foi por isso que você confiou em mim?”

O riso jorra da boca de Jarod Cross. Ele parece presunçoso. Satisfeito.

“Apenas cumpra sua parte no trato. Leve meu amigo de volta à escola e podemos encerrar o negócio.

“Sim, acho que podemos”, diz ele, seus olhos examinando meu rosto.

Baixo o queixo e me viro para sair.

“Agora que seus olhos estão abertos, espero que continuem assim”, diz Jarod Cross às minhas costas.

Eu me viro.

“Dutch pode ser convincente, mas nunca se esqueça com quem está lidando. Ele não é confiável.

Eu olho para o rockstar, notando seus olhos intensos. Há uma sensação incômoda em meu estômago. Uma suspeita muda que está gritando comigo.

*O que estou perdendo aqui?* Sinto como se estivesse nadando em uma corrente suave na superfície, mas cheia de redemoinhos embaixo.

“Tenha cuidado ou você se machucará, Srta. Cooper”, murmura Jarod Cross.

E não posso deixar de pensar que ele está me alertando sobre si mesmo e também sobre seu filho.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

### HOLANDÊS

“Ela não está aqui,” Finn diz, encontrando meus olhos. Ele está encostado no armário de Cadence, os olhos fixos no livro.

“Ela não mata aula,” eu rosno. Meu coração está batendo rápido e sinto que estou ficando dilacerado por dentro. “Você acha que papai—”

“Iria machucá-la? Não.” Zane balança a cabeça.

“Ele sabe que isso iniciaria uma guerra”, Finn me garante.

“Ela não está atendendo o telefone.” Cerro os punhos e quebro o armário ao lado dela. “Por que diabos ela não está atendendo? E se ela foi sequestrada?”

“Vi conseguiu falar com ela. O telefone dela está funcionando. Ela está bem,” Zane diz.

“Mas a mãe dela...”

Finn me interrompe. “É uma viciada em drogas que não consegue manter sua história correta.”

“Nós nem sabemos se a mãe dela estava certa sobre o pai. Aquele celular com a ‘evidência’ foi um fracasso total.” Zane faz uma careta.

Eu soco o armário novamente, ainda irritado com isso.

Tina me enviou em uma busca inútil. Estou feliz por ter trazido meus irmãos como apoio, mas me senti como um idiota perambulando por aquele lado da cidade em busca de um celular ruim.

Os sinos musicais tocam.

Acabou o primeiro período.

O corredor se enche de estudantes e vejo Sol caminhando propositalmente em direção ao armário de Cadence. Ele para quando vê nós três rondando a mesma área. Sua contração de decepção me deixa nervoso.

Sol tem agido de forma estranha desde o incêndio. Depois, quando ele desabou na sala de treino, disse a mim mesmo que ele estava lidando com muita coisa. Parei de vasculhar seus negócios e dei-lhe algum espaço.

Mas agora, ele está se distanciando de nós.

E tenho a sensação de que ele não tem ido às sessões de terapia.

Finn dá um tapa no peito de Zane e aponta o queixo para Sol.

Meu gêmeo se endireita. Um sorriso se espalha por seu rosto. “Estranho.”

“Vocês estão esperando por Cadence também?”

*Também?* Eu me irrita. “Que negócios você tem com Cadence?”

Finn me olha fixamente. “Acalme-se, holandês.”

Eu ferve, mas mantenho minha boca fechada.

Zane fala. “Estamos procurando por ela. Ela faltou ao primeiro período.

“Eu a vi esta manhã. Ela disse que tinha algo para fazer, mas voltará.”

"Você falou com ela?" Dou um passo à frente ameaçadoramente.

Sol levanta o queixo, os dedos já cerrados e se preparando para dar um soco.

Talvez eu *brigue* com ele no corredor.

Sou um bastardo ciumento e possessivo e continuo captando vibrações entre Sol e minha futura esposa. Espero estar errado. Mas se não estiver, uma vida inteira de irmandade com Sol estará prestes a ser pisoteada.

Eu não compartilho.

Eu enterraria meus oponentes onde ninguém pudesse encontrar seus corpos antes de pensar em compartilhá-la com alguém.

A tensão aumenta entre mim e Sol até ficar espessa o suficiente para atrair os olhares das crianças que passam.

Zane ri nervosamente. "Leve para fora se quiser lutar. Não seja entretenimento gratuito."

"Ninguém está brigando." Finn fecha o livro e o coloca sob a axila. Seus olhos se estreitando, ele coloca a mão no meu ombro e sussurra em meu ouvido. "Dutch, recomponha-se. Ninguém aqui é seu inimigo."

Eu olho para Sol, e ele olha de volta, com uma expressão em sua carranca que me faz pensar se estou olhando para o mesmo cara que passou quase todos os verões conosco. Há algo diferente, algo distorcido em seu olhar que brinca com diversão. Como se ele não se importasse com tudo isso. Como o Coringa que quer espalhar o caos de uma vez por todas.

"Cara, ela está aqui." Zane me empurra e aponta.

Cadence entra pela porta da frente, parecendo um inferno e uma vingança. Seu cabelo pende sobre os ombros. Sua saia esvoaça em torno da parte superior das coxas. Olhos castanhos batem em mim antes que ela desvie o olhar e pouse em Sol.

Sua expressão clareia e ela sorri para ele.

Freaking mostra os dentes para ele.

"Ei, Sol", diz Cadence, passando por mim sem dizer uma palavra e me esnobando *com força*. "Desculpe, tive que sair mais cedo."

"Sem problemas", diz Sol. Ele é gentil com ela. Muito macio. Os punhos que ele segurava ao lado do corpo relaxam.

Uma mão bronzeada bate no meu ombro.

Uma mão pálida desce sobre meu outro ombro.

Meus irmãos estão me segurando.

Cadey continua fingindo que não estou lá. "Você quer conversar agora? Podemos ir para algum lugar privado, já que meu armário está bloqueado por uma lata de lixo." Seus olhos passam por mim, afiados e queimando de raiva.

Meu estômago se revira e cerro os dentes. O que diabos há de errado com ela? Ela não ficou brava quando a levei para casa ontem. Envergonhado, talvez. Um pouco chocado com todas as maneiras como a fiz ver estrelas, claro.

Mas ela não estava chateada.

Dou um passo à frente apenas para ser puxado para trás por meus dois irmãos.

"Sim", Sol diz, seus olhos deslizando sobre mim. Eu posso vê-lo escondendo seu sorriso. *O bastardo*. "Sim, vamos conversar."



“Cadência,” eu rosno.

“Não fizemos um teste surpresa durante a álgebra, não é?” Cadence diz, caminhando ao lado de Sol.

“Não.”

“Bom. Eu estava preocupado que pudesse ter perdido algo importante.”

“Vou compartilhar minhas anotações com você”, Sol oferece.

Sinto minha raiva atingir o teto e não há como me conter. Eu torço meus ombros, sacudindo meus irmãos de cima de mim.

Meus passos são pesados e perigosos.

Minhas narinas se dilatam como um touro.

Eu vou em direção à exasperante e indutora de chicotadas, dor na bunda, que por acaso é a rainha pela qual eu morreria.

Cadence sente meus passos violentos porque ela para e se vira instintivamente. Seus olhos se arregalam, mas essa é a única reação que ela consegue ter antes de eu pegá-la e colocá-la por cima do ombro.

“Holandês!” Cadence grita.

Todos se viram para olhar.

Cadence chuta e dá socos nas minhas costas. Ela até tenta aquela manobra que fez fora da festa de Paris daquela vez. Mas estou pronto para ela. Meus braços são faixas de aço sobre seu quadril e não a deixo ir.

Meus olhos lançam Sol.

Ele está apertando os lábios, o rosto franzido de frustração.

Eu não digo nada.

Eu não preciso.

Meus olhos sussurram uma coisa: *ela é minha*.

Se ele quiser perder tudo, pode me desafiar nisso.

“Pare de ser um maldito homem das cavernas e me coloque no chão!” Cadence grita na parte inferior das minhas costas.

Assim que tenho certeza de que Sol recebeu minha mensagem, sigo pelo corredor. Os corredores estão lotados. As pessoas fogem do caminho quando passamos, mas isso não é suficiente. Existem muitos olhos. Muitas pessoas nos observando para que eu me sinta confortável discutindo isso em uma escada ou na sala de prática.

Preciso de mais privacidade.

Então eu a levo para o estacionamento.

“Holandês!” Cadey grita. “Isso é sequestro, você sabe!”

Eu não respondo.

“Eu tenho aula!”

Coloco uma mão no bolso, aperto o alarme do meu carro e a empurro para o banco de trás. Ela pousa com um baque. Faço uma pausa longa o suficiente para ter certeza de que ela não machucou a cabeça e então subo no banco da frente e saio do estacionamento como um paciente fugindo de um asilo.

Tudo o que aconteceu neste fim de semana - conhecer Tina, obter informações questionáveis sobre o pai, perder uma grande quantidade de dinheiro por um celular

quebrado - é tudo um mistério que implora para ser resolvido. Eu odeio quando as pessoas brincam comigo e o súbito reaparecimento de Tina toca muitos sinos.

Vou buscar minhas respostas.

Mas a resposta mais importante está me olhando carrancudo no banco de trás da minha caminhonete.

Não vou a lugar nenhum até descobrir por que diabos Cadence, o maldito Cooper, está querendo isso comigo. De novo.

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CADÊNCIA

Dutch desacelera o carro em um terreno gramado com vista para a cidade e a onda violenta que toma conta de todo o meu ser torna difícil respirar. Como um humano mata um monstro? Tóxico? Flecha com ponta prateada? Água benta?

“Venha para a frente, Cadey.” Há um toque de perigo em sua voz que diz que posso não gostar do que acontecerá se não obedecer.

“Se eu chamar a polícia, acabou para você.”

Dutch mantém a atenção voltada para a frente, a boca formando um corte cruel no rosto.

"Chame-os. Vá em frente."

"Isso é uma ameaça?" Eu me irrita.

“Não, Cadey.” Sua mandíbula apertada. Posso ver a veia saltando em sua têmpora, como se ele estivesse tentando se conter e falhando. “De todos neste mundo, você é o único que pode me destruir e eu não retaliaria. Mande-me para a prisão se quiser. Mas estamos conversando primeiro.

Minhas sobrancelhas sobem. “Você é um mentiroso tão bom. Considere atuar, holandês. Você ganharia prêmios.”

Seus ombros ficam tensos.

O silêncio reina no carro.

Eu olho para a parte de trás de sua cabeça. Cabelo totalmente loiro. Os músculos tensos contra o suéter da Redwood Prep. Branco e dourado. Preparado. Exceto que o cara que está usando parece perigoso demais para ser 'preppy'.

"Vir. Para. O. Frente", ele rosna. “Ou você prefere que eu volte para lá?”

Diante da ameaça, minhas sobrancelhas sobem.

“Tenho opções?” Minha voz está cheia de zombaria. “Você não vai simplesmente me agarrar pelos cabelos e me arrastar como se fosse seu brinquedo de pelúcia pessoal? Por que parar aí? Por que não me manda tirar a roupa para que você possa ter outra rodada desprotegida...

"É isso que você quer?" Sua mandíbula treme e ele olha para mim como se eu fosse a pessoa mais desequilibrada que ele já conheceu. “Você *quer* que eu arraste você para o meu colo e te prenda contra o volante em vez de conversar sobre isso, Cadey?” Ele late, seus olhos são duas chamas ardentes. “Porque eu posso fazer isso, mas você não vai gostar.”

*Como ele sabe que não vou gostar?*

Meu rosto fica vermelho. Quando fecho os olhos, posso sentir a pressão áspera de seu corpo no meu, a dor breve e depois o prazer intenso dele me preenchendo.

Eu me odeio por pensar nisso.

Ou talvez eu simplesmente me odeie.

Eu sei o quão perigoso é o holandês. Eu sei que ele só está me usando. Assim como Jinx. Assim como Jarod Cross.

Eu sou o brinquedo deles.

Tenho estado assim desde que coloquei os pés na Redwood Prep.

Mas isso não importa.

Vou tirar deles. Vou pegar tanto quanto eles tiraram de mim.

“Por que você é tão *teimoso*? A última palavra estala na minha cara como um elástico esticado. “Você sabe o que a maioria dos casais faz quando têm um mal-entendido, Cadey? Eles usam palavras. Eles discutem tudo. E então eles seguem em frente.”

*Não* somos um casal.”

“Então o que diabos somos nós?”

“Não sei, holandês? Você me diz! Você obviamente é o responsável aqui.” Minhas mãos estão tremendo tanto que tenho que enfiá-las debaixo da saia e sentar sobre elas.

Dutch cerra os dentes, mais veias salientes em seu pescoço. Ele abre a porta e sai do carro.

A princípio, acho que ele vai se afastar e esfriar a cabeça, mas então o vejo se aproximando da porta dos fundos. Eu rapidamente bato a fechadura.

Ele puxa as alças e arqueia uma sobancelha quando o acesso é negado.

Inclino a cabeça para o lado, presunçosa.

Sem qualquer mudança na expressão, Dutch enfia os dedos no bolso e usa o alarme para abrir o carro.

Eu grito quando ele me puxa para fora e me puxa para dentro do carro, e então ele agarra minha cintura e me empurra no capô. Minhas mãos deslizam em volta de seu pescoço.

"O que você está fazendo?" Eu grito, envolvendo minhas pernas em volta dele para não me queimar. A maioria dos carros fica extremamente quente sob o capô. Ele está tentando derreter minha pele?

Mas quando Dutch me deixa cair em cima do carro, não faz muito calor.

“Isto é elétrico”, diz Dutch. Calmo como um maldito inseto. “Você acha que eu faria qualquer coisa que pudesse machucar você, Cadey?”

“Você não pode me machucar, Dutch. Não mais. Não quando eu conheço quem você é de verdade.

Seus olhos se estreitam. Ele me estuda com aquele olhar quente e penetrante. "O que você está falando?"

“Não estou discutindo isso com você.” Eu desenrolo minhas pernas de sua cintura e saio do carro. Dutch bate as mãos em cada lado das minhas coxas, me prendendo.

Inclinando-se para frente, ele resmunga: — Você não vai a lugar nenhum até me dizer o que diabos está pensando.

Eu faço uma careta para ele.

Ele olha diretamente para mim com aqueles olhos âmbar, envolve os dedos em volta dos meus tornozelos e se sacode. Eu recuo, meus cotovelos cravados no metal enquanto ele me arrasta até a beira do capô. Com um estalar de pulsos, ele prende uma das minhas pernas em volta dele.

Minha respiração vem em jatos agudos e quentes.

"O que você está fazendo?" Eu me contorço. O movimento só causa mais atrito. "Achei que você só queria conversar?"

"Podemos conversar assim." Com minhas duas pernas presas em volta dele, Dutch se inclina para frente novamente. Ele me lança um olhar aguçado que diz que *é melhor você me dar o que eu quero*.

Multar. Ele quer jogar?

"Onde você estava às onze da noite passada?" Eu estalo.

Seus olhos se arregalam imperceptivelmente. É apenas um breve choque antes que sua expressão retorne à configuração padrão. Ele não responde imediatamente, mas posso ouvir as engrenagens girando em sua cabeça.

À medida que o silêncio aumenta, aumenta também a minha raiva.

Eu caio na fúria novamente.

"Eu deixo você ficar perto da minha irmã," eu sibilo, minha respiração irregular de raiva com a simples menção de Viola. "Eu confiei em você contra meu melhor julgamento. E você estava vendendo drogas, seu doente..."

"Sua mãe me ligou ontem." Ele está me observando. Cada brilho dos meus olhos. Cada mudança da minha expressão.

"M-minha mãe está morta."

"Nós dois sabemos que isso não é verdade, Cadey." Ele inclina ligeiramente a cabeça, olhando para mim com aquela expressão fria e calculista.

De repente, tenho dificuldade para respirar.

"Ela pediu para me encontrar a sós, então eu fui. Ela disse que tinha sujeira sobre meu pai e me deu o endereço para encontrá-lo. Conhecemos um cara que nos deu um pacote, mas acabou sendo inútil."

"Eu não acredito em você." Minha voz está fraca. Estou me agarrando a qualquer coisa.

Dutch pega seu celular e reproduz uma gravação.

Fico pálido quando ouço a voz da minha mãe. "*Quarenta e seis com a terceira, Hamshire Street. Onze horas.*"

"Se isso não bastasse, estou disposto a fazer um teste de drogas para provar que estou limpo. Eu quis dizer isso quando disse que nunca toco naquela coisa. E eu nunca irei."

Meus olhos se arregalam.

Ele olha para mim, contemplativo. "Pensei ter visto uma motocicleta nos seguindo naquela noite. Onde você conseguiu a bicicleta? Como você sabia onde estaríamos?"

Abro a boca e depois fecho.

Dutch se inclina, seus lábios pairando perto dos meus. "É por isso que você encontrou meu pai depois da aula? Ele pediu para você nos espionar?"

"N-não." Eu o empurro, me sentindo muito exposta.

Eu tinha tanta certeza de que estava certo.

Tão certo que ele era o vilão que sempre se apresentou.

Mas quando há vilões por onde quer que você olhe, ninguém é confiável.

Dutch se recusa a me deixar fugir. Ele se abaixa totalmente, achatando minhas costas contra o carro. Seus olhos estão quentes o suficiente para marcar meu rosto. Cerro os dentes, tentando lutar contra a conexão ardente entre nós.

“Não minta para mim, Cadey.” Dutch morde meu queixo, sua boca roçando minha bochecha até minha orelha. “Eu vou acreditar em você.”

Seu peso em cima de mim quebra as amarras da minha restrição e envia flashes de desejo nas cavernas do meu corpo. Sinto que estou sofrendo uma chicotada. Vai e volta. Ódio e mal-entendidos.

Mas a única coisa que permanece consistente... é esta forte atração entre nós.

Um puxão de proporções cósmicas.

Um antídoto para o entorpecimento.

Minha mão desliza pelo abdômen de Dutch, sentindo os músculos tensos sob o tecido de seu uniforme. Quão justo isso é para ele? Responder à sua pergunta sobre segredos e confiança com luxúria e desejo?

Não sei.

Eu não sei mais nada.

Os olhos de Dutch caem para onde minhas mãos o acariciam. Nuvens de tempestade penetram em seus olhos âmbar.

Eu moo meus quadris contra sua calça jeans.

Ele geme.

Sim. Perfeito.

Estou me recuperando da duplicidade de minha mãe e não estou disposto a encarar o que isso significa no futuro. Preciso de uma distração do caos. Uma maneira de evitar todas as verdades dolorosas e prejudiciais com as quais ainda não consigo lidar.

Alcanço seu rosto, trazendo-o em direção ao meu.

“Não”, ele diz severamente.

Paro bruscamente com a rejeição.

“Há mais segredos, Cadey? Mais alguma coisa que eu deva saber? Ele cerra os dentes. Mãos de cada lado de mim. Os nós dos dedos ficam brancos. “Diga-me agora.”

Segredos?

Gostou do fato de estar trabalhando com Jinx?

Como o fato de o pai dele ter “evidências” de que ele traficava drogas por minha causa?

“E você?” Eu desvio.

Sua sobrancelha salta.

Agarro sua nuca com força. Meus pensamentos voltam para a noite na casa da árvore. A entrega de comida na manhã seguinte. O fato de ele não ter levantado nenhuma preocupação sobre nós ignorarmos a proteção.

“Há alguma coisa que você está escondendo de mim?”

“Sim.”

Meu coração ricocheteia. Não consigo esconder minha surpresa.

“Mas não é meu segredo para compartilhar.”

Eu olho para ele confusa.

Com uma carranca severa, Dutch segura meu queixo com os dedos e levanta meu rosto. “Isso é tudo que você tem a dizer?”

Eu estreito meus olhos para ele.

Ele espera um pouco. E então ele balança a cabeça. “Um dia, você será honesta comigo, Cadence Cooper.”

“Por que eu deveria?”

Ele diminui a distância entre nós e me beija. Sua língua praticamente queima enquanto desliza entre meus lábios, abrindo espaço para todas as emoções incontroláveis e violentas que ele desperta.

O fogo corre pela minha barriga, fazendo com que minhas entranhas doloridas exijam mais. Exija tudo.

Dutch recua apenas o suficiente para sussurrar em meus lábios: — Porque você e eu, nós...

“Danificado?”

Seus dedos traçam meus lábios. “Inevitável.”

O calor cai sobre mim, destruindo as migalhas de autocontrole que restavam.

Arqueio as costas na superfície escorregadia do capô do carro e abaixo sua cabeça para um beijo explosivo que tira a alma de nós dois, caindo tão profundamente nele que não ouço o telefone tocando no banco de trás...

\* \* \*

*Jinx: Como prometido, novata. Um segredo por um segredo. Em anexo está um vídeo do verdadeiro culpado do incêndio. Surpreso? O gato saiu do saco e é tarde demais para voltar atrás. Uma vez que um segredo sai da sepultura, ele nunca mais poderá ser enterrado.*

## CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CADÊNCIA

Arrumo minhas roupas e desço do capô da caminhonete robusta e cara de Dutch, caindo na grama com as pernas trêmulas. Ele passa os dedos perigosos pelo cabelo loiro, me estudando com olhos da cor de uma chama dançante, mel e dourado.

“Preciso voltar para a escola”, murmuro, não conseguindo esconder o leve tremor em minha voz.

“Você precisa se acalmar primeiro.” Ele aponta para minha blusa. “E abotoe-se corretamente. Entre em Redwood parecendo tão desgrenhado e todos saberão o que estávamos fazendo. Suas sobrançelas sobem. “Não que eu tenha problema com isso.”

Meus olhos brilham. “Não preciso que você me diga o que posso e o que não posso fazer.”

“Seu rosto está vermelho, Cadey. Talvez tente não corar tanto quando fizer uma afirmação.

Eu seguro minha bochecha. “É de queimadura solar.”

Ele sorri.

Ansioso para fugir, marchoo até o banco de trás e pego meu telefone.

A mensagem de Jinx aparece para mim.

Com o coração acelerado, clico no vídeo e assisto ao feed obscuro. É uma foto tirada de uma das câmeras no corredor perto da sala de aula que pegou fogo. Como ela conseguiu essa filmagem? A polícia não conseguiu extrair nada dessas câmeras.

"O que você está assistindo?" Holandês pergunta.

Eu pulo na minha pele, pauso o vídeo e o escondo nas minhas costas. "Nada. Podemos ir agora?"

Ele me encara por um momento longo e tenso, e então acena com a cabeça uma vez.

"Vamos." Dutch abre a porta do passageiro para mim.

“Eu vou por trás.”

“De agora em diante, você vai na frente comigo.”

Quero argumentar porque é puro hábito ser contrário neste momento, mas só consigo pensar no vídeo. Quanto mais rápido eu chegar a Redwood, mais rápido poderei vê-lo em particular.

Dutch começa a dirigir.

“Sua mãe me disse que teve que fingir sua morte porque viu algo que não deveria”, ele diz, e eu encolho os ombros. Tudo o que sai da boca da mãe é questionável. A única coisa de que não duvido é até onde ela iria para encontrar sua próxima solução. "Você sabe o que ela viu?"

“Aparentemente, um assassinato.” A confissão sai da minha língua com uma facilidade descuidada.



Os dedos de Dutch apertam o volante e ele se vira. Em seus olhos há uma frustração latente e tensa.

Quando vejo a reação dele, percebo o quão casual eu fiz aquele som.

“Mas ela pode estar mentindo”, acrescento enquanto ele entra no estacionamento da Redwood Prep. “É possível que ela simplesmente tivesse uma dívida que não podia pagar e considerasse a morte uma saída fácil.”

Ele franze a testa para mim.

“Ninguém nos incomodou ainda, então tenho certeza de que ficaremos bem.”

“*Ainda?* Ele desliga o motor, guarda as chaves no bolso e me prende com seu olhar sombrio.

“Você sabe tão bem quanto eu que a mãe não é uma fonte confiável.”

“Ela pode estar dizendo a verdade desta vez.”

Eu balanço minha cabeça. “Ela é *viciada*, Dutch.” Normalmente não compartilho meus pensamentos tão livremente, mas ele já entrou nessa confusão. Não é como se eu pudesse fingir que minha vida é algo que não é. “Ela fará qualquer coisa, dirá qualquer coisa para convencê-lo de sua história.”

“As pessoas não fingem suas próprias mortes por diversão, Cadey.”

O vídeo de Jinx continua no fundo da minha mente.

Dutch está escolhendo o pior momento para falar sobre isso.

“Não é problema seu,” eu resmungo.

“Claro que é problema meu. Tudo o que diz respeito a você é problema meu.

Eu endureço com seu tom possessivo. “Não pense que o que aconteceu na colina significa que alguma coisa mudou. Você e eu ainda somos inimigos mortais.”

“Você ferrou todos os seus inimigos mortais?” ele pergunta, levantando uma sobrancelha para mim.

Ele tem razão.

Em vez de responder à pergunta, viro-me e encaro-o com confiança. “Você e eu... nós brincamos às vezes. Nós... usamos um ao outro para desabafar. É isso.”

Sua mandíbula se move por um minuto, como se ele estivesse pensando muito sobre minhas palavras, e então ele aponta com o queixo em direção a Redwood.

“Entre antes de dizer algo ainda mais ridículo, Cadey.”

Eu faço uma careta para ele, a vontade de lutar passa por mim.

*Você quer lutar contra Dutch ou assistir ao vídeo da Jinx?*

É uma escolha fácil.

Corro até Redwood e entro no banheiro mais próximo. Depois de me trancar em uma cabine, pego meu celular novamente.

Polegar para cima. Respiração tremendo.

Eu aperto o botão play.

O vídeo recomeça, uma imagem constante do corredor. De repente, ouve-se um estalo e um tilintar de vidro quebrando. Um leve *sussurro* enche meus ouvidos.

Na minha tela, uma sombra cai no chão.

O esboço do verdadeiro culpado.

Minha cabeça está girando.

Estou tão perto da verdade que posso prová-la.

Mas por que estou tão nervoso?

Enxugo o suor que se forma acima do meu lábio superior.

Na tela, laranja e vermelho brilham contra os armários. Reflexos do fogo crescente. O culpado se aproxima cada vez mais da câmera. Passos firmes. Braços soltos. Não mais perturbada pela destruição que ele causou do que Vi ficaria se quebrasse uma unha.

E então ele está lá.

No quadro.

Olhos castanhos familiares. Ombros largos. Cabelo grosso e ondulado.

O quarto membro dos The Kings.

O único amigo que tenho entre os meninos cruéis da Redwood Prep.

Sol.

Eu suspiro e o telefone escorrega da minha mão. Ele cai no chão. Ouço o barulho do vidro quebrando. Se eu estivesse em sã consciência, ficaria horrorizado. Tento ter cuidado com meu telefone porque não posso consertá-lo se ele quebrar.

Mas minha mente está zumbindo rápido demais.

Cubro minha boca com as palmas das mãos, os olhos arregalados e frenéticos.

Sol?

Sol... é o culpado.

Imediatamente, uma onda de lembranças toma conta de mim. Os olhares pesados e agonizantes de Sol em minha direção. Suas constantes tentativas de me dizer algo.

— *Cadence, precisamos conversar.*

*'Eu odeio esconder a verdade de você.'*

*'Podemos falar?'*

Continuei afastando-o. Fiquei tão envolvido com Dutch, Jarod Cross, Serena e o drama com minha mãe que nem parei para...

Caindo de joelhos, viro o telefone e olho para a tela quebrada.

O vídeo está congelado na cena em que Sol está de frente para a câmera.

É realmente ele.

Mas por que? O que levaria Sol a fazer algo assim? Ele tinha a proteção de Dutch, Finn e Zane Cross. Aqueles rapazes arruinaram a minha vida e a do Sr. Mulliez para que Sol voltasse à escola. Eles nunca iriam deixá-lo sair da Redwood Prep.

Meus dedos se fecham em volta do celular e eu o seguro com força, ignorando o raspar do vidro quebrado na palma da minha mão. Enfiando o aparelho na bolsa, pressiono a mão contra o box do banheiro, lutando para recuperar o fôlego.

Nesse momento, um grupo de meninas entra no banheiro em meio a uma nuvem de risadas e perfume.

*"O que é tão engraçado?"*

*"Ela entrou sorrateiramente em Lit novamente."*

*"Por que?"*

*"É a única aula que Zane Cross frequenta."*

Ouço a borrifada de perfume e o farfalhar de tecido.

*"Ele não parecia ser do tipo inteligente."*

*"Claro que ele é inteligente. Ele nunca fazia o dever de casa, mas costumava ter aquelas discussões épicas sobre livros com a Srta. Jamieson."*

*“Eles não fazem isso há algum tempo.”*

*“Sim, a senhorita J não o chama mais na aula. Zane também não a chama. Ele apenas olha para ela até o sinal tocar e então ele sai. Isto é tão estranho.”*

Respiro fundo e empurro a porta.

As meninas ficam boquiabertas quando me veem. Imediatamente, eles abaixam a cabeça e me cumprimentam como se eu fosse a rainha ou algo assim.

Eu os ignoro e vou até a pia, colocando as mãos debaixo da água da torneira. O reflexo no espelho revela meus longos cabelos castanhos, lábios franzidos e olhos inquietos. Pareço tão estressado quanto me sinto.

“Hum...” Uma das garotas se aproxima de mim como se eu fosse um animal selvagem. “Você é a novata, certo? Namorada de Dutch Cross? Eu já o vi... uh... carregando você pelo corredor antes.

Ótimo.

Ela inclina a cabeça para cima, olhando para mim como se minha “história de amor” com Dutch fosse algo para se admirar. Se ela soubesse o quão sórdida e distorcida minha vida se tornou depois que Dutch entrou nela, ela não ficaria tão maravilhada.

Cravo minhas unhas na pia.

“Eu só queria que você soubesse que somos grandes fãs.” A garota abre um sorriso brilhante. “Eu também sou um garoto bolsista. Todos em Redwood me trataram como lixo até você aparecer. Eles nos veem como algo mais do que um saco de pancadas agora.”

As outras garotas acenam com entusiasmo.

“Você controla Dutch Cross agora. O que é uma loucura. Ele realmente ouve você. Além disso, você sai com os Kings. Você é, tipo, o garoto mais legal de todos os tempos.”

Minha cabeça balança para baixo, meu queixo batendo no peito. Solto uma respiração instável que passa pelos meus lábios e embaça o espelho.

“Se você precisar de ajuda, pode me perguntar. Para qualquer coisa.” A garota pisca os cílios.

Quero rosnar para ela 'ir embora', mas não consigo arrancar aquele sorriso de seu rosto. Não consigo estourar aquela bolha de esperança e enfiar a cara dela na porcaria que se tornou minha vida.

Quando ainda não digo nada, ela finalmente entende a dica. Com um pequeno movimento do queixo em direção à porta, ela conduz seus amigos até as saídas.

“Espere,” eu falo.

As meninas param e giram em um movimento fluido, como bailarinas. Eles já estão inclinados para frente, já ansiosos para fazer tudo o que eu mandar.

Cerro os dedos em punhos, as unhas cravando-se na carne macia da palma da minha mão.

“Você sabe quem é Sol?”

Seus olhos se arregalam. “Claro que sabemos!”

“Encontre-o para mim e dê-lhe uma mensagem.” Eu varro os olhos frios sobre as meninas. “Diga a ele para me encontrar na sala de música.”

Ela engasga. “Mas você não pode entrar lá. Eles proibiram aquele lugar depois do incêndio...

"Faça isso." Eu a interrompi. "Agora."

## CAPÍTULO TRINTA E CINCO

### CADÊNCIA

As paredes têm feridas profundas e abertas. Linhas pretas retorcidas. O fogo mastigou as janelas e rasgou o teto, deixando cortes feios. Inspiro e o fedor é tão forte que faz meus olhos lacrimejarem.

O incêndio aconteceu há um tempo, mas parece que os dedos do inferno ainda estão dançando, queimando meu rosto com calor e roçando minha pele.

Atrás de mim, a porta se abre e depois se fecha.

Ouçõ passos. O farfalhar da fita amarela de “CUIDADO” que deveria manter os alunos afastados.

E então silêncio.

Eu me viro lentamente.

Os olhos de Sol são tão escuros que quase dói olhar para ele.

“Todas as noites eu tinha o mesmo pesadelo.” Sua voz cai para um tom perigosamente baixo, algo gutural e vazio. “Você olhou para mim com essa expressão exata. Como se você me odiasse.

Estou vagamente consciente dos sinos, sinalizando o início de outra aula. Vagamente consciente da luz do sol passando pelas janelas e caindo sobre as mesas carbonizadas e as teclas de plástico do piano em ruínas.

Uma nota baixa toca na minha cabeça.

A música está de luto por si mesma.

“A mãe de Serena está no hospital. Você sabia disso?” Dou um passo em direção a ele, minha mão tremendo. “A escola está prestes a processar a família dela por quebrar o contrato da bolsa. O único dinheiro que eles têm é aquele que economizaram para a quimioterapia.”

Sol tem a decência de recuar.

A *vida* da mãe dela está em perigo, mas você ficou parada e assistiu.” O calor brilha através da minha voz. “O que lhe dá o direito? Você acha que é o único que vive em um pesadelo? Você acha que é o único que luta contra demônios quando está acordado e quando está dormindo?”

Seus olhos voltam para os meus, curiosos. Quase como se ele não se importasse com nada do que eu disse até mencionar a última linha.

“Está acontecendo alguma coisa com você?” ele exige.

Eu ando todo o caminho na frente dele. Esqueça o incêndio que queimou este edifício. Aquele que vou fazer chover na cabeça dele está duas vezes mais quente.

“O que diabos você estava pensando, Sol?”

“Eu não estava.” Os músculos apertam e contraem em sua mandíbula. Ele inclina a cabeça. Não consigo mais ver seus olhos torturados.

“Isso não é bom o suficiente.”

"Eu estou te dizendo a verdade. Eu estava apenas sentindo. Sentindo toda a injustiça, a injustiça, o desamparo. Eu tinha que fazer alguma coisa. Tinha que sair. Seus olhos encontram os meus. Claro. Nenhuma sensação de desespero. Sem desculpas.

O monstro que Redwood criou se virou e o esfaqueou no peito.

"Combater fogo com fogo?" Eu vou direto para o rosto dele. Sou muito baixo para ficar cara a cara, mas estou cara a cara e isso é bom o suficiente. Eu inclino minha cabeça para cima. "O problema, Sol, é que quando você mira sem pensar, pessoas inocentes queimam."

Olhos castanhos me observam intensamente por baixo de seu cabelo castanho ondulado. "Eu resolvo isso."

Eu me viro, incapaz de olhar para ele.

Sinto muito por Serena. Eu me sinto muito estúpido.

Nem uma vez pensei que Sol tivesse causado o incêndio.

Nem mesmo quando a evidência estava bem na minha cara.

Tudo apontava para ele.

A pessoa misteriosa saindo da sala de treino dos Kings.

Os irmãos Cross usando Martina como bode expiatório.

Martina fugindo culpada quando acendi o fogo no café da manhã.

E holandês...

*"Não é meu segredo compartilhar."* Ele sabia de algo, mas preferia morrer a me contar. Ele sempre foi protetor com Sol.

A foto estava bem na minha frente, mas eu acreditava tanto no Sol que nem conseguia cogitar a possibilidade dele estar por trás disso.

Isso não me torna tolo?

Ingênuo?

Fiquei muito feliz em conhecer alguém que veio do meu bairro, alguém que me pegou, que me viu. As conversas que Sol e eu tivemos me fizeram pensar que éramos mais parecidos do que diferentes.

Nós dois não pertencíamos a este lugar. Ambos parecíamos estar – voluntariamente ou não – apanhados por um grupo de irmãos que viviam num mundo muito superior ao nosso.

Eu confiei nele.

Por causa disso, Serena sofreu.

"Cadence", os passos de Sol ressoam atrás de mim, "eu cuidarei de tudo."

Sua mão se fecha em volta do meu braço.

Eu o afasto e giro, meu peito arfando. "Por que eu deveria acreditar em você se você não fez nada até agora?"

"Isso não é verdade." Ele estende a mão para mim novamente, mas para quando olho para ele. Hesitante, ele enfia as duas mãos nos bolsos. "Depois que descobri que Serena foi presa, fui direto ao diretor Harris. Ele me disse para me ferrar. Os olhos de Sol se estreitam. "Segundo ele, não importava qual de nós fosse expulso."

Eu zombei.

Sol lambe os lábios e fica olhando para o chão.

"O Dutch sabia desde o início?"

Sua cabeça se levanta. Sol me encara por um longo momento, como se estivesse tentando me entender. "Isso importa?"

"O que?"

"Faz diferença para você se Dutch soubesse? Achei que você o odiava.

"Eu o odeio."

Seus olhos procuram meu rosto. Sua mandíbula se move por um minuto, como se ele estivesse tentando ao máximo acreditar em mim.

Não consigo aguentar a tensão no ar entre nós e dizer: "Mas não estamos falando de Dutch. Estamos falando de você, Sol. Foi sua decisão atear o fogo. Foi sua decisão esconder isso.

"Não se preocupe." Sua voz está monótona agora. Ele olha além de mim. "Eu comecei isso. Eu vou terminar."

"Não, *vou* terminar isso." Eu passo por ele.

"Cadence—" Sol agarra meu braço para me impedir.

"Me deixar ir."

Ele solta minha mão imediatamente, mas seus ombros estão tensos. "Você acha que invadir o escritório do diretor Harris e exigir coisas vai funcionar? Eu estive lá. Eu já fiz isso. Eu já os confrontei e eles não deram a mínima."

Talvez ele tenha falhado, mas eu não vou. Sol não tinha as filmagens que eu tenho. Se Harris insiste em deixar Serena assumir a responsabilidade pelo incêndio depois de ver o que eu tenho, ele está louco.

"Não tente me impedir, Sol. Esse é o meu último aviso." Vou até a porta novamente.

"Eu realmente odeio quando Dutch está certo", murmura Sol. Um momento depois, ouço um ruído branco e depois o chiado de uma gravação.

*"Estou dizendo a você. Fui eu quem ateou fogo na sala de música!"*

*"Sol, deixe-me ser franco. Não importava qual de vocês se retirou de Redwood. Fique feliz por você ainda estar aqui e volte para a aula.*

Eu congelo, bem na frente da fita amarela e preta.

"Você o gravou?" Eu sussurro, me virando.

"Aprendi essa lição da maneira mais difícil." Ele projeta o queixo para baixo. "Quando você enfrentar uma cobra, mantenha sempre o gravador ligado."

Minhas narinas se dilatam.

Minha mente viaja pelo que acabei de ouvir.

*Não importa quem foi expulso?* A insensibilidade que o diretor Harris demonstrou com Serena é nojenta. Sempre soube que não significava nada para essas pessoas. Mas pelo menos Dutch, Paris e Christa foram honestos quanto ao seu desdém por mim. Até Miller mostrou sua verdadeira face muito rapidamente.

Mas pessoas como Harris? Achei que ele era um fantoche inofensivo para os verdadeiros senhores de Redwood.

Depois de ouvir aquela gravação, duvido que ele seja o diretor inocente e desajeitado que afirma ser.

"Por que você não tocou isso para mim desde o início?" Eu sibilo.

Sol se aproxima de mim. "Dutch disse que você não acreditaria em mim a menos que eu tivesse provas. Ele disse que você era teimoso. Eu disse a ele que você me daria

uma chance. Ele franze os lábios, os olhos escuros me cortando com decepção. “Parece que ele estava certo.”

Não me importo com a disputa dele com Dutch agora.

Estendendo minha mão, eu digo: “Dê-me seu telefone”.

Seus olhos se arregalam. “Por que?”

“Apenas dê.”

Sol hesita um segundo antes de colocar o celular na palma da minha mão.

Vou direto para o escritório do Diretor Harris.

“Cadência!” Sol corre atrás de mim.

Minha mão bate na porta. Ele bate na parede.

A secretária, uma mulher com unhas compridas e uma afinidade perpétua por chicletes, me lança um olhar arregalado.

Eu não me incomodo em olhar para ela.

Quando ela me vê passando por sua mesa com intenções violentas, ela se levanta. “Espere só um minuto! Você não pode entrar aí!”

Seus gritos são como ruído de fundo. Neste momento, só consigo pensar na mãe da Serena. Seu rosto pálido enquanto ela tentava ao máximo sorrir para mim. Seus olhos, vermelhos de exaustão e estresse. Sua alegria por Serena ter uma amiga em Redwood.

O que Sol fez foi uma loucura, mas há uma parte de mim que entende de onde vem essa ira. Um ser humano só pode ser informado de que não vale nada por um certo tempo antes de acreditar ou revidar.

E é hora de revidar.

Estou cansado desta escola nos destruir e nos derrubar. A Redwood Prep fez o possível para tirar eu, Sol e Serena.

Não vamos embora.

Não até que estejamos bem e *prontos*.

Bato com o punho na porta de Harris e entro enquanto ele está em uma ligação. Seus olhos se arregalam e ele se levanta da cadeira, esticando o pescoço para olhar além de mim, como se estivesse esperando alguém entrar e lhe dar uma explicação.

“Desculpe, diretor Harris”, a secretária corre atrás de mim. “Eu não consegui impedi-la.”

“Eu preciso falar com você. Sozinho,” eu sibilo.

Sol está bem atrás de mim. Posso sentir seus olhos como se ele estivesse arrancando minha pele.

“Mocinha, você está sendo  *muito* desrespeitosa agora. Saiam antes que eu suspenda vocês dois por má conduta...”

Eu bato meu punho na mesa. Meu cabelo voa na frente do meu rosto. “Você vai querer que ela vá embora e vai querer que ela feche a porta, porque se não fizer isso, vou sair daqui e não vou parar até chegar à polícia. .”

Com os olhos arregalados, Harris olha para mim e depois para Sol.

Com um movimento rápido do pulso, ele expulsa a secretária.

Ela me lança um olhar feio antes de fechar a porta.

“Qual o significado disso?” Harris resmunga, olhando para mim por trás de seus grandes óculos redondos.



Bato o celular de Sol na mesa. Uma caneta balança no copo de metal ao lado do porta-retratos de Harris com um taco de golfe.

Mantendo contato visual, aperto o play.

A voz de Harris enche a sala enquanto ele ensina Sol a calar a boca.

Observo seu rosto atentamente, mas o que vejo ali causa arrepios na minha espinha. Harris não parece nem um pouco assustado.

Na verdade, ele ri.

"É isso? Você acha que isso fará alguma diferença, Srta. Cooper? Ele se levanta e olha para mim com desprezo.

"Você sabe exatamente o que fez?"

"Qual é o quê? Incentivar um aluno vulnerável a permanecer na escola e obter uma boa educação?" Ele empurra os óculos no nariz. A luz da janela atinge as lentes e as faz brilhar. "É por isso que não deveríamos abrir nossas portas para pessoas como você."

Minhas costas enrijecem.

Eu cerro os dentes.

"Não pense que fui cego para todos os problemas que você causou desde que chegou aqui na Redwood Prep. Mulliez e Jamieson lutaram por você. Jarod Cross cobriu para você. Se tantas pessoas colocam seus pescoços em risco, você deveria saber o suficiente para pelo menos ser grato pelas oportunidades que lhe são dadas."

Sol avança, mas eu estendo a mão.

Não preciso de ninguém me salvando.

"Esta gravação por si só provavelmente não irá prejudicá-lo o suficiente. Mas isso..." Viro meu telefone quebrado e aperto o play.

O vídeo de Sol saindo da sala de música preenche a tela.

Os olhos de Sol se arregalam.

Harris aponta em estado de choque. "C-como você conseguiu isso?"

"*Diretor de Redwood encobre incendiário*". Sol veio até você para admitir seu crime e você jogou uma pessoa inocente debaixo do ônibus, para quê? A diversão disso? Os bolsistas são engrenagens substituíveis na máquina Redwood. A menos que nosso sobrenome seja Cross ou Miller ou algo ligado a cifrões, você não dá a mínima."

"Senhorita Cooper!"

"Não se atreva a abrir esse processo contra Serena. Traga-a de volta para Redwood agora."

Seus olhos dobram de tamanho. Acho que não deveria saber do processo.

Pego os dois celulares. "Sugiro que você renuncie ao serviço de trabalho dela e peça desculpas sinceras. Isso é o mínimo que você pode fazer. Se ela não processar você por difamação e danos emocionais."

Harris inspira profundamente. Depois de um instante, ele parece recuperar a postura. Quando ele levanta os olhos novamente, ele está sorrindo.

"Vá em frente. Deixe sair.

Meu queixo relaxa.

Ele franze a testa para mim. "Você quer jogar um dos seus amiguinhos debaixo do ônibus para proteger o outro? Têm-no. Tudo o que fiz naquela gravação", aponta para o telefone de Sol, "foi fazer o que a polícia me disse. Eu não tinha ideia de que Sol era o

culpado. Nem os policiais. Tudo o que fiz foi de acordo com os livros. No entanto”, o diretor Harris ajusta seu paletó mal ajustado, “agora que você me irritou, qualquer esperança de você e seu pequeno culpado”, ele acena para Sol, “permanecer em Redwood é nula e sem efeito”.

A raiva ferve em minhas veias.

Eu lanço para frente. "Seu idiota!"

"Cadência!" Sol se lança sobre mim.

Eu luto com ele como um demônio.

Tudo o que consigo ver são os olhos marejados de Serena.

O rosto pálido de sua mãe.

A promessa que fiz que nunca será cumprida.

“Tenha algum respeito pelo seu diretor!” Harris grita, curvando-se para trás.

Os dedos de Sol cravam em meu braço, mas mal consigo sentir o aperto.

“Já que não sou mais um estudante aqui, então você não é meu maldito *diretor!*”

“Quem disse que você não era estudante aqui?” uma nova voz rosna.

Eu congelo, meus olhos se voltando para a porta aberta que agora está ocupada por duas pessoas – Dutch e...

"Moleiro." O rosto do Diretor Harris empalidece. "O que você está fazendo aqui?"

“Vim falar de negócios. Eu não sabia que iria entrar em uma briga de bar.”

“Eles estavam saindo.” Harris fica vermelho e dá um tapinha na camisa.

"Não. Eu não acho que eles sejam. As palavras de Dutch são para Harris, mas seus olhos estão no lugar onde Sol está me segurando.

Sol não abaixa a mão apesar do olhar de advertência de Dutch.

Eu mesma saio do controle dele.

"Holandês. Moleiro. Do que se trata?"

Dutch enche a sala com sua presença sombria e carismática, reivindicando o escritório desordenado como se fosse sua sala de guerra pessoal. Ele transforma o suéter da Redwood Prep, as calças pesadas e as botas de combate em uma capa e um cetro.

Nunca vi um homem tão confiante em si mesmo. Desde a maneira como ele anda até a maneira como passa os dedos pelos cabelos loiros e a maneira como ele abre um sorriso arrogante quando passa por mim. Ele é a arrogância personificada.

O presidente do conselho senta-se em frente à mesa. “Depois de conversar com o conselho, nossos advogados e a polícia, decidimos que simplesmente não há provas suficientes para acusar a Sra. Parker do crime de provocar o incêndio.”

Harris fica boquiaberto como um peixe, mas não posso julgá-lo porque meu queixo também bate no chão.

Eu inclino Dutch com um olhar atordoadado.

Ele pisca para mim antes de encarar Miller. “E como Christa está deixando Redwood para estudar no exterior, há mais uma vaga aberta no programa de música e o Sr. Miller generosamente se ofereceu para dedicar uma bolsa de estudos em nome de Christa para Redwood.”

Meus joelhos dobram. Não consigo nem acreditar no que estou ouvindo.

Christa deixando Redwood para sempre?

A vaga dela abrindo uma vaga para Serena?

Todas as despesas pagas enquanto ela estiver em Redwood?

Os olhos de Dutch encontram os meus. “A Serena fazia parte do nosso programa musical e, eu represento toda a turma, quando digo que se alguém mexer com ela, mexe com a gente.”

Meu coração bate estranhamente. Pressiono a mão no peito, tentando me acalmar.

“Isso é generoso da sua parte”, o Diretor Harris estala os lábios, “mas os rumores se espalharam. Como seria se trouxéssemos de volta a pessoa que iniciou o incêndio?”

“Serena não iniciou o fogo,” Sol diz asperamente.

“O incêndio é notícia velha. Erros acontecem.” Miller acena com a mão como se não pudesse ser incomodado.

Dutch fixa seus olhos escuros e ameaçadores em Harris. “Serena foi falsamente acusada e estamos preparados para protestar, falar com a mídia e fazer o que for necessário para provar sua inocência.”

“A Redwood Prep não precisa desse tipo de atenção negativa”, diz Miller.

Harris está suando muito. “Ela é apenas uma estudante bolsista. Não foi isso que você disse, Miller?”

“Ela não é *apenas* uma estudante bolsista. Ela é uma de nós e a queremos de volta. Reintegre-a. Hoje.” As palavras de Dutch são inofensivas, mas o seu tom é claro. Ele não está realmente dando uma escolha a Harris.

A boca de Harris treme. “Desde quando você trabalha tão próximo dos alunos, Miller?”

“Não acho que essa seja a pergunta que precisa ser respondida.” Miller ajeita sua gravata cara e cruza as mãos sobre os joelhos. “Leve a garota de volta à escola, Harris. Ela já sofreu o suficiente.

\* \* \*

*Jinx: o pedido real que se transformou em golpe*

*Meros mortais sabem sair do caminho de uma rainha quando ela está furiosa e Cinderela fez o chão tremer a caminho do escritório do governo.*

*Quem diria que nossa princesa quieta e relutante poderia causar tanta confusão?*

*Mas uma Rainha de Copas não é nada sem o seu Rei da Guerra. Para realizar o maior desejo da Cinderela, o Príncipe Encantado forjou uma aliança com um inimigo.*

*Acontece que o amor pode dobrar o coração de uma realza, mas será que tal sacrifício é suficiente para conquistar Cinderela?*

*Só o tempo irá dizer.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO TRINTA E SEIS

### HOLANDÊS

Miller aperta os olhos enquanto eu o levo para fora da Redwood Prep e para o sol. Ele para na porta e olha para o gramado extenso.

“Harris pode parecer um idiota, mas ele tem um temperamento desagradável. É melhor você e sua equipe tomarem cuidado.

“Nós cuidaremos de Harris.” Eu empurro minha mão em direção a ele. “Prazer em fazer negócios com você.”

“Um acordo é um acordo.” Miller sorri e aceita o aperto de mão.

Eu concordo. Na semana passada, fiz uma visita a Miller e disse-lhe que colocaria Christa na melhor escola de música internacional. Zane, Finn e eu recebemos convites inúmeras vezes, mas sempre recusamos. Não queríamos que nossa música se limitasse aos padrões de ninguém, exceto aos nossos.

Estar no radar deles significa que temos contactos por toda a instituição. Foi fácil fazer algumas ligações.

“Minha filha precisava de um novo começo e eu não teria conseguido trazê-la sem a sua ajuda.” Seus olhos percorrem a entrada espessa. “Redwood Prep é meu território, mas nem eu consegui salvá-la no final. Esperançosamente, os fantasmas de seu passado permanecerão enterrados.”

“Nada que Christa fez aqui sairá destas paredes. Eu vou me certificar disso.”

Miller me dá um tapa nas costas. “Se trabalhar com você para ajudar minha filha servir de indicação, estou ansioso para ver o que você fará quando chegar a hora da reeleição do presidente.”

Em vez de responder, aponto o queixo para o estacionamento.

Miller me dá um tapa nas costas novamente e sai andando.

Vou direto para o armário de Cadey, mas ela não está lá. *Ela ainda está com Sol?* Ele nos avisou que iria dar a notícia hoje, mas não vejo por que eles têm que sair sozinhos.

Ou por que eles têm que se tocar.

Eu me arrepio com a lembrança da mão dele em meu braço. Quando o vi tocá-la, tive vontade de rasgar sua mandíbula em dois.

Estou enlouquecendo.

Se eu não controlar as coisas, Sol e eu realmente entraremos em conflito.

Pegando meu telefone, mando uma mensagem para Cadey.

*Onde você está?*

Não há resposta.

“Essa garota nunca atende o maldito telefone”, murmuro.

Naquele momento, minha tela acende.

Meu coração dá um pulso, pensando que é Cadey.

Mas é Finn.

"O que?" Eu rosno, passando pelas salas de aula que estão em sessão. Os alunos espiam pelas janelas e olham para mim.

Ninguém diz uma palavra.

Nenhum professor me chama.

Não me lembro da última vez que assisti a uma aula que não queria.

"Seu noivo está esperando por você na sala de prática."

"O que?" Paro brevemente.

"Ela acabou de entrar com Sol. Disse que não estava procurando por você, mas fica olhando para a porta como se esperasse que você entrasse a qualquer minuto. Venha e acabe com seu sofrimento.

"Estou a caminho."

Corro pelo corredor, derrapando e parando em frente à sala de treino. Batendo meu cartão no scanner, entro.

Meus olhos passam pelo sofá, pelos instrumentos, pela estante de troféus e finalmente pousam na garota que me fez arriscar por Christa, entre todas as pessoas.

Vejo o leve sorriso de Cadence e meu coração para no peito.

*Essa garota pode me matar.*

É uma ameaça real e persistente.

Eu arrancaria meu coração do meu próprio peito e o ofereceria a ela em uma bandeja de prata só para ver seus malditos olhos brilharem quando eu entro na sala. Assim como eles são agora.

"Bem, se não é o homem do momento!" Zane se aproxima de mim com duas cervejas na mão. Ele me entrega um e eu o pego distraidamente.

"O que há com a celebração?"

"Você marcou a primeira tarefa da lista dela." Zane aponta o dedo para Cadence. Ele está falando sobre a promessa que fiz na semana passada de ajudar Cadey com seus problemas. Balanço a cabeça, mas isso só faz Zane sorrir ainda mais. "Não pensei que você tivesse isso em você."

Eu faço uma careta para ele.

Ele ri e toma um gole.

Deixo cair a cerveja na mesa e vou até Cadence. Com os olhos curiosos, ela inclina a cabeça para cima, mas não é longe o suficiente. Envolver meus dedos em volta de seu pescoço, apertado com força e puxo sua cabeça para trás tanto que ela quase quebra o pescoço.

Descendo bruscamente, esmago sua boca com a minha em um beijo punitivo que faz meus dedos tremerem. Seus lábios exuberantes se abrem, encaixando-se perfeitamente contra minha carícia dura. Eu chupo seu lábio inferior e depois mordo, passando minha língua sobre os lugares que mordo.

"Obter um quarto!" Zane vaias.

Eu recuo, ignorando as vaias do meu irmão e o olhar confuso de Sol.

"Você sabe o quão sexy você parecia atrás de Harris?" Eu rosno. Sua boca madura se abre de surpresa. "Quase derrubei você na mesa dele."

"Holandês." Cadey engasga. As pontas das orelhas dela parecem que eu segurei uma chama nelas.

Afastando meus olhos de Cadence, eu atiro em Sol. “Você não deveria tê-la segurado.”

A mandíbula de Sol funciona. “Harris é do tipo que chama a polícia e se faz de vítima. Cadence não precisava desse tipo de calor.”

Eu o estudo. Veja se ele é sincero.

Ele a estava protegendo.

Multar.

Contanto que ele não ultrapasse os limites, não tenho problema.

“O que você está fazendo aqui?” Pergunto a Cadey o mais silenciosamente que posso.

Ela abre a boca.

Finn fala primeiro. — Cadence estava esperando por você antes de ligar para Serena e dar a boa notícia.

Olho para meu irmão. Finn está tocando seu baixo. O instrumento está aninhado em seu colo como um amante. Ele tem um braço estendido sobre o corpo e outro apertado no pescoço.

“Eu pensei, já que os Kings estavam envolvidos de uma forma ou de outra, você deveria estar por perto quando eu contar a ela.” Sua voz está ligeiramente sem fôlego. Tremendo. O rubor vermelho subindo por seu pescoço é a coisa mais sexy que já vi.

“Você estava esperando por mim, querido?”

“Me ligue de novo, querido, e eu digitarei a palavra em todo o seu carro”, ela rosna, estreitando os olhos.

Sorrio porque ela é venenosa e linda e tenho tanta vontade de arrancá-la daquela saia que minhas mãos doem.

“Estamos ligando ou vocês dois gostariam de bater os olhos por mais algum tempo?” Zane gesticula entre nós dois.

Sol desvia o olhar.

“Escolha das mulheres.” Movo meus dedos na direção de Cadence.

Ela limpa a garganta e joga o cabelo por cima do ombro. “Estou ligando agora.”

Eu me sento ao lado dela. Enquanto a linha toca, procuro o abridor de garrafas. Sol vira a ferramenta no meu colo.

Meus olhos se desviam para ele.

Ele concorda.

Por um momento, parece que tenho meu amigo de volta. Mas então ele olha para Cadence e seu olhar muda para algo suave e ansioso.

Eu endureço novamente.

A linha clica.

“Olá?” A voz de Serena está fraca e cansada.

“Serena, tenho boas notícias.” Cadey se vira para mim e o sorriso mais brilhante que já vi cruza seu rosto.

Droga. Ela não sorriu quando lhe dei um anel no valor de milhares. Ou quando eu trouxe o café da manhã para ela. Quando cancelei o serviço de trabalho dela. Ou quando levei a irmã dela ao parque de diversões.

Mas agora, ela está brilhando como o sol. Como algo muito puro, muito inocente para um monstro como eu tocar.

Inferno, vou tocar de qualquer maneira.

Mas ainda sei que não mereço.

“Que novidades?” Serena pergunta.

Cadey está praticamente quicando na cadeira. “Você está voltando para Redwood. Amanhã.”

"O que?" Serena grita.

Cadey faz um som igualmente feminino com sua boca. "Sim!"

"Não!"

"Sim!"

" *Não!* ”

“Sim,” Finn diz exasperado. Ele revira os olhos. “Vamos tentar usar frases coesas de agora em diante.”

"Dane-se!" Serena grita ao telefone. E então ela faz uma pausa. "Quem era aquele?"

“Finn.”

“Fin? Como em Finn Cross? Serena resmunga.

Eu rio e assumo. “Isto é holandês.”

"Oh meu Deus."

“Nossos advogados foram atrás da polícia e fizeram com que apagassem tudo do seu registro. Não podemos parar com as fofocas, mas, até onde o governo sabe, você não tem nada a ver com este incêndio e ele não vai surgir mais tarde.”

Fungadelas soam na linha.

Finn encontra meus olhos. "Ela está chorando?"

“Serena, você está bem?” Cadence pergunta.

"Eu estou feliz. Eu estou realmente feliz."

Olho para Cadence e vejo lágrimas enchendo seus olhos também. Por que diabos ela está chorando? Meu coração está prestes a explodir olhando para suas lágrimas.

"O que está errado?" Eu sussurro, empurrando seu cabelo para trás.

"Estou apenas feliz." Cadey funga.

As lágrimas não deveriam significar 'triste'?

Eu não entendo mulheres.

De repente, há uma batida forte e persistente na porta.

Estou muito ocupado me preocupando com Cadence para me levantar. Sol também não.

Finn toca seu baixo. "Eu me pergunto quem é?"

“A única pessoa louca o suficiente para bater à nossa porta daquele jeito é Cadence.” Zane aponta uma baqueta na direção dela. “E ela está aqui.”

As batidas soam novamente.

“Droga.” Com uma carranca irritada, Zane vai até a porta e a abre. "Quem diabos você pensa que é... Senhorita Jamieson?"

Meu irmão encara nosso professor de literatura com olhos chocados.

A pequena mulher o empurra para fora do caminho e entra furiosamente em nossa sala de prática, com os olhos em chamas e o peito arfando.

Não sei do que se trata, mas seja lá o que for... nossa meia-irmã parece *chateada*.



## CAPÍTULO TRINTA E SETE

CADÊNCIA

A voz que vem da porta da sala de treino dos Kings me surpreende. Desde que conheço os irmãos Cross, ninguém se atreveu a denunciá-los.

Não nos corredores.

Não nas salas de aula.

E definitivamente não em seu próprio domínio.

Mas a senhorita Jamieson não tem um pinga de medo.

No momento em que Zane abre a porta, ela passa por ele e entra direto no quarto. Com o peito arfando, ela para na frente de Sol.

Dutch fica rígido ao meu lado, estreitando os olhos como se estivesse se preparando para a ação. Finn está assistindo com um olhar entediado e quase indiferente. Sol parece um pouco divertido com tudo isso.

E Zane...

Olho para o irmão gêmeo de Dutch, um pouco alarmado com sua expressão. Zane tem um olhar intenso, quase assustador, quando olha para a senhorita Jamieson. Não sei como descrevê-lo, exceto que é sombrio e... ganancioso.

*Por que ele está olhando para uma professora como se fosse seu dono?*

Os olhos castanhos raivosos da Srta. Jamieson passam por cima de todos e pousam em Sol.

Ela respira fundo. "Você."

Sol levanta o queixo, não intimidado.

*O que está acontecendo?*

A sala parece muito carregada para que isso seja uma simples questão de um professor nos repreendendo por faltar às aulas.

E essa repreensão seria totalmente merecida.

Admito que, desde que abracei o privilégio de viver à sombra de Dutch, não me preocupei com minhas notas ou frequência. O mundo de repente pareceu muito maior do que os corredores da Redwood Prep.

Mas só porque me *senti* assim não significa que isso seja realidade.

*ainda* estou no ensino médio.

*Ainda* sou bolsista.

E eu não deveria estar aqui, tão perto do Dutch que estou praticamente sentado no colo dele, enquanto as aulas estão acontecendo.

Eu me afasto dele, mas isso não importa. A senhorita Jamieson nem me nota.

"Eu prometi a mim mesmo que não iria mexer com vocês, garotos." Ela avança e seus cachos castanhos e apertados balançam em suas costas. "Eu ia deixar você fora da minha briga, mas agora você está começando a me irritar."

"O que você está falando?" Zane diz, cruzando os braços sobre o peito. "Que luta?"

Ela se vira e o lança com um olhar aquecido. “Vocês todos planejaram colocar fogo na escola e expulsar Serena? Por que? O que ela fez com você? Qual é a sua obsessão em caçar bolsistas e arruiná-las?”

Os meninos nem sequer piscam, então meu suspiro de surpresa ecoa alto pela sala.

Isso atrai o olhar da Srta. Jamieson para mim.

Ela pisca em estado de choque. “Cadência.”

“Uh... oi.”

“O que você está fazendo aqui?” Um vinco se forma em sua testa. Ela enrijece, seus braços tonificados flexionam e posso dizer que seu primeiro pensamento é que estou em perigo. Então ela vê como estou relaxado e seus olhos brilham de confusão. “Você está... *com* eles?”

“Não.”

“Sim.”

Eu viro meu olhar para o irritante líder dos Kings.

“Ela é minha noiva”, diz Dutch, colocando a mão sobre meu ombro.

Meus olhos esbugalham.

Senhorita Jamieson tem a mesma reação.

“Holandês.” Minha voz falha. Tento empurrar sua mão.

“Achei que você deveria saber”, diz Dutch calmamente, olhando para meu rosto e depois de volta para nosso professor de literatura. “Já que você é da família agora.”

A pele da senhorita Jamieson é da cor do leite com chocolate, mas ainda a vejo um tom pálido. Sua garganta balança e ela visivelmente luta para manter a compostura.

“Este não é o momento para piadas, Dutch. Eu quero uma explicação. E eu quero isso agora.

“Uma explicação para quê?” Zane se aproxima dela.

“Por que você foi atrás de Serena Parker?”

Finn bufa.

Os olhos da senhorita Jamieson se voltam para ele. Seus lábios carnudos e castanhos se contraem. “Vocês, meninos, acham isso engraçado?” Suas narinas se dilatam. “Eu mantive minha boca fechada. Eu me encolhi. Fiz tudo o que essa escola ridícula me disse para fazer, mas *não vou* ficar parado enquanto você estraga a chance de outra pessoa de ter um futuro melhor... *ah!* ”

Senhorita Jamieson grita quando Zane a pega e a joga por cima do ombro. Observo seus calcanhares balançando para cima e para baixo. Eu vejo sua saia subir. Eu a vejo beliscar Zane e vejo Zane bater em seu traseiro em retribuição.

Parece um tapa na cara.

Um estudante musculoso como Zane.

Uma professora elegante como a senhorita Jamieson.

Todas as linhas sendo borradas.

Meu coração salta para a garganta. É simplesmente... tão errado.

“Senhor. Cross”, grita a Srta. Jamieson, “isso é absolutamente desrespeitoso. Você está cruzando uma linha aqui!”

“Não seria a primeira vez,” Zane resmunga.

“Coloque-me no chão imediatamente!”

Com um aceno arrogante para seus irmãos, Zane diz: “Vou explicar as coisas para ela. Em particular.”

Holandês acena com a cabeça. "Divirta-se."

Sol balança a cabeça e suspira.

Finn não para de tocar seu baixo, mas olha para cima em reconhecimento. Posso dizer que ele aprova, apesar de sua expressão não ter mudado muito.

Meu coração bate contra minhas costelas. A adrenalina acelera meu pulso.

Eles estão deixando Zane sequestrar nosso professor? Eles são loucos?

“Zane, pare.” Eu salto para a beirada do meu assento. Se eles não fizerem nada, eu farei.

A senhorita Jamieson me ajudou muito em Redwood. Depois que Mulliez foi expulsa, ela era minha única aliada. Não posso ficar sentado enquanto Zane a leva embora como Tarzan e Jane.

Dou um passo à frente.

Mas um passo é tudo que consigo.

Antes que eu possa reagir, Dutch me agarra pela cintura e me arrasta para seu colo. Eu caio com um baque, caindo contra sua coxa dura.

"O que você está fazendo? Eu preciso ajudá-la.

“Não, você não quer.”

Eu me contorço. “Ela é nossa professora.”

“Ela é outra coisa para ele”, diz Dutch enigmaticamente. Eu levanto minha cabeça para seu olhar sombrio.

Vejo que ele está falando sério e que não vai compartilhar mais.

*O que diabos está acontecendo entre Zane e a Srta. Jamieson? E por que Dutch ligou para a família dela?*

Sol se levanta preguiçosamente. Eu olho para cima. Conosco sentados e ele em pé, ele parece extremamente alto. Nenhum dos The Kings tem menos de um metro e oitenta, mas, por alguma razão, Sol parece um gigante.

Ele olha para mim, seu rosto impossível de ler. "Parabéns pelo seu noivado."

“Não estamos noivos.”

"Obrigado." Dutch captura minha mão e dá um beijo em meu dedo anelar.

Eu cerro os dentes.

Sol não diz mais nada, mas se continuar carrancudo assim, a expressão vai ficar permanente. Seus passos ecoam quando ele sai da sala, batendo a porta atrás de si.

“ *Eu* não vou a lugar nenhum”, Finn diz ao irmão. Ele continua tocando as cordas do baixo. “Então, a menos que você queira uma audiência, sugiro que mantenha as mãos *acima* da saia da sua noiva.”

“Leia a sala, Finn”, murmura Dutch.

Finn sorri. Tenho a sensação de que ele *deixou* Dutch liderar o grupo porque não se incomodou. Mas ele está sempre esperando. Assistindo. Calmo como um rio calmo com uma correnteza por baixo.

Dutch vira o pássaro para Finn.

Finn revira os olhos.

Aproveitando a oportunidade, saio dos braços de Dutch enquanto ele está distraído e danço de volta quando ele tenta me atacar.

“Eu vou para a aula.”

Dutch se recosta, me examinando como um rei em seu trono. “Vou buscá-lo depois.”

"Não se atreva."

Ele levanta uma sobrancelha como se dissesse que *me atrevo*.

E ele faz.

Dutch me leva e volta das aulas, senta comigo na hora do almoço e repele todos os seres vivos da Redwood Prep só de aparecer.

Depois da escola, ele me leva para casa e fico surpresa quando vejo Vi saindo de um carro desconhecido ao mesmo tempo.

O pânico grita através de mim. Dedos puxando as maçanetas, empurro a porta e a jogo de lado. Meus pés batem na calçada.

Estou correndo, com os cotovelos bombeando. Coração gritando. Pulmões apertando.

O motorista pode ser Jarod Cross, que veio se vingar após encontrar o dispositivo de Jinx.

Poderia ser o assassino.

Ou ainda pior.

Pode ser um garoto que quer namorar minha irmã.

Vi me vê. Ela sorri brilhantemente, os olhos brilhando à luz do sol. Sua onda é grande e entusiasmada.

Ela está bem.

Mas e se isso for um aviso? E se desta vez ela só estiver bem porque o motorista quer me intimidar?

Eu espio dentro do carro, chocada quando vejo...

“Martina?”

“Tenha uma boa noite, senhorita. Estou indo para minha aula de tango.” Com um largo sorriso, a governanta de Dutch acena e vai embora.

Ouçoo passos pesados atrás de mim.

Holandês.

Eu me viro. "O que está acontecendo?"

Ele me observa, sem dizer nada.

“Martina disse que vai me buscar de agora em diante. E olhe. Ela me trouxe uma bebida chamada *horchata*. É delicioso. Aliás, você sabia que Martina fala a antiga língua dos maias? Dutch, você sabia que ela era meio maia? Ela disse que me ensinaria a maquiagem tradicional maia para o meu canal.”

Meu queixo cai. “Por que Martina está buscando minha irmã na escola?”

Os olhos de Dutch encontram os meus, piscinas âmbar rodeadas de luz. “De agora em diante, vou levar você e sua irmã para casa.”

*Idiota superprotetor e controlador.*

Meu coração bate forte. “Vi, você pode me dar um minuto? Preciso falar com Dutch.”

"OK." Minha irmã sorri. “Mais tarde, holandês.”

Ele concorda. “Eu não esqueci minha promessa. Escolha uma data e eu providenciarei os passes para o parque de diversões para seus amigos.”

“Sim!” Vi levanta o punho. Minha irmãzinha sai correndo, dançando como se tivesse ganhado um milhão de dólares.

Viro-me lentamente, fixando Dutch com um olhar feroz.

“Se você vai gritar comigo, pelo menos faça isso no ar condicionado.” Ele se vira bruscamente e vai até seu carro.

Meus tênis batem no chão enquanto eu piso atrás dele. “Você está exagerando.”

“Você espera que eu não faça nada depois de ouvir que sua mãe pode ter testemunhado um assassinato?” Rosnados holandeses.

“Ela é uma mentirosa. Pode não ter sido tão sério.”

“Não importa.” Ele afunda no banco da frente e projeta o queixo para o lado do passageiro. “Entrem.”

Agarro a porta para impedi-lo de trancá-la. Os olhos de Dutch percorrem meu corpo. O calor arrepia meu estômago enquanto seu olhar escurece.

A dinâmica entre nós é diferente comigo de pé e Dutch olhando para mim. Eu me sinto poderoso e um pouco intocável assim.

A sensação de atração aumenta até me dominar.

“Afastese, holandês. Posso cuidar da minha família sozinho. Eu não preciso de você. Eu não preciso de ninguém.”

Se eu disser isso alto o suficiente e com frequência suficiente, não parecerá uma mentira. Não parece a armadura fina que usei durante toda a minha vida. Parece real. Mais real do que essa... *coisa* entre nós.

Dutch curva os dedos em volta dos meus quadris e minha respiração fica irregular. Ele passa a mão áspera pela minha lateral. Suas mãos carregam as cicatrizes da música. Anos passados deslizando brutalmente os dedos sobre cordas de náilon, desgastando-as em camas duras.

“Você não precisa precisar de mim. Você nem precisa me querer. Mas você me pegou, Cadey. E já que estou aqui, você nunca mais terá que lutar sozinho. Eu não vou deixar você. Eu proíbo isso.”

Notas quebradas assombram minha mente.

Quieto. Estável. Trilhando.

Eu choramingo quando seus dedos deslizam atrás das minhas costas e encontram a curva da minha coluna.

“Você é mais importante para mim do que eu.”

Minha respiração fica presa na garganta.

Dutch me puxa para frente, me puxando para dentro do carro com ele. Sua colônia picante preenche o ar ao meu redor e eu inspiro, ficando drogada.

Seus lábios se curvam bruscamente. Não é um sorriso. Não, nem perto disso. Um aviso.

“Quanto tempo você vai lutar comigo?” ele sussurra.

Pisco instável. “Por quanto tempo for necessário.”

A mão de Dutch roça a lateral do meu rosto, deslizando a ponta do dedo pela minha garganta. “Como você acha que eu me sentiria se algo acontecesse com você ou Vi?”

"Eu te disse. Estamos bem." Meu corpo relaxa sem minha permissão. É como se eu não tivesse controle sobre ele. Como se todas as minhas defesas tivessem sido tão danificadas pelos nossos encontros passados que nem consigo começar a me proteger.

Dutch me guia até ficar de joelhos. Ele segura um braço tatuado em volta de mim, me segurando firme enquanto rola a cadeira para trás. "Tudo bem não é bom o suficiente. Eu quero você seguro.

A cadeira faz um clique e para. Dutch está o mais atrás possível, mas ainda não há espaço suficiente. Estou espremida entre o corpo dele e o volante e o espaço fica ainda menor quando ele fecha a porta.

"Ninguém apareceu ainda." Coloquei a mão em seu ombro, minha cabeça caindo para trás enquanto suas mãos deslizavam por baixo da minha camisa.

Os únicos bandidos que encontrei têm o sobrenome Cross. Mas a mãe não os arrastou exatamente para a minha vida. Eles vieram por conta própria.

"E eles não terão chance." Dutch franze a testa enquanto gira os quadris. Seus olhos queimam como o fogo do inferno. "Se alguém te machucar, não viverá o suficiente para se arrepender."

"Holandês." Era para ser uma bronca, mas soa mais como um gemido. Eu não posso evitar. Suas mãos estão deslizando sobre minha pele dolorida, marcando-me como puro fogo.

Meu coração está batendo tão alto que nem consigo ouvir a música na minha cabeça. Meu pulso também abafa.

São todas percussões.

Todos tambores de guerra antigos e animais.

Enquanto estou desvendando, Dutch está no controle total. Posso sentir sua confiança quando ele move meu corpo sobre seu colo, me esfregando em sua calça jeans.

"Você tem sorte de ser apenas Martina. Pensei em contratar uma equipe de segurança."

Meus olhos se arregalam. "Você não—"

Sua língua mergulha em minha boca, afugentando o resto das minhas palavras. Um suspiro sai de mim e me vejo agarrada ao seu cabelo, lutando por algum senso de controle no beijo rapidamente caótico.

Dutch me empurra de volta. Sua voz é um som baixo e torturado. "Desligado."

Ele é pura fera. Homem das cavernas puro. Não há tempo para frases coesas, mesmo quando ele me instrui a me despir.

"O que você está fazendo?" Eu ofego. "Estamos bem na frente do meu apartamento."

Ele rola minha meia-calça pelas minhas pernas e eu arqueio as costas enquanto ele rosna: — As janelas são escuras.

É um bom argumento e ele faz um ainda melhor quando suas mãos descem sobre mim. Carícias. Fazendo carinho. Orientando. Explodo em uma chama de calor e necessidade, envolvendo-me em torno dele enquanto trocamos o pouco oxigênio que resta no carro.

De repente, ouço uma batida na janela.

Ambas as nossas cabeças se levantam.

Meu cabelo está no meu rosto e meus olhos estão atordoados. Além disso, as janelas estão tão embaçadas que não consigo ver nada.

E então a neblina se dissipa.

Encontro um par de olhos castanhos familiares.

"Oh meu Deus!" Eu grito.

O desejo espesso e pulsante em meu corpo desaparece em um instante. Vergonha e constrangimento me inundam em seguida. Tento sair do colo de Dutch, mas estamos tão pressionados um contra o outro que quase lhe dou uma joelhada no queixo.

Meu cotovelo bate no volante. A buzina do carro toca alto, anunciando a todos que fomos pegos – literal e figurativamente – com as calças abaixadas.

*Alguém pode simplesmente atirar em mim e acabar com meu sofrimento?*

"Quem é esse?" Dutch pergunta, sua voz cheia de ameaça enquanto ele fecha o zíper. "Como você conhece esse cara?"

Abotoo a camisa em pânico e coloco a saia de volta com as mãos trêmulas. "Ele é meu irmão."

\* \* \*

*Jinx: Irmãos Reais também ficam solitários*

*Esta família real adora escolher os caminhos mais difíceis e espinhosos para amar. Mas quando um Snare King pode ter qualquer mulher que quiser em sua cama, faz sentido que ele escolha a mulher que não pode ter.*

*Você quer nomes, mas eu não beijo e conto. Não sem evidências. Sussurros são tudo que tenho por enquanto.*

*Fotos do Snare King capturando sua presa para o jantar ou isso não aconteceu.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

*- Azar*

## CAPÍTULO TRINTA E OITO

CADÊNCIA

"O que diabos está acontecendo?" Todo o rosto de Rick está vermelho. O vento puxa seu cabelo curto como se tentasse refrescá-lo, mas não funciona. A qualquer momento, sua cabeça vai explodir e lava pura sairá de seu pescoço.

"Rick!" Minha voz é estridente e cheia de culpa. "Oo que você está fazendo aqui?"

"O que *você está* fazendo, Cadence? Ou devo dizer, *quem* você estava fazendo? Seus olhos se estreitam em Dutch.

"Ele não é ninguém."

sinto *do* que vejo Dutch me encarando.

"Ninguém? É dia claro e você está aqui enlouquecendo com 'ninguém'. O que diabos há de errado com as crianças hoje em dia? Isso é mesmo legal? Quantos anos você tem?"

"Eu não estava. Nós não estávamos..."

"Eu não estava falando com você, Cadence."

"Tenho dezoito anos", Dutch diz calmamente.

Os olhos de Rick se arregalam. "Eu vou te matar!"

Eu derrapo entre ele e Dutch.

"Saia do caminho, Cadence!"

"Rick, não é o que você pensa."

"Nem me venha com essa besteira. O carro estava balançando tanto que pensei que estávamos tendo um terremoto. Eu *mal* vi seu rosto através de todo o vapor no para-brisa e se esse idiota não gemesse seu nome alto o suficiente para a vizinhança ouvir, eu nunca teria pensado que era você.

Dutch levanta o queixo, o rosto assumindo a expressão estóica de sempre. Enquanto estou morrendo de humilhação, ele parece visivelmente relaxado.

Rick vê Dutch observando-o e cerra os dentes. "O que, punk?"

"Você parece familiar."

"Que tal você calar a cara, seu idiota?" Rick rosna, parecendo a três segundos de dar um soco.

Estou surpreso com a defesa apaixonada de Rick da minha "honra". Na maioria das vezes, ele trata a mim e a Vi como fardos. Na sua festa de aniversário, ele parecia irritado com a nossa presença. Eu tinha certeza que ele me odiava.

O olhar de Dutch passa por ele, pensativo. É irritante como ele está composto neste momento.

Rick também acha isso irritante porque dá um passo ameaçador à frente.

"Oh, certo." A voz de Dutch é leve. Como se estivéssemos tomando um chá ou conversando casualmente. "Você é o segurança que estava conversando com Redhead—" ele se corrige suavemente, "Cadence naquela noite no parque."



“Ruiva?” Rick torce o nariz. O reconhecimento brilha em seus olhos um momento depois. “Naquela noite, quando vi você usando uma peruca...” Ele faz uma pausa e diz horrorizado. “Você é o perseguidor?”

Eu estremeço, lembrando daquela noite. Dutch marcou um show só para conhecer meu alter ego. Na época, eu estava tentando fugir de Rick e me referi a Dutch como meu 'perseguidor' para afastar os dois.

Um canto dos lábios de Dutch se curva para cima. Ele não se incomoda com o rótulo.

“Cadence, você está namorando seu perseguidor agora?”

Minha boca se abre e depois se fecha. Como posso explicar tudo para Rick? Eu deveria me preocupar?

Dutch estende a mão para pegar minha mão, os dedos esfregando meu dedo anelar nu. “Eu sou Dutch Cross. Eu queria conhecer mais membros da família de Cadey, mas não sabia que já nos conhecíamos antes.

“Não fale comigo como se fôssemos parentes, você...”

“Dutch estava saindo,” eu digo rapidamente, empurrando seu braço antes que Rick decida pegar uma faca ou algo assim.

O teimoso governante da Redwood Prep não cede nem um centímetro.

Olho para Dutch com olhos suplicantes.

Ele arqueia uma sobrancelha, imóvel.

Desesperado, deslizo minha mão pelas costas de Dutch. Os olhos de Rick se arregalam e posso dizer que ele quer me arrastar para longe, mas em vez disso me concentro em Dutch. Meus dedos deslizam sobre o tecido caro de sua camisa branca engomada e pressionam todos os lugares onde marquei sua pele naquela noite na casa da árvore.

Mantenho meu toque leve e minha voz persuasiva: “Faz muito tempo que não vejo meu irmão. Você pode nos dar algum espaço para conversar?”

Ele inclina a cabeça para o lado, considerando meu pedido. Ele pode ver através de mim, mas eu também posso ver através dele.

Na época em que ele não sabia que eu era Ruiva, eu poderia submeter Dutch à minha vontade. Ele era suave para mim. Desejoso de agradar.

E ainda tenho esse poder.

Porque eu *sou* ruiva.

Dutch olha para mim, me estudando como se esperasse que eu admitisse que estou fazendo tudo isso intencionalmente. Ele acha que eu iria quebrar tão facilmente?

Pressiono meu corpo no dele, um braço pendurado ao longo de sua cintura magra, e sorrio. “Se você ceder agora, retribuirei o favor.” Fico na ponta dos pés e sussurro em voz baixa em seu ouvido: — Você pode fazer o que quiser comigo por uma noite.

Ele nem pisca.

O que? Sexo não é suficiente para acalmá-lo?

Rick rosna: — Cadence, tire-o daqui antes que eu diga a Hunter e aos meus meninos para ensinarem uma lição a esse idiota.

Frustrado, olho para Dutch. “Rick não vai me machucar. Você pode ir.”

Nada ainda.

“Ligo para você mais tarde, ok?” Eu cuspo.

“Você vai ligar?” Os lábios de Dutch se curvam uma fração de centímetro.

Internamente, eu congelo.

É isso.

A rachadura que eu estava esperando.

Ele suaviza os ombros tensos, os lábios carnudos e perigosos, os olhos.

Empurro a fenda apenas o suficiente para fazê-lo quebrar.

“Vou ligar para você e contar tudo”, prometo. “Não vou deixar nada de fora.”

Lá.

Ele finalmente perde a luta e cede.

Eu posso ver isso.

Ocorre-me então, nas cavernas mais profundas do meu coração, que Dutch Cross não quer apenas me ferrar. Ele realmente quer me conhecer. Eu não acreditei antes. Quem faria isso? O cara mais poderoso do campus... atraído por mim? Ridículo.

E ainda assim estou começando a pensar que posso confiar nele.

Ofereci meu corpo em uma bandeja, e isso não significou tanto quanto um simples telefonema. Um convite para minha vida. Uma promessa de compartilhar meus pensamentos, meus fardos, minhas palavras.

É um pouco desconcertante ver a profundidade de seus sentimentos e tenho que piscar para me recompor.

Dutch pressiona sua boca quente em minha bochecha, causando um frio na barriga. Tenho que resistir à vontade de virar a cabeça e deixar sua boca roçar meus lábios.

Rick se aproxima de nós, mas Dutch apenas sorri.

“Te vejo mais tarde, mano.”

“Irmão? Eu não sou seu irmão! Rick grita com as costas de Dutch recuando.

Dutch não se incomoda em responder. Ele entra em seu carro.

Rick fuma. “Ele é um daqueles irmãos ricos da banda de rock que minha garota gosta?”

“Sim,” eu digo sem fôlego.

“Por que ele está levando você para casa então?”

“Porque ele gosta de mim.” Olho para o carro de Dutch enquanto ele passa por nós.

“Você? Por que?”

Eu franzo a testa e viro minha cabeça para Rick.

Meu meio-irmão engasga. “Ele não está pagando por sexo, está? Ah, meu Deus, Cadence, a mãe não transformou você em uma prostituta para alimentar o hábito dela, não é?”

“Não. Ele é... — Inspiro profundamente e deixo a palavra sair da minha língua. “Ele é meu namorado.”

Os olhos de Rick se arregalam. “Pessoas como ele não namoram pessoas como nós, Cadence. Não é sério.

Cruzo os braços sobre o peito, sentindo-me idiota e um pouco exposta. Nunca, em um milhão de anos, pensei que reivindicaria voluntariamente Dutch Cross como meu namorado. Rick apontar o óbvio não está me ajudando a me sentir melhor.

“O que você quer?” Eu pergunto aproximadamente.

Ele faz uma careta e parece debater se deveria continuar me criticando por causa do holandês. Minha expressão deve mostrar o quão indesejável isso seria, porque ele suspira e olha para baixo.

“É sobre a mãe.”

Eu estremeço. Rick e sua mãe têm uma história complicada. Tenho hesitado em contar a ele as costas da mãe porque não sei o que isso fará com ele. Quanto menos pessoas sofrerem com o reaparecimento da mãe, melhor.

Os olhos de Rick se levantam para os meus. “Ela não está morta.”

“Oh.” Eu respiro de alívio. “Você sabia.”

Sua cabeça se levanta. O choque aperta sua voz. “Por que você parece tão calmo?”

“Mamãe apareceu há algumas semanas.” Cruzo os braços sobre o peito. O sol está começando a se pôr e o vento está mais forte e frio. “Foi só por um dia. Não a vimos desde então.”

Dutch foi na verdade a última pessoa que viu a mãe. Não sei o que isso significa ou por que ela prefere passar o tempo mentindo para ele em vez de visitar os próprios filhos.

“Ela penhorou um dos meus anéis e deixou metade do dinheiro comigo. Achei que ela voltaria para isso, mas ela não voltou. Eu inclino minha cabeça. “Talvez ela tenha fugido da cidade.”

Rick balança a cabeça. “Ela não fez isso.”

“Como você tem tanta certeza?”

“Porque,” ele lambe os lábios, “nos últimos dias, ela tem dormido na minha casa.”

## CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CADÊNCIA

Entro no apartamento apertado de Rick, agarro minha mãe pelo pulso e a puxo antes mesmo que ela reconheça que sou eu.

“Cadey, que... que surpresa maravilhosa...”

“Estamos indo embora,” eu rosno. “Onde estão as coisas dela?”

“Ela não tinha muito.”

“Peguei emprestadas as roupas da namorada dele.” Mamãe sorri. “Ela é um pouco grossa, então as roupas não cabem direito, mas temos que fazer o que temos que fazer.”

Os olhos de Rick endurecem.

“Cale a boca, mãe,” eu respondo.

Ela balbucia: “Cuidado com o tom, mocinha. Eu ainda sou sua mãe.

“Minha mãe? Você não tem vergonha de se chamar assim?”

Mamãe inclina a cabeça, os olhos tão inocentes quanto possível.

Dentro do meu peito, estou gritando assassinato sangrento. “Estamos indo embora, Rick. Qualquer roupa que a mãe usou, queime. Diga à sua namorada que pagarei por novos.”

“Cadey, vá devagar”, choraminga a mãe.

Uma sombra preenche a porta enquanto puxo minha mãe para a saída.

É o Caçador.

Seus olhos castanhos comoventes caem sobre mim e minha respiração fica presa na garganta.

“Cadência?”

Não tenho tempo para uma reunião estranha agora. Passando por ele, arrasto minha mãe atrás de mim. Ela pisca os cílios para Hunter quando passa por ele e desliza um dedo cheio de veias por seu antebraço.

“Ah. Músculos”, ela sussurra.

Dou-lhe um grande puxão e arrasto-a escada abaixo.

“Cadência, espere!” Os passos de Rick trovejam atrás de mim. “Deixe-me ajudá-lo.”

“Sim, Ricky, querido.” Mamãe dá um tapinha na bochecha dele. “Você deveria ajudar sua mãe.”

A mandíbula de Rick funciona. Parece que ele está sendo torturado.

Como ele aguentou a mãe por tanto tempo? Por que ele a toleraria?

Eu puxo o braço da mãe com força. Meus olhos em Rick e eu digo: “Estamos indo embora. Não me siga.”

Rick permanece parado na escada, olhando para nós e sem se aproximar. Por que alguém iria querer chegar perto dessa bagunça? Se eu pudesse escolher, também fugiria. Corra tão longe que ninguém possa me pegar.

Mas estou acorrentado aqui.

Não há como fugir de uma escuridão tão densa.

“Cadência, você está me machucando.” Mamãe grita de dor quando eu aperto meu aperto em resposta.

Eu a puxo comigo até o ponto de ônibus. Ela está bêbada, o que torna muito mais fácil manobrá-la. Infelizmente, seus braços balançando significam que ela me dá um tapa na cara toda vez que o ônibus faz uma curva íngreme.

Quando saio do ônibus, a noite já caiu, minhas bochechas estão ardendo e estou tão chateada que parece que minha pele está pegando fogo.

Quando finalmente levo minha mãe até o apartamento e a coloco na porta, Vi está sentada na sala com seu telefone, um anel luminoso e todos os seus utensílios de maquiagem.

Ela vê a mãe e imediatamente desliga a câmera. "O que aconteceu? Aonde você a encontrou?"

“Na casa do Rick.”

O rosto de Vi fica pálido. "Todo esse tempo?"

“Não, parecia uma coisa recente.”

"Onde ela estava hospedada antes disso?" Vi pergunta.

"Não sei."

"Eca." Mamãe tira os sapatos e mexe os dedos dos pés. Ela enfia os dedos nos cabelos ralos. "Todos me odeiam. Todos!"

Vi encara a mãe com angústia nos olhos. Já faz muito tempo que não vemos a mãe em uma bebedeira. É assustador quando a pessoa que deveria cuidar de você não consegue nem cuidar de si mesma.

“Vi”, toco seu braço suavemente, “vá para o seu quarto. Eu cuidarei disso.

Minha irmã não discute. Ela balança a cabeça e sai correndo, deixando todas as suas coisas de maquiagem para trás.

Eu olho para o rosto magro da minha mãe. Uma declaração aparentemente inocente que Rick me disse depois de sua festa de aniversário vem à minha memória.

*'Você precisa ser cuidadoso.'*

*'Por que?'*

*'Apenas tenha cuidado.'*

Na época, eu não sabia do que ele estava falando. Mas, pensando bem, meu irmão estava me alertando sobre minha mãe. Isso significa que a mãe o estava sugando antes mesmo de pensar em nos roubar.

Enojado, eu olho para ela. “Por que você pediria alguma coisa a Rick depois do jeito que você o abandonou? Você não tem coração? Você não deveria ter vergonha de olhar para ele?”

Mamãe coça o pulso. Ela precisará de uma solução em breve.

Meu coração infla de dor e sinto que vou explodir. Eu preciso respirar. Preciso de um momento apenas para... não machucar.

Mas eu me forço a continuar sendo o forte.

Entro no quarto de Vi. "Você está bem?"

"Sim." Os longos cabelos castanhos da minha irmã balançam sobre os ombros. "É simplesmente estranho, sabe? Eu me acostumei com a vida sem ela. Agora, parece que as coisas voltaram ao normal e a vida que vivíamos antes era o sonho."

"Vi..."

"O que?" Seus olhos doces e inocentes caem sobre mim. Quero tanto protegê-la que dói, mas estou tão cansado.

*'Eu não vou deixar você lutar sozinho.'* As palavras de Dutch me acalmam. O que aconteceria se eu abandonasse meus sentidos e me deixasse cair nele? Eu encontraria essa proteção em holandês? Doeria menos do que agora?

Eu quero.

Tão mal.

Eu quero que ele me salve.

Estou tremendo, mas nem percebo até que minha irmã se aproxima de mim e desliza os braços em volta da minha cintura. Sinto as lágrimas pressionando meus olhos, mas não as deixo cair.

"Está tudo bem", diz Vi, passando a mão pelas minhas costas.

"Sou eu quem deveria estar lhe contando isso."

Vi recua e me dá um sorriso que é sábio além de sua idade. "Podemos lembrar um ao outro."

Engulo o nó na garganta.

De repente, ouço um estrondo vindo de fora.

Vi e eu saímos correndo e encontramos mamãe vasculhando o armário em busca de comida.

"Você tem alguma batata frita?" mamãe exige.

Não estou surpreso com seu repentino aumento de energia. Mamãe pode cair em um sono de embriaguez em um minuto e depois acordar, totalmente presente e irritantemente presunçosa, no minuto seguinte.

"Minha cabeça está me matando", ela reclama. "Rick compra as coisas baratas. Preciso ensiná-lo onde conseguir as mercadorias."

Eu franzir a testa. "Sente-se, mãe. Vou fazer um sanduíche para você.

"Eu não quero um sanduíche."

"Então você não vai comer," eu respondo.

Ela franze a testa para mim e afunda em uma cadeira ao redor da mesa. "Irritável."

Vi se junta a mim. "Precisa de alguma ajuda?"

Eu balanço minha cabeça.

"Viola, querida, você pode pegar um pouco de água para sua mãe?"

Vi me lança um olhar como se estivesse pedindo minha permissão primeiro.

Eu aponto meu queixo para a geladeira.

Enquanto Vi serve, coloco dois pedaços de pão em um prato e coloco condimentos.

"Ouvi dizer que você teve um dia agitado ontem, mãe", digo com firmeza.

"Mff." Ela solta um grunhido rouco antes de engolir toda a água.

"O que você achou de Dutch quando o conheceu? Ele é um pouco intenso, certo?"

Mamãe engasga e uma torrente de água jorra de sua boca.

Vi grita e pula para trás para evitar ser encharcado.

Despreocupada, coloco carne no pão, enfio o sanduíche e coloco o prato na frente da mãe. “Por que você enviou Dutch para Sinner's Den?”

Ela desvia o olhar.

“Você sabia que eu estaria lá?”

Os pontos se conectam.

A mãe mentiu sobre ter provas sobre Jarod Cross.

Jarod me dizendo para conseguir provas sobre Dutch.

Eu coincidentemente espionando os irmãos ‘com drogas’.

Baixo a voz com urgência: “Mãe, você está trabalhando com Jarod Cross?”

Seus olhos vão e voltam.

Vi traz um guardanapo para mamãe. “Cadey, por que a mãe conheceria uma celebridade como Jarod Cross? É como se um sem-abrigo tivesse o número de telefone da Oprah.”

“Responda-me, mãe.”

Mamãe me ignora e dá um sorriso tenso para Vi. “Como foi seu fim de semana, querido?”

“Tudo bem”, Vi murmura. “Saímos com Dutch e então tive que fazer um projeto em grupo.”

Eu me encolho com a menção de Vi ao holandês.

Mamãe ataca imediatamente. Seu corpo enrijece. “Cadence, você esteve com aquele garoto o fim de semana inteiro?”

“Não,” eu minto.

“Sim”, diz Vi.

Nós dois nos entreolhamos.

Mamãe fica rígida. “Você estava *sozinha* com ele?”

Não digo nada.

Mamãe fixa seus olhos escuros na minha irmã mais nova. Ela parece mais afiada do que nunca.

A viola quebra facilmente. “Cadey ficou fora com Dutch a noite toda e só voltou de manhã.”

"Viola!" Eu sibilo.

"Desculpe. Ela me assusta.

Mamãe se levanta tão rápido que a cadeira atrás dela tomba. Ele cai no chão, fazendo eu e Vi pularmos.

“Venha comigo”, mamãe late.

"Eu não estou indo a lugar nenhum -"

"Agora!" Mamãe sibila.

Minha raiva vem à tona e eu fico exatamente onde estou.

"Nenhuma mãe. Você não pode fazer isso. Você não pode vir aqui correndo depois de desaparecer *de novo* e agir como minha mãe quando você foi tudo menos uma mãe para mim. Eu não vou a lugar nenhum com você. Não até que você me diga exatamente que tipo de acordo você tem com Jarod...

“Você usou camisinha?”

Eu congelo.

“Quantas vezes ele deu alta? Você estava usando proteção todas as vezes? Foi por volta ou antes da sua menstruação?

Meus olhos se arregalam.

Os de Vi estão prestes a sair de sua cabeça.

Meu peito se agita, mas estou preso. Mamãe vai continuar falando sobre isso na frente de Vi e não quero que ela ouça discussões tão grosseiras.

Pelo menos, não quando eu sou o assunto.

Com os músculos tão tensos que sinto como se fosse uma lata ambulante, passo pela minha mãe e abro a porta. Ela não me segue imediatamente. Em vez disso, ela entra no meu quarto.

"Saia daí!" Corro atrás dela.

Mas não preciso arrastá-la para fora. Ela me encontra no corredor e joga minha bolsa para mim.

"Por que você tem isso?"

“Você vai precisar disso.” Sua expressão é dura.

Completamente chateado, sigo minha mãe até a porta.

"Onde você está indo?" A voz de Viola treme.

“Vi, tranque atrás de mim. Já voltamos”, eu digo. Tento reunir um sorriso, mas não consigo.

Vi me lança um olhar preocupado, mas não tenho tempo para consolá-la. Mamãe já está na metade da escada.

Sigo minha mãe para fora. "Onde estamos indo?"

Ela não responde. Seu corpo corta a noite, entrando e saindo das sombras e dos focos de luz oferecidos pelos postes.

Corremos pelas ruas pelo que parecem horas.

Finalmente, me canso e torço a mãe pelo ombro. “Diga-me para onde estamos indo.” Ela abre a boca, mas eu a paro com um dedo levantado. “E se você acha que vou comprar drogas para você agora, você está louco.”

Mamãe aponta para a loja mais à frente. É a mesma farmácia onde Dutch comprou chinelos para mim e tratou meu calcanhar sangrando.

O homem atrás do balcão também é o mesmo cara daquela noite.

Ele aponta para mim. "Sandálias de dedo."

Eu franzir a testa.

“Onde está o tatuador?” Ele mexe as sobrancelhas.

“Há quanto tempo você está aqui, garoto?” Mamãe grunhe. “Você não sabe que não deve fazer perguntas nesta vizinhança?”

O sorriso do balconista desaparece e ele acena com a cabeça taciturno para a mãe.

Tropeço quando minha mãe me puxa pelo corredor. Depois dos tampões. Além das almofadas. Depois dos testes de gravidez.

“Agarre-os.” Ela pega uma caixa fina e depois outra.

O preço me faz engasgar.

Eu a paro, minha mão em seu pulso. "O que você está fazendo?"

“Não podemos correr nenhum risco.” Sua voz é baixa, urgente. Parece que ela está prestes a refazer seu sequestro alienígena. “Pegue aqueles ali. Eles são mais



experimentais, mas podem ser eficazes. Talvez já estejamos atrasados. É difícil ter certeza.”

“Mãe, eu já te perguntei. O que é-”

“Plano B.” Ela me lança com seus olhos vidrados. Fico chocado quando vejo medo genuíno neles. “Você não pode engravidar, Cadey.”

Eu coro, me sentindo exposta. Meu? Grávida? O pensamento é estranho. Nunca sonhei em ter uma família algum dia, e com certeza não sonho em ter uma agora.

“Quem disse que estou grávida?” Eu estalo.

Mamãe me repreende. “Sexo tem consequências, garota. É um princípio. Você pula de um telhado, a gravidade não dá a mínima para você ou para o que você deseja para o seu futuro. Isso vai te derrubar. Você dorme com o filho de Jarod Cross... isso vai te derrubar da mesma maneira. Seus olhos me cortaram. “Você nunca deveria ter se envolvido com ele.”

Nisso ambos concordamos.

Dutch é uma tentação envolta em tinta e eu continuei sob seu feitiço. É como se ele tivesse um controle sobre mim que não consigo quebrar.

“E você deveria ter feito isso antes”, minha mãe me repreende. Suas mãos tremem quando ela vira uma caixa e a compara com a outra. “Quando foi a última vez que vocês dois...?”

“Mãe.”

“Quando?”

Eu coro ainda mais. “Hoje.”

Seu lábio inferior fica rígido.

“Mas não foi...” Minhas bochechas queimam tanto que dói. “Não foi a nossa primeira vez. Isso foi há um tempo.”

Mamãe range os dentes. “É melhor você torcer para não ter demorado muito para tomar seus remédios.”

“Não é como se eu não tivesse tentado,” murmuro. Depois que Dutch tirou minha virgindade, fui pedir remédios, só para garantir. Os farmacêuticos disseram que eu não poderia comprar os comprimidos se tivesse menos de dezoito anos.

Eu não surtei com isso. Naquela época, pensei que eu e Dutch seríamos um caso único. Eu não sabia que ele seria tão insaciável. Eu não sabia... isso poderia acontecer em qualquer lugar, a qualquer hora.

E parece que Dutch me quer o tempo todo.

“Parar.” Coloco os comprimidos de volta na prateleira porque a única coisa pior do que comprar sozinho é comprar com minha mãe. “Eu cuido disso.”

“Ah, você vai cuidar disso?” Mamãe provoca.

“Eu voltarei. Juro.” Baixo minha voz. “Mas neste momento não tenho dinheiro suficiente para conseguir tudo isto.”

“Então você vai jogar fora seu futuro porque não tem algumas centenas?”

“Dutch e eu vamos conversar sobre...”

Ela solta uma gargalhada tão alta que um casal na fila atrás de nós espia pela esquina.

“Dutch não vai cuidar disso para você, Cadey. Ele *quer* esse problema.

Minhas sobrancelhas se juntam.

"Como você pôde deixá-lo usar você?" Mamãe hesita, entregando o teste de gravidez. Ela o coloca em seus braços. "Como você pode ser tão incrivelmente estúpido? No mínimo, você deveria ter certeza de que estava tomando pílula.

Eu abaixo minha cabeça. Eu não tinha ninguém com quem pudesse conversar sobre isso, especialmente Breeze, que iria me criticar por me aprofundar tanto no garoto que me torturou.

"Se Dutch conseguir o que quer, acabou para você", sibila a mãe. "Sobre!"

"O que você quer dizer?"

Seus olhos vão e voltam como se alguém a estivesse observando. "Depressa e pague por isso. Você está tomando um agora.

"Não," eu agarro seu braço, sentindo que há algo que ela não está me contando. "Desembucha. Você sabe algo."

"Não, eu não."

Ela está tremendo como um furacão agora. Uma mistura de retraimento e nervosismo.

"Não vou tomar um único comprimido até que você me diga."

O desconforto marca seu rosto envelhecido quando ela diz: "Olha, eu não deveria saber disso e você também não".

Eu me inclino mais perto, meu coração batendo forte e minhas mãos suadas.

A garganta da mãe balança e ela sussurra: "Eu ouvi uma conversa que não deveria. Algo sobre a família Cross, uma herança e duas condições que o herdeiro deve cumprir.

Enquanto ela fala, espinhos invisíveis envolvem meu corpo e cravam-se em minha carne.

"O que eram eles?" Eu engasgo.

Mamãe se encolhe.

"Quais foram as condições!" Eu grito.

"Quem recebe o dinheiro tem que se casar..."

*'O que são aqueles?'*

*'Algemas.'*

— *Case comigo, Cadey.*

*'Você não precisa lutar sozinho.'*

Eu tropeço para trás, minha garganta fechando.

"... E", acrescenta a mãe, "eles precisam ter um filho".

Meus joelhos enfraquecem e estou caindo no chão. Minhas mãos se debatem para comprar, mas não consigo me salvar. Minha descida louca é seguida por caixas e mais caixas de testes de gravidez e pílulas do dia seguinte caindo no chão.

## CAPÍTULO QUARENTA

### HOLANDÊS

Não sou muito compositor, mas estar com Cadey faz com que as letras jorrem de mim como sangue de um ferimento na cabeça.

Finn e Zane chegam mais tarde e me pegam trabalhando em uma melodia com meu violão. Reconheço meus irmãos com um movimento de queixo, mas continuo jogando. Não quero perder esse tópico.

Eles entendem e não dizem nada até a última nota soar na garagem do nosso estúdio.

“Parece bom”, diz Finn.

“Um pouco mais romântico do que o nosso som habitual.” Zane abre o frigobar. Vejo meu gêmeo hesitar enquanto pega sua cerveja habitual e então, em uma surpreendente demonstração de moderação, ele pega um refrigerante.

“Estou pensando em uma linha de baixo rítmica.” Eu encontro os olhos de Finn. “Menos rock hardcore. Mais pesado no funk.”

“Não pense que uma linha de baixo descolada irá salvá-lo. Eu reconheço uma canção de amor quando ouço uma. Zane toma um gole de refrigerante.

Finn semicerra os olhos para meu violão como um velho que esqueceu os óculos. “Você conseguiu cordas novas?”

“Não.”

Zane salta e olha mais de perto as cordas. “CADEY... Dutch, isso é um coração na sua corda E?”

“Não é da tua conta.” Eu o empurro de volta.

Zane balança a cabeça. “Ele se foi, Finn. Totalmente desaparecido.

Descanso meu violão no colo e equilíbrio os cotovelos sobre ele. “Como foi sua conversa com a senhorita Jamieson? Ela te perdoou por jogá-la por cima do ombro?”

Como esperado, a risada arrogante de Zane morre repentinamente.

Dos meus dois irmãos, ele é o último que deveria zombar de mim.

Finn se vira para ele, com olhos interrogativos. “Jinx não delatou você.”

“Isso porque troquei um segredo com ela assim que terminei com nossa querida meia-irmã.”

Minhas sobrancelhas sobem. Esta é a primeira vez que ouço Zane se referir à Srta. Jamieson como nossa meia-irmã sem cair em um estupor de embriaguez ou bater o coração na bateria.

“Que segredo?”

“Não importa.”

Coloco o violão no suporte e estico as costas. Não sinto tensão enquanto toco, mas, assim que a música termina, é como se o mundo mordesse para me lembrar que sou humano.

“Eu sei que vocês estão preocupados comigo,” Zane acrescenta sobriamente. Ele raspa a palma da mão na bochecha. “Eu desmaiei tentando me forçar a fazer o que pensei que deveria fazer.”

“E?” — pergunto, sentindo que ele chegou a algum tipo de revelação.

“Depois de hoje, decidi fazer as coisas do meu jeito. Mesmo que seja complicado como o inferno.”

Finn o observa em silêncio.

Eu também.

Zane não está pedindo nossa permissão e posso dizer que ele já se decidiu. No entanto, ofereço meu incentivo de qualquer maneira.

“Dane-se o que as pessoas pensam”, asseguro a ele. “Seja qual for o seu plano, nós protegemos você.”

Finn sorri. “Contanto que você não pinte o nome dela na sua bateria.”

Eu finjo dar um soco.

Zane me dá um tapa nas costas. “Ouvi falar de Brahms invadindo o escritório de Harris. Tem certeza que aguenta ser casado com uma garota teimosa como essa? Ela não vai deixar você vencer nenhuma discussão.”

“Temos nosso próprio tipo de resolução de conflitos.” Eu sorrio torto.

Finn não diz nada, mas seus olhos brilham de compreensão.

“Você não está enganando ninguém, seu animal imundo”, brinca Zane.

Finn pega seu baixo e coloca a alça no pescoço. “Toque aquela melodia novamente e deixe-me ver se consigo encontrar o ritmo que você estava pensando.”

Zane pula atrás da bateria.

Agradeço meus irmãos pegando meu violão, mas antes de tocar uma nota, eu os aviso: “Estou esperando uma ligação de Cadey esta noite. No minuto em que este telefone tocar, o treino acabou.”

*“Açoiado!”*

*“Não traga suas vibrações de casado aqui!”*

Eu rio de seus protestos, trago meu telefone para perto para ver quando ele vibra e começo a trabalhar na nova música.

Trinta minutos se passam.

E então uma hora.

E então duas horas.

A princípio, não percebo.

Desde que conheci Cadey, minha relação com a música vem mudando. Eu me perco nisso com mais frequência do que antes.

Eventualmente, começo a perceber como está ficando tarde.

“Por que diabos ela não ligou?” Murmuro, passando o dedo no telefone com força e verificando minhas mensagens.

Nada.

“Zane, você pode me mandar uma mensagem?”

Atrás da bateria, meu irmão digita no telefone.

Imediatamente, recebo uma mensagem do meu irmão gêmeo.

É o emoji do dedo médio.

“Está funcionando,” eu rosno.

“Talvez ela esteja dormindo,” Finn diz.

“Ela prometeu que ligaria,” eu rosno. “Ela já deveria ter terminado de falar com o irmão.”

“Não seja pegajoso, mano. Não é uma boa aparência,” Zane avisa.

“E se ela estiver machucada—”

“Ela provavelmente está bem,” Finn diz, me olhando.

“Você vai se casar. Você quer sufocá-la antes mesmo de dizer 'sim'? E se ela decidir que não quer ficar com alguém que não pode lhe dar um tempo?”

“Estamos em tempos perigosos.”

“Sempre haverá perigo, mano. Se é assim que vocês agiam *antes* do casamento, imagine o quão pior vocês ficarão quando morarem juntos?”

Olho para Finn.

Meu irmão dá de ombros. “Isso pode ser um teste. Talvez ela queira ver se você enlouquece se ela não cumprir sua promessa.

“Balístico? Por que eu ficaria louco?”

Finn dá de ombros novamente.

Bato meu telefone na minha perna. Eu não estou bravo. Só estou preocupado. Cadey está à vista do pai e, como a mãe dela armou para mim, a mãe dela também está no bolso do pai. A família inteira deles tem um grande alvo vermelho nas costas por minha causa.

“Acalme-se, holandês.” Finn guarda seu violão e me fixa com seu olhar tranquilo. “Se ela precisar de você, ela ligará.”

Isso vai contra a minha vontade, mas sigo o conselho do meu irmão e desligo o telefone.

Cadey ainda pode estar com seu irmão, ou pode estar com Vi, ou pode até estar com seus outros amigos comemorando o retorno de Serena a Redwood.

Não quero impedi-la de ter sua própria vida. E não quero policiar cada momento livre que ela tem.

*Espaço. Eu posso fazer isso.*

Mas à medida que a noite avança e a manhã invade meu quarto, não consigo afastar a sensação de que algo está errado.

Meu telefone tem muitas atualizações novas – como sempre.

Mas nenhum deles é da minha noiva.

*Não entre em pânico ainda, holandês. Você pode interrogá-la na escola.*

Saio de casa primeiro, correndo para Redwood Prep antes do sol nascer adequadamente. Cadey não tem mais serviço de trabalho, mas eu não duvidaria que ela continuasse teimosamente no trabalho só porque fui eu quem providenciou o perdão para ela.

O sol rasteja sobre as copas das árvores.

Meu telefone marca as horas conforme elas passam.

Mais estudantes chegam.

Todos eles me observam, rondando e andando pelos degraus da frente de Redwood como uma fera agitada esperando por sua companheira.

Não, Cadey.

Eu mando para ela outra mensagem.

Então uma ligação.

Parafuso espaço.

Por que ela não está em Redwood? Ela está doente? Ela foi sequestrada?

Um pouco depois do primeiro sinal da manhã tocar, Zane e Finn caminham em minha direção. Eles não estão sozinhos.

“Serena,” eu digo, acenando para a garota gótica com cabelo de ébano e batom vermelho brilhante. Com a jaqueta de couro, ela parece que vai subir na bicicleta de alguém ou roubar alguém.

Quatro meses atrás, eu não dava a mínima para Serena Parker. Eu nem sabia o nome dela. Mas ela é amiga de Cadey e por isso terá um lugar na minha mesa.

Aproximo-me dela com tanta atenção que ela recua um passo. Parando na frente dela, eu rosno: — Você teve notícias de Cadence?

“Não. Por que? Ela não está aqui?”

Minha mandíbula funciona.

Finn faz um gesto para Serena e aponta o queixo para a porta.

Ela faz cara feia com a instrução, mas, depois de dar uma olhada no meu rosto, decide desaparecer.

“Você acha que ela está mentindo?” Eu lati para meus irmãos.

“Não podemos fazer nada se ela estiver.”

“Claro que nós podemos.”

“O que você quer que façamos? Torturá-la para que nos conte a verdade?” Zane bufa.

Eu considero isso.

Finn me lança um olhar sombrio. “Holandês.”

Passo a mão pelo cabelo. Algo não está certo. Eu posso sentir isso no meu peito. Até aos meus ossos.

“Ela ainda não entrou em contato com você?” Zane pergunta.

“Ela disse que ligaria.” Minhas costelas parecem que alguém as está agarrando, uma por uma, e quebrando-as como gravetos. “Ela ainda não ligou. Ela não está na escola. Ela não está respondendo minhas mensagens.

“Vou ligar para Vi”, diz Zane. “Talvez Cadey esteja doente ou algo assim.”

No fundo do meu peito, sei que não é esse o caso.

Mas não existe nenhuma maldita lei contra a esperança, existe?

Espero enquanto meu irmão faz a ligação.

Zane gira uma baqueta em uma das mãos, ouvindo. Finalmente, ele balança a cabeça. “Vi provavelmente está na aula. Ela não está atendendo.

“Droga.” Desço as escadas.

Finn agarra meu ombro.

Paro no meio do caminho e vejo um buraco em seu rosto. “Me deixar ir.”

“Você pode estar exagerando.”

“Se você estiver certo, não perco nada. Mas se você estiver errado... Encaro meu irmão nos olhos. “Eu perco tudo.”

Seus dedos lentamente saem do meu ombro.

Desço as escadas correndo, entro no carro e atravesso a cidade em direção ao sul. A antiga escola secundária de Cadey. A primeira coisa que vejo quando desacelero o carro são as correntes. Correntes tão enferrujadas e afiadas que pareciam estar guardando uma prisão.

Quando entro, tenho que parar em um detector de metais. Estou fervendo de impaciência. Cada verificação de segurança me atrasa.

*que diabos é esse lugar?*

Eu odeio a Redwood Prep, mas pelo menos não precisamos nos despir do metal todas as manhãs antes de entrar.

*"Isso é a Cruz Holandesa?"*

*"Sem chance!"*

*"Esse é o cara da banda..."*

*"Ele é tão lindo!"*

*"Estou sonhando agora?"*

Ouçoo seus sussurros, mas estou em uma missão.

Ao avistar uma criança que parece ter a mesma idade de Vi, eu a paro com a mão. "Viola Cooper. Você conhece ela?"

A criança começa a tremer como se eu tivesse pedido o dinheiro do almoço.

"Responda-me," eu sibilo.

"S-sim."

"Leve-me até ela."

Ela se vira, atraindo a atenção de todos no corredor enquanto passamos por armários quebrados, cartazes escolares desgastados e salas de aula que cheiram a desesperança.

Cerro os dentes ao pensar em Cadey passando dia após dia aqui. Ela merece apenas as melhores coisas: luzes brilhantes, diamantes, adoração total.

"Lá." Meu guia aponta para uma sala de aula apertada e cheia de tantos alunos que me pergunto se é legal manter tantas pessoas em uma sala. Em uma cadeira desgastada bem no fundo - semelhante a onde Cadey gosta de se sentar em Redwood - está Vi.

Avanço, pronto para abrir a porta e interromper a aula.

"Você não pode fazer isso", diz meu guia, agarrando meu pulso.

Eu olho para ela.

Ela deixa cair a mão. "Espere um segundo."

O garoto vai até a janela e acena para chamar a atenção de Vi. Ela então aponta para mim e para os olhos de Viola.

"Senhorita Hendricks", Vi levanta a mão, "posso usar o banheiro?"

"Faça isso rápido."

"Obrigado." Entrego ao meu guia uma nota de cem dólares.

Ela me dá um grande sorriso e sai correndo.

Vi sai da sala de aula e faz sinal para que eu a siga.

Eu cerro os dentes. Quero respostas *agora*.

Mas mantenho a compostura e sigo o garoto de treze anos até um corredor silencioso.

Ela inclina a cabeça para mim, os olhos são tão parecidos com os de Cadey que faz meu coração doer. “Eu sei por que você está aqui. Mas não tenho respostas.”

A sensação de mau presságio fica mais forte. “O que você sabe?”

“Acordei esta manhã. Havia café da manhã no fogão e um bilhete dizendo que ela me amava e que deveria se comportar quando eu chegasse na casa de Shanae. Fiquei confuso, então fui ao quarto de Cadey e tudo estava vazio.

A dor atinge meu coração como o chicote de um chicote espinhoso.

Meu coração acelera.

“Você ligou para ela?”

“Agora mesmo. Perguntei onde ela estava e o que estava acontecendo. Cadey não disse nada para mim. Ela acabou de me dizer que conversou com a mãe de Shanae e que eu ficaria na casa de Shanae por um tempo. Vi morde o lábio inferior. “Ela disse para não contar a ninguém que a mãe estava viva e...”

“E?”

Vi morde o lábio inferior rosa brilhante. “Cadey também disse para não contar nada a você.”

Fecho os olhos com força, tentando não abrir um buraco nas paredes rebocadas baratas. Esta escola já parece bastante abatida.

“Você a desobedeceu”, observo.

“Porque eu sei que você ama minha irmã e sei que a única vez que ela se soltou e dependeu de outra pessoa foi com você. Ela não está acostumada a ser a fraca, mas Cadey merece ter isso. Ela merece um lugar onde possa ser frágil e cuidada.”

Meu coração clama na minha garganta. Aproximo-me da irmã mais nova de Cadey. “Se ela ligar para você de novo, me avise.”

Vi não recua. Ela me conhece bem o suficiente para saber que estou chateado, mas eu não iria machucá-la. Eu não machucaria nenhuma das pessoas que Cadey ama.

Assentindo, ela diz: “Eu vou”.

Solto um suspiro profundo e reúno uma expressão um pouco menos irritada. “Volte para a aula agora. Se você tiver algum problema, diga ao seu diretor para me ligar.”

“Confie em mim. Não terei problemas. Na verdade, acho que muitas crianças estarão na minha mesa de almoço hoje.” Vi olha para cima com um olhar arregalado.

Não tenho ideia do que ela quis dizer com isso, mas ela parece feliz.

Gesticulando para ela voltar para a aula, vou na direção oposta.

Meu telefone está desligado e estou discando o número de Cadey novamente quando alguém pequeno e loiro aparece no meu caminho. Olho para cima, com os dentes cerrados, os músculos tensos, pronto para quebrar o obstáculo no meu caminho.

Através da névoa do meu desespero e preocupação com Cadey, reconheço a garota parada na minha frente.

“Precisamos conversar”, ela retruca.

Eu fico olhando para ela por mais um instante e então percebo.

É Breeze, a melhor amiga de Cadey.



## CAPÍTULO QUARENTA E UM

### HOLANDÊS

A quadra de basquete atrás da escola está vazia, o que me surpreende. Achei que mais pessoas estariam escondidas aqui. Este parece ser o tipo de escola onde os esportes dominam a música.

“Um aluno foi esfaqueado debaixo da rede no baile”, diz Breeze, percebendo para onde meu olhar se desviou. “Os policiais instalaram câmeras.” Ela aponta o dedo para os cantos do parque, onde luzes vermelhas piscantes apontam para nós. “Para que ninguém mais relaxe aqui.”

“Você sabe onde Cadence está?” Eu pergunto bruscamente.

“Mesmo se eu fizesse, você acha que eu te contaria?” Brisa cospe. Seus olhos estão cheios de ódio por mim.

“Você pelo menos sabe se ela está bem?” Há uma pitada de desespero em meu tom. Eu não ligo. Estou ficando louco pensando em todas as coisas ruins que podem ter acontecido com Cadey. Não poderei respirar até saber que ela está bem.

“Oh? Agora você está preocupado com ela?”

“Breeze,” eu rosno, minha paciência acabando.

“Ela nunca deveria ter se apaixonado por você.”

Eu congelo. Esta é a primeira vez que ouço alguém confirmar os sentimentos de Cadence por mim. Nem mesmo *ela* admitiu para mim ainda.

O vento aumenta e a rede rasgada balança para frente e para trás.

“Eu adorava sua banda”, Breeze diz calmamente. Suas sobrelanceiras formam um V pontiagudo. “Eu costumava ouvir a raiva e a dor em sua música, e ela falou comigo porque eu também sentia essa raiva. Acordei todos os dias, queimando com isso.”

Ela lambe os lábios. “Mas depois de ouvir o que você e seus irmãos fizeram com Cadey, não pude deixar de ver. Cada vez que ouvia a sua música, cada vez que ouvia aquela raiva, imaginava o que essa fúria faria se fosse dirigida a uma pessoa inocente.”

Meus dedos se fecham em punhos.

A culpa me apunhala no peito.

“Os Kings, a banda, Redwood, houve um tempo em que eu queria estar perto dessa luz. Nunca contei a ela, mas estava com ciúmes de Cadey. Ir para a escola com vocês quatro se tornou meu sonho.”

Sua expressão endurece. “Mas às vezes, seus sonhos precisam permanecer onde estão. Se eles se juntarem a você no mundo real, você perceberá que, na luz, eles são feios e desprezíveis.”

“Você sabe onde Cadey está ou não?” Eu me esforço.

“Por que você a quer, Dutch? Então você pode controlá-la?”

Meus olhos se voltam para Breeze.

“Você acha que porque ela é pobre, porque isso...” Breeze aponta para as cercas de arame, os grafites, as câmeras, “é de onde ela vem que ela deveria ser grata a você, mesmo que você a machuque?”

"Eu nunca vou machucá-la." Faço uma pausa e altero: "Não mais".

“Você não pode fazer promessas assim porque nem sabe o que é o amor. Quem pode dizer que você não vai se cansar dela? Talvez em algumas semanas ela pare de ser divertida e você encontre outro bolsista pobre e indefeso com quem brincar.

“Quer você acredite em mim ou não, meu amor por Cadence é real. E isso não vai mudar. Preciso saber onde ela está.

“Então você pode atormentá-la mais? Você acha que governar e ficar obcecado por ela... você acha que isso é amor? Não é. É ilusão. É controle. É mau.

Meus lábios se fecham em uma carranca e eu respondo a ela: — Se você não vai me contar, então não preciso de mais nada de você.

Eu me viro, meu temperamento chacoalhando sob minha pele e implorando para desabafar. As acusações de Breeze são como garras, rasgando a estrutura da minha mente.

Ela está certa? Meu amor machucou Cadey em vez de tornar sua vida melhor?

"Estou feliz que ela tenha se afastado de você."

Meu corpo inteiro para de frio. Eu giro. Siga em frente. E então estou na frente de Breeze em um piscar de olhos.

Pairando sobre ela, eu rosno: — O que você quer dizer com ela fugiu de mim? Você está dizendo que Cadey não foi levada por alguém. Ela *escolheu* ir embora?

Com os olhos brilhando de desdém, Breeze provoca: “Por que você não pergunta ao seu pai?”

\* \* \*

Atravesso as portas do estúdio do meu pai, ignorando o modo como Lucien me olha e Ron se move para me impedir.

"Senhor. Cross, você não pode..."

Meu punho atinge o rosto de Ron antes que ele coloque a mão no meu braço. Esmago pele, osso e carne e ouço algo estalar.

Uma onda de satisfação me preenche.

Lucien ruge. Ele se vira para mim, sem esconder nada, os olhos em chamas, como se tivesse sonhado com esse momento durante toda a vida. Ron se levanta de onde havia tropeçado na mesa de mixagem do pai. Juntos, eles dobram meus braços atrás das costas com força e me deixam de joelhos.

Eu sorrio apesar da dor. Eu sabia que só daria um soco e estou feliz por ter feito valer a pena. A boca de Ron está sangrando mais do que a minha.

Só estou triste por não ter dado a mesma saudação a Lucien.

Fica para a próxima.

"O que é tudo isso?" Papai entra na sala, vestindo uma blusa de gola alta, jeans e uma expressão presunçosa. Seus olhos percorreram seus guarda-costas, ambos respirando com dificuldade.

"Oi, pai," eu digo sombriamente.

"Você não deveria estar na escola—"

"Onde. É. Ela?"

"Quem?"

Uma palavra. Uma peculiaridade de sobrelance. Mas vejo a verdade como se ela tivesse entrado na sala conosco.

Papai levou Cadey, quer ela tenha ido de boa vontade ou não.

Ele é quem está por trás disso.

"Eu vou acabar com você," eu rosno. "Onde diabos ela está?"

"Você tem que ser mais específico, filho." Papai me provoca, seu tom cheio de diversão.

Meu pai não consegue esconder quando vê a dor de outra pessoa. Ele se alimenta disso. Como um fantasma. Como um demônio.

Estou exibindo minhas emoções em minhas mangas, incapaz de esconder meu desespero e ele está sorvendo tudo como um bastardo ganancioso.

"Só vou perguntar isso mais uma vez", rosno, levantando-me. "Onde ela está?"

Papai transforma seu rosto em uma expressão vazia. Caminhando lentamente em minha direção, ele se ajoelha. Com um silvo reptiliano, ele sussurra: "Eu disse para você não jogar esse jogo comigo, Dutch. Você é muito jovem, muito impetuoso para ver o quadro geral."

"Onde!" Eu rugo. Meu corpo estremece enquanto luto contra minhas restrições humanas, mas Lucien e Ron me prendem em suas mãos.

Papai dá um tapa na minha bochecha machucada. Ele bate de novo, com mais força. O som de pele encontrando pele é alto na sala.

"Você está nas grandes ligas agora, Dutch. Isto não é Redwood Prep. Este é o mundo real e, aqui, você é apenas uma criança sem poder."

Meus olhos se estreitam.

"Você entende por que não deveria ir contra seu pai?" Ele diz em um tom severo. "Agora tenho que parecer o bandido."

"Você acha que sou impotente?" Eu levanto minha cabeça lentamente. "Vou destruir o seu reino, tijolo por tijolo."

Ele arqueia as sobrelances, ainda parecendo divertido.

"Se você tocá-la—"

"Não perca meu tempo com ameaças." Ele se endireita e caminha até o frigobar, com passos firmes. Arrogante. Sempre extremamente arrogante. Como se nada neste mundo pudesse irritá-lo. E mesmo que acontecesse, ele não deixaria ninguém ver. "Acredite ou não, foi ela quem veio até mim, filho."

"Touro—"

"Tenho certeza de que ela tomou suas próprias providências, mesmo que tenha saído às pressas."

Minha mente zumbia. Vi disse que Cadence disse para ela ficar na casa de uma amiga. Ela deu a entender que estava partindo para Breeze.

Se ela fosse sequestrada contra sua vontade, ela teria tempo para preparar seu círculo?

“É por isso que você nunca se apaixona, Dutch.” Papai se serve de um dedo de uísque. Ele hesita e então serve um para mim também. “Isso te deixa fraco. Torna você vulnerável. E quanto mais você tenta proteger esse amor”, ele traz a xícara para mim, “quanto mais você tenta segurá-lo, mais ele quer escapar”.

Papai faz um gesto para que seus idiotas me soltem. Ron retira o braço, mas Lucien me joga para frente quando me solta.

Minhas mãos batem no chão, enviando um ricochete de dor pelo cotovelo e pelos ombros.

Eu olho para cima e olho para ele. Lucien faz uma careta, recuando junto com Ron para a borda da sala.

Papai faz um gesto para que eu pegue o líquido âmbar.

Pego a xícara e viro. O uísque cai e bate no tapete, impregnando o ar com bebida.

Papai franze a testa.

“Você está certo sobre uma coisa. Toda a minha vida está à minha frente. Mas você... — eu me aproximo dele — tem *tanta* coisa em jogo. E sua vida já está pela metade. Se você perder tudo agora, não há como voltar atrás.”

Seus olhos se arregalam ligeiramente, um sinal de seu desconforto.

Deixo cair o copo de uísque vazio no chão. Ele quica no carpete, mas não quebra.

“Eu vou encontrá-la e é melhor você rezar para que ninguém tenha machucado um único fio de cabelo de sua cabeça. Se ela estiver com uma unha quebrada, eu vou atrás de você. Veremos quanto dano posso causar no mundo real.”

O olho esquerdo de papai se contrai, mas é o único sinal externo de seu descontentamento.

Vou até a porta.

“Ela sabe”, meu pai grita atrás de mim.

Meus pés estão subitamente colados ao chão. Não consigo mover um único músculo.

“Não parecia que ela tinha chorado. Ela foi tão fria quando me perguntou se era verdade. Eu disse que sim e ela simplesmente... — Papai para para causar um efeito dramático. “Ela apenas respirou fundo e assentiu. Quase como se finalmente fizesse sentido para ela. Por que você a queria por perto. Por que você a estava perseguindo? Ele ri e se serve de outro copo. “Nunca vi ninguém tão tragicamente composto depois de ouvir que seu namorado só a via como uma *prostituta particular*.”

Eu me viro, meu rosto estrondoso, mas os capangas do meu pai são rápidos demais. Meus braços estão retidos e estou mais uma vez caindo no chão.

“Você nunca consegue o que quer, Dutch. Agora não. Nunca.” Papai sorri para mim. “Eu sugiro que você esqueça aquela garota. Ela já se foi há muito tempo. E não me refiro apenas fisicamente. Bem aqui.” Ele bate no peito. “Você está tão longe dela.”

“O que você fez? — eu me afasto.

“Eu abri os olhos dela. Eu a fiz ver que existe um mundo além de você. Ela está se expandindo, se transformando em algo que você nem imaginaria.” Papai bebe calmamente. “Estou falando sério quando digo que isso é bom para ela. E se você realmente a ama, Dutch, você a libertará.

Minhas entranhas se torcem em um nó doloroso.

Não sei como ela descobriu a verdade, mas não faz sentido. Cadence sabia que sua mãe estava trabalhando com meu pai. Ela sabia que o pai não era confiável... por que ela foi até ele em vez de mim? Por que ela escolheu correr em vez de falar comigo?

Passos ecoam pelo corredor lá fora.

Os olhos do papai saltam para a porta e seu sorriso fica maior. Vejo essa expressão e percebo tarde demais por que ele estava falando tanto quando normalmente mantinha as cartas fechadas.

É uma armadilha.

Meus olhos se arregalam quando vejo policiais enchendo a sala. Lucien e Ron se afastam enquanto um policial assume sua posição.

As algemas estão frias quando batem no meu pulso. Ainda estou me recuperando das palavras do meu pai e levo um momento para entender o que está acontecendo.

No segundo que faço isso, começo a lutar.

"Que diabos está fazendo? Tire-me as algemas!

Ninguém me escuta.

“Eu preciso encontrar minha noiva. Eu preciso...” O resto das minhas palavras se tornam um suspiro ofegante enquanto me empurram para o chão.

"Cuidadoso. Cuidadoso. Ele ainda é meu filho”, diz meu pai, sorrindo como uma cobra.

Meus olhos ardem de raiva, mas estou indefesa e ele sabe disso.

“Dutch Cross, você está preso por posse ilegal de drogas. Você tem o direito de permanecer em silêncio. Você tem direito a um advogado...”

Eu desligo a polícia, meus olhos no pai. “Fazer isso não vai me manter longe dela.”

“Ah, holandês.” Papai inclina a cabeça e olha para mim como um adulto olharia para uma obra de arte de uma criança. “Você não entende? A garota que você achava que conhecia, por quem você se apaixonou, você nunca mais vai encontrá-la.

## CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CADÊNCIA

Saio do trocador e percebo que há uma bandeja esperando na cômoda. Bem ao lado do pincel de maquiagem.

Meu estômago se aperta dolorosamente, o que não acho que tenha sido o efeito desejado. A comida é diferente desta vez. Sushi. Ontem foi salada. Amanhã provavelmente será outra coisa.

“Ele me disse que você deveria comer”, diz a maquiadora. Ela é uma mulher tímida e quieta que não fala muito. Fiquei me perguntando se ela foi instruída a não falar comigo.

Não importa.

Seu silêncio me cai muito bem.

"Eu não estou com fome." Afasto o prato.

Ela me estuda como se avaliasse se seria mais prudente me irritar insistindo ou simplesmente deixar passar.

Meus ombros ficam tensos.

Seus dedos alcançam o pincel de maquiagem conforme o momento passa.

Inclino meu rosto em direção à luz, com o corpo entorpecido. Mente vazia. Ela cola líquido no meu rosto. Pós. Batom. Coisas pontiagudas perto dos meus olhos que poderiam me cegar.

Eu quase gostaria que eles fizessem isso.

Eu não quero olhar para mim mesmo.

Mas ela vira minha cadeira.

Minha reação é a mesma desde que cheguei aqui: nada. Com ou sem maquiagem, não me reconheço mais.

Uma voz familiar vem do corredor. A porta se abre e deixa entrar os gritos dos fãs. Alguns deles estão aqui para me ver. A maioria deles está aqui para ver *Pain & Punishment*, uma nova banda do selo de estúdio de Jarod Cross.

Não importa.

Nada disso importa.

"Cadência."

Olho para o espelho. Um rosto bonito olha para mim. Cabelo castanho. Olhos castanhos. Mandíbula forte.

“Hunter,” eu chamo seu nome no mesmo tom paternalista.

"Você precisa comer."

“Vou comer quando estiver com fome.”

“Eu não vi você tocar em comida desde que chegamos aqui.”

“Comi barras de granola no meu quarto de hotel.”

"Barras de granola?"

Eu dou de ombros. O mínimo que Jarod Cross pode fazer é pagar uma quantia exorbitante pela minha forragem no frigobar.

“Terminei”, diz o maquiador. Ela olha para Hunter e pisca os olhos.

Ele não dá a ela um único olhar.

Percebo seu suspiro de decepção e vejo ela sair correndo da sala. Eu me pergunto o que ela imagina que seria sua vida se Hunter realmente retribuísse seus sinais. O que ela realmente quer dele? Reconhecimento de que ele a vê? Que ela é bonita? Ela quer que ele a leve para o hotel? Isso para por aí? Ela quer mais?

Ela tem flertado com ele todos os dias. Ela não consegue ver que ele não quer nenhuma dessas coisas com ela?

Há uma parte de mim que a odeia. Provavelmente porque ela me lembra de mim mesmo.

Eu me pergunto por que não podemos abandonar as pessoas, as coisas que não nos querem de volta. Ou pior, isso é ruim para nós. A culpa é nossa? Devemos assumir a culpa?

Cravo as unhas na palma da mão até doer e então pressiono mais fundo. Não mereço a dor por fazer escolhas erradas?

"Cadência."

Eu me assusto e olho para Hunter.

Ele está franzindo a testa, os lábios formando uma linha fina. "Você continua se afastando de mim."

“Você fala demais,” murmuro.

Suas sobrancelhas se apertam. Ele olha para mim como se não soubesse quem eu sou.

Pego o véu, coloco-o sobre a maquiagem recém-feita e entrego-lhe os laços.

Ele o prende na parte de trás da minha cabeça. “Se eu soubesse que você causaria tantos problemas, não teria concordado com esse trabalho de segurança pessoal.”

“Vá para casa então”, eu digo.

Não pedi que ninguém me seguisse até minha própria versão do inferno. Na verdade, prefiro ficar sozinho. Os constantes olhares preocupados de Hunter só me fazem sentir pior.

“Pronto”, diz Hunter.

Saio da cadeira. Os olhos de Hunter deslizam sobre mim. Se eu não estivesse tão morto por dentro, provavelmente ficaria lisonjeado com o brilho de admiração.

O figurinista de Jarod Cross fez para mim um vestido preto com lantejoulas elegantes e um longo véu que desce do topo da minha cabeça e se espalha atrás do banco do piano quando me sento.

A parte de trás do vestido é um pouco mais sexy com um design escavado que mostra uma tonelada de pele sob o véu. Há uma máscara correspondente para esconder a parte inferior do meu rosto.

Quando Jarod me perguntou o que eu queria vestir, eu disse que não importava. Desde que eu saia para o público, a única coisa que exponho ao mundo são os meus olhos.

Percebo que Hunter ainda está olhando e franzo a testa. “Não é hora de eu subir no palco?”

“Oh. Certo.” Ele limpa a garganta e abre a porta para mim.

Ando com ele pelo corredor, carregando a ponta do meu véu sobre um braço.

Os passos de Hunter coincidem com os meus. “Você terá um dia de folga no seu aniversário amanhã. O que você quer fazer?”

“Nada”, murmuro. Estamos mais perto do palco agora. O som da música nervosa de Pain and Punishment enche o ar. O baixo desliza sob minha pele e faz meu corpo vibrar.

Hunter me lança um olhar de repreensão. “Dezoito é um número grande.”

“Senhorita Soprano.” O gerente da equipe me oferece a mão.

Deslizo meus dedos em seu aperto e encontro os olhos de Hunter. “É apenas mais um dia.”

“Vamos fazer algo especial. Essa noite. Comemoraremos seu aniversário da maneira certa.” Hunter oferece um sorriso encorajador.

Meus lábios permanecem planos. Meu coração continua frio.

Subo no elevador.

À medida que a plataforma sobe, vejo a sala lotada. Bolhas sem rosto. Gritos altos o suficiente para quebrar meus tímpanos. Luzes muito grandes e muito brilhantes.

Ajusto meu fone de ouvido, feliz por ter um monitor intra-auricular para poder me ouvir na hora de tocar piano.

O líder do Pain and Punishment, um cara cujo nome esqueci no momento em que ele o compartilhou, gesticula para mim. Os holofotes mudam, caindo sobre minha cabeça. Está quente, como o sol, mas ainda estou tremendo.

Os gritos ficam mais altos. Todos parecem tensos, tão tensos que eu poderia enviá-los à Lua em um foguete.

Estou presente no último set da banda.

O grande final.

O soco emocional.

Foi assim que me chamou o fã que me encontrou nos bastidores ontem à noite.

E talvez seja isso que eu sou – o saco de pancadas emocionais do mundo.

Sento-me atrás do piano, com os dedos nas teclas. Máscara colocada.

Não Cadence Cooper.

Para eles, sou Soprano Jones.

Coloco meus dedos nas teclas. Uma melodia baixa e assustadora sai do piano. Notas muito escuras, muito perigosas para existirem na luz.

Inclino meu rosto sobre as teclas e emoções selvagens e violentas vazam pelas fendas do meu coração.

É lamentável.

Todos os dias eu me levanto e coloco meus sentimentos em suas gaiolas. Mas eles sempre escapam e fogem noite adentro quando eu toco. A música faz isso. Abre a porta para a dor, o prazer, o medo, a alegria.

Tudo.

Estou mascarado, mas não posso me esconder aqui.



A multidão está em silêncio. Eles estão sempre em silêncio. Audição. Esperando. Prendendo a respiração até que eu os lembre de respirar.

O líder da banda dedilha sua guitarra.

Acústico. Elétrica preferida holandesa...

Mas não estou pensando nele.

Eu martelo meus dedos contra o teclado. Facadas furiosas. Mais alto. Mais alto.

A música cresce ao meu redor, alimentando-se da minha angústia. Ávido por mais dor que sai da minha melodia.

O público começa a cantar e gritar. Uma massa de corpos balança em algum lugar além de mim.

Eu não vejo isso. Eu não ouço isso.

Meus dedos se movem para baixo. Mais baixo. Até que minhas oitavas acabem e não haja tonalidades suficientes para expressar a profundidade da minha raiva.

Subo de volta para a oitava mais alta e seguro o acorde assim que a música termina.

Estou respirando com dificuldade, torcido no piano quando a última nota desaparece. A multidão ruge e canta meu nome.

'Soprano! Soprano! Soprano!'

Os membros da banda sorriem um para o outro. Eles acham que é um truque quando eu caio no piano assim. A garota escondida, coberta da cabeça aos pés por um véu e uma máscara. Uma jogada de marketing. Um bilhete só de ida para se tornar viral.

Eles não se importam que eu não pratique com eles. Ou fale com eles. Ou se preocupe com eles. Para uma banda sem nome no elenco de Jarod Cross, sou o que os diferencia.

O líder se vira com seu violão e sorri para mim. De repente, sua imagem se apaga e vejo Dutch ao microfone, com o violão no ombro. Cabelo loiro bagunçado. Olhos âmbar em ouro fundido sob os holofotes.

Ele está sorrindo arrogantemente para mim como fez na noite em que me arrastou para o palco para tocar o triângulo. A noite em que dei o primeiro passo real para superar meu medo do palco.

*"Não olhe para eles, Brahms. Olhe para mim."*

Minha pele de repente parece muito tensa. Meus dedos se curvam na borda da mesa do piano, mas não consigo me livrar da agonia quente dentro de mim.

E eu realmente não consigo respirar.

Eu me levanto do piano.

Meu coração está apertando com tanta força que dói.

Lágrimas ardem em meus olhos e então estou me movendo.

O líder da banda olha para mim.

O baterista murmura: "Onde você está indo? Temos outra música!"

Eu saio do palco.

Hunter está bem ali. Ele joga um casaco em cima de mim. Ele coloca a mão no meu braço. Se ele vê as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, ele não menciona isso.

Sou levada para o meu camarim, onde visto uma camiseta normal e jeans. Hunter me leva para fora do show privado e para dentro de um carro preto.

Os prédios decorados de Natal tornam-se um borrão de luzes, neblina e concreto do lado de fora da minha janela. Finalmente relaxando um pouco, pego meu telefone e folheio minhas mensagens.

*Vi: Passei pelo nosso apartamento hoje. Ainda não há sinal da mãe. Devemos chamar a polícia?*

Quase bufo. Chamar a polícia e dizer-lhes o quê? Que nossa mãe que morreu voltou à vida e está desaparecida?

Eu envio uma resposta para Vi.

*Não se preocupe. Ela provavelmente está bem.*

A outra mensagem é de Breeze.

*Breeze: Enviando tão cedo já que você está cinco horas à nossa frente. Feliz aniversário para a melhor melhor amiga do mundo.*

A mensagem tem um emoji de carinha de beijo e uma colagem de vídeo minha e de Breeze juntos.

Sorrio pela primeira vez desde que entrei no escritório de Jarod Cross e ouvi sua proposta de sair em turnê.

A última mensagem é de Serena.

Eu sento direito quando vejo isso.

Ela constantemente me pergunta por que estou dando um tempo em Redwood, e não tenho certeza do que dizer a ela.

*Serena: Redwood Prep não é a mesma sem você, Cadence. Sal. Confira a última postagem de Jinx. Você sabe algo sobre isso?*

Eu folheio a postagem e meu estômago se aperta de raiva.

O carro para em frente ao hotel.

Hunter se apressa para pegar minha porta e abri-la para mim. Seus olhos examinam meu rosto. "Vou pedir algo para você comer. Vá para a cama cedo.

"Não." Agarro o telefone com mais força, as palavras de Jinx tatuadas atrás das minhas pálpebras. "Eu quero fazer o que você sugeriu."

"O que?"

\* \* \*

"Quero comemorar meu aniversário da maneira certa."

*Jinx: O Príncipe Encantado está seguindo em frente?*

*Cinderela está desaparecida da Redwood Prep há três dias e fontes dizem que ela pode nunca mais voltar. O Príncipe Encantado também está desaparecido ultimamente. Mas o que inicialmente parecia ser uma escapadela romântica conjunta é agora um escândalo real.*

*O Príncipe Encantado tem estado ocupado em encontrar uma nova namorada. Fotos dele se aproximando de uma misteriosa loira bombástica têm circulado por toda parte.*

*Você cochila, você perde a Cinderela.*

*Parece que o trono da rainha está prestes a ser reivindicado por alguém novo.*

*Até o próximo post, mantenha seus inimigos por perto e seus segredos ainda mais perto.*

- *Azar*

## CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

### HOLANDÊS

Correntes chacoalham perto da porta da minha cela. Um oficial aparece, o rosto tremeluzindo na noite sombria.

Eu pulo de pé, me jogando contra as barras de ferro como um homem possuído.

“Meu nome é Dutch Cross e sou inocente”, rosno.

“Você não está cansado, garoto?” O oficial ri. “Você é como um disco quebrado.”

O riso explode nas celas ao meu redor.

Estou feliz que eles possam rir.

Estou muito emocionado, isso é divertido.

Os olhos do oficial caem para a bandeja de comida aos meus pés. Está vazio. Obriguei-me a engolir a gosma, sabendo que precisava de minha força – seja para cavar para sair ou *dar um soco* para sair deste inferno.

“O filho de Jarod Cross com certeza tem coragem, não é?” O oficial provoca. “Olhe para ele me encarando.”

“Farei pior do que olhar, seu pedaço de...”

“Termine isso e você estará ameaçando um policial, idiota.”

Minhas narinas se dilatam, mas fecho a boca com um tapa.

Os sorrisos ficam mais amplos. Os olhos começam a brilhar.

Eu quero dar um soco nele.

Eu quero queimar todos eles.

Mas não posso arriscar uma oportunidade de sair.

A porta da minha cela range ao se abrir.

O oficial se aproxima. Com a cabeça inclinada em direção à minha, ele diz: — Fique longe de problemas de agora em diante, certo? Seus olhos me percorrem. “Ou da próxima vez, não será você sozinho aqui.”

Meus olhos se estreitam. Ele está ameaçando meus irmãos agora? Quem diabos ele pensa que é?

Eu marco seu rosto em minha mente.

As algemas caem naquele momento, me distraindo. Esfrego meus pulsos com firmeza, olhando para as marcas deixadas em minha pele.

“Você está livre para ir”, diz o policial em voz alta, recuando. “Saia daqui, garoto. Espero que você tenha aprendido sua lição.

Se eu não estivesse com tanta pressa, eu realmente atacaria ele. Deixe que ele me mande de volta para esta cela por agredir um policial. Deixe-o me cobrar se quiser.

Mas tenho coisas mais importantes para fazer.

Como encontrar Cadence.

Não a vejo há setenta e duas horas.

Três dias. Vinte e cinco minutos. Sete segundos.

Uma eternidade.

Quanto mais tempo fico preso, mais urgente me sinto. É como se houvesse algo dentro de mim, me empurrando para frente, me dizendo para me apressar ou chegarei tarde demais. Tarde demais para quê? Inferno, se eu sei.

Saio da prisão e fico surpreso ao ver meus irmãos esperando do lado de fora.

O rosto de Zane se contorce de alívio e ele corre em minha direção. Até Finn parece estranhamente nervoso.

"Holandês." Zane agarra meu ombro e me olha. "Você está bem?"

"Estou bem."

"Eles machucaram você ou... alguém..."

"Não, eu estava em uma cela. Sozinho." Eu fixo um olhar duro no rosto de Finn. "Por que demorou tanto?"

"Não tínhamos ideia de que você estava na prisão."

Eu resmungo e toco na tela vazia do meu telefone. A polícia me devolveu meu telefone e o dispositivo está demorando uma eternidade para ligar.

"Onde diabos você pensou que eu estava nos últimos três dias?"

"Com Cadence," Finn diz.

Uma onda de ansiedade toma conta de mim.

"Depois que você foi ver o papai, recebemos uma mensagem do seu telefone dizendo que você encontrou a localização de Cadence e foi atrás dela." Finn rola para me mostrar o texto em questão.

É o meu número.

Escrito exatamente como eu teria falado com eles.

"Pensamos que você voltaria para Redwood com ela. Não fizemos perguntas." Zane olha para trás de uma árvore. Ele parece pronto para atacar alguma coisa, qualquer coisa. "Deveríamos ter feito perguntas."

"Quando você descobriu isso?"

"Quando Jinx escreveu um post sobre você estar com uma loira." A voz de Finn está seca. Na verdade.

"Uma loira?" Eu me esforço. Nos últimos três dias, estive na prisão. Quando eu teria tempo para me encontrar...

Brisa.

Droga.

Jinx deve ter tirado fotos minhas conversando com a melhor amiga de Cadence.

"Nenhum de nós acreditou."

Meus olhos se arregalam ligeiramente.

"Eu vi você com outras garotas," Zane completa. "O jeito que você é com Brahms é diferente. Você estava – está – falando sério sobre ela. Depois de tudo que você fez por aquela garota, você não abandonaria o navio. Eu tive que ouvir você confirmar isso com sua própria boca."

Meus pulmões queimam. *Bem jogado, pai.*

Nosso pai psicopata encontrou uma maneira de me manter longe de Cadence, enquanto convencia meus irmãos de que eu estava feliz em passar um tempo com minha noiva.

“Você contratou um advogado para me tirar da prisão?” Eu pergunto, caminhando para o carro.

“A polícia não poderia acusar você de nada. Você estava sendo liberado hoje de qualquer maneira.” Finn me para e me empurra de volta. Em vez disso, ele senta no banco do motorista. “Foi apenas uma coincidência que Jinx nos contou sua localização na mesma época.”

Eu faço uma careta enquanto subo no banco do passageiro. “Azar? Por que ela saberia que eu estava na prisão? Papai disse à polícia para manter isso privado. Eles nem me levaram pela frente porque tinham medo de que eu tirasse uma foto.”

Finn dá de ombros. Apesar de sua calma exterior, seus dedos estão tirando a vida do volante. “Não sabemos como Jinx sabe de alguma coisa.”

“Aqui.” Zane empurra um hambúrguer para mim do banco de trás. “Ouvi dizer que a comida da prisão tem gosto de merda.”

“Eu não estou com fome.”

“Coma.”

“Em vez disso, me dê seu telefone. Minha bateria acabou.”

“Eu te darei quando você der uma mordida,” Zane insiste.

Cerro os dentes, engolindo uma onda de raiva. Meus irmãos estão sendo ridículos. Estou bem. Eu não preciso de mimos. Na verdade, estou queimando de energia.

Zane me dá um olhar duro. É o suficiente para me convencer de que não devo abusar da sorte.

Meus dedos se fecham em volta do hambúrguer. Cheira a céu. Especialmente depois de comer aquela gosma da prisão por três dias.

Dou uma mordida para satisfação do meu irmão.

Ele entrega seu celular.

“Estou ligando para Vi.” O telefone pesa na palma da minha mão. Meus dedos tremem. “Já se passaram três dias. A esta altura, ela já deve saber onde está a irmã.”

“Antes de fazer isso...” Finn murmura.

“O que?” Eu olho para o lado do rosto dele.

“Mostre a ele.”

Zane tira o telefone de mim e minha reação instintiva é atacá-lo.

“Este vídeo apareceu no meu feed há dois dias”, explica Finn.

Zane aperta play e o vídeo começa.

Na tela está uma mulher magra vestida da cabeça aos pés com um véu brilhante e uma máscara facial. Mesmo coberta, ela parece sexy e atraente. O tecido do véu é levemente transparente e o vestido por baixo mostra seu corpo.

Eu respiro fundo. Algo na maneira como ela se move ao piano é familiar.

No vídeo, a mulher está sentada.

Ela respira fundo antes de pressionar as teclas.

Na primeira nota, eu sei.

“É ela,” eu sussurro. A música é cheia de emoções, irregular, crua e real. Como uma garota se desnudando e se abrindo para o mundo.

Eu reconheceria essa música em qualquer lugar. Cadey não sabe jogar de outra forma que não seja honesta.

“Ela é uma convidada especial da banda Pain and Punishment”, diz Zane. “Ela é muito boa.”

“Dor e Castigo?”

“O mais recente novo projeto do papai.” Zane zomba. “É como uma fraude nossa.”

“Online, eu os vi marcando-a como 'Soprano Jones'.”

“Soprano.” Meus olhos se voltam para o telefone. “Cadence usou esse nome na primeira vez que tocou em Redwood.”

“Não queríamos ter muitas esperanças”, explica Finn.

“E ainda assim,” eu olho para a placa de trânsito, “você está me levando para o aeroporto.”

“A banda está em turnê pela Europa. Agora que sabemos que Soprano Jones é Cadence, é seguro presumir que ela está lá com eles”, diz Finn.

“Só para constar, não acho que você deveria fazer isso.” O peito de Zane se expande com uma respiração. “Cadence foi mandada embora. Você foi para a prisão. Está claro que papai está ficando desesperado.” Ele passa a mão pelo cabelo. “Se ele realmente teve todo esse trabalho só para manter a herança, não há como dizer o que ele fará a seguir. E se Cadence realmente engravidar?”

Meu estômago dá nós.

“Fico pensando que pode ser mais seguro para você e para ela se vocês dois ficarem separados.”

“Isso não vai acontecer,” rosno para Finn.

Zane acena com a cabeça como se esperasse essa resposta. “O que você vai fazer quando a vir? Se ela está acompanhando o aplicativo de Jinx, provavelmente pensa que você mudou para outra pessoa.”

“Ela sabe que isso é besteira.”

“Ela faz?” Desafios finlandeses.

“Eu não me importo com o que ela acredita. Vou lembrá-la da verdade”, cuspo, com os dedos apertados no telefone. “Ela pertence à mim. E ela sempre fará isso.”

## CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CADÊNCIA

Risadas barulhentas irrompem da multidão atrás de nós. O pub está ficando mais barulhento e lotado à medida que a noite avança.

“Talvez você devesse ir mais devagar”, diz Hunter, afastando minha caneca.

Eu sibilo para ele e pego a cerveja de seus dedos. O conteúdo cai pela borda, respingando na minha mão e na mesa envernizada escura.

Hunter me lança um olhar feio, mas não me importo.

Estamos isolados nos fundos do pub. Acima de mim, bandeiras da Union Jack em formato de triângulo estão penduradas no teto e não há uma única árvore de Natal à vista.

Eu disse a Hunter para me levar para longe do bar do hotel porque eles estavam tocando canções de Natal e isso estava fazendo minha cabeça doer. Aqui, as músicas são a versão europeia da música country. Posso trabalhar com isso.

“Fique quieto,” Hunter resmunga. Ele tira um monte de guardanapos do dispensador e enxuga meus dedos.

Olho para o guardanapo, lembrando-me do dia no parque de diversões em que Dutch decidiu que não precisava de guardanapo para me limpar.

— *Você está derretendo, Cadey.*

Recuso-me a pensar em sua língua deslizando sobre minha pele ou em seu sorriso malicioso enquanto eu engasgava.

Mas agora é tudo em que consigo pensar.

Holandês sorrindo.

Holandês franzindo a testa.

Dutch rosnando em meu ouvido: ' *Você é meu, Cadey* ' .

A dor me atinge com força.

Reajo por instinto e faço a caneca vazia voar.

Hunter mal consegue pegá-lo antes que ele caia no chão.

"Que diabos?"

“Algo está errado com esta cerveja.” Eu me irrito. Levantando outra caneca na minha frente, olho para o líquido espumoso por baixo. “Eu não deveria ser capaz de sentir. Por que ainda *sinto*?”

“Cadence, é sua primeira vez e você está exagerando. Você precisa parar agora.

Coloco as mãos na mesa e me levanto. O mundo se inclina e eu giro meus braços para evitar que ele gire tanto.

"Tome cuidado." Hunter me puxa.

“Traga-me algo mais forte”, imploro. “De lá para lá.” Apontando para a bebida na prateleira de cima, dou uma risadinha. “Isso deve resolver.”

“Não vai.”



"Como você sabe?" Eu contra-ataco.

"Mesmo que você fique bêbado hoje à noite, você vai acordar amanhã sentindo o mesmo buraco no peito." Seus olhos estão na mesa. Seu tom é contemplativo. Como se ele já tivesse passado por isso antes. "Nada, exceto o tempo, pode curar uma ferida como essa."

"Ferimento?" Eu rio ruidosamente. As mesas próximas a nós me olham como se eu fosse louco.

Talvez eu seja. Talvez essa insanidade tenha sido transmitida a mim por minha mãe. Uma maldição sombria que atravessa gerações.

"Eu não tenho nenhuma ferida. Eu sou bom. Tudo está... — Eu balanço e quase bato minha cabeça nas luzes baixas. "Ai."

Hunter balança a cabeça. "Vou levar você de volta ao hotel."

"Não." Eu o empurro. "Eu quero outra bebida."

Ele olha para mim como se não quisesse nada além de me jogar no rio mais próximo.

Aponto o dedo para seu rosto avermelhado e rio. "Você esta brava."

Sua mandíbula funciona.

"Não fique com raiva, Caçador." Pego sua mão e envolvo seus dedos em volta da caneca. "Beba comigo. Ver?" Eu quebro nossas canecas. "Saúde!"

A cerveja escorre pelo meu rosto e mancha minha camiseta enquanto eu a engulo. A bebida tem um gosto horrível. Por que as pessoas exageram nas festas quando a cerveja nem é tão doce?

Hunter fica imóvel. Olho para o lado e noto que ele está olhando fixamente para meu rosto.

"O que?"

"Prefiro que você fale sobre ele", Hunter diz calmamente. "Prefiro que você me diga que o ama e que sente falta dele. Isso dói mais. Ver você com dor, em agonia, você está me matando, Cadence.

Suas palavras faladas suavemente cortam meu coração em dois. Eu odeio ver a pena em seus olhos.

Forçando uma risada, pego sua bebida. "Eu terminarei isso se você não quiser."

Hunter coloca a mão grande em cima da cerveja para me impedir de levantá-la.

Meus olhos disparam para os dele. Ele está me olhando como se eu fosse uma boneca quebrada, espatifada no chão.

A raiva jorra das profundezas da minha alma e me faz tremer.

Eu fecho meus dedos em punhos. "Você está errado. Eu não o amo. Eu nunca o amei. Ele era... ele não significava nada para mim.

Hunter pressiona os lábios em uma linha fina.

"Eu nunca acreditei nele quando ele disse que estaria lá para mim. Eu nunca confiei nele quando ele continuou aparecendo para mim e me salvando. Eu nunca quis pertencer a ele.

A armadura frígida em volta do meu coração está derretendo, liberando uma torrente de emoções com as quais não quero lidar.

Mas é como cerveja derramada.

Depois de retirado, você não poderá retirá-lo.

“Eu não gostei que ele me tocasse...”

*Quando ele me tocou, minha dormência rachou e se desfez. Eu queria que ele me tocasse mais.*

“... eu não gostei que ele me tratasse como se eu fosse propriedade dele...”

*Ele me fez sentir vulnerável e fora de controle.*

“... eu não gostei que ele estivesse sempre por perto.”

*Mas agora que ele não está por perto, tudo que consigo pensar é em como poderei vê-lo novamente.*

“Isso soa como amor para você?” Eu desafio Hunter. “Isso soa como se eu sentisse falta dele?”

O rosto de Hunter fica sombrio de uma vez, como se ele tivesse sido drenado de todas as emoções. Como se ele estivesse incrivelmente cansado.

Eu vejo isso e me sinto particularmente cruel. “Por que você veio nesta viagem comigo, Hunter?”

Seus olhos se inclinam sobre meu rosto.

“Eu sei que Jarod Cross abordou você. Eu sei que era um trabalho bem remunerado. Faço uma pausa por um minuto enquanto a sala gira novamente. “Mas por que você disse sim? Você deveria ter me deixado em paz. Teria sido melhor para nós dois.”

Um alarme soa.

É o telefone do Hunter.

Ele olha para baixo e depois olha para mim. “Feliz aniversário, Cadey.”

“Fiz dezoito anos há cinco horas.”

“No Reino Unido, mas não nos EUA.” Ele concorda. “Agora você tem dezoito anos em ambos os países.”

“Eu tenho dezoito anos.” Eu me aproximo dele. Inclinando-me para Hunter, eu digo: — O que você quer fazer?

Sua mão sobe até meu rosto.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para cima. Já que a cerveja não fez seu trabalho direito, talvez Hunter consiga.

Ele se aproxima. Tão perto que posso sentir seu hálito com cheiro de cerveja na minha bochecha. Ele cheira diferente de... não. Estou focado.

Este é o Caçador.

Caçador.

Caçador.

“O que eu quero?” ele respira.

Eu aceno e franzo os lábios.

Ele para a alguns centímetros da minha boca e sussurra calorosamente: — Vou te contar no seu quarto de hotel.

## CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

### HOLANDÊS

O aeroporto é mais frio que o inverno siberiano. Meus dois irmãos estão cochilando nas desconfortáveis cadeiras pretas. Lá fora, o céu está escuro.

Meu relógio diz que são duas da manhã

Ontem corremos para o aeroporto, prontos para comprar uma passagem, mas perdemos o último voo e não pudemos subornar, brigar ou pagar a passagem para outro.

Depois disso, ligamos para a mãe. Ela não conseguiu autorização para seu jato particular me pegar tão tarde, mas prometeu mexer alguns pauzinhos. Estou esperando há horas pela ligação dela.

Meu telefone acende.

Finalmente.

"Mãe?" Eu me esforço para ficar de pé. "Você encontrou uma maneira de me levar até lá?"

"Antes de responder a essa pergunta, quero lhe perguntar uma coisa."

"O que?" Eu reclamo, esperando que ela se apresse. Não tenho tempo para perguntas. Preciso ver Cadey.

"Se você descobrisse que Cadence estava grávida..."

Eu engasgo com a respiração. "Grávida?"

"... para outro homem..."

Meus dedos quase quebram o telefone em dois.

"... você ainda gostaria de estar com ela?"

"Isso nunca aconteceria."

"Responda à pergunta, holandês."

"É uma pergunta ridícula. Cadence não é assim. Ela nunca esteve com ninguém além de mim. Nunca estive com ninguém antes de mim também. Era óbvio. Cada vez que eu a tocava, ela reagia como se fosse a primeira vez. "Mãe, você pegou o avião ou não?"

Meu telefone emite um sinal sonoro.

Confuso, puxo-o para trás e olho para a tela.

"São os ingressos?" Eu pergunto animadamente.

"Abra a mensagem, holandês." A voz da mãe é estranhamente moderada.

Toco na tela e fotos de Cadey e Hunter preenchem minha visão. Ele está com o rosto próximo ao dela. Deste ângulo, parece que eles estão se beijando.

Emoções sombrias e violentas giram em meu peito.

"Você vê?"

"O que diabos é isso?"

"Tem mais."

Minha visão fica vermelha, eu deslizo as fotos.

Um cara mais velho está com o braço em volta de Cadey e ela está inclinada para ele. Ele a está levando para um hotel. Ele a está carregando para um quarto de hotel.

Cerro os dentes e tento manter a cabeça limpa. “Mãe, você não pode acreditar em nada que o pai lhe manda. Tudo isso faz parte de seu elaborado plano para nos separar.”

"Holandês..."

“Eu não vou cair nessa,” eu digo agitada.

"Holandês..."

— Se você soubesse o que papai fez para manter Cadey e eu separados, você...

“Não foi seu pai, Dutch.”

Sinto o mundo inclinar-se. "O que você quer dizer com não era o pai?"

Mamãe permanece quieta.

"O que você quer dizer, mãe?" Cuspe voa da minha boca. Estou tremendo muito.

“Meu filho insiste em se casar com uma garota que nunca conheci. Você achou que eu não investigaria essa jovem?"

Os cílios de Finn tremulam e ele olha sonolento para mim. "O que está acontecendo?"

Eu dou a ele um olhar de pânico.

Ele instantaneamente acorda e desperta Zane também.

“A herança da sua avó é maior do que você pode imaginar, Dutch. Mesmo que você divida com seus irmãos, mesmo que você doe metade, ainda será suficiente para você e para os filhos de seus filhos. Se você se casasse com essa garota, ela receberia uma sorte inesperada - independentemente de vocês dois darem certo ou não. Eu tinha que ter certeza de que você não estava sendo enganado.

Meu coração parece que foi jogado em um moedor.

“Minhas fontes dizem que ela e este jovem têm uma história...”

"Não." Não tenho certeza se estou tentando convencê-la ou a mim mesmo. “Tem que haver outra explicação.”

“Desde que a turnê começou, Hunter e Cadence têm sido muito próximos. Eles passam todo o tempo juntos. Esta noite eles estavam se beijando, bebendo e agindo como um casal. E então ele a levou para um quarto de hotel. Você pode imaginar o resto.

Meus olhos se fecham.

Meus ombros estão tensos.

Zane caminha até mim. "Holandês?"

Eu balanço minha cabeça.

Algo escuro e sinistro cai no meu estômago.

"Talvez eu esteja errado. Talvez ela realmente ame você e isso tenha sido um erro, mas esse erro tem grandes repercussões. Se você insistir em se casar com essa garota, Dutch, e ela eventualmente descobrir que está grávida, você não saberá quem é o pai do bebê até que ele nasça. E então será tarde demais para começar do zero. Você não se qualificará para a herança e ficará preso criando o filho de outro homem.”

Mal estou respirando.

“É essa a vida que você quer? É esse o *amor* que você quer? Pense nisso.” Ela faz uma pausa. “O avião estará em espera em vinte minutos. Você pode estar em Londres antes do meio-dia. Eu te amo filho. Escolha sabiamente.”

A linha clica.

Ela desligou.

“O que foi isso?” Zane pergunta.

O olhar de Finn está firme no meu rosto. “Nada bom.”

“Cadence está em Londres,” eu resmungo.

“Nós sabíamos disso,” Zane diz arrogantemente.

“Com Caçador.”

Ambos os meus irmãos ficam em silêncio. Eles estavam comigo naquele dia no restaurante quando Cadey agiu como se Hunter fosse seu namorado.

Mostro a eles as fotos de Cadence beijando-o.

Finn franze a testa.

Zane empalidece.

“O que você vai fazer?” Zane me pergunta.

Caio na cadeira, sem conseguir encontrar forças para ficar de pé. A traição de Cadey é profunda e não sei se conseguirei fazer isso. Não sei se conseguirei sobreviver à angústia. Se eu a recuperar e ela estiver grávida, terei que prender a respiração até descobrir se o bebê é meu? E se não for?

“Droga.” Zane se senta no assento ao meu lado. “Ninguém esperaria que você criasse o filho de outro homem, Dutch. Pode doer muito agora, mas você pode reduzir suas perdas. Ninguém culparia você.

Deixo cair a cabeça entre as mãos e esfrego as bochechas.

“Droga!” A voz de Zane está mais alta agora.

Eu aperto meus olhos fechados. Meu joelho está balançando como se eu já estivesse no avião passando por turbulência.

“Por que diabos você não está dizendo nada?” Zane lança as palavras para Finn.

“Nada do que eu digo importa.”

“Claro que importa.”

“Não, a única coisa que importa é o que Dutch quer.”

Eu olho para meu irmão quieto.

Ele encontra meu olhar de frente. “Este é o momento em que você decide se estava falando sério com toda aquela merda que disse sobre ela.”

“Não é tão simples assim, Finn.”

Finn ignora a explosão de Zane. “Você realmente a amava? Ou você apenas queria possuí-la?

“É claro que ele a amava. Mas isso é... cara, isso é uma loucura.” Zane anda para cima e para baixo.

“Agora que ela não tem utilidade para você, agora que isso pode custar alguma coisa, agora que você realmente tem que sacrificar o que quer, o que será? Ela ainda pertence a você? Ou ela só pertencia a você quando fazia o que você queria?

As palavras de Finn ficam gravadas em meu cérebro. Eu luto contra eles o máximo que posso, meus instintos enlouquecendo.

Sempre vivi em modo de autoproteção total.

Meu mundo.

Minhas regras.

Nunca tive que abrir mão desse poder por ninguém. Nunca senti necessidade.

Fecho os olhos e tento imaginar um mundo sem Cadey. Tudo o que sinto é uma dor imensurável, escuridão, ventos fortes e tanto vazio.

Eu posso desistir aqui. Eu posso seguir em frente. Posso encontrar outra garota para transar e me dar um filho, mas não quero.

Mesmo que isso signifique que eu tenha que morrer, é Cadey ou nada.

"Eu a amo", digo, com os olhos bem abertos. "Eu amo ela."

Finn balança a cabeça, parecendo satisfeito. "Então o que diabos você está esperando? Vá entrar naquele avião."

\* \* \*

## CADÊNCIA

A primeira coisa que vejo quando abro minhas pálpebras são lindos olhos âmbar. Ouro e mel. Um olhar preocupado.

Meu coração acelera.

*Holandês?*

Estendo a mão e toco seu rosto. É quentinho.

Lágrimas ardem em meus olhos e seguro sua bochecha. O que é esse sentimento no meu peito? Esta... emoção crescente. Por que me sinto em casa?

"Cadence", uma voz que não é a de Dutch ressoa em meus ouvidos, "beba isso".

Pisco e suspiro quando o rosto de Hunter entra em foco. Ele está sem camisa e está usando apenas uma blusa. Ele estende uma tigela de sopa para mim.

Em pânico, me levanto e olho para mim mesmo. Quando vejo que estou vestindo um roupão e nada mais, pego o cobertor e o puxo até o peito.

"O que aconteceu ontem à noite?" Eu coaxo.

"Você bebeu demais, então eu levei você de volta para o quarto do hotel e então..." Hunter olha para o chão, onde minha calcinha e sutiã estão caídos ao acaso.

Meu coração dá um salto até a garganta. Não me lembro muito da noite passada, exceto de ter bebido demais e incitado Hunter a me beijar no pub.

Tento me sentar mais ereto, mas minha cabeça dói como se alguém estivesse batendo nela com um martelo.

"Não tente se mover muito rápido", diz Hunter.

Estremeço quando ele coloca a mão no meu braço para me ajudar. Ele percebe e se retira.

O constrangimento pesa entre nós.

"Preciso usar o banheiro", sussurro.

Caçador assente.

Saio da cama e vou até o banheiro. Uma vez lá dentro, tranco a porta e tento entender o que aconteceu. É difícil pensar direito com minha dor de cabeça latejante, mas coleciono todas as evidências.

A cama desarrumada.

Meu corpo nu.

O corpo nu de Hunter.

É óbvio que dormimos juntos, mesmo que eu não me lembre.

Gemendo baixinho, balanço a cabeça. “Por que, Cadence?”

Eu não teria dormido com Hunter só porque estava bêbado, mas...

Eu teria tirado a roupa ansiosamente se fingisse que Hunter era holandês.

Minha cabeça abaixa e aperto meu roupão com força.

Hunter bate na porta. “Você pode se abrir para mim?”

“P-por quê?”

“Eu preciso falar com você.”

Nervosamente, puxo a porta. Hunter está no quadro, parecendo alto, determinado e muito mais velho que eu. Normalmente, não percebo a diferença de idade, mas há algo em sua mandíbula cerrada e na maneira como ele me observa que me faz sentir pequena e jovem.

“H-Hunter, não me lembro exatamente da noite passada.” Esfrego meu couro cabeludo com as unhas. “Mas eu não... quero dizer, o que quer que tenha acontecido entre nós, não estou interessado...”

“A única coisa que você fez comigo ontem foi vomitar na minha camisa.”

Meus olhos se arregalam.

“Então você foi para a cama e começou a se despir.” Sua garganta balança. “Então eu parti.”

“Você... você quer dizer que nós não...”

“Não, Cadey.”

“Graças a Deus.” Eu murcho contra a pia.

Caçador sorri. “Estou um pouco ofendido.”

“Eu não quis dizer isso. Eu só... não estou em condições de entrar em outra situação,” eu semicerro os olhos, “situação agora.”

Hunter me observa por tanto tempo e com atenção que começo a me contorcer.

“Depois da noite passada, decidi te contar o que penso, mesmo que doa.” Hunter entra no banheiro comigo. Seus ombros largos ocupam grande parte do espaço. “Porque prefiro sentir dor do que ver você sofrer outro dia.”

Meu corpo trava no lugar. Eu olho em seus olhos.

“Você o ama, Cadence.”

“Não.” Balanço a cabeça, lutando com força.

“Você não pode esconder isso. Deixá-lo deixou você arrasada e quanto mais você finge que está bem, menos crível fica.”

“*Estou* bem.”

“Você não está comendo. Você não está dormindo. E sua música...”

“E a minha música?” Eu estalo.

“Cada nota soa como se você estivesse chamando o nome dele. Se você precisa tanto de alguém, então você não deveria fugir.” Ele levanta o queixo. “Você deveria lutar pelo que você ama.”

“Não é tão simples”, eu resmungo.

“Desde quando o amor é simples?” Os lábios de Hunter se curvam em um sorriso triste e dolorido. “Ou você escolhe ou não. Não há meio-termo.”

Respiro profundamente e percebo que ele está certo. Quanto mais tentei fugir dos meus sentimentos, maiores eles se tornaram.

Eu me apaixonei pela Dutch Cross.

O governante cruel, sombrio e distorcido da Redwood Prep.

Entregar meu coração a ele me assusta porque significa me perder para um poder que é maior do que eu. E se eu perder minha capacidade de ver claramente? Minha capacidade de escolher? Minha capacidade de lutar?

Algo se encaixa, como cortinas sendo levantadas e revelando a verdade.

Ainda posso lutar, mas será uma luta por amor.

Ainda posso ver, mas essas visões incluirão duas pessoas em vez de uma.

E ainda tenho escolha.

Posso escolher amá-lo apesar dos meus medos.

“Obrigado, Hunter,” eu digo, apertando sua mão. Determinada, saio do banheiro. “Eu preciso que você me faça um favor.”

Ele permanece na porta, seu sorriso mais quebrado do que eu já vi. “Qualquer coisa.”

“Leve-me ao aeroporto.”



## CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

### HOLANDÊS

Não tenho malas comigo, então, assim que saio do avião e passo pela alfândega, fujo para a neblina de Londres.

A chuva cai continuamente sobre mim.

Levanto os braços acima da cabeça e tento chamar um táxi. Meus movimentos são urgentes, mas nenhum dos malditos carros vai parar para mim. Ridículo.

Achei que seria fácil pegar um táxi fora do aeroporto.

*Aparentemente, não quando está chovendo.*

Finalmente, um táxi para.

Abro a porta e resmungo o nome do hotel mais próximo do local do concerto. Conhecendo os hábitos do meu pai, tenho certeza de que ele não teria abrigado sua banda de rock — e Cadence — muito longe do show.

No momento em que o táxi está partindo, ouço um carro buzinando atrás de nós.

"Você esqueceu, cara?"

"O que? Não. Apenas dirija," eu rosno.

O carro atrás de nós buzina instantaneamente, mas eu ignoro para verificar meus DMs. Enviei centenas de mensagens para Cadey e espero que ela responda.

Não há nada dela.

Meu táxi entra no trânsito.

De repente, um carro preto e lustroso acelera, roçando em nós e quase batendo no para-lama do táxi.

"Putá merda." O motorista abre a porta e vai direto para o lado do motorista do carro preto. "O que você pensa que está fazendo?"

"Ei!" Eu grito com ele. "Eu pagarei pelos danos. Vamos só-"

Os nós dos dedos batem na minha janela.

Viro a cabeça para trás e vejo o rosto de Hunter atrás do vidro fumê. Meus olhos o cortaram como uma faca. Em um segundo, abro minha porta.

Ele salta para trás, errando por pouco um golpe sério.

"Holandês, o que você está fazendo aqui?" Exigências de caçador.

"Por que diabos você está me perguntando isso?" Meus dedos cavam em seu colarinho e o empurro contra o táxi. "Onde está Cadey?"

"Ei, ei, jovem." Meu motorista de táxi faz um gesto para Hunter. "Este homem está dizendo que você disse a ele para me interromper. Que diabos?"

Sacudo Hunter, batendo-o com mais força contra o carro. "Onde ela está?"

Com uma expressão sombria, Hunter faz uma pausa e olha para mim. "Eu realmente gostaria que não fosse um idiota rico como você."

"Onde?" Eu rugo na cara dele.

"Ei, agora. Acabar." O motorista coloca a mão no meu ombro.

Eu o arranco.

Hunter me olha como se meu rosto o fizesse querer vomitar. E então ele rosna: — Ela reservou um voo de volta para os Estados Unidos... para poder ver você.

"O que?" Meus dedos ficam frouxos. Solto seu colarinho, demorando um segundo para processar a notícia. "A quanto tempo?"

Hunter esfrega o pescoço. Ele apenas olha para mim, sem responder.

"Droga!" Eu giro e corro de volta para o aeroporto. Um mar de pessoas se aglomera ao meu redor, todas girando em uma pulsação de movimento, exaustão e excitação.

Não pensei em conseguir informações do vôo dela com Hunter antes de entrar aqui. Ela poderia estar em qualquer lugar.

Não importa.

Eu procuraria até o fim do mundo para encontrá-la porque não posso viver sem ela. Esperei toda a minha vida por Cadence Cooper.

Eu a deixei escapar por entre meus dedos uma vez.

\* \* \*

Mas isso nunca vai acontecer novamente.

## CADÊNCIA

"Desculpe." Sorrio timidamente para o homem que apenas bateu no meu ombro e me disse que a linha mudou.

Rolo minha mala para frente, aproximando-me cada vez mais da entrada do jato.

Pela janela encharcada de chuva, vejo jatos gigantes pousando na pista. Luzes vermelhas piscam diante dos meus olhos.

Quando começou a chover, fiquei com medo de que meu voo fosse cancelado. Este foi o primeiro ingresso que consegui reservar.

Cada minuto que esperei parecia uma tortura.

Hunter ficou comigo até receber um telefonema de Jarod Cross pedindo-lhe para "relatar minha localização". Ele vai dizer que estou no hotel e me dar mais tempo, mas nosso estratagema ficará exposto se eu não embarcar neste avião.

Mais três pessoas na minha frente.

Meu joelho salta.

Minha garganta está seca.

*Vamos. Vamos.*

Ouve-se um grito repentino no sistema de alto-falantes do aeroporto. O barulho é seguido por uma voz masculina que não se parece em nada com os locutores calmos e controlados que costumam fazer essas transmissões.

Minhas suspeitas são amplificadas quando o interlocutor pigarreja e murmura: "*Está ligado?*"

Risadas surgem dos viajantes ao meu redor.

Dou um passo gigante à frente. Balanço minha cabeça. Desligue o locutor.

Eu estou quase lá.

Mais uma pessoa antes que eu possa entrar naquele avião.

"*Brahms.*" Uma voz sombria e áspera que não ouço há muito tempo faz meus músculos se contraírem. "*Brahms, sou eu.*"

Eu congelo e olho para cima.

"*Se você ainda está aqui, se consegue ouvir minha voz, quero que saiba de uma coisa...*"

"Perder." A comissária de bordo que recolhe as passagens gesticula para mim.

"*A primeira vez que me arrependi... foi depois de conhecer você.*"

Uma faca se aloja sob minhas costelas. Ele... se arrepende de ter me conhecido?

"Senhorita, seu ingresso." A comissária de bordo franze a testa em minha direção.

"Você tem?"

"Sh." Eu levanto um dedo.

Suas sobrancelhas se contraem e ela franze os lábios em aborrecimento.

"*Eu me arrependo da maneira como machuquei você. Me arrependo de cada vez que fiz você chorar. Lamento ter mentido para você sobre aquele testamento estúpido.*"

"Há um problema aqui?" Um oficial de segurança grande e corpulento chega.

As pessoas atrás de mim estão resmungando.

Estou segurando a linha.

"Senhora, afaste-se", diz o segurança.

Não consigo sentir minhas pernas, então sinceramente não sei como ando. O chão desapareceu. O teto explodiu. Estou à deriva, flutuando em algum lugar além deste aeroporto movimentado e dos guardas que me olham como se eu fosse um criminoso.

"*Na frente de todas essas pessoas, quero que você saiba que sinto muito. Sinto muito, muito mesmo.*"

Levanto a mão para cobrir minha boca.

Meus joelhos tremem.

"Senhora, você está usando alguma droga? LSD? Heroína?"

Eu ria se não estivesse tão impressionado. Eles não têm ideia de quem eu sou. Vendo a maneira como as drogas destroçaram a vida da mãe, prefiro mastigar um saco de alfinetes do que ser pego nessa vida.

"*E eu te amo*", diz Dutch.

Suspiros surgem.

Uma mulher geme: "*Isso é tão romântico.*"

"Senhora, preciso que você se concentre", diz o segurança.

"Ele está falando de mim," murmuro.

"O que?" Ele arqueia uma sobrancelha espessa.

"*Estarei esperando por você em frente ao balcão de informações no 3º andar. Se você ainda estiver no aeroporto, me encontre lá em cinco minutos.*"

"Onde fica isso? Onde fica o terceiro andar?" Eu grito.

O segurança finalmente parece entender e faz um gesto para mim. "Por aqui."

Eu vou atrás dele enquanto o homem gigante abre caminho para mim e grasna em seu walkie-talkie. "Referindo-se ao Código Adam, tenho o alvo sob custódia. Repito, tenho o alvo sob custódia. Estamos a caminho. Segure o trem."

Ele me puxa no meio da multidão e percebo que há um trem esperando por mim.

"Namorado?" O segurança pergunta enquanto me ajuda a subir na carruagem.

Meu coração dispara e sinto uma pontada de excitação. "Noiva."

A segurança pisca. "Parabéns."

Sorrio distraidamente para ele e agarro a barra do trem enquanto as portas se fecham. A viagem de três minutos entre os andares é a mais estressante da minha vida.

Quando desço do trem, fico surpreso ao ver outro segurança.

"Brahms?" Ela aponta para mim.

Eu concordo.

"Entrem." Ela aponta para o carrinho de golfe que está esperando perto do trem.

Meus olhos dobram de tamanho.

"Rapidamente."

Eu pulo e minha cabeça cai para trás imediatamente enquanto ela sai correndo como um piloto de corrida. Passamos por entre os viajantes, atravessando o aeroporto.

Finalmente, ela para em frente à mesa e levanta o queixo. "Eu adoro um bom felizes para sempre." Ela pisca. "Vocês, crianças, sejam felizes."

Eu sorrio e olho para o balcão de informações.

Minha respiração fica presa na garganta quando o vejo. Gigante de aço. Ombros largos. Olhos como o filho do cenário e uma boca criada para a felicidade absoluta. Uma carranca preocupada marca seu belo rosto, mas desaparece quando ele me avista, substituída por gratidão, arrependimento e admiração.

"Brahms."

Salto do carrinho de golfe e começo a correr.

## CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CADÊNCIA

Meus braços se fecham em volta de seu pescoço e ele me segura com força. Eu olho para olhos de fogo e luz solar dourada. A dormência que me consumia desaparece até parecer que estou sob o sol.

“Cadey.”

“O que você está fazendo aqui?”

Ele olha ao redor e seus ombros enrijecem ligeiramente. “Venha comigo.”

Tropeço atrás dele enquanto ele me leva para longe do balcão de informações. Atravessamos a multidão, movendo-nos rapidamente.

“Do que estamos fugindo?” Eu pergunto, ofegante enquanto acompanho.

“Nossa cauda.” Ele grunhe.

“Seu pai enviou alguém para me espionar? Há quanto tempo eles estão assistindo? Meu rosto empalidece.

“Não é só meu pai.” Ele balança a cabeça. O cabelo loiro bagunçado se enrola sob as orelhas, úmido pela chuva. “É uma longa história.”

Caminhamos rapidamente pelo aeroporto. Seu aperto em mim é como granito. Tudo nele é concreto, da cabeça aos pés. Da pele à alma.

Ele realmente declarou seu amor por mim no PA do aeroporto?

Cruz Holandesa?

Governante da Redwood Prep?

Mais cafonas que heróis no final de uma comédia romântica?

Meus lábios se curvam.

Ele olha por cima do ombro e franze as sobrancelhas. “O que é tão engraçado?”

“Tudo com você tem que ser intenso, não é?”

Seu nariz torce. Ele não entende.

Eu também não.

Uma sensação leve e borbulhante está se espalhando pelo meu corpo. Qualquer que seja o perigo que Dutch esteja sentindo, a sensação dentro de mim é dez vezes mais letal. Está consumindo. Cegante. O tipo de resolução que fez Romeu e Julieta escolherem um final trágico.

Uma espécie de compromisso violento, tudo ou nada, leve-me ao inferno e volte.

A maldição do amor.

Agora, está se estabelecendo ao meu redor.

Um abraço apertado.

Sem resistência.

Dutch me leva até a entrada da seção VIP.

“Senhor. Cruzar.” Alguém solta uma corda de veludo.

Ele me arrasta para dentro sem reconhecê-lo.

Assim que a porta se fecha, faço um círculo lento, com os olhos arregalados.

“Existe algum hotel no aeroporto?” Fico boquiaberta, temporariamente distraída pelos sofás, balcões cheios de salgadinhos e cadeiras de massagem.

“É um salão privado.” Ele fecha as cortinas e tranca a porta.

Eu o vejo rondar pela sala e arrepios percorrem minha espinha. O amor não o suavizou da mesma forma que me suavizou. Ele ainda está movendo a escuridão. Bordas duras. Sombras mudando através de seus olhos. Ele ainda é o líder cruel dos Kings.

Mas ele também é...

O que é?

Ele também é... meu.

Tudo dele - o bom, o mau e o... bem, Dutch Cross é muitas coisas, mas definitivamente não é 'feio'.

*No que você está se metendo, Cadey?*

“Há algumas coisas que preciso esclarecer.” Dutch rosna, virando-se para olhar para mim com aqueles olhos penetrantes. “E preciso que você ouça porque quero dizer cada palavra.”

Eu concordo.

“Minha mãe me contou recentemente sobre o testamento da minha avó, mas eu queria me casar com você muito antes disso. Na noite em que fui ao seu apartamento, já tinha decidido que meu futuro pertencia a você.

Abro minha boca.

Ele continua falando. “E aquela garota loira do aplicativo da Jinx?”

“Foi Brisa.”

“Eu...” Ele para e olha para mim com uma pergunta nos olhos.

“Ela me mandou uma mensagem esta manhã e esclareceu o que eram aquelas fotos.”

— *Não quero que você pense que fui atrás do seu homem. Não o aprovo, mas certamente não o roubaria do meu melhor amigo.*

Ele projeta o queixo para baixo. Ronda na outra direção. “Eu tenho tentado engravidar você.”

Eu estremeço.

Ele para e olha para mim. “Quero que você tenha meus filhos, mas não ao custo de perder você.”

“Então você está desistindo do testamento?”

“Se é isso que eu tenho que fazer.” Seu rosto escurece. É como olhar para uma nuvem de tempestade estrondosa, um relâmpago brilhando dentro de um furacão. “Você é meu, Cadey. Sempre fui. Sempre será e nada pode mudar isso. Ninguém pode mudar isso. Não meu pai. Não meus irmãos. Não... mesmo se eu descobrir que você está grávida do filho de Hunter, eu ainda daria minha vida por você e pelo bebê.

Minhas sobrancelhas sobem. “O que?”

Dutch estuda meu rosto. De repente, ele atravessa a sala em minha direção. Dedos duros apertam minha cintura. “Ouça e ouça bem, Cadence. Eu te disse uma vez que

amarei quem você ama e odiarei quem você odeia. Se um dia você estiver grávida e o bebê for de Hunter, eu o amarei como se fosse meu maldito sangue.

Eu pisco para ele em estado de choque. “Holandês, do que você está falando?”

“Eu quero dizer isso.” Ele agarra meu rosto suavemente e mantém minha cabeça erguida. “Podemos ter filhos ou podemos esperar. Você pode me dizer aqui mesmo, agora mesmo, que você nunca quer ter filhos, nunca. Ou você pode me dizer que Hunter... que vocês dois...”

*Dutch acha que dormi com Hunter ontem à noite.*

Sentindo-me especialmente cruel e querendo testá-lo, digo: — Você realmente cuidaria do bebê se fosse do Hunter?

Não há um segundo de hesitação. Nem um lampejo de desconforto.

Dutch me segura pelas costas e rosna sombriamente: — Prefiro ter você e o filho de outro cara do que não ter você.

“E o seu pai?”

Os músculos de seu rosto ficam tensos.

“Ele não vai apenas... nos deixar ficar juntos. Ele me mandou embora. Ele me fez pensar que você era um traficante de drogas. Se você e eu... se as coisas mudarem...”

Os olhos de Dutch brilham de perigo. Ele responde: “Não vou deixar ninguém tirar você de mim”. Mãos ásperas seguram minha bochecha. “Você é minha droga, Cadey. Estou viciado em você. Eu faria qualquer coisa para ter você. Quanto mais de você eu provo, mais eu quero. Seu polegar desliza sobre minha bochecha. “Eu nunca ameí assim antes. Nada mais importa além de você. E não tenho intenção de machucar você novamente.

Minhas mãos cobrem as dele.

“Diga-me”, ele exige, com um toque de violência em sua voz. “Diga-me que não perdi você.”

“Eu apareci, não foi?”

Seus olhos se estreitam. “Eu quero ouvi-lo.”

Lambo meus lábios e olho para um rosto que costumava aparecer em meus pesadelos. Um rosto que se transformou no meu sonho secreto.

“Eu queria odiar você. Você é irritante. Você é agressivo. Você é absolutamente irracional.”

Seus olhos se estreitam ligeiramente.

“Mas,” fico na ponta dos pés, “eu não odeio você. Eu realmente nunca fiz isso.

“Então o que foi, Cadey?”

Aquelas palavras. Eles são tão grandes. Tão absoluto.

Pelo menos para mim.

Lambo os lábios e sussurro: — Eu te amo, Dutch.

Seu sorriso é decididamente mais perverso quando ele pisa em mim. “De novo.”

“Não.”

Ele avança. Um predador na savana. E eu sou a gazela sem noção que nem percebe que é uma presa.

Eu recuo.

Não que eu chegue longe.

Dutch me empurra contra a parede e me prende com um braço de cada lado. “De novo, Cadey.”

“Você me ouviu da primeira vez,” eu sussurro, meus dedos deslizando sobre seus ombros largos.

Ele se aproxima, seu rosto encostado no meu. Meus olhos se fecham automaticamente. As emoções passam por mim como asteroides em chamas caindo em direção à Terra.

“Já está com medo?”

“Não seremos aquele casal cafona que diz 'eu te amo' a cada segundo. Isso é nojento”, murmuro.

A respiração de Dutch sussurra em meus lábios e eu estremeço.

“Nós *seremos* aquele casal nojento”, ele resmunga. “Isso é...”

Meus olhos se abrem. “Inevitável?”

Olhos âmbar queimam nos meus. O canto de sua boca se curva em uma espécie de sorriso cruel.

“Tanto para aprender”, ele murmura.

E então sua boca desce.

Seus lábios estão quentes, escaldantes. O mesmo acontece com a língua dele enquanto acaricia a minha em um ritmo que apaga todos os pensamentos. Suas mãos percorrem meu corpo com uma demanda incessante. *Mais*, ele está dizendo sem nunca tirar a boca do meu rosto.

Eu o beijo de volta com tudo em mim, um turbilhão de paixão batendo nas profundezas da minha alma.

Dutch me chamou de droga dele.

Mas acho que ele é meu.

Meu desejo.

Minha necessidade.

Minha obsessão.

Seus dedos vagam mais abaixo e acho que ele vai desabotoar minha calça jeans, mas, em vez disso, ele apalpa minha barriga e empurra levemente.

Minha boca se desconecta da dele e gemo de frustração com a distância.

“Case comigo”, ele rosna. “Seja minha esposa, Cadey.”

Eu não penso naquele momento. Eu apenas sinto e deixo descansar.

Minha escolha.

O que *eu* quero?

E Dutch espera.

Por vários segundos, ficamos ali, olhando um para o outro.

Eu inclino minha cabeça para cima. “Sim.”



## CAPÍTULO QUARENTA E OITO

### HOLANDÊS

Ajusto meu paletó preto e passo os dedos pelos cabelos. Abrindo a porta, saio do vestiário da boutique e abro os braços para que meus irmãos possam me inspecionar.

“Onde está a gravata borboleta?” Finn pergunta, relaxado no canto do sofá branco imaculado.

“Eu não sou o tipo de cara que usa gravata borboleta.”

Zane revira os olhos.

Finn me repreende: “Cadence escolheu este terno para você. Você deve usá-lo da maneira certa.

“Eu odeio smokings.”

“É um terno, não um smoking. E sem a gravata borboleta, você parece um bêbado fugindo para Las Vegas, não para Nova York — diz Zane.

Olho pelas janelas, admirando o horizonte de Nova York. “É quase a mesma coisa.”

Eu preferia Vegas, na verdade. Lá, poderíamos ter nos casado no mesmo dia. Aqui em Nova York tivemos que esperar vinte e quatro horas depois de receber a licença.

Mas funcionou. Meus irmãos conseguiram voar e trazer Vi com eles. No momento em que Cadence viu sua irmã, elas colidiram em um emaranhado de braços, cabelos e lágrimas.

Eu realmente não entendo as mulheres.

“Esta não é minha única chance. Estou pensando em me casar de novo”, rosno.

“Você já está pensando em divórcio?” Finn levanta ambas as sobrancelhas.

“O divórcio não está no meu vocabulário.” Eu ajusto meus punhos. “Cadey nunca vai se livrar de mim. Eu quis dizer que vou dar a ela o grande casamento de um milhão de dólares que ela merece mais tarde, quando tiver certeza de que papai não tentará estragar tudo.”

Zane bufa. “É estranho que ele não esteja invadindo agora.”

“Ele provavelmente acha que Dutch não iria prosseguir com o casamento depois de ver as fotos.”

“Que fotos?” Eu pergunto, ajeitando meu colarinho.

“Logo depois que você saiu para o aeroporto, recebemos um pacote. Dentro havia fotos de Cadence e Hunter juntos,” Finn diz secamente.

“Papai e mãe estavam espionando ela. É insano.” Zane solta um suspiro.

“Não temos pais normais”, Finn concorda.

“Talvez seja por isso que não somos normais”, Zane reflete. Ele caminha até mim e segura a gravata borboleta.

Cerro os dentes e amarro-o obedientemente no pescoço.

Há uma batida na porta.

“Entre.”

Vi passa, usando um vestido rosa com babados. Eu disse a ela para escolher o que quisesse na loja e ela passou as três horas seguintes agonizando com todos os seus favoritos. No final, eu disse a ela para escolher um e compraria o resto para ela.

"Uau." Os olhos de Vi brilham. "Dutch, você está muito bonito."

"É o arco, certo?" Zane diz com orgulho.

"Não acredito que minha irmã vai se casar com o guitarrista do The Kings." Sua voz parece deslumbrada.

"Cadência está pronta?" Finn pergunta, verificando seu relógio. "Dissemos à organizadora do casamento que nos encontraríamos às três horas e agora são duas e quarenta."

Vi arranha as unhas na maçaneta da porta e morde o lábio inferior.

— Cadey está bem? Eu pergunto, meus olhos fixos em sua expressão nervosa.

"Na verdade."

Estou na frente dela em um piscar de olhos. "O que aconteceu?"

Tantas coisas podem dar errado.

Papai pode tê-la sequestrado.

Hunter poderia ter corrido para declarar seu amor.

Sol pode estar tentando roubá-la.

Breeze pode ter descoberto e voado até aqui para dissuadi-la de se casar comigo.

"O que é?" Eu exijo.

— Cadey está soprando pedaços — sussurra Vi.

Meus olhos encontram os do meu irmão.

"Ela disse que era só nervosismo, mas não sei. Minha irmã não vomita muito. E ela nunca fica doente..."

Saio correndo da sala.

Vi, Finn e Zane estão bem atrás de mim.

"Por aqui", o gerente gesticula com as mãos enluvadas de branco.

Entro no banheiro e percebo que há outras mulheres lá dentro.

"Eu preciso do quarto," eu lati.

As mulheres me observam como se eu fosse louco.

"A noiva dele está aqui", diz Zane, abrindo um sorriso e encantando as mulheres para que cumpram suas ordens.

Finn aponta para a porta, ajudando a acompanhá-los. "Por aqui."

A sala esvazia em três segundos.

"Cadey, eu trouxe Dutch", diz Vi, batendo levemente no box fechado do banheiro.

"Por que?" A voz de Cadey parece fraca. "Estou bem."

Olho por baixo da fresta da porta do box e vejo o tule saindo como uma explosão de branco, renda e tecido.

"Vomitar no seu vestido de noiva é a sua definição de 'bem'?" Eu rosno, preocupada demais.

"Bebi demais antes de sair de Londres."

"As ressacas geralmente não duram dois dias," Finn diz pensativo.

Ouço um som de vômito e meu coração se despedaça.

Me levantando, agarro a maçaneta da porta. "Estou entrando, Cadey."

“Não”, ela geme. “Dá azar ver a noiva com seu vestido de noiva.”

“Eu não dou a mínima.” Eu bato meu ombro na porta quando ela não abre.

“Holandês.” Vi desliza na minha frente antes que eu possa chutar a porta. Ela me lança um olhar teimoso.

Pequeno e delicado, mas corajoso...

Como sua irmã.

Permaneço congelado no lugar, mas estou respirando com dificuldade e pronto para atravessar as portas se ouvir Cadey sofrendo. Finn e Zane vão segurar Vi para mim.

“Cadey?” Vi diz, virando-se e colocando o ouvido na porta.

“Estou bem.” A voz de Cadey está tremendo. “Estou bem.”

“Você comeu algo ruim?”

“Não comi muito esta manhã”, ela admite.

“E você também não descansou muito ontem à noite,” murmuro, sentindo uma pontada de culpa. Como era o aniversário de dezoito anos de Cadey, fiz questão de... comemorar do nosso jeito.

Vi me lança um olhar curioso.

Limpo minha expressão, sabendo instintivamente que Cadey não iria querer que sua irmã suspeitasse do que fazemos no quarto.

Zane fica ao meu lado e sussurra em meu ouvido: — Pode ser nervosismo.

“Ou...” Finn se junta a mim também. Seus olhos amendoados perfuraram os meus. “Pode ser-”

“Um bebê?” Vi diz animadamente.

Eu sorrio e cruzo os braços sobre o peito, satisfeita, mesmo que eu não ache que seja esse o caso. Cadey me contou sobre sua mãe lhe dando pílulas na semana passada. E duvido que engravidaríamos tão rápido, mesmo que passássemos toda a noite passada nos certificando de que um bebê estava em nosso futuro.

A descarga do vaso sanitário.

“Dutch, vire-se”, ordena Cadey.

Ouçoo o aço em sua voz e decido não estressá-la discutindo.

Virando-me, fico de frente para o espelho.

“Vá para fora.”

“Apenas deixe-me ter certeza de que você está bem”, imploro.

“Estou bem”, Cadey diz novamente.

Eu permaneço onde estou.

“Vá embora ou não vou me casar com você hoje.”

Meus ombros ficam tensos. “Você não ousaria.”

“Me teste.”

Eu cerro os dentes.

Zane olha para Finn. “Achei que eles iriam parar de brigar agora que finalmente vão se casar.”

“O casamento não muda as pessoas, Zane. Ele apenas une o que já está lá. É por isso que você não deve começar sem ter certeza de que seu parceiro está pronto.” Ele olha para o box do banheiro. “Tem certeza que quer continuar com isso? Ele não vai conseguir nada melhor do que isso.”

“Desapareça, Finn. Estou indo embora. Estou indo embora.” Eu saio pisando duro. Ouço Vi e meus irmãos rindo de mim.

Malditos traidores.

Como estou no corredor, ouço apenas vagamente o box do banheiro se abrir.

“Não tenha muitas esperanças. Eu não estou grávida,” Cadey diz alto o suficiente para eu ouvir do lado de fora. “Acho que pode ser apenas uma cólica estomacal.”

“Você quer adiar o casamento?” Eu pergunto, prendendo a respiração.

“Não”, diz Cadey. “Vamos fazer isso.”

Eu sorrio.

Essa é minha garota.

Finn, Zane e eu pagamos pelos nossos trajes de casamento e entramos no carro esperando do lado de fora. Os meninos colocaram uma venda em meus olhos para que Cadey pudesse entrar no mesmo carro.

Não há nenhuma maldita maneira de deixá-la fora da minha vista até que sejamos declarados marido e mulher. Talvez eu esteja paranóico, mas não sei o que meu pai vai fazer quando descobrir que fiz as pazes com Cadey no aeroporto.

Num futuro próximo, vou aderir à minha mulher como cola.

Paramos em frente a uma cobertura e descemos.

Uma voz familiar nos cumprimenta no saguão.

“Uau. Já fiz algumas coisas malucas, mas nada tão maluco quanto me casar aos dezoito anos.

Eu sorrio ao som da voz de Bex Dane.

Outra razão pela qual escolhemos Nova York: papai não mexe com Bex Dane. Acho que uma parte dele está intimidada pela crescente fama de Bex, e é por isso que ele o odeia tanto.

“Está tudo pronto?” Zane pergunta.

“Penthouse é por ali.”

Ainda estou com os olhos vendados, mas presumo que Bex acabou de apontar para cima.

“Alguém me belisque. Acho que Bex Dane apenas me olhou nos olhos”, Vi grita.

“Oi moça Bonita.”

“Ela tem treze anos,” Cadey diz imediatamente.

Eu bufo.

Bex ri também.

“Eu estou morto. Estou morto”, Vi sibila como um balão de ar quente voando pelo céu.

Meus irmãos se separam de mim para levar Cadey para cima. Eu fico com Bex e finalmente tiro minha venda.

Ele me dá um tapa nas costas. “Você recusou meu gerente de turnê de imprensa tantas vezes que, quando finalmente entrou em contato primeiro, ele desmaiou.”

“Desculpe por entrar assim.”

“Está bem. Não é sempre que você faz conexões genuínas neste setor. Eu diria que se você encontrar o caminho certo, segure firme.”

Há um brilho escuro em seus olhos. Quase como arrependimento.

Se eu me importasse o suficiente, provavelmente perguntaria.

Mas eu não.

Só quero me casar com Cadey o mais rápido possível.

“Ei, Dutch,” Bex diz, “já que eu gentilmente emprestei minha cobertura para vocês, garotos, que tal vocês retribuírem o favor abrindo para mim no próximo ano na minha turnê mundial? Você já terá terminado o ensino médio.

Eu sorrio. “Vou pensar nisso *depois de* tomar a melhor decisão da minha vida.”

Bex ri. “Melhor do que um não.”

Dirijo-me aos elevadores.

É hora de fazer de Cadence Cooper uma Sra.

## CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

CADÊNCIA

“Eu não posso acreditar que você vai se casar na cobertura de Bex Dane,” Vi diz enquanto fazemos fila do lado de fora da porta da varanda. “Uma das maiores celebridades do mundo e nós estamos apenas... parados na sala de estar dele.”

Minha irmã parece que sua cabeça está prestes a explodir.

“Como é essa a minha vida?” Vi grita.

“Esta não é a sua vida. Estamos apenas pegando emprestado este lugar.”

Ela lentamente se vira para mim. “Eu não entendo. Você está tão calmo.

"Eu estou nervoso."

“Não, quero dizer sobre conhecer Bex Dane. E sobre casar com o filho de Jarod Cross. Nós pensamos... nossa família vai ser da realeza agora.”

“As estrelas do rock são apenas pessoas”, digo a ela.

“Sim, pessoas super ricas, super gostosas e super talentosas. Não vamos agir como se nada disso fosse algo que pessoas normais podem fazer.” Ela aponta para a suíte.

Eu coloco meu braço em volta do dela. “Royalty ou não, eu não teria querido fazer isso sem você. Obrigado por estar aqui.”

"Claro." Seus olhos encontram os meus. Marrom cintilante. Suave e inocente. “Eu sempre estarei aqui para você, Cadey.”

Meu lábio inferior treme.

Sinto-me estranhamente emocionado.

Talvez seja o nervosismo.

A enormidade do que estou prestes a fazer está finalmente se apoderando de mim.

Eu vou ser uma esposa.

Serei a esposa *de Dutch Cross*.

O mundo ainda tem muitos obstáculos em nosso caminho. Quase parece que deveríamos esperar para conquistar todos eles antes de dar este passo. Mas prefiro enfrentar esses obstáculos *com* ele, do que sozinho.

E isso é uma grande diferença em relação ao jeito que sempre fui.

Ele me mudou.

Acho que, de certa forma, eu o mudei também.

A música começa. Parece bateria e baixo. Nunca ouvi uma ressonância tão bonita de um instrumento tão profundo.

Meus olhos se arregalam. “Isso é ao vivo?”

“Acho que sim”, diz Vi.

“Essa deve ser a nossa deixa.” Sacudo minhas mãos suadas, aceito o buquê da minha irmã e dou o primeiro passo.

“Você está feliz, Cadey?” Vi pergunta.

Outro passo.

"Eu sou."

"Eu gostaria que meu pai estivesse aqui", sussurra Vi.

"Ele está aqui." Eu sorrio para ela.

Ela sorri de volta.

Nenhum de nós menciona nossa mãe. No momento, só quero me concentrar no que posso. Mamãe é... ela é alguém com quem não preciso mais lidar sozinha.

E há conforto nisso.

Eu cuidarei dela quando voltar para casa.

"A propósito, você parece fumando." Vi pisca. "Dutch vai desmaiar."

"Esperemos que não. O smoking dele é alugado.

Vi ri.

Viramos a curva e finalmente consigo ver como a varanda foi decorada. Uma expiração deslumbrada fica presa na minha garganta.

O pessoal de Bex Dane conseguiu transformar esta varanda em um destino para casamentos. Delicadas flores brancas. Belos arcos. Pano branco pendurado com bom gosto sobre pilares brancos.

Mas nada é tão deslumbrante quanto o horizonte de Nova York como pano de fundo. Não quero nem *pensar* em quanto custa ver uma vista como essa todos os dias.

Finn e Zane estão ao lado. Zane está tocando uma bateria elétrica, parecendo afiado e travesso como sempre. Finn está com uma camisa branca e calça preta, mas a roupa simples parece uma declaração de moda enquanto ele dedilha seu baixo.

Meus olhos passam pelos irmãos e pousam no homem no final do corredor.

Holandês.

Ele está vestindo um terno preto e uma gravata borboleta. Seu cabelo está penteado para trás pela primeira vez desde que o conheci.

Quando nossos olhos colidem, algo estranho acontece.

Todos os nervos do meu estômago se acalmam.

É como se eu estivesse exatamente onde deveria estar.

Vi e eu chegamos à frente do corredor. Ela para e fica atrás de mim enquanto Finn e Zane ficam atrás de Dutch.

O oficiante é um homem pequeno com uma longa barba de Papai Noel. Não sei se eles simplesmente pegaram um Papai Noel do Exército da Salvação na rua para fazer isso ou se foi apenas assim que seus pelos faciais cresceram. Não importa.

Todo o meu foco está no holandês.

Enquanto o oficiante fala sobre amor, compromisso e para sempre, Dutch se inclina para frente e diz suavemente o suficiente para que só eu possa ouvir: "Depois que eu me casar com você, vou arrancar esse vestido". Seus dedos apertam em volta de mim.

Meu coração bate mais rápido e o calor percorre minha pele. As lembranças dele me tocando ontem à noite ainda estão nítidas. *Vou me casar com um homem ou com uma fera? E por que isso não me assusta mais?*

"Estaremos viajando para casa logo depois disso," murmuro.

"Então teremos nossa lua de mel no avião", ele murmura.

Estremeço, meu corpo se aperta com a promessa queimando em seus olhos. Já posso sentir seu corpo pressionando em mim e meu coração treme de antecipação.

“Holandês”, diz o oficiante.

Dutch lança-lhe um olhar duro.

“Seus votos?”

Ele concorda. “Cadence Cooper, vou amar você, honrá-la e servi-la pelo resto da sua vida. Palavras não significam nada. Portanto, considere este o primeiro dia em que mostro a você - e vou mostrar a você todos os dias daqui para frente - por que você é a pessoa mais importante da minha vida.

“Ah,” Vi diz atrás de mim.

Eu me contorço e empurro meu véu. “Eu não escrevi votos.”

“Tudo bem. Basta dizer o que está em seu coração”, diz o oficiante.

Olho para Dutch. “Não vou prometer que sempre direi o que você quer ouvir. Ou que sempre farei o que você me disser para fazer.”

“Você ainda não faz isso,” Zane murmura.

Vi ri.

“Mas eu prometo a você que estarei com você nos bons e maus momentos. O mundo pode não nos entender, mas não é necessário. Faremos nosso próprio mundo. E governaremos juntos. Nunca haverá uma Cruz Holandesa sem Cadence Cooper.”

Dutch parece emocionado. Meu coração palpita quando percebo que sou o único que traz à tona aquela expressão suave.

“Com o poder que me foi conferido, agora os declaro marido e mulher. Você pode beijar a noiva.”

Dutch me puxa em sua direção e me beija como se estivesse me marcando. Como se ele estivesse bebendo de uma fonte eterna. Como se nunca fosse suficiente.

Ouço fracamente aplausos, mas, dentro do meu coração, fogos de artifício estão explodindo.

“Cadey.” Vi puxa minha manga.

Percebo que o que penso serem fogos de artifício é na verdade o toque do meu telefone.

“Cadey, alguém está tocando seu telefone há algum tempo”, admite Vi. “Eu não queria te contar antes do casamento, mas eles não pararam. Acho que é importante.”

“Quem é esse?” Grunhidos holandeses, parecendo que vão estrangular quem estiver do outro lado da linha.

“Diz 'Senhorita Jamieson'.”

A cabeça de Zane se levanta e ele se aproxima.

Olho para Dutch. “O que você acha que ela quer?”

“Não sei.”

Vi franze os lábios. “Você quer que eu-”

“Responda,” eu digo, meu estômago tremendo.

Finn se junta a nós.

Estamos todos aglomerados ao telefone, esperando.

Uma sensação de mau presságio toma conta de mim.

Dutch percebe isso e agarra minha mão, apertando meus dedos em encorajamento.

“Coloque no viva-voz,” Zane rosna.

Vi faz o que ele diz.



"Estou aqui, senhorita Jamieson."

"Cadência?" Senhorita Jamieson parece atormentada e nervosa. "Graças a Deus. Você finalmente atendeu. Onde você está?"

"Estou em Nova York." Olho para o oficiante curioso, para o horizonte deslumbrante e para o céu azul brilhante.

É minha última chance de apreciar a vista. Esse buraco no meu estômago não vai desaparecer, e tenho a sensação de que toda essa beleza vai desmoronar ao meu redor quando esta ligação terminar.

"Você precisa pegar um voo de volta. Agora", insiste a Srta. Jamieson.

Dutch passa um braço em volta de mim.

Eu sorrio para ele. *Eu não estou sozinho. Holandês está aqui. Vi está aqui. Os reis estão aqui.*

"Por que? O que aconteceu?"

"Não quero contar a você por telefone..."

"Você pode dizer isso."

Ela inspira profundamente e solta o ar. "Eu não sei o que está acontecendo, mas sua mãe..."

Os olhos de Vi se arregalam e ela me lança um olhar desesperado.

\* \* \*

Senhorita Jamieson resmunga: "sua mãe está morta".

Obrigado por ler! A história de amor de Cadence e Dutch está completa, mas Redwood Prep ainda tem muitos segredos para revelar. Os Reis retornarão em 2023.

**PARTICIPE DA LISTA DE E-MAIL** para uma cena exclusiva de Cadence e Dutch antes do casamento.

## UMA PALAVRA DO AUTOR

Muito obrigado por ler **The Broken Note** , Livro 3 da série Redwood Kings. Se você gostou de visitar a Redwood Prep, mostre a outros leitores deixando um comentário.

A série continua com o ponto de vista de Zane chegando no próximo ano, então fique ligado! Junte-se à minha lista de e-mails [AQUI](#) para alertas exclusivos e prévias.

## TAMBÉM POR NÉLIA ALARCON

A série Redwood Kings

*A nota mais sombria*

*A nota implacável*

*A nota quebrada*

A série do guerreiro plutoniano

*A companheira do guerreiro alienígena*

*A Mulher do Guerreiro Alienígena*

*O Coração do Guerreiro Alienígena*

*O voto do guerreiro alienígena*

Companheiros dos Plutonianos

*Feito para o guerreiro alienígena*